

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**Adriana Helena de Almeida Freitas**

**Atmosferas midiaticizadas e corpos gordos no Movimento Corpo Livre:**  
dinâmicas organizacionais modernas no/do contemporâneo

**Juiz de Fora**  
**2026**

**Adriana Helena de Almeida Freitas**

**Atmosferas midiaticizadas e corpos gordos no Movimento Corpo Livre:**  
dinâmicas organizacionais modernas no/do contemporâneo

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Comunicação. Área de Concentração: Comunicação e Sociedade.

**Orientador: Dr. Rennan Lanna Martins Mafra**

**Juiz de Fora**

**2026**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Freitas, Adriana Helena de Almeida.

Atmosferas midiaticizadas e corpos gordos no Movimento Corpo Livre: : dinâmicas organizacionais modernas no/do contemporâneo / Adriana Helena de Almeida Freitas. -- 2026.  
216 p. : il.

Orientador: Rennan Lanna Martins Mafra

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2026.

1. Movimento Corpo Livre. 2. Midiatização. 3. Atmosferas midiaticizadas. 4. Modernidade. 5. Contemporâneo. I. Mafra, Rennan Lanna Martins, orient. II. Título.

**Adriana Helena de Almeida Freitas**

**Atmosferas midiaticizadas e corpos gordos no Movimento Corpo Livre:** dinâmicas organizacionais modernas no/do contemporâneo

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Aprovada em 11 de setembro de 2026.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Rennan Lanna Martins Mafra** - Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Christina Ferraz Musse**  
Universidade Federal de Juiz de Fora

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ângela Cristina Salgueiro Marques**  
Universidade Federal de Minas Gerais

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Thamara de Oliveira Rodrigues**  
Universidade Estadual de Minas Gerais

**Prof. Dr. Rudimar Baldissera**  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Juiz de Fora, 02/09/2026.



Documento assinado eletronicamente por **Ângela Cristina Salgueiro Marques, Usuário Externo**, em 17/09/2026, às 09:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Thamara de Oliveira Rodrigues, Usuário Externo**, em 17/09/2026, às 11:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **RENNAN LANNA MARTINS MAFRA, Usuário Externo**, em 22/09/2026, às 07:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rudimar Baldissera, Usuário Externo**, em 23/09/2026, às 22:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Christina Ferraz Musse, Professor(a)**, em 24/09/2026, às 19:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Dedico esta tese a cada criança vítima de bullying, na esperança de que, ao longo da vida, encontrem possibilidades de construir algo a partir dessa dor.

## **AGRADECIMENTOS**

A conclusão de um curso de doutorado, materializada na defesa desta tese, é fruto de um esforço tomado ao longo dos últimos anos, e essa concretização não seria possível não fosse pelo apoio incondicional de minha família nesse processo. Desta forma, agradeço, primeiramente, à minha mãe, Eliane, por todo carinho, força e infindáveis orações para que eu me mantivesse firme diante dos desafios acadêmicos e profissionais que atravessaram essa jornada. Não poderia deixar de agradecer a Walquíria, por estar sempre comigo, mesmo que à distância, ouvindo e compartilhando desabafos que me ajudaram a passar por essa fase. Meu ingresso no PPGCOM da UFJF não teria sido, sequer, possível, não fosse pelo gentil apoio de minha prima, Taciana, e seu filho, Conrado, ao me cederem espaço, alimento e infraestrutura para que eu pudesse me manter em Juiz de Fora enquanto cursava disciplinas presenciais. Agradeço, ainda, ao meu companheiro, Vitor, e à minha assistente de pesquisa felina, Becky, por passarem cada dia desse processo ao meu lado, sobretudo nos momentos finais de escrita, em que precisei abandonar muita coisa.

Quatro anos representam uma fatia considerável de nosso tempo na Terra, portanto, estabelecer e manter uma boa relação entre orientando e orientador colabora para um fluir menos tenso da pesquisa, durante o percurso de um doutorado. No meu caso, tenho a sorte de completar 10 anos de um alegre, acolhedor e compreensivo convívio com Rennan, 8 destes como meu orientador. Me faltam palavras para descrever a dimensão do papel que seu apoio representa para minha jornada acadêmica e profissional. Obrigada, de verdade, por tudo.

Agradeço, ainda, a todos os professores do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora por todos os aprendizados compartilhados em disciplinas, seminários e conversas pelos corredores. À minha queridíssima amiga e companheira de jornada, Amanda, agradeço por toda paciência, ajuda e presença acolhedora, sobretudo em nossas inúmeras viagens a eventos acadêmicos. Por fim, agradeço à Cientec e à GESUAS, nas figuras de Igor, Paulo, Alex e Eugene, pela construção de um ambiente de trabalho saudável, que valoriza o desenvolvimento de cada um de seus colaboradores, acolhendo, além de mim, outros colegas que passaram/passam pela academia.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## RESUMO

A tese aqui apresentada busca investigar como corpos gordos, que aparecem em atmosferas midiáticas, revelam dinâmicas organizacionais modernas no/do contemporâneo. De modo mais específico, ao propor a compreensão da noção de atmosferas midiáticas como fenômenos comunicacionais que emergem a partir de uma intensificação da relação ser humano-máquina, a tese busca investigar corpos gordos que aparecem tendo como referência o Movimento Corpo Livre - uma iniciativa dada no ano de 2018, voltada a uma busca suposta por acolhimento e proposição de novos horizontes a pessoas gordas, tendo como foco principal os contextos midiáticos. Ao elaborar um caminho metodológico capaz de compreender a aparência de tais corpos a partir de atmosferas midiáticas emergentes, junto à ideia do Movimento Corpo Livre, a tese lança mão de uma perspectiva indiciária a partir das contribuições de Braga (2008) em diálogo com as materialidades da comunicação em Gumbrecht (2010b), para construir uma proposta de metodologia de cunho atmosférico. A primeira seção, composta pelos três primeiros capítulos, vale-se das contribuições teóricas de Koselleck (2006), Kittler (2013), Braga (2017; 2020), Gumbrecht (2010a, 2014, 2015), Benjamin (1987a; 1987b; 2000), Arendt (2007), Taylor (2011), Rancière (2010), Agamben (2009), Mafra (2022) e Pelbart (2008) para propor o entendimento de atmosferas midiáticas a partir de três grandes eixos: a) são resultantes de dispositivos interacionais e detonadas a partir da tensão entre espaço de experiência e horizonte de expectativa; b) contemporaneamente, são produzidas a partir de uma série de intensificações das “relações ser humano-máquina” e c) quando atravessadas pela aparência pública de diferenças, tendem a sofrer tentativas de captura por dinâmicas organizacionais modernas. A segunda seção aglutina os três capítulos restantes, estes nos quais se concentram os procedimentos metodológicos e analíticos da tese, a saber: i) o quarto capítulo desenvolve o percurso de uma proposta para a apreensão de atmosferas midiáticas; ii) o quinto capítulo investiga os contextos de emergência e circulação de atmosferas midiáticas a partir do surgimento do Movimento Corpo Livre e apresenta, como resultado, a percepção de que o fenômeno é permeado, em sua gênese, por uma “vontade do organizado” (Baldissera, 2022); e iii) o sexto capítulo se dedica à observação do conjunto de forças exercidas sobre tais atmosferas sobretudo a partir da pandemia de covid-19 e constata, ao final da análise, um contexto de ruínas e esgarçamento das possibilidades de existência pública para esses corpos no contemporâneo.

Palavras-chave: Movimento Corpo Livre; Mídiação; Atmosferas midiáticas;  
Modernidade; Contemporâneo.

## **ABSTRACT**

The thesis seeks to investigate how fat bodies, appearing within mediatized atmospheres, reveal modern organizational dynamics within the contemporary landscape. More specifically, by proposing an understanding of mediatized atmospheres as communicative phenomena emerging from the intensification of the human-machine relationship, the thesis examines fat bodies in the context of the Corpo Livre Movement – a 2018 initiative aimed at fostering acceptance and proposing new horizons for fat people, primarily within mediatized contexts. In developing a methodological approach to understand the appearance of such bodies within these emerging mediatized atmospheres—and in relation to the Corpo Livre Movement – the thesis draws upon an "indicial" perspective, combining contributions from Braga (2008) with Gumbrecht's (2010b) concepts regarding the materialities of communication, to construct a methodology rooted in the concept of atmosphere. The first section, comprising the initial three chapters, utilizes theoretical contributions from Koselleck (2006), Kittler (2013), Braga (2017; 2020), Gumbrecht (2010a; 2014; 2015), Benjamin (1987a; 1987b; 2000), Arendt (2007), Taylor (2011), Rancière (2010), Agamben (2009), Mafra (2022), and Pelbart (2008) to propose an understanding of mediatized atmospheres based on three key axes: a) they result from interactional apparatuses and are triggered by the tension between the "space of experience" and the "horizon of expectation"; b) in contemporary times, they are produced through a series of intensifications in "human-machine relations"; and c) when intersected by the public appearance of differences, they tend to be subjected to attempts at capture by modern organizational dynamics. The second section comprises the three remaining chapters, which focus on the thesis's methodological and analytical procedures, namely: i) the fourth chapter develops an approach for grasping mediatized atmospheres; ii) the fifth chapter investigates the contexts in which mediatized atmospheres emerge and circulate, taking the Corpo Livre Movement as its starting point, and reveals that the phenomenon is permeated at its very inception by a "will to organize" (Baldissera, 2022); and iii) the sixth chapter examines the forces exerted upon these atmospheres – particularly since the COVID-19 pandemic – and concludes by identifying a landscape of ruins and the fraying of possibilities for the public existence of these bodies in contemporary times.

**Keywords:** Corpo Livre Movement; Mediatization; Mediatized atmospheres; Modernity; Contemporary era.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                                                                      |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 2 – Captura de tela da grade das #corpolivre e #gordos na data da coleta.....                                                                 | 117 |
| Figura 3 – Captura de tela da grade das #gordas e #gordofobia na data da coleta.....                                                                 | 118 |
| Figura 4 – Captura de tela da grade das #gordofobianaopéiada e #gordasexy na coleta.....                                                             | 119 |
| Figura 5 – Captura de tela da grade das #obesidadeutrato com respeito e #obesidadenuncamais na data da coleta.....                                   | 120 |
| Figura 6 – Captura de tela da grade das #gordafeliz e #gordapode na data da coleta.....                                                              | 120 |
| Figura 7 – Captura de tela da grade das #obesidademorbida e #obesidadeédoença na data da coleta.....                                                 | 121 |
| Figura 8 – Volume de indícios intermediários por ano.....                                                                                            | 123 |
| Figura 10 – Mapa de indícios coletados.....                                                                                                          | 137 |
| Figura 11 – Exemplo de indício preliminar indisponível no perfil de Alexandra Gurgel.....                                                            | 139 |
| Figura 12 – Comentário capturado no vídeo “Motivos para namorar uma mulher gorda”....                                                                | 143 |
| Figura 13 – Captura de tela dos tweets de Danilo Gentili.....                                                                                        | 143 |
| Figura 14 – Comentários no vídeo resposta de Alexandra aos tweets de Danilo.....                                                                     | 144 |
| Figura 15 – Descrição do canal no YouTube “Toda Grandona”.....                                                                                       | 147 |
| Figura 16 – Colagem de fotos produzida a partir das publicações disponíveis na etiqueta de geolocalização da festa “Toda Grandona”.....              | 148 |
| Figura 17 – Captura de tela de publicação do perfil do Instagram do coletivo Mídia Ninja..                                                           | 149 |
| Figura 18 – Colagem de comentários extraídos da publicação do Mídia Ninja.....                                                                       | 150 |
| Figura 19 – Colagem de trechos das legendas das publicações analisadas.....                                                                          | 155 |
| Figura 20 – Colagem de comentários e trecho de legenda presentes em duas das quatro publicações analisadas.....                                      | 156 |
| Figura 21 – Colagem com capturas de tela de duas, das quatro publicações analisadas, bem como da grade da #corpolivre em 22 de setembro de 2025..... | 160 |
| Figura 22 – Captura de tela de publicação de Naiana Ribeiro.....                                                                                     | 162 |
| Figura 23 – Colagem com a captura de publicação e comentários no perfil de Naiana.....                                                               | 164 |
| Figura 24 – Captura de publicação de Jéssica Balbino.....                                                                                            | 167 |
| Figura 25 – Captura de tela de publicação no perfil de Malu.....                                                                                     | 168 |
| Figura 26 – Colagem de comentários extraídos de duas publicações distintas no perfil de                                                              |     |

|                                                                                                                                   |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Naiana.....                                                                                                                       | 169 |
| Figura 27 – Colagem de publicações de divulgação de eventos remotos da B-positive.....                                            | 174 |
| Figura 28 – Colagem de frames do vídeo do #squaddaspesadonaschallenge.....                                                        | 175 |
| Figura 29 – Colagem de duas publicações em perfis de nutricionistas retratando tensões no acesso à vacina por pessoas gordas..... | 177 |
| Figura 30 – Colagem de comentários das publicações da figura 29.....                                                              | 177 |
| Figura 31 – Captura de tela de publicação anônima que satiriza a ideia de antes e depois ...                                      | 180 |
| Figura 32 – Captura de tela de publicação de Juliana Rangel, satirizando a ideia de antes e depois.....                           | 180 |
| Figura 33 – Captura de tela de publicação de Babu Carreira divulgando o vídeo “Acabou o Body Positive?”.....                      | 183 |
| Figura 34 – Colagem de comentários do vídeo “1 TREINADOR VS 30 GORDOS   FT. GUTO GALAMBA”.....                                    | 190 |
| Figura 35 – Capturas de tela do documentário “A Indústria do Ódio”.....                                                           | 191 |
| Figura 36 – Captura de tela do documentário “A Indústria do Ódio”.....                                                            | 194 |

## **LISTA DE QUADROS**

|                                                                                                                          |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Quadro 1 – Quantidade de indícios preliminares por hashtag.....                                                          | 122 |
| Quadro 2 – Fluxo de construção do corpus de análise a partir dos indícios intermediários<br>levantados nas hashtags..... | 126 |
| Quadro 3 – Lista de indícios organizada por capítulo.....                                                                | 134 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                      |           |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>APRESENTAÇÃO.....</b>                                                                                             | <b>14</b> |
| Para começar do início.....                                                                                          | 14        |
| Tensões conceituais entre ser gordo e ser obeso.....                                                                 | 21        |
| Construção do Problema e Hipóteses.....                                                                              | 31        |
| <b>SEÇÃO 1: ATMOSFERAS MEDIATEZADAS, DIFERENÇA E CONTEMPORÂNEO</b>                                                   | <b>42</b> |
| <b>1 CAPÍTULO 1: ATMOSFERAS MEDIATEZADAS E SUA RELAÇÃO COM A</b>                                                     |           |
| <b>HISTORICIDADE DAS FORMAS COMUNICACIONAIS.....</b>                                                                 | <b>42</b> |
| 1.1 Friedrich Kittler e mediação: por uma noção de atmosfera mediada.....                                            | 46        |
| 1.2 Mediação a partir de um espaço de experiência e horizonte de expectativa moderno..                               | 50        |
| 1.3 Inferências sobre as oscilações entre espaço de experiência e horizonte de expectativa em cenários mediados..... | 54        |
| 1.4 A noção de atmosferas e sua aproximação como elemento heurístico junto ao fenômeno da mediação.....              | 56        |
| 1.5 <i>Stimmung</i> e atmosfera em Gumbrecht.....                                                                    | 59        |
| 1.6 Considerações do capítulo.....                                                                                   | 61        |
| <b>2 CAPÍTULO 2: TENSÕES COMUNICACIONAIS CONTEMPORÂNEAS:</b>                                                         |           |
| <b>DISPOSITIVOS DA MODERNIDADE ENQUANTO PRODUTORES DE</b>                                                            |           |
| <b>ATMOSFERAS MEDIATEZADAS.....</b>                                                                                  | <b>63</b> |
| 2.1 Reconfigurações no espaço de experiência e horizonte de expectativa moderno.....                                 | 68        |
| 2.2 Mediação intensificada e transformações contemporâneas da experiência.....                                       | 71        |
| 2.3 Dispositivos interacionais e atualizações no espaço de experiência a partir de atmosferas mediados.....          | 76        |
| 2.4 Considerações do capítulo.....                                                                                   | 79        |
| <b>3 CAPÍTULO 3: ATMOSFERAS MEDIATEZADAS NO/DO CONTEMPORÂNEO:</b>                                                    |           |
| <b>TENSÕES ENTRE DIFERENÇAS E DINÂMICAS ORGANIZACIONAIS</b>                                                          |           |
| <b>MODERNAS.....</b>                                                                                                 | <b>82</b> |
| 3.1 Diferença como condição humana e a partilha do sensível.....                                                     | 88        |
| 3.2 Tensões da diferença e dinâmicas organizacionais modernas.....                                                   | 93        |
| 3.3 Tentativas de sobrevivência em cenários de captura.....                                                          | 99        |
| 3.4 Considerações do Capítulo.....                                                                                   | 102       |

|                                                                                                                                                                          |            |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>CONSIDERAÇÕES DA SEÇÃO.....</b>                                                                                                                                       | <b>105</b> |
| <b>SEÇÃO 2: ATMOSFERAS MEDIATEZADAS DO MOVIMENTO CORPO LIVRE:<br/>EMERGÊNCIAS, CONTROVÉRSIAS E ATRAVESSAMENTOS<br/>ORGANIZACIONAIS.....</b>                              | <b>109</b> |
| <b>4 CAPÍTULO 4: ATMOSFERAS MEDIATEZADAS E CORPOS GORDOS:<br/>CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA APREENSÃO COMUNICACIONAL DO<br/>FENÔMENO.....</b>                              | <b>109</b> |
| 4.1 Materialidades da comunicação e paradigma indiciário em meio a atmosferas mediatezadas<br>.....                                                                      | 111        |
| 4.2 Procedimentos Metodológicos.....                                                                                                                                     | 113        |
| 4.3 Considerações dos Aspectos Metodológicos.....                                                                                                                        | 138        |
| <b>5 CAPÍTULO 5: CIRCULAÇÃO E DISPUTA EM ATMOSFERAS MEDIATEZADAS<br/>DO/NO MOVIMENTO CORPO LIVRE: HISTORICIDADES E EMERGÊNCIAS<br/>DE DINÂMICAS ORGANIZACIONAIS.....</b> | <b>141</b> |
| 5.1 Retratos pré-pandêmicos.....                                                                                                                                         | 145        |
| 5.2 Atmosferas em circulação.....                                                                                                                                        | 153        |
| 5.3 Aceitação vs Ativismo.....                                                                                                                                           | 161        |
| 5. 4 Considerações do capítulo.....                                                                                                                                      | 170        |
| <b>6 CAPÍTULO 6: EMAGRECIMENTO, CONTROVÉRSIA E INTENSIFICAÇÕES<br/>ORGANIZACIONAIS: TRANSFORMAÇÕES EM ATMOSFERAS<br/>MEDIATEZADAS DO/NO MOVIMENTO CORPO LIVRE .....</b>  | <b>172</b> |
| 6.1. Corpos distantes e acesso a direitos.....                                                                                                                           | 173        |
| 6.2 Emagrecimento e Controvérsia.....                                                                                                                                    | 178        |
| 6.3 Intensificações algorítmicas e organizacionais.....                                                                                                                  | 185        |
| 6.4 Considerações do capítulo.....                                                                                                                                       | 195        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                                                                                         | <b>198</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                                                                                                  | <b>208</b> |

## APRESENTAÇÃO

### **Para começar do início...**

Esta tese é fruto do cruzar de nós pessoais, acadêmicos, regionais e globais que nos levaram à condução da pesquisa aqui proposta. Olhar para uma questão que despertava interesse desde a iniciação científica, em 2018, é, ao mesmo tempo, um deleite e um tormento. Um deleite pela oportunidade de se concentrar em questões que provocaram grandes incômodos e que, ao longo desses anos, se manifestaram de modo mais ou menos latente – e um tormento pelo mesmo motivo. Se podemos imaginar a existência de algum consenso entre todos os campos do conhecimento no tocante ao assunto da obesidade, é que tal condição se apresenta como um fenômeno complexo. Fatores psico/bio/sociais se entrecruzam de tal forma que chegar a um ponto final no que diz respeito às formas como ela se manifesta parece uma tarefa interminável. A condução dessa pesquisa nos permitiu refletir sobre as relações que tecemos com nós mesmos, nossos corpos e nosso tempo-espço, enquanto, simultaneamente, revelava indícios para pensar o campo da Comunicação, em diálogo com as Humanidades.

O intuito desta apresentação é, inicialmente, narrar as motivações de diversas ordens que nos trouxeram ao desenho final da tese, na esperança de que, com esse pano de fundo em mente, seja possível vislumbrar nossa entrada no fenômeno. Esta pesquisa parte de um interesse inicial de investigar a circulação de pessoas gordas em ambientes midiáticos ao longo da última década, partindo de uma intuição, ainda muito incipiente, já em 2022 (ano em que iniciamos essa trajetória), de que alguma coisa vinha acontecendo nesse universo. Movidos por esse interesse, nossa primeira tentativa propunha realizar um estudo longitudinal que compararia a produção midiática de “sujeitos comuns” com aquela realizada pelo Ministério da Saúde, entendido como esfera de autoridade nesse campo, e portanto, produtora de compreensões “oficiais” em torno da obesidade. À época, procurávamos observar, entre outras questões, a impossibilidade de produção de consensos em torno do tema, tomado como um horizonte potencialmente desejável pelos dois eixos (sujeitos e instituições). Tentávamos construir, para isso, um estudo de caso envolvendo conteúdos disponíveis no site do Ministério da Saúde que tratassem da obesidade (publicados entre 2013 e 2023) em paralelo às publicações no canal do YouTube de uma influenciadora gorda, que publica conteúdos desde 2013 e que, portanto, poderia contribuir, como apostávamos à ocasião, para a apreensão de eventuais transformações na forma de pautar questões caras ao corpo gordo ao longo

desses anos. Contudo, conforme o aprofundamento teórico e as tentativas de aproximação com o campo então elencado se desenrolavam, percebemos que os objetos de conhecimento ora propostos não davam conta de revelar a complexidade do fenômeno que se apresentava. Por um lado, encontramos dificuldade em tomar uma experiência individual (a da influenciadora) como representativa da pluralidade de questões que emergiram a partir da movimentação de pessoas gordas em plataformas de redes sociais; e, por outro, frente às mudanças de governo, muitos conteúdos do Ministério haviam se tornado indisponíveis.

O caminho mais lógico, nessa circunstância, seria aprimorar o recorte do estudo, talvez diminuindo o período analisado, ou se aprofundando na busca por objetos de conhecimento que melhor dialogassem entre si, com um mesmo formato técnico, por exemplo. Porém, em direção oposta ao esperado, nos debruçamos sobre uma questão ainda mais ampla, compreendendo a obesidade como um marcador reducionista do fenômeno. Passamos então a construir um estudo sobre corpos gordos no contemporâneo em que, partindo de um gesto de inspiração cartográfica (como *flâneurs*), investigaríamos inúmeras experiências, tomando as narrativas de pessoas gordas como fio condutor para compreender como processos de mediatização, que se intensificaram ao longo dos últimos anos, evidenciariam, supostamente, novas dinâmicas de aparência pública desses corpos na contemporaneidade.

Ao iniciarmos uma exploração preliminar do campo, contudo, a cirurgia bariátrica emergiu enquanto um fenômeno potente, que parecia nos chamar, novamente, para a institucionalização desses corpos. Mais que isso: tal dado nos parecia um sintoma específico de uma série de relações contraditórias e paradoxais que emergiram ao longo da elaboração da pesquisa, entre elas a própria dicotomia entre as noções de gordos e obesos. Olhar para esse campo, agora sim, mais recortado, nos permitiria a produção de inferências mais amplas, como proposto por Braga (2008) ao problematizar os resultados de uma pesquisa em comunicação.

Estávamos satisfeitos com o desenho da pesquisa, seguíamos coletando indícios e aprimorando o projeto, e o relatório entregue para o exame de qualificação, inclusive, seguia nesta toada. Entretanto, em 12 de janeiro de 2025, a produtora de conteúdo digital e cofundadora do Movimento Corpo Livre, Beta Boechat, anuncia ter passado por uma cirurgia bariátrica. A cirurgia de Beta - uma figura pública que já vinha passando por um processo de emagrecimento ao longo dos anos - provocou um conjunto de reflexões que culminaram em uma completa reconfiguração dos caminhos da tese.

Beta faz parte de uma geração de criadores de conteúdo que, em meados dos anos 2010, passou a pautar um debate público sobre aceitação, autoestima e várias outras questões

políticas ligadas, principalmente - mas não exclusivamente - a pessoas gordas. Beta, seu companheiro Caio Garcia e, provavelmente, a figura mais conhecida entre os três, Alexandra Gurgel, afirmam ter criado, em meados de 2018, a *hashtag* #corpolivre, em que seriam agrupadas publicações deles e de seus seguidores envolvendo o amplo universo da construção de amor próprio. Posteriormente, em 2020, criaram um perfil oficial no Instagram para o Movimento, local onde eram compartilhadas notícias de celebridades que contribuísem não apenas para o enfrentamento a estigmas de corpos gordos, mas clamavam por uma aceitação ampla de todos os tipos de corpos, passando por discussões de gênero, raça, deficiências, etc. A última publicação do Instagram data de outubro de 2025, estando o perfil em questão até agosto de 2026 sem novas atualizações. Centralizamos a ideia de Corpo Livre a partir dessas três figuras porque eles próprios, ao longo dos anos, em diferentes ocasiões, se posicionam como cofundadores, nesses termos. Apesar disso, na mesma época, muitas outras pessoas vieram também a público com propostas semelhantes e, em determinados momentos, inclusive, em diálogo com os três. De modo geral, “Movimento Corpo Livre” acabou se tornando, com o passar do tempo, uma espécie de “tradução” da ideia de “*Body Positive*”, nomenclatura adotada, ao final dos anos 1990, nos Estados Unidos, a partir dos movimentos de liberação corporal que datam desde a década de 1960. Nesse lugar, compreendendo a centralidade do Movimento Corpo Livre no cenário (sobretudo midiaticizado) brasileiro, perceber uma de suas “cofundadoras” decidindo passar por uma intervenção cirúrgica para enfrentamento da obesidade nos despertou para a sensibilidade de que, de fato, havia uma espécie de universo construído em ambientes midiaticizados a partir da presença de pessoas gordas, ambiente este que, inegavelmente, estava passando por muitas transformações, sobretudo após a pandemia mundial de Covid-19.

Voltamos a nos aproximar, a partir dessa provocação, da primeira ideia para a tese: um estudo longitudinal que evidenciasse as transformações que a midiaticização de pessoas gordas vinha sofrendo ao longo da última década. Contudo, ainda faltava entender o que caracterizaria esse conjunto de experiências, e nesse contexto, acabamos nos aproximando da proposta de Gajanigo (2024), motivados pela possibilidade de participação no I Colóquio de Estudos Atmosféricos, realizado em março de 2025, na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói-RJ. Nossa aposta, portanto, passou a ser que o que vinha nos incomodando (esse conjunto de transformações que a aparência de corpos gordos, em midiaticização, apresentou nos últimos anos, provocando um conjunto de novas sensibilidades frente a esta diferença), poderia ser vislumbrado a partir da ideia de atmosfera, compreendendo-a enquanto um conglomerado de fenômenos marcados por uma “hibridez entre individual e coletivo e

entre subjetivo e objetivo” (Gajanigo, 2024, p. 21). Tais fenômenos, no contexto desta pesquisa, são atravessados por um caráter comunicacional, o que nos levou a investir na compreensão do que passamos a denominar como “atmosferas midiaticizadas”.

A trajetória aqui narrada resume um processo longo de quatro anos de desenvolvimento, porém, como já adiantamos, este é apenas um dos nós dessa malha que estamos buscando tecer. Em um gesto orientado pela ética na construção da pesquisa, consideramos importante a apresentação da posição que a pesquisadora que aqui escreve possui em relação ao fenômeno. Nesse sentido, pedimos a *licença poética* de suspender, brevemente, a escrita na primeira pessoa do plural para pontuarmos, em primeira pessoa do singular, algumas questões que dizem da própria experiência da autora deste trabalho, enquanto mulher gorda.

Quase sempre me entendi dessa forma e nutro uma memória vívida do exato momento em que adquiri essa percepção. Devia ter por volta dos quatro anos, no meu primeiro ano na pré-escola, quando, em um recreio, sentada em um banco lanchando, um colega apontou na direção da minha barriga e, rindo, disse “olha lá, ela é gorda”. Até aquele momento, sequer tinha consciência do que era ter uma barriga e, desde que passei a ter, convivo, diariamente, com os atravessamentos dessa experiência de vida. Com o passar dos anos, contudo, ao reviver essa lembrança e observar fotos de infância, chego à conclusão de que, pelo menos até minha primeira década de vida, não consideraria aquela criança gorda. A fotografia abaixo busca retratar uma criança que, vinte anos atrás, já tomava “**ser** gorda” como uma característica **inerente** de si.

Figura 1 – Minha irmã (esq.) e eu na varanda da casa de meus pais, por volta de 2002.



Fonte: Acervo pessoal.

Se naquela época ainda não era gorda, eventualmente passei a ser, chegando a pesar 130 kg, com 1,70 m de altura. Na primeira versão desse texto, eu me apresentava como uma pessoa que falhava em ser “a gorda ideal” a partir dos parâmetros de autocuidado pautados por alguns grupos que advogam pelo empoderamento de pessoas gordas. De lá para cá, algumas coisas mudaram e me considero hoje como alguém que também passa por um processo de emagrecimento, tendo perdido cerca de 30 kg, seguindo orientações de profissionais da Educação Física e da Nutrição. Esse próprio processo, ironicamente, parece ser reflexo também do fenômeno investigado ao longo da pesquisa: passeio por experiências de terceiros, refletindo sobre a sustentabilidade da ideia de um Movimento Corpo Livre na atualidade, em que tantas figuras notoriamente conhecidas nesse universo vêm emagrecendo enquanto eu mesma, que 10 anos atrás acompanhava esses influenciadores e compartilhava das mesmas demandas, também tento fazer o mesmo. No fim das contas, somos todos frutos do nosso próprio tempo.

Cotidianamente, a mera mudança do sedentarismo para a prática regular de atividade física me conferiu um outro *status*, ainda que esse *status* seja retirado ao menor sinal de deslize. As noções de “guerreira”, “corajosa” e “disposta” são repetidamente acionadas como estímulos positivos frente à minha conduta e, após quase 10 anos, finalmente tive coragem de agendar uma consulta com uma ginecologista. Pode parecer bobo, mas eventualmente,

torna-se exaustivo procurar orientação pontual sobre alguma questão de saúde e ser vista apenas como um corpo obeso. A mera menção ao acompanhamento com os profissionais que procuro e ao peso que já foi perdido abre espaço para serem examinadas outras questões (não sem deixar de mencionar que, se eu não estivesse fazendo o que já estou fazendo, seria necessário fazê-lo, ou ainda, mencionar que o uso de canetas emagrecedoras poderia trazer resultados mais rapidamente, uma vez que o processo já dura mais de três anos).

Os questionamentos que sempre fiz sobre minha própria experiência de vida se complexificam frente a esse novo contexto; porém, passei a tentar elaborá-los, de alguma forma, desde meu ingresso no ensino superior. Durante a graduação, dei meus primeiros passos na pesquisa, em um projeto de iniciação científica que investigava os sentidos do termo “depressão” em diversas páginas do Facebook, momento em que comecei a construir meu interesse pela interface comunicação-saúde, sobretudo no entendimento do que é socialmente compreendido enquanto doença e saúde. Posteriormente, ao estudar microcefalia - durante uma outra pesquisa de iniciação científica, concluída em meu trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação Social - Jornalismo (Freitas; Mafra, 2021) - e Alzheimer no mestrado (Freitas; Mafra, 2025), adicionei aos meus interesses as tensões entre as formas como as pessoas que vivenciam essas experiências falam sobre elas e as formas como discursos organizacionais (de órgãos do governo ou empresas privadas) abordam essas vivências em contextos mediatizados. Mais do que isso, passei a suspeitar das formas como, eventualmente, algum elemento comunicacional de caráter organizacional parecia atravessar, em maior ou menor grau, todas essas experiências. Nessa trajetória, a obesidade passou a aparecer enquanto um incômodo latente. A vontade de me debruçar sobre essas questões foi, por incontáveis vezes, suprimida, a partir de um desejo por afastamento de minha experiência, ironicamente, enquanto mergulhava na experiência do outro.

Contudo, a partir de minha inserção profissional em um espaço que se dedicava, dentre outras coisas, à avaliação de políticas públicas, pude entrar em contato com pesquisadores de outras áreas do conhecimento, sobretudo da gestão da saúde. Observar, ainda que com certo afastamento, a forma como a obesidade era abordada nas atividades comunicacionais propostas por eles (cartilhas, vídeos, redes sociais, podcasts etc.) trouxe à superfície algumas dessas latências que motivaram a construção dessa proposta.

A obesidade se torna, no contemporâneo, objeto de interesse e de disputa entre múltiplas instâncias: pessoas gordas (que em contextos mediatizados tornam-se potenciais epicentros de experiências públicas), profissionais da saúde, pesquisadores, Estado, indústria alimentícia, indústria da moda etc. Enquanto grupos de pessoas que sofrem com a Síndrome

de Fadiga Crônica<sup>1</sup>, por exemplo, demandam o reconhecimento de sua condição como doença, e na medida em que grupos de autistas argumentam que seu diagnóstico representa uma diferença e não uma doença (Ortega; Zorzanelli, 2010), onde se localizam as pessoas gordas/com obesidade? Por um lado, os movimentos de empoderamento e de luta contra a gordofobia emergentes nos contextos digitais aparecem e questionam o próprio conceito de obesidade. Por outro lado, diferentes sujeitos tomam para si o diagnóstico e vêm a público abordar suas tentativas de enfrentamento a essa que é considerada uma doença crônica.

É em meio a esta complexa malha que a presente pesquisa nasce: a partir de uma conexão com minha própria experiência, e tendo em vista a necessidade de compreensão de cenários relacionais emergentes, investigamos as formas como pessoas gordas, a partir das possibilidades abertas pela mediação em plataformas como YouTube e Instagram, e, tendo como epicentro a emergência da ideia de Movimento Corpo Livre, vêm compartilhando experiências de vida, posicionamentos, reflexões etc. e, como consequência, compondo atmosferas (quais sejam, de modo mais específico, atmosferas mediadas).

Para além de explicitar essas relações dinâmicas estabelecidas em contextos mediados, um outro movimento da tese é se aprofundar no entendimento dessas atmosferas, para que, posteriormente, possamos acioná-las como recorte metodológico da pesquisa. A primeira seção “Atmosferas mediadas, diferença e contemporâneo” busca dar conta desse exercício, apresentando as correntes teóricas que nos possibilitaram propor um viés atmosférico para a pesquisa. Em suma, e adiantando o resultado das discussões da seção, propomos compreender atmosferas mediadas a partir de três grandes eixos: em primeiro lugar, elas são fruto de dispositivos interacionais (entendidos, conforme Braga (2017) como um conjunto tentativo comum de estratégias para concretização da comunicação) e detonadas a partir da tensão entre as categorias históricas de Koselleck (2006) – espaço de experiência e do horizonte de expectativa; em segundo lugar, no contemporâneo, são produzidas a partir de uma série de intensificações das formas como nos relacionamos com a tecnologia e, por fim; quando são atravessadas pela aparência pública de diferenças, tendem a sofrer tentativas de captura por dinâmicas organizacionais modernas. Cada um dos três capítulos que compõem a primeira seção busca se aprofundar em cada um desses aspectos, para que, a partir deles, possamos entender como observar a conformação de atmosferas mediadas em torno da emergência do Movimento Corpo Livre.

---

<sup>1</sup> Síndrome da Fadiga Crônica (SFC) é uma condição de diagnóstico clínico cujo principal sintoma é a presença de fadiga (cansaço) intensa que pode piorar com a atividade física ou mental, mas não melhora com o repouso (Sociedade Brasileira de Reumatologia, 2011).

Para além de uma tese sobre obesidade, ou sobre corpos gordos, buscamos contribuir para a compreensão da midiatização no contemporâneo, tomando as tensões percebidas nessas atmosferas como indícios de movimentos mais complexos, estes que se espraíam por toda a superfície social do globo, de modo mais ou menos intenso. Buscamos, ainda, explicitar como o contemporâneo segue pautado por dinâmicas relacionais estabelecidas ainda na modernidade, estas que ainda insistem em operar como bases estruturantes no modo como sujeitos se relacionam, gesto este que acaba por tonalizar as atmosferas investigadas. No próximo tópico, apresentamos um panorama sobre a compreensão que adotamos em relação à obesidade e suas tensões com as experiências de pessoas gordas para, no tópico seguinte, destrinchar como essas questões desembocam em nosso problema de pesquisa e suas hipóteses para, por fim, apresentarmos os contextos do estudo e seus procedimentos metodológicos.

### **Tensões conceituais entre ser gordo e ser obeso**

Dedicar-se ao estudo de questões tangenciais à emergência pública de pessoas gordas demanda a compreensão de que, em primeiro lugar, tais experiências se instauram a partir do corpo. Nesse sentido, Ortega e Zorzanelli (2010) observam que nos encontramos em um momento de transição entre os modos de subjetivação característicos da modernidade (que tomava o âmbito “interno” da consciência enquanto centralidade da experiência) e outros modos que, gradativamente, passam a considerar aspectos corporais e biomédicos para definição das individualidades.

Em um gesto descritivo de tal fenômeno contemporâneo, Ortega (2008), em suma, pontua que o *self*, imerso em práticas bioascéticas, nos orienta para uma busca por saúde e para a adequação a um padrão de corpo perfeito. Como consequência dessa bioascese (em referência às práticas da ascese grega) atravessada pelos parâmetros biologizantes presentes em nosso tempo, o autor observa a emergência de formas de biossociabilidade que tonalizariam nossas relações sociais sob esse mesmo pano de fundo.

Ortega (2008) retoma a noção foucaultiana de ascese enquanto um conjunto de práticas impostas a um grupo de indivíduos, com vistas a orientá-los moral, filosófica e religiosamente, objetivando atingir algum propósito espiritual, de tal sorte que, cumprida esta intenção, tais indivíduos passam a ser compreendidos enquanto sujeitos de ação. O asceta se tornaria, portanto, um exemplo cuja conduta deveria ser espelhada por outros e, tanto na experiência grega quanto cristã, o corpo era compreendido enquanto elemento a ser superado

para que se acenda ao contato com um elemento divino ou para que se torne legítimo para a vida pública.

A biossociabilidade, marca dos fenômenos de ascese contemporâneos, diz do atravessamento que biologia e medicina passam a estabelecer em nossa vida. Se anteriormente nos agrupávamos a partir de nossa raça, classe ou espectro político, por exemplo, hoje nossas enfermidades, a performance de nosso corpo, nosso peso, entre outras características corpóreas, nos reúnem. Consequentemente, o modelo de existência exemplar é também atualizado, de tal forma que nosso desejo não se relaciona mais com o acesso a uma instância espiritual, mas vamos em busca da manutenção de uma juventude e de um combate ao envelhecimento, além da construção do melhor físico.

Ortega (2004), na tentativa de estabelecer relações entre os pensamentos de Michel Foucault, Hannah Arendt e Agnes Heller, observa que a centralidade do biológico na modernidade operaria em prol da despolitização dos assuntos humanos. Em suma, o agrupamento baseado apenas em critérios biologizantes colaboraria para a homogeneização das diferenças entre o grupo, objetivando a coesão do mesmo. Tal movimento representaria, para os autores em questão, um traço remanescente de sistemas totalitários que reduziram a dimensão da vida de indivíduos ao seu aspecto biológico.

Nesse contexto, a responsabilidade de gerenciamento de questões de saúde migra, gradativamente, de uma perspectiva governamental/estatal para a dimensão do privado e/ou social e passa a ser caracterizada por um forte viés moralizante. O léxico da medicina invade o cotidiano e a saúde emerge enquanto uma preocupação universal: tudo é questão de saúde, esporte, sexo, vida social, alimentação e é essa orientação moralizante da saúde que possibilita a manifestação dos fenômenos de biossociabilidade:

A saúde seria, assim, uma conquista advinda do controle e da administração perene dos riscos e do manejo do potencial de adoecimento de cada um - tanto as inscritas no genoma quanto as decorrentes do estilo de vida, como o consumo de álcool, cigarro e gordura, a exposição em excesso ao sol e à poluição (Ortega; Zorzanelli, 2010, p. 88).

Como consequência, passamos a adotar as práticas de auto-perícia (com vistas ao constante aprimoramento do corpo) propostas por esse modelo enquanto parte da constituição de nossas (bio)identidades, em meio ao esmaecimento da noção clássica de biopolítica foucaultiana em que a gestão da saúde do indivíduo estava direcionada ao Estado. Ortega (2008) compreende o corpo, simultaneamente, enquanto cerne do poder disciplinar e portador dessa bioidentidade, construída no exercício constante de auto-aperfeiçoamento.

A partir da cobrança e responsabilização do indivíduo para construção de performances e corpos ideais, aqueles corpos que não se encaixam nos ideais propostos são condenados a estereótipos excludentes (pessoas com deficiência, obesidade e outras doenças crônicas, por exemplo). A esses que não são bem-sucedidos na tarefa de dominar corpo e mente, não atingindo não somente um corpo ideal, mas uma *saúde* ideal, é atribuído o *status* de anormalidade, *status* este que, em contextos modernos, pertencera aos “loucos” ou aos criminosos, sob a justificativa de que tal impossibilidade seria reflexo de uma ausência/fragilidade da vontade do indivíduo, o impedindo de buscar o melhor para si. Nossos corpos vivenciam, conseqüentemente, uma relação paradoxal no contemporâneo: ao mesmo tempo em que são entendidos enquanto passíveis de gerenciamento e configuram-se enquanto centralidade da experiência, adorados e valorizados, são repugnados com a mesma intensidade por suas características materiais e imperfeições (Ortega; Zorzanelli, 2010).

Em tal circunstância, esses corpos desviantes passam também, em busca de apoio, partilha de informações, luta por direitos e enfrentamento de estigmas, a agruparem-se. Contudo, como argumenta Ortega (2004), esses movimentos podem ser compreendidos enquanto sintomas da dissolução do social em que o que motiva reivindicações e movimentações políticas são características biológicas em detrimento de outros elementos culturais/sociais, ainda que se manifestem também grupos que partem desse desejo de enfrentamento aos padrões e expectativas biologizantes contemporâneos, e não apenas à adequação aos ideais de autonomia e autoaprimoramento:

Haveria assim duas maneiras antagônicas de tratar temas que dizem respeito à raça, gênero, saúde e meio ambiente: biopoliticamente ou como politização de assuntos sociais. Só a segunda seria *stricto sensu* política. A diferença estaria no conceito do político que está operando em cada caso; na biopolítica estaríamos tratando com o conceito do político de Carl Schmitt (1992), entendido como a discriminação entre amigo e inimigo. No caso da politização de questões sociais, o conceito do político correspondente é a concretização da liberdade no espaço público, segundo o qual qualquer assunto torna-se político se é decidido, discutido, debatido no espaço público, deixando de sê-lo ao abandonar a esfera pública (Heller, 1990) (Ortega, 2004, p. 17-18).

Contudo, esses indivíduos, a partir do mesmo gesto de biossociabilidade, vão ao encontro de outros que compartilham das mesmas vivências e estabelecem outros grupos. Ortega e Zorzanelli (2010) caracterizam a biossociabilidade enquanto um movimento individualizante e coletivizante: na medida em que somos responsáveis pela gestão de nós mesmos, simultaneamente, nos voltamos constantemente para nossos corpos na tentativa de

aprimorá-los e vamos em direção ao(s) outro(s). Contemporaneamente, a internet desempenha um papel chave para a biossociabilidade, tanto como possibilidade de acesso a uma infinidade de informações caras a esses indivíduos, quanto como espaço de encontro e compartilhamento dessas informações e de experiências, configurando outras formas de ativismo, na medida em que, coletivamente, sujeitos passam a lutar contra estigmas ou, em caso de doenças, a demandar tratamentos. Estas comunidades, portanto, para além de um espaço de acolhimento e circulação de dores e dilemas, passam a operar também por um gesto de biocidadania digital<sup>2</sup>, fundando um novo espaço possível de atuação política.

Em suma, o argumento central que Ortega (2008, p. 42) busca traçar a partir das noções de biossociabilidade e bioidentidade é configurar *self* e corpo enquanto instâncias indistinguíveis:

O corpo é central para a experiência do eu. As práticas bioascéticas fundem corpo e mente na formação da bioidentidade somática, produzindo um eu que é indissociável do trabalho sobre o corpo, o que torna obsoletas antigas dicotomias, tais como corpo-alma, interioridade-exterioridade, mente-cérebro (Ortega, 2008, p. 42).

Estando o *self* encarnado no corpo, nos encontramos em constante exposição para os outros, o que impediria a distinção entre ser e (a)parecer, uma vez que o que somos passa a estar à mostra. Contudo, nos questionamos se, em meio a um contexto social orientado pela moralidade da saúde, talvez apenas experiências de vida desviantes do padrão que sejam observáveis à primeira vista vivenciem essa impossibilidade. Argumentamos dessa forma, por exemplo, a partir do entendimento de que uma pessoa com obesidade tende a ser privada da possibilidade desse cinismo social (uma vez que, se ela é o que o corpo deixa aparecer, o marcador do peso é de difícil dissimulação); contudo, alguém que convive com transtornos alimentares, em algum grau, pode parecer, aos olhos do observador, enquanto um indivíduo saudável, uma vez que a magreza (com exceção a casos extremos) ainda é associada a saúde, mesmo que este indivíduo também esteja em desarranjo aos padrões de biossociabilidade.

Nesse contexto, as tentativas de adequação a tais expectativas são perpassadas pela constante gestão de riscos nas tomadas de decisão para a construção desse *self-corpo* ideal. Talvez a obesidade possa ser compreendida como encarnação desse fenômeno, uma vez que é, ela mesma, uma doença dos riscos. Quantas pessoas gordas, na tentativa de atingir essa pretensa saúde, foram confrontadas com resultados de exames dentro de todos os parâmetros ideais, porém insuficientes, pois, em função do elevado peso, estariam em risco de hipertensão, diabetes, problemas nas articulações, etc.? Enquanto gordas e gordos portadores

<sup>2</sup> Conceito de Carlos Novas e Nikolas Rose em *Biological Citizenship*, 2004.

de obesidade, não há escapatória desses riscos que consiga contrapor à demanda por emagrecimento.

A tentativa de enfrentamento desse cenário, seja qual for a estratégia estabelecida, tende a passar por uma valorização de aspecto moral. Surge, assim, o “gordo ideal” (em oposição a um gordo ruim/preguiçoso/encostado), que se vale de sua autonomia para tomar as rédeas do seu próprio destino, partindo nessa jornada em busca “de sua melhor versão”. Essa linha de raciocínio deve ser tomada com cautela, pois, ainda que a figura desse “gordo ideal” se faça presente, se esse indivíduo escorrega em seu propósito, reganha peso (ou, em muitos casos, se adequa a quase todos os parâmetros do universo *fitness* exceto o emagrecimento), sua capacidade de autocuidado e responsabilidade são colocadas em xeque, de tal sorte que, talvez esse ideal sequer exista: corpos gordos podem ser entendidos, no máximo, como *bons o suficiente*.

Compreendendo a centralidade do corpo no contemporâneo, suas limitações e potências, nos dedicamos à investigação das especificidades e transformações que advêm do demarcador “gordo” e, posteriormente, à patologização desse corpo a partir do estabelecimento da noção de obesidade. A historiadora Denise Bernuzzi de Sant’anna (1995, 2016) evidencia que a compreensão que temos hoje, sobretudo no contexto brasileiro, acerca desses corpos é uma construção relativamente recente e está diretamente relacionada às transformações sociais de nosso tempo, tais quais a proliferação de ferramentas de monitoramento do próprio corpo e a ampliação do acesso a tecnologias de comunicação e informação.

Tomando como ponto de partida o período medieval, em que a humanidade ainda se enxergava em uma relação mais estreita com um mundo espiritual, o corpo era compreendido como parte de um universo mais amplo, cujo equilíbrio deveria ser respeitado. Assim, intervenções cirúrgicas, por exemplo, não eram vistas com bons olhos, considerando que não caberia aos homens esse rompimento da carne e dos tecidos. Se o corpo era, até então, parte do ambiente, com a emergência da peste europeia no século XIV, passamos a enxergar uma necessidade de separação, frente ao medo de contaminação. Sant’anna (2016) ressalta que esse rompimento não se limita apenas ao caráter terapêutico, evitando ambientes que propiciavam a proliferação da enfermidade, mas associa-se também a questões morais e políticas que contribuem para o nosso entendimento de “corpo” como entidade distinta ao mundo. Para além das práticas de limpeza do corpo, que passaram a denotar civilidade nesse período, o vestuário passa a moldar o corpo dos nobres, de tal forma que essa capacidade de

moldar o próprio corpo passa a indicar também a capacidade de governar a esfera política e a sua eventual impossibilidade representaria a barbárie.

Com o avançar da laicidade, gradativamente, deixamos de ser o nosso corpo e passamos a possuí-lo e, à medida que os europeus passam a expandir seus territórios, colonizando o mundo, menos influência o universo passa a ter no funcionamento desses corpos que passam a precisar funcionar como máquinas:

Em plena era do mercantilismo triunfante, em que o tempo se torna dinheiro, o corpo é assimilado a um mecanismo cujas partes trabalham em comum acordo, respeitando uma hierarquia de funções, independente do funcionamento dos astros, da mudança das estações e do clima. Em suma, o corpo - tanto orgânico quanto psíquico - conquista uma independência em relação às leis naturais outrora impossível (Sant'anna, 1995, p. 247)

Esse corpo-máquina não pode cessar de trabalhar (pois é fundamental para o funcionamento da sociedade como um todo, uma peça na engrenagem das relações sociais) e, para isso, são propostas inúmeras possibilidades de adestramento e conquista, como a prática da ginástica, por exemplo. Ao contrário de espartilhos e coletes, agentes externos ao corpo, a transformação corporal passará a se dar pelo próprio indivíduo e sua motivação e traços de sua subjetividade passam a ser expressos por sua aparência física. Simultaneamente ao fascínio do autoaprimoramento pela educação física, Sant'anna (1995, p. 251) observa também a aversão aos corpos que não se adequam a esse padrão de atividade, tomados como “amolecidos e avessos ao trabalho”.

Tais movimentos se intensificam e as pessoas gordas passam, gradativamente, a encarnar tais disputas no próprio corpo. A gordura, que outrora representava fartura, transforma-se em um atributo de cunho moral e patológico. O indicador de relação entre peso e altura desenvolvido pelo matemático Adolphe Quetelet no século XIX, cujo propósito original era apenas padronizar uma relação entre altura e peso para fins de comparação entre indivíduos e populações, é peça-chave para o que compreendemos hoje enquanto obesidade.

Segundo a epidemiologista estadunidense Katherine Flegal (2022), índices como o de Quetelet e outros passam a ser utilizados junto a tabelas de acompanhamento de peso ideal para homens e mulheres por companhias de Planos de Saúde a partir das primeiras décadas do século XX. Na década de 1970, o índice de Quetelet, que equivale ao peso (kg) dividido pela altura ao quadrado ( $m^2$ ), é renomeado como Índice de Massa Corporal (IMC ou Body Mass Index - BMI) e passa a ser considerado como um indicador satisfatório para identificação da obesidade, considerando sua simplicidade. Gradativamente, o IMC se tornou um padrão

internacional para o diagnóstico – e assim se mantém até hoje, ainda que ressalvas e críticas sobre sua insuficiência sejam pontuadas.

Em 1993, um comitê de especialistas da OMS propôs uma série de medidas antropométricas para avaliação da saúde nutricional da população. A partir desse relatório, o IMC passou a ser utilizado para a classificação de diferentes graus de sobrepeso, onde o sobrepeso de grau II estaria inserido entre um IMC de 30 a 40, relativamente comum nos países industrializados. Contudo, em 1997, o termo “sobrepeso” utilizado para descrição dessa faixa foi alterado para obesidade, o que fez com que, da noite para o dia, milhões de pessoas fossem inseridas em uma nova categoria. Flegal (2022) pontua que, à época, a repercussão da mudança foi compreendida, pela mídia, enquanto uma nova oportunidade de mercado para a indústria farmacêutica. A obesidade, enquanto doença, não era, até então, um consenso, tendo historicamente sido compreendida mais como um sintoma. Em 1998, nos Estados Unidos, contudo, ela passa a ser compreendida enquanto uma doença crônica multifatorial, definição que se espalha internacionalmente e é adotada também pelo Ministério da Saúde no Brasil.

Conforme Sant’anna (2016), as relações entre o corpo gordo e a obesidade não seguem uma trajetória linear no Brasil. As relações aqui se complexificam e, uma vez que o presente estudo se debruça e é produzido em meio a essa complexidade, faz-se necessário acompanhar o nosso próprio percurso. Mesmo com o advento de tecnologias como a balança, que permitiu que tivéssemos uma noção quantificável de nosso peso, e com a proliferação de supermercados “Pegue e Pague”, que individualizaram o processo de compra de alimentos, ou ainda, com a emergência da idealização de corpos magros, continuamos a valorizar um nível de corpulência. Ainda nos anos 1920, revistas pontuavam que uma magreza extrema não agradaria aos homens, por exemplo.

Tal fenômeno está relacionado, para a autora, ao histórico de fome e desnutrição que por muitas décadas se fez presente em nosso país, de forma que o acúmulo de gordura ainda poderia ser associado à saúde e à fartura. Apesar das concepções do corpo gordo como inapto ao trabalho (e, conseqüentemente, moralmente desvalorizado) circularem desde o século XIX em sociedades industrializadas, é somente após a década de 1950 que o medo da magreza parece esmaecer. Nessa época, cresce a disseminação de informações sobre a obesidade, e a balança que, até então, era uma ferramenta questionada e, até mesmo, alvo de piadas, passa a se tornar um instrumento que indicaria a necessidade de adoção de medidas voltadas para o emagrecimento, como dietas e exercícios físicos.

A noção de obesidade enquanto “suicídio lento” (Sant’anna, 2016, p. 85) passou a circular, e emagrecer se tornava, então, palavra de ordem e assunto de interesse geral, de tal forma que medicamentos e alimentos *light* e *diet* passaram a ocupar espaços nas prateleiras, associando a perda de peso a uma experiência prazerosa, que não implicaria em grandes sacrifícios. Consolidam-se assim os ideais de busca pela saúde e por um estilo de vida integralmente saudável: “entre homens e mulheres, o espectro do obeso doente e do gordo que poderia vir a ser obeso transformou-se na mais contundente ameaça à excelência corporal desejada” (Sant’anna, 2016, p. 127-128).

Do ponto de vista das pessoas com obesidade, a autora observa um movimento complexo: com a emergência da obesidade enquanto questão de saúde pública, multiplicam-se os relatos sobre as dores que a convivência com a condição implicava, como os constrangimentos em ocupar espaços públicos, a dificuldade em encontrar roupas apropriadas etc. Além disso, ocorre um movimento de legitimação dos processos de patologização da obesidade pelas próprias pessoas que com ela convivem, o que representaria tanto uma tentativa de reivindicação ao acesso a tratamentos pelo sistema público de saúde, quanto uma espécie de “defesa da acusação de gula”.

O corpo gordo ganha, portanto, camadas de complexidade em que, simultaneamente reconhecemos o impacto do contexto socioeconômico na disponibilidade de alimentos ultraprocessados e no estímulo a estilos de vida mais sedentários, mas cobramos do indivíduo que tome controle do próprio corpo e seja responsável por suas escolhas de vida (que devem objetivar experiências mais saudáveis e longevas de vida, que, obviamente, demandam a perda de peso): “vítima e autônomo ao mesmo tempo” (Sant’anna, 2016, p.140). Maior que o “pecado da gula”, contemporaneamente, pecamos por não alcançarmos esse suposto “autoaperfeiçoamento”.

Do ponto de vista da obesidade enquanto epidemia, para além de considerar os interesses econômicos que estimulam o consumo de alimentos altamente calóricos, ou, ainda, um reflexo do estilo de vida mais sedentário que passa a se manifestar (sobretudo entre a classe média), o pensamento de Lauren Berlant (2010) nos convida a olhar para um outro aspecto desse fenômeno. Em suma, para a autora, o gesto de comer no contexto contemporâneo pode ser compreendido enquanto um indício da exaustão psicológica que o mundo do trabalho nos impõe.

Ao considerar a obesidade como um sintoma de uma questão social mais ampla, a autora retoma o entendimento já abordado de saúde enquanto demanda por habilidade de trabalhar/ser mais produtivo, para argumentar que, além de trabalhar para viver, precisamos

fazê-lo a qualquer custo, inclusive adoecidos, desde que produtivos (como no caso de tomarmos um medicamento para febre para continuar trabalhando). Esse cenário de estafa mental e física moldaria a forma como experienciamos o mundo.

Considerando que deveríamos nos apresentar enquanto sujeitos independentes e autônomos frente ao cotidiano do trabalho e ao ambiente de estresse contínuo a que somos expostos, a epidemia de obesidade seria o sintoma dessa dificuldade de sobrevivência na vida cotidiana. A partir da mobilização do conceito de pandemia, entretanto, é possível operar as noções de competência, fracasso, controle/descontrole e, mais importante: sendo a obesidade uma doença ou um traço de personalidade, nossas noções de cura também podem ser diferentemente acionadas. Frente ao horizonte de futuros possíveis que se abrem (ou se fecham) no contemporâneo, comer, para a autora, se configura enquanto um dos poucos espaços de controle e prazer consistentes disponíveis para a maioria das pessoas.

Sendo a comida uma necessidade básica (ao contrário de drogas lícitas e ilícitas, por exemplo), o desafio implica em conciliar uma demanda por nutrição com a busca por esse prazer. A comida torna-se produtora de felicidade (outro imperativo!), “aliada” na luta contra o esgotamento. Em última instância, o questionamento da autora alcança a busca contemporânea por longevidade: se a obesidade é entendida como sintoma de um esgotamento coletivo em que a comida é tomada como alívio para o tormento e o estresse contemporâneo, ela não seria resultado da busca pela manutenção de estar vivo apesar desse tempo?

Ao mesmo tempo em que precisamos emagrecer para nos mantermos vivos, e querer estar vivo (e bem) é um imperativo, a perspectiva de Berlant (2010) nos convida a pensar que engordamos e somos inseridos em uma categoria patologizante, precisamente porque tentamos nos manter vivos em meio a um contexto que produz adoecimentos outros. Em meio a essa relação paradoxal e até perversa, somos forçadas e forçados a enfrentar, cotidianamente, os efeitos do estigma e do moralismo que acompanham o corpo gordo.

Em perspectiva similar, Lolas, Doña e Gómez-Gonzalo (2019) argumentam que a emergência da obesidade enquanto problema de saúde pública advém da própria estrutura imposta pelo capitalismo tardio. Nesse contexto, nos encontraríamos impossibilitados de observar tal estrutura e seus mecanismos, além de não vislumbrarmos horizontes futuros em que o capitalismo seja superado (a conhecida noção do realismo capitalista, de Mark Fisher, em que seria mais fácil imaginarmos o fim do mundo que o fim desse sistema). Assim, nos convidam a refletir que, contemporaneamente, somos subjetivados à construção de hábitos alimentares ruins, pouca prática de exercícios físicos e recebemos constante estímulo ao

consumo, ainda que sejamos moralmente orientados aos gestos de autocuidado e autoaprimoramento já discutidos.

Uma das chaves para a compreensão desse movimento contra-intuitivo (e também paradoxal) reside na observação do papel exercido pela indústria alimentícia, que, em busca de negócios cada vez mais lucrativos, tem desenvolvido produtos com baixíssimo valor nutricional e alto valor calórico, além da proliferação das redes de *fast-food*. Outro ator importante em jogo para a subjetivação capitalista apresentada pelos autores seria a condição na qual as relações de trabalho nos submetem: longas jornadas, pouco tempo disponível para a prática de exercícios físicos e planejamento alimentar adequado (o que nos leva ao consumo de ultraprocessados e *fast-foods*), além da já discutida produção de estados psicológicos cada vez mais adoecidos.

Assim, para os autores, as políticas públicas direcionadas ao combate e à prevenção da obesidade falham em conseguir tocar nestes importantes aspectos, precisamente pela dificuldade de percepção de tal estrutura e, ainda, pela presença de conflito de interesses com o mercado. O caminho possível apontado por eles se direcionaria para a construção de políticas orientadas pela noção de “bem-viver”, esta que se baseia em ideais de reciprocidade e solidariedade entre as pessoas (e a natureza), na tentativa de, coletivamente, vencer o imediatismo que o capitalismo tardio impõe. Ainda que nossa orientação teórica se distancie da discussão clássica em torno do capital, podemos assimilar que a ideologia do progresso (movida e mantida por esse capitalismo) moderna opera tanto para a proliferação de condições que nos levam ao *status* de obesidade (observável pelos crescentes números), quanto para a produção de noções que estigmatizam esses corpos (por ela produzidos) e ainda, para a comercialização de cura e tratamentos (mais ou menos eficientes).

A epidemia de obesidade e a obesidade enquanto doença tornam-se, assim, territórios “bem estabelecidos”, respaldados pelas instituições do Estado, do Mercado e da Ciência (Mafra, 2022). As argumentações e os cálculos que circundam a experiência dos corpos gordos enquanto adoecidos, as estatísticas, as previsões de expectativa de vida, os estudos dos custos de manutenção e tratamento da obesidade perpassam por esses três estratos relacionais e modulam o cotidiano desses indivíduos. Nesse lugar, uma instância experiencial contemporânea torna-se âmbito fundamental para a modulação das experiências cotidianas dos corpos gordos em relação à vida social: os meios de comunicação - ou mídias -, sobretudo àqueles emergentes em função do desenvolvimento da internet. Por tomarmos tal instância a partir de um gesto relacional, interessa-nos não apenas compreender seus modos de

funcionamento; voltamo-nos a tomar as relações que socialmente se constituem a partir das/nas/em função das mídias.

### **Construção do Problema e Hipóteses**

Compreender qual seria o objeto empírico de estudos dessa tese foi, sem dúvidas, o maior desafio que vivenciamos durante esses quatro anos, não por ausência de outras dificuldades, mas por sabermos que havia uma questão a ser explorada no tocante às transformações nas relações estabelecidas entre pessoas gordas em contextos midiaticizados, mas sem conseguir apreender um campo definido de análise. As inúmeras mudanças nesse objeto refletem a constante sensação de que, definido o recorte, coletados os indícios iniciais, eles não pareciam ser suficientemente reveladores do contexto estudado. E é por essa sensação que tomamos a liberdade de explicitar, anteriormente, as relações que a autora da tese possui com o campo estudado: a percepção dessas transformações e da incompletude dos objetos elencados se dava, principalmente, pela vivência cotidiana no que hoje tentamos compreender como atmosferas midiaticizadas. Claro que conceder às experiências anteriormente estudadas o caráter de “incompletas” não seria um movimento justo da nossa parte, já que cada curva percorrida nessa trajetória foi fundamental para o desenho final da tese. Ressaltamos a percepção que tínhamos em relação às propostas anteriores apenas para explicar que, até que adentrássemos em uma perspectiva atmosférica, tínhamos a impressão de que o que gostaríamos de estudar não tinha nome e, conseqüentemente, não tinha materialidade. Não nos interessava tanto a experiência de pessoa x ou y, gostaríamos de compreender como, a partir daquelas experiências, uma série de relações outras emergiam: com outras pessoas gordas, com o Mercado, com o Estado, com a Ciência, com o contemporâneo etc. Olhar para atmosferas midiaticizadas foi um gesto teórico-metodológico que nos permitiu, portanto, englobar essa série de relações, dotadas de características próprias: discursos, estéticas, técnicas que, juntas, permitem vislumbrar os efeitos que a midiaticização provocou e provoca na vida dessas pessoas.

As bases teóricas que inicialmente nos aproximaram de uma perspectiva atmosférica estão ligadas, principalmente, ao pensamento de Hans Ulrich Gumbrecht. Contudo, a virada de chave que possibilitou a construção final dessa tese estava, justamente, na potência de tomá-las como objeto de estudo e não apenas uma lente conceitual. Considerando a centralidade das contribuições de Gumbrecht (2010a) acerca do contemporâneo para a

pesquisa, nossa entrada na questão se dá, inicialmente, a partir da percepção do autor da emergência, nesse contexto, de uma atmosfera de latência.

Tal emergência parte do nosso rompimento com os ideais de progresso até então construídos pelo tempo histórico da modernidade, sobretudo frente às experiências autoritárias que atravessaram o século passado e o agravamento das mudanças climáticas. Em um cenário cujo futuro prometido e idealizado não nos parece mais acessível, nos voltamos com nostalgia para elementos do passado, ampliando a nossa percepção do presente. Nesse presente amplo, Gumbrecht (2015) observa a emergência de simultaneidades em que, dada a impossibilidade de almejar um futuro ou presentificar o passado, nos encontramos em uma espécie de “mobilização intransitiva” (Gumbrecht, 2015, p. 16), em que prevalece um clima de estagnação frente às promessas da modernidade.

Nesse contexto, Gumbrecht (2010a) percebe ainda a manifestação de um outro fenômeno: um sentimento de latência, ilustrado no contexto alemão pós 2ª Guerra, onde, ainda que os efeitos práticos dos horrores do nazismo tenham, gradualmente, se dissipado, os fatos que os originaram não deixaram de ter ocorrido. Algo em latência implicaria, para o autor, na sensação de existência desse algo, que possui uma dimensão material, mas de difícil apreensão. Não sabemos quem, onde ou o que é latente, mas sentimos seus efeitos de presença em meio a uma atmosfera (*Stimmung*) específica, nos causando sensações de desconforto que não comportam alguma justificativa conceitual.

E é esse desconforto injustificado que parece ter nos acompanhado durante a trajetória de pesquisa, possibilitando-nos um outro olhar para o fenômeno. Até então, tomávamos a noção de latência enquanto uma característica dos processos de mediação dessas experiências: pessoas gordas/com obesidade apareciam, mas algo nesse aparecer permaneceria latente (como ideais de autenticidade e autonomia, por exemplo). Nossa virada foi tomar esse clima de latências e simultaneidades, característico do contemporâneo, como o próprio fenômeno. Mais do que investigar a aparência e/ou a mediação dessas experiências, nosso interesse se volta para as dinâmicas dessas atmosferas mediadas de pessoas gordas. No capítulo 4, destrinchamos os percursos que nos levaram a perceber uma infinidade de atmosferas mediadas de pessoas gordas, não necessariamente atreladas a essa demanda por ocupação do espaço público com vistas à reconfiguração de um mundo comum, o que nos possibilitou entender que o fenômeno de nosso interesse se constituía ao redor da ideia de Movimento Corpo Livre. Em específico, portanto, a tese em questão busca responder ao seguinte problema de pesquisa:

*No contexto do Movimento Corpo Livre, como corpos gordos que aparecem em atmosferas midiáticas revelam dinâmicas organizacionais modernas no/do contemporâneo?*

Estruturamos o problema dessa forma a partir da identificação, inclusive anterior à nossa aproximação dos estudos atmosféricos, de que os processos de mediação de pessoas gordas (e acreditamos que essa perspectiva seja aplicável também para outros fenômenos, sobretudo quando tonalizados por um marcador de diferença) são inevitavelmente atravessados por dinâmicas comunicacionais presentes nas organizações modernas. Mafra (2022) compreende essas organizações enquanto derivações da tríade Estado, Mercado e Ciência, que perpetuam formas de se relacionar tonalizadas pela modernidade, ainda que esses três estratos relacionais enfrentem, contemporaneamente, uma crise de legitimidade. Nesse contexto, identifica três notas experienciais frequentemente adotadas em práticas comunicacionais no âmbito desses estratos relacionais, a saber: a emergência de tensões entre manifestações de diferenças e o progresso, a dificuldade na ampliação de horizontes comuns e a pulverização de latências.

Essas notas experienciais nos auxiliaram na compreensão de que, ainda que não se constituam enquanto organizações modernas, propriamente estruturadas, as atmosferas midiáticas parecem, em algum nível, sofrer com a presença de dinâmicas que remetem às lógicas comunicacionais adotadas no contexto dessas organizações. Partimos, portanto, em direção às atmosferas midiáticas na expectativa de vislumbrar, a partir das relações constituídas com a emergência do Movimento Corpo Livre, o estabelecimento dessas tensões organizacionais.

A perspectiva de atmosfera midiática que propomos construir ao longo da tese se aproxima da proposta de Cristiane Heibach (2024) que, ao investigar a construção de convicção em contextos de regimes totalitários, propõe pensar a capacidade de mediação de atmosferas, nesse caso, entendidas como “atmosferas tóxicas”. Para a autora, a dimensão atmosférica é cara na medida em que se aproxima da forma como apreendemos um universo socialmente compartilhado desde os primeiros anos de vida, bem como implica em um conjunto potencial de afetações corpóreas que, de modo inconsciente, podem reconfigurar e contradizer nossas convicções. Nesse sentido, a ideia de atmosferas mediadas proposta pela autora reflete o potencial que mídias, em sentido amplo, desde veículos tradicionais até plataformas de redes sociais, possuem para o estabelecimento e transformação de convicções individuais.

Além da proposta de Heibach, a noção de atmosfera midiaticizada foi encontrada em dois estudos publicados em território nacional. O termo é mencionado na dissertação de Nathasje (2021), como resultado do deslocamento que mídias e meios provocam em práticas e tensões sociais para ambientes midiaticizados, a partir do pensamento de Fausto Neto (2008, *apud* Nathasje, 2021). É citado também por Rocha e Dramali (2013) para simbolizar o profundo envolvimento que as mídias e, sobretudo, a publicidade, passam a ocupar em nossos ambientes cotidianamente. Para nós, entretanto, ao pensar na noção de atmosferas midiaticizadas, ainda que estejamos atentos ao cenário contemporâneo de profusão de tecnologias de comunicação e dispositivos interacionais, buscamos enfatizar o resultado do conjunto de relações que estabelecemos a partir dessas disposições e, mais do que isso, propor um entendimento dessas relações em uma dimensão de presença (Gumbrecht, 2010).

Diferentes estudos mobilizados por pesquisadores da comunicação (ou outros campos das humanidades) acerca dos fenômenos de emergência e circulação de sentidos em torno de pessoas gordas em contextos midiáticos contribuíram para a ampliação de nosso entendimento do fenômeno estudado. Para Vaz, Sanchotene e Santos (2018), que investigaram testemunhos de vítimas de gordofobia em canais no YouTube (inclusive o de Alexandra Gurgel), por exemplo, a noção de gordo/gordofobia possui distinções em relação ao caráter patologizante da obesidade. A partir de um levantamento sobre o volume de buscas com o termo gordofobia no Google, os autores encontram intenso crescimento de tais buscas entre os anos de 2014 e 2017 em relação aos anos de 2010-2013, e atribuem esses resultados a marcadores morais característicos do contemporâneo. Os pesquisadores (2018, p. 100) compreendem que o gordo guardaria semelhanças ao “anormal” de Foucault, “uma vez que ambos são identidades que incorporam simultaneamente norma científica, valor moral e perigo social”; porém, diferentemente do primeiro, o corpo gordo é conduzido ao estigma, precisamente por sua dimensão corpórea ou pela incapacidade de domínio da mesma.

Contudo, inseridos em um cronótopo ainda tonalizado por ideais estabelecidos na modernidade, a autenticidade emerge enquanto valor paralelo à autorresponsabilidade. Assim, ao mesmo tempo em que devemos ser capazes de controlar e aprimorar constantemente todos os âmbitos de nossa vida e, nesse caso, do corpo, precisamos também adotar uma postura de indiferença em relação ao olhar do outro, ou seja, precisamos “aceitar” quem somos. Tal movimento explicaria os imperativos de autoestima e amor próprio que preenchem o cotidiano. A curiosa faceta que advém com esse contexto reside no entendimento de gestos de superação de ocasiões de preconceito enquanto o ápice da autenticidade:

Acreditamos, portanto, que a expansão do número de relatos de vítimas de preconceito e gordofobia na mídia é resultado de tensões e ajustes entre estes dois fortes imperativos morais contemporâneos: “seja magro, seja saudável, seja desejável aos olhos dos outros” *versus* “seja quem você é, seja autêntico, não se importe com a opinião alheia” (Vaz; Sanchotene; Santos, 2018, p. 101).

O argumento desenvolvido pelos autores, a partir da análise dos vídeos, gira em torno da relação complexa que o pretense enfrentamento a estigmas se manifesta por meio dos discursos que o empoderamento promove. Ao mesmo tempo em que questionam os padrões, as youtubers reforçam ideais de autenticidade (a partir dos discursos de autoestima e amor próprio) e de expressão da autenticidade no corpo (por possuírem tatuagens que representariam a superação de situações de gordofobia). Em acréscimo, apesar de pautarem a luta contra a gordofobia enquanto um movimento de desconsideração do olhar e julgamento do outro (autenticidade), constantemente, a argumentação das criadoras de conteúdo se volta, precisamente, para a capacidade de se sentirem atraentes/belas.

Os estudos que tomam as redes sociais como espaço de investigação passam, eventualmente, de maneira mais ou menos aprofundada, pela construção individual que sujeitos passam a ter de si (ou dos outros) e que, a partir da possibilidade de aparição e compartilhamento, buscam tornar, com isso, tal construção como algo coletivo. Nesse sentido, proliferam estudos sobre os discursos que emergem nesses espaços, ora interessados nos movimentos de ativismo, *body positive* etc., ora interessados em adotar a perspectiva da obesidade enquanto patologia (questionando-a ou não). Nesse primeiro eixo, propostas como a de Nechar (2018) buscam compreender a expansão de gestos de aparecimento de corpos gordos, sobretudo femininos, nas redes sociais e nas artes enquanto uma busca por aceitação social potente e emancipatória. A dissertação de Aguiar (2020), por outro lado, se movimenta na tensão entre a compreensão da obesidade e do corpo gordo em páginas do Facebook, observando a circulação simultânea de discursos mais atrelados à militância *body positive*, à perspectiva da saúde (ligada à busca por emagrecimento e ao respaldo científico da mesma) e à produção de humor.

Pouco tempo após a apresentação da primeira versão do projeto de pesquisa na disciplina “Seminário de Tese”<sup>3</sup>, encontramos uma entrevista da pesquisadora Maria Luisa

---

<sup>3</sup> Disciplina obrigatória do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFJF, a ser cursada no terceiro período do curso de doutoramento (no segundo ano). O resultado da disciplina é a apresentação do projeto definitivo de doutorado, em versão escrita e oral, escrutinado por todas(os) as(os) professoras(es) integrantes da linha de pesquisa em questão (no caso desta tese, ocorrida no final do primeiro semestre de 2023).

(Malu) Jimenez para o portal Universa Uol (Rossi, 2022). Na manchete, a filósofa afirmava, categórica: “Obesidade não existe, o termo é gordofóbico.” Na ocasião, a declaração de Malu foi crucial para que refletíssemos sobre um possível reducionismo do fenômeno de nossa parte. À época, nos interessava ainda a produção de sentidos em torno da obesidade a partir da comunicação do Ministério da Saúde e, após essa reflexão (mas não exclusivamente por isso), passamos a expandir o problema, como narramos no início desta apresentação.

Pesquisando mais a fundo sobre Malu (cuja presença nas atmosferas midiáticas do Movimento Corpo Livre é mencionada no capítulo 5), descobrimos seu grupo de estudos “Pesquisa Gorda” e nele a realização do primeiro congresso voltado diretamente para o estudo da temática no ano de 2022. A pesquisadora vem, desde sua tese, se aprofundando nos estudos do corpo gordo e nas implicações/possibilidades/limitações e desafios que pessoas (sobretudo mulheres) gordas enfrentam no ambiente acadêmico/científico. Apresenta então, junto de alguns pares (Jimenez, 2022; Raposo, 2022), algumas tentativas de pensar epistemologicamente esse corpo, centradas nas suas próprias experiências. Em acórdância com os estudos decoloniais/dissidentes, a construção de uma “filosofia gorda”, de uma “epistemologia engordurada” ou, ainda, de “gordescritas” vai tomar a escrita acadêmica enquanto gesto de potência revolucionária de enfrentamento à gordofobia e ao próprio sistema capitalista/colonial.

No caso de nossa pesquisa, tentamos construir um caminho diferente do de Malu, ainda que os lugares de partida sejam muito semelhantes. Apesar de considerar o papel central do pesquisador no fluir da pesquisa como um dado caro para nós, tínhamos receio de seguir em uma perspectiva orientada a partir desse ponto de vista, uma vez que o fenômeno específico que pretendíamos investigar era dotado de um caráter relativamente volátil. Em termos muito sinceros, nos questionamos, incansavelmente, se havia, de fato, a possibilidade de estudar esse “algo” ou se se tratava de uma percepção muito particular de quem conduz a pesquisa. A perspectiva atmosférica que propomos nos permitiu deslocar (sem desconsiderar) de um ponto de vista individual para a apreensão de uma movimentação coletiva em transformação.

No intuito de responder ao problema proposto, portanto, construímos três hipóteses que configuravam nossas apostas na definição, tanto do que estávamos chamando de atmosferas midiáticas, quanto das características das dinâmicas organizacionais modernas nesse contexto. Nossa primeira hipótese era de que as atmosferas midiáticas são resultantes de dispositivos interacionais e são detonadas a partir de uma tensão entre espaços de experiência e horizontes de expectativas. Isso significa dizer que a produção de atmosferas

mediatizadas demanda, antes de qualquer coisa, uma materialidade comunicacional que possibilite o estabelecimento de dispositivos interacionais. É a possibilidade do gesto de publicização, detonado pelo dispositivo interacional (Braga, 2017), que permite a composição dessas relações. Mais do que isso, propomos pensar atmosferas a partir da tensão entre as categorias de Koselleck (2006) - espaço de experiência e horizonte de expectativa -, na tentativa de elucidar como as formas como nos relacionamos com nosso próprio tempo viabilizam tanto as materialidades que possibilitam essas relações, como as próprias compreensões produzidas a partir delas.

Nossa segunda aposta se aprofunda no conjunto de forças exercido contemporaneamente sobre tais atmosferas. Dessa forma, propomos entender que a mediação que emerge nos contextos contemporâneos produz atmosferas a partir de uma intensificação da relação ser humano-máquina. De maneira mais específica, para nós, a produção de efeitos de presença a partir de nosso contato com o fruto do desenvolvimento tecnológico (progresso) insere a produção de atmosferas numa relação tonalizada pelas tensões que o próprio progresso parece impor/demandar em contextos mediatizados contemporâneos.

Por fim, a última hipótese se conecta de modo mais explícito ao objeto de estudos proposto, ao apostarmos que atmosferas mediatizadas contemporâneas são atravessadas por tensões entre a aparência pública de diferenças e as tentativas de atualização da relação ser humano-máquina por dinâmicas organizacionais modernas. Acreditamos que, em contextos de aparência de diferenças, como aqueles provocados pela emergência do Movimento Corpo Livre, são exercidos movimentos tentativos de atualização dessa aparência, com vistas, sobretudo, à pasteurização dessas diferenças e à supressão de conflitos. Nossa aposta se constitui a partir de uma intuição de que a materialidade que primeiro viabiliza a emergência de tais atmosferas é, inerentemente, aliada a ideais do progresso e, portanto, impõe, a esses sujeitos, uma certa “vontade do organizado” - noção cara a esta tese desenvolvida por Baldissera (2022) - na ocasião própria dessa emergência.

Em consonância com as hipóteses elaboradas, constitui-se, como objetivo geral da pesquisa, compreender a aparência de corpos gordos em atmosferas mediatizadas no/do contemporâneo, no contexto do Movimento Corpo Livre, objetivo este que se destrincha em seis objetivos específicos:

- Investigar a produção de atmosferas mediatizadas a partir de uma tensão entre espaços de experiências e horizontes de expectativa;

- Caracterizar as atmosferas midiaticizadas no contemporâneo como fenômenos comunicacionais que emergem a partir de uma intensificação da relação ser humano-máquina;
- Caracterizar as atmosferas midiaticizadas no contemporâneo pela verificação de tensões entre a aparência pública de diferenças e tentativas de atualização da relação ser humano-máquina por dinâmicas organizacionais modernas;
- Elaborar um caminho metodológico capaz de compreender o fenômeno comunicacional das atmosferas midiaticizadas contemporâneas em relação ao Movimento Corpo Livre.
- Examinar como corpos gordos aparecem em atmosferas midiaticizadas a partir da constituição da ideia de Movimento Corpo Livre
- Examinar como tais atmosferas são afetadas por dinâmicas organizacionais modernas, sobretudo a partir da pandemia de covid-19.

Se atentar para as formas como, ao longo da última década, pessoas gordas vêm pautando suas experiências em público nos permite complexificar e sensibilizar o olhar para um grupo sobre o qual são exercidas distintas forças vulnerabilizantes. Nesse sentido, torna-se importante questionar em que medida esse próprio gesto, tomado originalmente em busca de acolhimento, aceitação, empoderamento ou construção de comunidades, potencializa, transforma ou desmantela esse conjunto de vidas. Dessa forma, sob um ponto de vista social, nossa pesquisa se justifica pela possibilidade de tentar compreender, no fim das contas, o que a midiaticização parece ter feito (e continua fazendo) com esses corpos e, a partir disso, promover deslocamentos que possam contribuir para a construção de um minimamente mais gentil e hospitaleiro frente a essas experiências.

Pensando sob o ponto de vista do campo da comunicação, tentar apreender esse conjunto de relações a partir da ideia de atmosferas midiaticizadas é gesto que pode auxiliar na percepção de outros contextos de pesquisa potentes, mas de difusa apreensão. Nesse lugar, ao tentarmos dar conta de compreender a midiaticização a partir de um viés atmosférico, acreditamos que a proposta justifica-se ao ampliar os saberes do campo para um conceito intensamente investigado. Para além disso, investigar um objeto de natureza volátil, tanto em sua constituição quanto na perpetuação de sua própria história – na medida em que o mesmo se mantém refém de disposições algorítmicas e decisões individuais dos próprios usuários (que constantemente reconfiguram suas imagens nas plataformas, ocultando ou excluindo conteúdos) – é um exercício que colabora com a linha de pesquisa “Redes, Linguagens,

Memórias”. Tentar apreender os fragmentos que, com o passar dos anos, são soterrados por novas redes, formatos e tendências, para além de um gesto de compreensão do objeto investigado em si, é movimento epistêmico que permite refletir sobre as possibilidades para o próprio campo da comunicação, este que, não raro, se vê confrontado com a celeridade em que fenômenos se acumulam, são investigados e publicados.

Considerando, portanto, as formas como esta pesquisa se insere em nosso campo de estudos, organizamos a primeira seção desta tese, “Atmosferas, Diferença e Contemporâneo”, em três capítulos, a fim de aprofundarmos no universo teórico que fundamenta a perspectiva atmosférica por nós adotada. No primeiro capítulo, “Atmosferas midiaticizadas e sua relação com a historicidade das formas comunicacionais”, investimos em um percurso de inspiração historiográfica a fim de apreender a própria midiaticização como fruto de tensões entre as categorias do pensamento de Koselleck (2006) e, a partir desse movimento, entender como podem ser disparadas sensações que afetam o corpo e ultrapassam a dimensão do sentido, produzindo atmosferas midiaticizadas.

O segundo capítulo, “Tensões comunicacionais contemporâneas: dispositivos da modernidade enquanto produtores de atmosferas midiaticizadas”, por sua vez, parte da compreensão proposta no capítulo anterior para especificar as dinâmicas que o contemporâneo (Gumbrecht, 2015) passa a conferir a essas atmosferas midiaticizadas. Sob essa ótica, compreendemos o contemporâneo como um conglomerado de reconfigurações de nossa percepção e experimentação do tempo, fortemente influenciado por ideais estabelecidos na modernidade, estes que, apesar de frustrados, seguem produzindo e orientando a vida a partir da ideia de progresso. Além disso, em consonância com a perspectiva de Agamben (2009), tomamos o contemporâneo como um tempo de profusão de dispositivos e consequente profusão de processos tentativos de dessubjetivação e captura.

No terceiro capítulo, “Atmosferas midiaticizadas no/do contemporâneo: tensões entre diferenças e dinâmicas organizacionais modernas”, nos atentamos para as formas como experiências de vida atravessadas por um marcador de diferença tentam acessar esse cenário, em uma perspectiva arendtiana, em busca de reconhecimento da própria existência. Entretanto, uma vez que tal aparência, não raro, vai de encontro ao conjunto de ideais modernos que estruturam essa própria possibilidade de aparência, argumentamos que tais experiências passam a ser afetadas por novas tentativas de captura pelo progresso, mesmo que gestos de sobrevivência e resistência ainda possam ser acionados.

A segunda seção, “Atmosferas Midiaticizadas do Movimento Corpo Livre: emergências, controvérsias e atravessamentos organizacionais”, aglutina os três capítulos restantes, a saber,

o primeiro de cunho metodológico e os outros dois analíticos. Nossa pesquisa se constrói como um estudo de caso a partir de um caminho metodológico indiciário (Braga, 2008), a fim de tentar apreender empiricamente um fenômeno cujos contornos não poderiam estar mais difusos. No quarto capítulo, apresentamos as bases teóricas que nos ancoraram durante o processo de coleta e análise de dados, bem como as etapas e os procedimentos realizados. Compreendemos os indícios por nós coletados enquanto materialidades da comunicação (Gumbrecht, 2010b), a partir de uma preocupação em atentar-se para a oscilação entre efeitos de sentido e efeitos de presença (Gumbrecht, 2010a) presente nos fenômenos comunicacionais. A partir da orientação de Gumbrecht (2014) que nos convida, quando na ocasião de tentar ler atmosferas, guiar-se mais por um pensamento contraintuitivo do que por um método meticulosamente articulado, construímos o *corpus* de análise da tese a partir de um levantamento de 486 indícios iniciais encontrados em 17 *hashtags* no Instagram, dos quais foram selecionados 17 indícios intermediários, ainda na plataforma, destes que, por sua vez, derivaram em outros 34 indícios, dessa vez incluindo portais de notícias e publicações no YouTube, Facebook e X. Ao final, foram analisados 45 indícios finais, publicados entre 2016 e 2025, em uma pluralidade de formatos, mas que têm, como critério metodológico comum (devidamente aprofundados e justificados no quarto capítulo) a contribuição para a percepção de um fenômeno coletivo em torno do Movimento Corpo Livre e suas decorrentes transformações nos últimos anos.

A análise construída nos dois capítulos de cunho analítico segue, portanto, a proposta indiciária (Braga, 2008) e se vale da triangulação entre o problema de pesquisa, as lógicas do fenômeno investigado e o conhecimento disponível para a produção de inferências, estas últimas que, ainda que não dêem conta de produzir saberes generalizantes e leis universais, podem, a partir do universo micro do estudo de caso, oferecer pistas para a compreensão de cenários em maior escala. No quinto capítulo, “Circulação e disputa em atmosferas midiáticas do/no Movimento Corpo Livre: historicidades e emergências de dinâmicas organizacionais”, realizamos um movimento inicial de tentar constatar, a partir dos indícios levantados, a percepção de diferentes indivíduos acerca de uma conformação, por nós entendida, como de cunho atmosférico. Exploramos, nesse lugar, os primeiros gestos de emergência, algumas aparentes reverberações no cotidiano de diferentes pessoas, bem como as críticas estabelecidas por pessoas que circulam em meio a tais atmosferas. Como resultado, percebemos, principalmente, um tônus organizacional que, compreendido como resultante de uma vontade do organizado (Baldissera 2022), parece permear essas atmosferas desde a sua gênese e contribuir para o estabelecimento de diferentes tensões.

O último capítulo, “Emagrecimento, controvérsia e intensificações organizacionais: transformações em atmosferas midiáticas do/no Movimento Corpo Livre”, parte do diagnóstico do capítulo anterior e toma a pandemia de covid-19 como um corte que parece reconfigurar as dinâmicas de tais atmosferas. Investigamos, de modo mais específico, as afetações promovidas por esse período de afastamento, as formas como os conseguintes processos de emagrecimento protagonizados por figuras importantes para essas atmosferas são elaborados e apreendidos para, por fim, observar uma nova tendência a processos de vulnerabilização de pessoas gordas em ambientes midiáticos. Constatamos, de modo geral, um cenário em que a promessa de liberdade inicialmente proposta pelas possibilidades de mediação culminou, no contexto das atmosferas que circundam a ideia de Movimento Corpo Livre, em novos processos de estratificação dessa experiência, que culminam na manifestação de disposições experienciais características do contemporâneo: simultaneidade, latência e estagnação (Gumbrecht, 2015; Mafra, 2022).

Por fim, sintetizamos os resultados da pesquisa nas Considerações Finais da tese, a partir de três eixos: metodológico, conceitual e analítico. O primeiro implica no entendimento de atmosferas midiáticas como um contexto de estudo possível para fenômenos com caráter semelhante ao contexto por nós investigado. Conceitualmente, destacamos a constatação de um papel central desempenhado pelo fenômeno organizacional, que supera, inclusive, aqueles vislumbrados na hipótese. Propomos, a partir da investigação conduzida, compreender o organizacional como uma categoria comunicacional e epistemológica que opera como uma espécie de vetor para a própria mediação. Por fim, sob o viés analítico, compreendemos que, no contemporâneo, experiências públicas caracterizadas por um elemento de diferença só conseguem promover espaços tentativos de ampliação de horizontes comuns a partir de algumas concessões ao progresso. O fruto dessa percepção é a constatação de um cenário mediático em ruínas para a diferença de corpos gordos no contemporâneo, no caso das atmosferas midiáticas do Movimento Corpo Livre, marcado, simultaneamente, por um forte esgarçamento das possibilidades de existência desses corpos e por uma certa melancolia que, apesar de tudo, ainda provoca novas movimentações.

## **SEÇÃO 1: ATMOSFERAS MIDIATIZADAS, DIFERENÇA E CONTEMPORÂNEO**

### **1 CAPÍTULO 1: ATMOSFERAS MIDIATIZADAS E SUA RELAÇÃO COM A HISTORICIDADE DAS FORMAS COMUNICACIONAIS**

Este capítulo tem como um de seus objetivos discutir nossa entrada teórica na investigação das tensões que emergem a partir do surgimento do Movimento Corpo Livre, tendo como referência a noção de atmosferas midiáticas. Nesse sentido, a fim de apresentar um desenho inicial deste conceito, nos dedicamos a compreendê-las a partir da tensão entre espaço de experiência e horizonte de expectativa, conforme a perspectiva proposta pelo historiador alemão Reinhart Koselleck (2006). À luz disso, torna-se necessário o posicionamento do fenômeno da mediação a partir da lente das historicidades das formas comunicacionais, a fim de investigar as implicações que as transformações nas formas de experimentação do mundo pelas/por meio das/nas mídias (a partir da invenção da imprensa, como propõe Gumbrecht (2010b)) provocam nos espaços de experiência.

Esse exercício aproximativo, nesse contexto, surge como uma necessidade a partir da identificação, ainda em um momento preliminar da pesquisa de campo, da centralidade que a dimensão material da comunicação exerce no objeto investigado. Até então, nossos esforços de pesquisa se voltavam, majoritariamente, para a compreensão de manifestações contemporâneas da mediação, conforme explicitamos na apresentação desta tese. Nessa abordagem, de maneira geral, tomamos a mediação enquanto um conjunto de fenômenos midiáticos, marcados, sobretudo, pelo acionamento tentativo e criativo comunicacional a partir da possibilidade de acesso a instrumentos tecnológicos comunicacionais.

Em nosso campo, o debate acerca de conceituações como recepção, meios, mediação, mediação etc. é dotado de longo lastro em correntes teóricas distintas e não é o nosso intuito aprofundar em cada uma delas. De maneira geral, destacamos a trajetória dos Estudos Culturais enquanto centrais para o desenvolvimento do pensamento comunicacional latinoamericano (a partir de autores como Muniz Sodré e Martín-Barbero), em que “a cultura na sociedade mediática tem na comunicação um elemento estruturante; não na perspectiva de um agendamento cego de pautas sociais, mas como dimensão contemporânea da esfera pública” (Barros, 2012, p.85), de tal forma que a mediação passa a integrar a estrutura social contemporânea, nos inserindo em uma “cultura mediática”. Nessa perspectiva, a noção de mediação apareceria mais conectada às possibilidades de sociabilidade inseridas

em uma lógica midiática, enquanto a noção de mediação teria como elemento fundante prévio o olhar para os sentidos das interações sociais por intermédio (ou não) da mídia.

Observa-se, por outro lado, na perspectiva germânica, uma noção de *medium* intrinsecamente desenvolvida a partir da relação aristotélica entre meio e forma, transposta comunicacionalmente a partir de Heidegger. Bastos (2012) explicita a compreensão do *medium* para Heidegger enquanto um conjunto de elementos destituídos de configuração fixa, mas que se enrijecem frente à aplicação de alguma força, tomando forma. Consequentemente, o caráter intangível do *medium* impossibilitaria sua concepção enquanto objeto de estudo da comunicação, que toma a televisão ou o rádio, por exemplo, como modulações que permitem a observação da manifestação das formas. Com o intuito de encontrar uma noção de media mais abstrata, que permitisse olhar para além dos meios de comunicação de massa, ela passa a ser entendida enquanto o elemento que possibilita a existência dos mesmos, bem como da própria esfera pública. Nesse sentido, a noção de mediação estaria ligada ao movimento de tradução, aos efeitos daquilo que é mediado pelos media, enquanto a midiatização evidenciaria a dinamicidade, simultaneamente transcendendo e incluindo os efeitos dos meios de comunicação, consequentemente a própria mediação.

No âmbito do Grupo de Pesquisa em Discursos e Estéticas da Diferença - DIZ, as pesquisas majoritariamente adotam a perspectiva do pesquisador brasileiro José Luiz Braga (2019, 2017, 2012) e destacam, sobretudo, seu caráter de circulação. Para o autor, os processos de midiatização se manifestam em circuitos que favorecem o entrecruzamento complexo de campos que, até então, não se aproximavam, por intermédio de distintos códigos e lógicas operando em conjunto, de modo tentativo. Esse caráter tentativo é evidente para Braga (2017), simultaneamente pela imprecisão dos processos comunicacionais e sua previsibilidade: ainda que não tenhamos como saber exatamente os resultados de uma interação, conseguimos construir inferências de seus prováveis resultados, modulando as formas como nos comunicamos frente ao objetivo que buscamos em determinada situação enunciativa (e, consequentemente, avaliando o resultado desse processo, gradualmente estabelecendo bases de comportamento a serem adotadas em distintos contextos).

Tal dimensão, contudo, não se limita apenas aos participantes de uma interação, mas os próprios processos comunicacionais são compreendidos também como tentativos, de forma que, para Braga (2017), socialmente estabelecemos uma série de dispositivos interacionais, que agregariam, simultaneamente, os “códigos” compartilhados e as inferências desenvolvidas, necessárias para a realização da comunicação. Esse conjunto de inferências configuraria, na proposta do autor, o cerne da atividade comunicacional, que se constrói a

partir do acionamento mútuo, complexo e criativo de inferências (consensuais ou não), de forma que, a partir do aperfeiçoamento das táticas inferenciais, são estabelecidos códigos que facilitam comunicações complexas. Esse conjunto de modelos reconhecíveis, ou táticas-padrão potencialmente acionáveis em diferentes contextos, constitui os dispositivos interacionais: “Um dispositivo interacional é um modelo desenvolvido pela prática experimental (tentativas) que conta com uma articulação mais ou menos definida de processos “de código” e de espaços não codificados solicitadores da inferência dos participantes” (Braga, 2017, p. 34).

Nesse sentido, em um contemporâneo atravessado pela proliferação de possibilidades de comunicação, observamos, também, uma profusão de dispositivos interacionais: cotidianamente (re)inventamos novas táticas que, eventualmente, culminam em novos padrões acionados em episódios interacionais (que operam como o próprio dispositivo em si). Nesse cenário, Braga (2012) nos convida a pensar a comunicação a partir do deslocamento do interesse, no campo da pesquisa, para o “comunicativo”, considerando tanto essa ampliação do acesso a ações comunicativas midiaticizadas, quanto a presença experimental de pessoas comuns a práticas tradicionalmente disponíveis apenas para a indústria cultural.

Contudo, a midiaticização não passa a ser entendida enquanto uma espécie de expansão da indústria cultural, ou ainda, como as tecnologias que hoje possibilitam a ampliação das possibilidades de comunicação, ainda que tais elementos ocupem indiscutíveis papéis para esse cenário. A reorientação do olhar que Braga (2012) propõe é entender que o cerne comunicacional está, precisamente, na produção de inferências, leia-se, no caráter inventivo interacional que socialmente estabelecemos, que por sua vez vai fomentar o desenvolvimento de novas tecnologias que supram essa demanda.

É com o intuito de abranger o conjunto de práticas de interação, a reflexão sobre essas práticas adotadas por diferentes áreas e setores da sociedade umas com as outras, os interesses, perspectivas e inventividades que atravessam esses processos, que Braga (2012) aciona o conceito de midiaticização. Em específico, propõe compreendê-la a partir da noção de um sistema de circulação interacional, ressaltando as formas como os sentidos e estímulos midiaticamente produzidos se movimentam socialmente, para além de uma ideia de “ponto de partida” e “ponto de chegada” (emissão e recepção). Por conseguinte, diferentes esferas passam a afetar umas às outras, mutuamente, uma vez que nos fazemos presentes em distintas mídias simultaneamente, rompendo com determinadas “zonas de fidelização” (Braga 2012, p. 39), em um fluxo contínuo de resposta.

No contexto desta tese, por exemplo, compreendemos que a emergência do Movimento Corpo Livre só é possível a partir desse caráter de circulação da midiatização. Claro, podemos retomar o surgimento do movimento *Body Positive* nos Estados Unidos a partir da década de 1960, contudo, o que argumentamos e que se torna crucial para a apreensão desse fenômeno enquanto uma atmosfera *midiatizada* é o entendimento de que as características que motivam e orientam o surgimento e fomentam o debate acerca do Movimento Corpo Livre no Brasil, no fim dos anos 2010, são fortemente atravessadas por um rompimento com as expectativas acerca de quem fala sobre/para o corpo gordo. Se, até então, o universo de nutricionistas, médicos, *coachs* de emagrecimento, profissionais da Educação Física pautava o debate sobre esses corpos, com eventuais e tímidas contraposições, é a partir da ampliação das possibilidades de midiatização que um pequeno grupo de pessoas gordas toma para si o protagonismo e organiza o debate (de maneira mais ou menos consciente/estratégica) sob uma perspectiva de acolhimento, validação da experiência e enfrentamento a determinados estigmas.

O recorte escolhido para o desenvolvimento desta tese (2016-2025) nos permitiu, contudo, perceber uma demanda por uma lente de caráter historiográfico para a apreensão da complexidade do que se manifestava nos resultados preliminares de análise. Em um relativamente curto intervalo de tempo, o papel que as transformações nas dinâmicas materialmente disponíveis por plataformas como Instagram e YouTube se tornou central para entender motivações, empecilhos, desafios e resistências que passam a compor essas atmosferas midiatizadas.

Com o intuito de destrinchar este caráter, o capítulo é organizado em três tópicos, além dessa introdução. Em um primeiro momento, nos aprofundamos na abordagem de Friederich Kittler (2013), em específico, no que tange sua perspectiva estético-historiográfica da midiatização, com vistas a compreender o papel e as transformações nas formas como nos relacionamos com as máquinas interacionais, ao longo do tempo. Em seguida, buscamos, a partir das teorias de Reinhart Koselleck (2006), argumentar que o fenômeno da midiatização pode ser lido enquanto fruto das tensões entre espaços de experiência e horizontes de expectativas, que orientam e possibilitam transformações nas formas como passamos a nos comunicar em cada contexto histórico. Por fim, sobretudo a partir da perspectiva de Hans Ulrich Gumbrecht (2014, 2010a), propomos uma aproximação do conceito heurístico de atmosfera, na tentativa de compreendê-lo como um dos frutos dos processos de midiatização, que passam a possibilitar a emergência de sensações na oscilação entre efeitos de presença e efeitos de sentido.

### 1.1 Friedrich Kittler e midiatização: por uma noção de atmosfera midiatizada

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, em distintos momentos, a midiatização, ao mesmo tempo que era compreendida enquanto um dado óbvio (uma vez que nossa entrada no problema se dá, precisamente, a partir dela), por vezes parecia deslocada das experiências investigadas. O que posteriormente passamos a entender é que, tomá-la apenas enquanto essa dinâmica que possibilita a emergência de manifestações que atravessam distintos campos sociais, rompendo com as expectativas de autorização de fala, embora crucial e relevante, não parecia destacar um elemento que a pesquisa de campo constantemente assinalava: o papel que os algoritmos de plataformas como o Instagram desempenhavam nesses cenários ao longo do tempo.

Motivados pelo interesse de nos aprofundar neste aspecto que é tomado, contemporaneamente, como uma espécie de entidade dotada de vontades e interesses próprios e reconhecendo (humildemente) que nosso papel, nessa pesquisa, é menos o de acessar um entendimento complexo de áreas da computação e tecnologia, mas sim de situar esse elemento central, a partir das lentes da midiatização, propomos retomar e posicionar a perspectiva de Kittler (2013). Nos é caro, neste cenário, a possibilidade de trazer ao debate a dimensão da própria materialidade que culmina, contemporaneamente, na existência desses algoritmos e nossas interações por meio/apesar dele, mas que atravessa, de distintas formas, toda a historicidade do conceito de midiatização.

Pautar a midiatização a partir das lentes da materialidade, nesse horizonte específico, implica voltar nossa atenção para o entendimento de que um determinado texto manifesto em jornais, livros ou telenovelas experienciam distintas possibilidades interacionais e se constituem de maneiras distintas a partir disso, conforme Cardoso Filho (2012). Dessa forma, para teóricos interessados no campo das materialidades, como Kittler e Gumbrecht, a ideia de *medium* está ligada a essa necessidade material, anterior à ideia de mídia como uma instituição, que possibilita novas formas de estar junto, a depender do modo como se configura em cada período histórico.

Muller e Felinto (2008), com o objetivo de explicitar os movimentos que circundam a noção de mídia no ocidente, se valem de quatro recortes temporais específicos (o surgimento do alfabeto grego, a invenção da imprensa, o surgimento de mídias elétricas e o surgimento de mídias digitais), para organizar três grandes sistemas midiáticos culturais que nos auxiliam a

explorar historicamente o conceito. O primeiro, sistema simbólico, ganha contornos a partir de formas de comunicação por técnicas primeiras e passa por um primeiro momento de ruptura a partir do surgimento da escrita (e, para alguns autores, a partir da instauração do alfabeto grego).

Posteriormente, este sistema passa por uma segunda ruptura, marcada pela invenção da imprensa e ampliação das possibilidades de acesso a livros, que complexifica os processos de mediação, de tal sorte que a comunicação vai, gradativamente, se inserindo no que Kittler denomina como *Aufschreibesysteme*, ou sistema de notação, em que articulam-se mídias, sujeitos e discursos sociais. Com a invenção de tecnologias como o telefone, o gramofone, a fotografia e o cinema, ao final do século XIX, emerge um outro sistema, analógico, acelerando e complexificando a transmissão e o registro de informações. Por fim, enquanto ainda nos inseríamos neste sistema fortemente caracterizado pela mediação de aparelhos cujo funcionamento nem sempre compreendíamos, migramos para o sistema virtual.

No sistema virtual, a presença do computador passa a sintetizar as dinâmicas de todos os sistemas anteriores, a partir de uma série de códigos numéricos, transformando e ampliando, mais uma vez, as formas de armazenamento e transmissão de informações, e estabelece, a partir da interconexão desses equipamentos, uma rede mundial de computadores - a internet. Nesse contexto, Muller e Felinto (2008) argumentam que o processo de mediação se torna cada vez menos sensível, de modo que as linhas entre realidade, linguagem e gravação nos sistemas analógico e simbólico ainda conseguiam ser percebidas e interpretadas em contraposição às disposições numéricas, invisíveis e abstratas que o compõem.

Nesse sentido, a proposta de Kittler (2013), na tentativa de explicitar o impacto de diferentes mídias em diferentes ambientes histórico-culturais, nos permite tensionar o papel desempenhado por essa dimensão material em cenários midiáticos contemporâneos. Tomar a centralidade nos elementos constitutivos das materialidades da comunicação permite, para Telles (2020), a compreensão da própria capacidade de, não apenas viabilizar determinado texto, mas de orientar a forma como o produzimos.

O autor, ao retomar a obra de Kittler, apresenta o conceito de mídia enquanto resultado da congregação das funções de processamento, armazenamento e transmissão e pontua que, ao longo de sua trajetória, a investigação daquilo que possibilita/viabiliza a existência de um texto recebe maior interesse que tentativas de interpretação de suas representações, reflexões e/ou críticas. Como consequência desse movimento, o pensamento de Kittler propõe compreender as formas como, a partir da disponibilidade material das mídias, o universo do

comunicável (visível e/ou enunciável) é ofertado de diferentes formas, uma vez que a própria materialidade nos permite acessar a possibilidade de percepção - uma nova mídia, por exemplo, transforma os contornos daquilo que conseguimos perceber. Apesar disso, seríamos incapazes de apreender a totalidade de um ambiente medial graças a uma ausência de proficiência técnica a respeito dos modos como se dá, materialmente, seu funcionamento.

Em maior profundidade, o argumento de Kittler (2013), ao pautar a forma como as linguagens de programação se estabelecem, nos orienta a pensar que as máquinas não apenas mediam as formas como nos comunicamos contemporaneamente, mas provocam em nós uma reconfiguração cognitiva e corporal ampla a partir dessa materialidade. Nesse contexto, noções como “interface do usuário”, “usabilidade amigável”, expressas, por exemplo, no surgimento de programas como *Microsoft Word*, tolheriam o potencial acesso, uso e integração do humano com a máquina. Como consequência, conforme nosso esforço para acessar e compreender linguagens de programação diminui, maior é a lacuna entre nós e o entendimento de que uma série de componentes físicos, aglutinados na ideia de *hardware*, opera na produção do que é desejado, bem como das condições que possibilitam essa produção.

Conforme essas lacunas se ampliam, amplia-se também a dificuldade de perceber que a ideia de um *software* amigável, de fácil utilização pelo usuário, pressupõe e estabelece a criação desse usuário que, contudo, não deve perceber-se como fruto da série de relações (que, para nós, são da ordem de instituições como o Estado, o Mercado e a Ciência, conforme destrinchado no terceiro capítulo) que culminam em sua criação. O gesto de ofuscar as incontáveis tarefas que operam, por exemplo, enquanto escrevo esta tese no *Google Docs*, colabora, em última análise, como mais uma das formas pelas quais a modernidade presentifica ideais de individualidade: temos a impressão de que apenas uma coisa acontece (eu escrevo) e que essa escrita acontece apenas a partir da minha ação criativo-mecânica de digitar.

Kittler (2013) evidencia essas relações com a criação do *protected mode* inserido em microprocessadores da Intel, a partir do início da década de 1980. A ideia é que esse modo protegeria o sistema operacional dos próprios usuários, impossibilitando o acesso a determinadas instruções, registros, etc. Nesse sentido, o que se desenha é que, a partir de uma série de privilégios e proibições, o *protected mode* atua na camuflagem do caráter industrial/militar presente nessas tecnologias, operando, consequentemente, para a manutenção de determinadas estruturas de poder. Essas estruturas, contudo, não são estáticas

e, apesar de se apresentarem enquanto condições absolutas, tais níveis de privilégio possuem margem para outras reconfigurações, ainda que sejam omitidas de seus usuários.

Nesse cenário, o autor retoma a questão da escrita em cenários digitalizados a fim de evidenciar como cada vez mais ela se desassocia do ato de escrever, de tal forma que, se anteriormente a configuração de processadores passava pela construção de vários metros quadrados de papel milimetrado, posteriormente o próprio desenvolvimento de microprocessadores é atravessado pelo computador. O que Kittler (2013) argumenta é que, a partir do desenvolvimento dos computadores, tornou-se necessário o desenvolvimento simultâneo de linguagens que tentariam tornar tais máquinas legíveis aos humanos. Em contraposição, por exemplo, à língua portuguesa, em que somos capazes de falar sobre ela em português, no contexto das linguagens de programação, emergem uma série de operações que ocorrem fora do âmbito da nossa linguagem e que ultrapassam os limites da sensibilidade humana. A consequência desse ponto de vista é entender que a ideia que possuímos de *software* só existe a partir da necessidade humana de acesso a essas máquinas. Em última análise, cada instância de ação pode ser reduzida às funções elementares gravadas em silício nos microprocessadores e “se significados são reduzidos a orações, orações, a palavras, e palavras, a letras, então o *software* não existe” (Kittler, 2013, p. 223).

O conjunto de interfaces amigáveis que compreendemos como *software* é, para o autor, a concretização de nosso afastamento dos elementos basilares que permitem o estabelecimento da relação humano/máquina. Kittler argumenta que as potencialidades e os limites das máquinas advêm, portanto, não a partir do estabelecimento das estruturas de acesso do *software*, mas do elemento anterior, à materialidade do *hardware*. E, uma vez que conseguimos compreender a não existência de maneira descontextualizada da percepção humana do *software*, conseguimos, no contexto desta tese, produzir algumas inferências.

Para nós, o exercício historiográfico de Kittler oferece pistas para compreender as distintas formas como construímos nossas relações em contextos mediatizados. Se, inicialmente, nos sistemas simbólico e analógico, tais relações eram estabelecidas em uma perspectiva sensorial, através da fala, da visão e, conforme argumentamos posteriormente, de uma dimensão tátil de afetação dos corpos, a partir do estabelecimento de um sistema digital, para além da convergência desse conjunto de sensações, emerge um tipo outro de relação que escapa aos sentidos. Contemporaneamente, a materialidade da comunicação perpassa, quase ironicamente, por uma dimensão “imaterial”: o *software* que permeia, protege, permite ou proíbe diferentes níveis de contato com a dimensão material, composta a partir de uma série

de pulsos elétricos imperceptíveis a nós. Em paralelo, vemos emergir, cada vez mais, a percepção coletiva em contextos midiáticos do atravessamento de uma disposição algorítmica das relações que parece operar na mesma lógica do *software*. Discursivamente propostos pelas grandes organizações de tecnologia, os “algoritmos” em redes sociais, plataformas de conteúdo e buscadores, operariam para a entrega de informações que o usuário “deseja” ter acesso, a partir de uma infinidade de cálculos (cada vez menos acessíveis a esse usuário). Contudo, podemos inferir que, em última instância, “não existe algoritmo”, mas uma série de estruturas de poder que visam atender às demandas do Estado, do Mercado e da Ciência, minimizando a autonomia e o entendimento dos usuários sobre as plataformas em que se inserem, plataformas essas que são também interfaces amigáveis estabelecidas com o mesmo objetivo: atender a “um comércio bilionário baseado num dos elementos mais baratos da terra” (Kittler, 2013, p. 227).

## **1.2 Midiatização a partir de um espaço de experiência e horizonte de expectativa moderno**

Apesar do exemplo supracitado estar conectado visceralmente ao cenário contemporâneo (intensificado, sobretudo, a partir da pandemia de covid-19), nosso intuito, neste capítulo, é desenhar um panorama inicial que nos permita compreender que, a partir das formas como nos relacionamos com as mídias, em um recorte amplo, parece emergir um conjunto de sensações que ultrapassam a dimensão da produção de sentido, por nós apreendidas na noção de atmosferas midiáticas. Nesse sentido, argumentamos que o desenvolvimento tecnológico que culmina no estabelecimento de distintas possibilidades de comunicação e que, conseqüentemente, tonaliza de diferentes formas esse conjunto de sensações, está relacionado às nossas possibilidades coletivas de compreensão de passados e projeções de futuros. De maneira específica, nos valem das categorias de investigação propostas por Reinhart Koselleck em “Futuro Passado” (2006), quais sejam, “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”, a fim de compreender, sob a ótica da temporalidade, como as tensões que se estabelecem entre essas duas instâncias operam para a emergência de atmosferas.

O historiador alemão aciona os dois conceitos enquanto categorias históricas, principalmente, para a compreensão do recorte temporal da modernidade. No próximo capítulo, adentraremos em maior profundidade acerca das implicações de seu diagnóstico para

os contextos contemporâneos, mas, neste primeiro momento, nos limitamos apenas a entender como os conceitos nos auxiliam na apreensão da historicidade das formas comunicacionais.

Movido pelo interesse em investigar a produção do tempo histórico, Koselleck (2006) propõe o entendimento de que este se diferencia do tempo “natural” por um caráter de imanência que depende, simultaneamente, da forma como articulamos, no presente, o acúmulo de experiências passadas, bem como das expectativas que, também no presente, projetamos em direção ao futuro. Duarte (2012) pontua que esse tempo histórico se funda a partir de uma transformação em nossa percepção do tempo, observado, no contexto alemão, por uma série de mudanças que o conceito passou a sofrer no âmbito da linguagem entre os séculos XVIII e XIX, de forma a deixar de se manifestar apenas enquanto um pano de fundo para as ações e instituições humanas.

No início do século XVIII, poderíamos, com certa confiança, esperar que nossa vida se desenrolasse de forma muito semelhante à de nossos pais e avós, de tal sorte que a dimensão do futuro não se apresentava de forma muito diferente da dimensão do passado e, conseqüentemente, poderíamos absorver daquilo que já passou, experiências e aprendizados que nos guiariam no presente (e no futuro). Com o advento da modernidade, contudo, surge uma percepção coletiva de aceleração do tempo, a partir da constante emergência de acontecimentos e experiências inéditas que passam a situar a humanidade em meio a territórios desconhecidos e inesperados.

Neste cenário, portanto, as noções de espaço de experiência e horizonte de expectativa operam para explicitar as complexas formas que as três instâncias de temporalidade se manifestam em tensão e transformação. Barros (2011) destaca que, ainda que sejam estabelecidas enquanto categorias para a Teoria da História, sujeitos comuns também experienciam e produzem leituras dessas tensões a partir da dimensão sensível do tempo disponível durante suas vidas. A escolha de Koselleck pela ideia de experiência e expectativa é motivada, precisamente, pela potencial amplitude de aplicação dos conceitos, em contraposição, por exemplo, a designações como “reforma” ou “república velha”, que englobam processos ou períodos históricos específicos. Suas categorias operam, portanto, para fundamentar a própria possibilidade da história: “todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem” (Koselleck, 2006, p. 306).

Em um gesto anterior, correspondem, ainda, à noção de que a história, em Novalis, em que, para além de tomá-la apenas como o passado, se configura a partir da composição entre passado e futuro a partir dos gestos de esperança e recordação (para Koselleck, a noção de

experiência é mais profunda que a de recordação e a expectativa mais ampla que a esperança). Experiência e expectativa, contudo, não representam uma relação de alternância. Se, para o autor, elas correspondem à ideia de tempo e espaço, conseguimos vislumbrar que uma não se manifesta sem a outra. É a partir da possibilidade de entrelaçamento entre passado e futuro que essas categorias colaboram, simultaneamente, para a constituição da história e da produção de conhecimento acerca da temporalidade da própria história.

De modo mais específico, experiência representa a presentificação do passado, em que no presente incorporamos e lembramos daquilo que já aconteceu, de maneira racional ou inconsciente. Além disso, engloba, ainda, para além das experiências vivenciadas e transmitidas por gerações e instituições, experiências alheias, num gesto simultaneamente pessoal e interpessoal. De maneira análoga, podemos pensar expectativa enquanto o futuro esperado no hoje, que mescla elementos como medo e desejo, de ordem intuitiva, a análises ligadas à nossa racionalidade, também de caráter individual e coletivo. Apesar dos paralelos, experiência e expectativa não possuem simetria ou complementaridade na coordenação entre passado e futuro, sendo dotados de formas diferentes (Koselleck, 2006).

Passado e futuro não podem ser a mesma coisa, enquanto uma expectativa não é completamente deduzida de uma experiência. A experiência tem um fim em si própria: o que aconteceu, aconteceu, é motivado por causas passadas (ainda que apreendido de formas diferentes em diferentes contextos), enquanto a experiência futura, que antecipamos enquanto expectativa, se espraia, infinitamente, ao longo do tempo. A fim de explicitar a diferença que a presença de passado e futuro possui, Koselleck (2006) nos propõe a pensá-las a partir das noções de espaço e horizonte.

Ainda que pensar um horizonte de experiências e um espaço de expectativas possa fazer sentido, o autor estabelece a metáfora inversa. Seu argumento articula-se a partir da percepção do caráter espacial das experiências advindas do passado e da impossibilidade de mensurá-las cronologicamente (ainda que possamos datar suas origens), considerando a multiplicidade de recordações da própria vida e da vida dos outros que as compõem, em uma relação de não continuidade. Por outro lado, a ideia de horizonte está relacionada à linha limítrofe a partir da qual, no futuro, abrem-se as possibilidades para um novo espaço de experiência, mas que jamais poderá ser alcançado/experimentado. Assim, Koselleck (2006) evidencia a tensão da qual o tempo histórico é produzido: ainda que possamos esperar que as experiências atuais se repitam e se confirmem no futuro, as expectativas, mesmo que possam ser objeto da experiência, na medida em que se refletem em nossa consciência, não conseguem adentrar, por completo, esse campo, uma vez que as situações e sequências de

ações nela projetadas não aconteceram. A experiência se distingue da expectativa a partir da sua possibilidade concreta de realização, de forma que elaboramos de maneira complexa no presente aquilo que aconteceu.

Nessa tensão, Koselleck (2006) ressalta que, por um lado, não podemos esperar que as expectativas estejam fundamentadas apenas na experiência e, por outro, não podemos dissociar completamente nossas expectativas da experiência. No primeiro caso, ignora-se o aprendizado que advém de situações que acontecem de maneira diferente do esperado, enquanto, no segundo, observa-se a predominância de uma certa “inocência”, ligada à falta de informações. Esse movimento caracteriza a própria estrutura da história, uma vez que as coisas sempre acontecem de maneira mais ou menos diferente do que era esperado, ou seja: o futuro histórico não é apenas o fruto do passado histórico. E, da mesma forma que expectativa, nesse cenário, não opera como uma categoria estanque, sendo transformada e adaptada, também a experiência não se configura simplesmente como um conglomerado daquilo que aconteceu. Primeiro, porque não necessariamente recordamos das coisas de maneira precisa, mas também porque, ao longo do tempo, reunimos novas experiências que modificam as que já tinham sido adquiridas.

Podemos compreender, portanto, que, para Koselleck (2006), absorvemos novas experiências a partir da multiplicidade de coisas que acontecem e da repercussão de nossas expectativas, enquanto as expectativas não podem ser adquiridas sem experiência. Como consequência, quando nossas expectativas baseadas na experiência acontecem, não há surpresa, enquanto aquilo que ocorre de maneira distinta da expectativa é inesperado e surpreendente. Nesses casos, o surpreendente opera no estabelecimento de novas experiências, a partir do rompimento do horizonte de expectativa, que, portanto, advém da superação do futuro até então possível. Assim, as duas categorias se reorganizam e produzem o próprio tempo histórico. As experiências possuem, desse modo, um caráter de diagnóstico, em que organizamos o que aconteceu no passado, e liberamos prognósticos que orientam as nossas possibilidades de abertura ao futuro, em uma relação não determinista e não estática.

Koselleck (2006) avança na estruturação dos conceitos a partir da investigação da emergência da modernidade como um período histórico caracterizado pelo aumento da separação entre espaços de experiência e horizontes de expectativa em contraposição a outros períodos que a precederam. No próximo capítulo, nos aprofundaremos nessa questão que culmina no estabelecimento de uma ideologia do progresso e possibilita a compreensão do contemporâneo proposta por Hans Ulrich Gumbrecht (2015). Nesse primeiro momento,

contudo, buscamos pensar as duas categorias como lentes possíveis para a compreensão do fenômeno da mediação.

### **1.3 Inferências sobre as oscilações entre espaço de experiência e horizonte de expectativa em cenários mediados**

Nesse contexto, destacamos que, para além do caráter de inventividade que a produção de inferências socialmente compartilhadas no ato comunicacional que culmina no atravessamento e circulação de informações entre distintos campos sociais, bem como da atenção à dimensão material que possibilita e orienta essas trocas, podemos pensar a própria mediação enquanto fruto das tensões entre espaço de experiência e horizontes de expectativa. De maneira ampla, podemos compreender que o desenvolvimento da imprensa, do rádio, da televisão, da internet e, posteriormente, das redes sociais rompe o horizonte de expectativa previamente estabelecido e passa a fundar novos espaços de experiência a partir das possibilidades de acesso a cada uma destas máquinas. De modo mais específico, podemos, no contexto desse estudo, observar dois grandes movimentos, que dialogam, respectivamente, com as perspectivas de Braga (2012, 2017, 2019) e Kittler (2013).

No primeiro caso, por exemplo, podemos inferir que as transformações que atravessam o Movimento Corpo Livre, após 2020, estariam relacionadas à irrupção de uma experiência dificilmente projetada no horizonte de expectativa coletivo: a pandemia de covid-19. Num cenário que coloca (com um recorte específico de raça e classe privilegiadas) corpos que pleiteavam o acesso ao espaço público enclausurados no ambiente doméstico, bem como, ressalta a obesidade enquanto comorbidade para uma doença até então assustadoramente desconhecida e consideravelmente fatal, faz sentido pensar que a maneira como a experiência de vivência em um corpo gordo pode ser tonalizada e modificada. Dessa forma, o discurso da saúde que era, originalmente tomado como uma questão menos importante, ou encarada a partir de uma inversão na argumentação (a partir de frases como “ninguém questiona a saúde do magro”<sup>4</sup>), estando instaurado esse novo espaço de experiências, o horizonte de expectativa desse corpo se transforma de forma a almejar e projetar cenários de um futuro que corresponda a outras perspectivas de saúde que culminam no contexto atual, em que parecem prevalecer narrativas de emagrecimento, superação/convivência com a obesidade

---

<sup>4</sup> Não é nosso interesse produzir juízo de valor sobre esse tipo de argumentação. Questionar o *status* de saúde/doença em torno da obesidade é, inclusive, um dos grandes motores para o início da investigação proposta nesta tese. Ressaltamos esse acionamento discursivo, nesse momento, apenas como um sinal das tensões que a pandemia de covid-19 parece colocar frente a esses sujeitos.

(mesmo para aqueles indivíduos que atingem o peso esperado, considerando a classificação da obesidade enquanto doença crônica). Claro, não acreditamos em uma relação direta de causa e consequência que, além de leviana, vai em desacordo com a proposta de Koselleck. O que esse exemplo busca evidenciar é o potencial analítico dos conceitos para o entendimento de fenômenos mediatizados.

O segundo movimento, que também parte do mesmo intuito, nos permite ressaltar que tais mudanças, para além de transformações ligadas aos circuitos interacionais, estão relacionadas com as transformações tecnológicas que as precedem. De modo mais específico, podemos compreender que, nesse cenário de transformação da experiência de acesso e permanência em mídias digitais a partir da necessidade de afastamento dos corpos promovida pelo contexto pandêmico, o horizonte de expectativa que se projeta é permeado pela materialidade algorítmica. Na mesma época em que o TikTok cresce exponencialmente no Brasil e em que o mercado publicitário passa a recorrer, cada vez mais, ao marketing de influência, faz sentido que a busca por ocupar espaços que ampliem a possibilidade de visibilidade e consequentemente retorno financeiro cresça. Nesse panorama, ao compreendermos que as disposições algorítmicas que (in)viabilizam estes movimentos estão relacionadas aos interesses de dispositivos modernos de controle sob a égide do Estado, do Mercado e da Ciência (Mafra, 2022) (e suas consequentes noções de saúde, progresso e autonomia, por exemplo), podemos inferir que, aqueles sujeitos cujo horizonte de expectativa corresponde a essas disposições passem a protagonizar o debate acerca desses corpos.

Pensar a mediação a partir da tensão entre campo de experiência e horizonte de expectativa, portanto, nos possibilita evidenciar como as temporalidades se manifestam e orientam as relações estabelecidas em contextos mediatizados. Durante esta pesquisa, buscamos evidenciar que tais tensões podem fazer emergir sensações que ultrapassam uma dimensão interpretativa de projeção/apreensão das experiências. Com este intuito, apostamos que a possibilidade de experiências detonadas a partir da mediação, bem como das expectativas com ela projetadas, faz emergir atmosferas caracterizadas, principalmente, pela afetação em uma dimensão material/corpórea dos sujeitos.

#### 1.4 A noção de atmosferas e sua aproximação como elemento heurístico junto ao fenômeno da mediação

Caracterizar o fenômeno da mediação a partir da relação entre seu caráter material, expresso a partir das possibilidades de relações que construímos com as máquinas, bem como das tensões de temporalidades que permeiam o desenvolvimento e o acesso a tais tecnologias, nos é caro para enfatizar a possibilidade de experimentação ao mesmo tempo, corpórea e subjetiva, em contextos mediados. Nesse cenário, conforme discutimos, não estamos pensando apenas nos fenômenos contemporâneos de mediação, ainda que sejam estes o nosso objeto de estudo e suas especificidades estejam melhor caracterizadas no capítulo seguinte. Buscamos tornar explícito que, a partir das formas como as relações entre ser humano e máquina (ou ser humano-máquina-ser humano, melhor dizendo), somos capazes de reconhecer um determinado conjunto de sensações que ultrapassam (mas não excluem) a dimensão do sentido, cuja percepção é gesto muito mais simples que sua caracterização enquanto fenômeno, ainda que, enquanto conceito, haja vasto lastro de pensadores contribuindo para sua apreensão. No contexto desta tese, nos valemos do termo guarda-chuva “atmosfera”, mesmo que algumas das teorias que nos orientam adotem ideias como *stimmung*, *mood*, aura, estrutura de sentimentos, clima, etc. Ainda que cada um destes conceitos seja dotado de especificidades, acreditamos que possam contribuir de maneira ampla para a ótica que estamos adotando ao pensar a mediação.

Gajanigo (2024) destaca o crescente interesse em distintas áreas das humanidades para esse, ainda pouco estruturado, campo de estudos, que têm se voltado, de maneira geral, à investigação de elementos como afetividade, corporalidade e ambientalidade, em contraposição a perspectivas que colaboram para um distanciamento entre individual e coletivo. Reinhardt e Corrêa (2024) apontam a emergência de catástrofes climáticas, o atual estágio do capitalismo e a profusão de acesso à mídia enquanto motores para a reconfiguração de nossa temporalidade e das relações que estabelecemos com nosso entorno, que culminam, academicamente, em uma espécie de “virada atmosférica”, interessada, sobretudo, na produção de uma epistemologia dedicada ao entendimento amplo entre mediação e tempo. Nesse contexto, os *mood studies*, adotando, principalmente a ideia de *stimmung*<sup>5</sup>, têm

---

<sup>5</sup> O termo deriva do verbo “*stimmen*” em alemão, ligado à ideia de levantar a voz ou afinar um instrumento, ou ainda, à harmonia desse instrumento com outros. Posteriormente, passa a ganhar relevância filosófica a partir da consonância com uma visão cristã de “harmonia” do mundo (Gajanigo, 2024).

contribuído para a compreensão dessa espécie de percepção coletiva organizada e diretamente relacionada àquilo que acontece no mundo. Estaríamos, de alguma forma, constantemente inseridos em algum *mood*, não a partir da noção de emoção, mas indicando a forma como nos percebemos, coletivamente, nos ambientes que nos rodeiam.

Nesse sentido, Gajanigo (2024) aponta que, a partir da potencial universalização do *stimmung* em Martin Heidegger, o conceito foi, gradativamente, sobretudo por uma ênfase em seu aspecto climático, gerando aproximações com a ideia de atmosfera em Hermann Schmitz, que reforça uma dimensão espacial do conceito, bem como sua ampliada capacidade de afetação dos corpos. Pensar atmosferas, nesse cenário, nos afasta da teoria dos afetos (ainda que ambas as perspectivas tenham alguns pontos de contato) na medida em que enfatiza aspectos que extrapolam a dimensão dos corpos: “Se atmosfera engloba os corpos, ela é algo que está para além do que eles emanam” (Gajanigo, 2024, p. 14). A partir das relações que estabelecem com os corpos e com os contextos sócio/histórico/culturais em que se inserem, podem estabelecer ou recuperar sentimentos e memórias. Dessa forma, podemos compreender que, a tensão entre espaço de experiência e horizonte de expectativa consegue estabelecer e projetar novas atmosferas, bem como tentar presentificar, no espaço de experiência, relações que não estão mais disponíveis.

Reinhardt e Corrêa (2024) qualificam atmosferas como ambiências e tonalidades afetivas dotadas de três grandes propriedades essenciais: ubiquidade, indeterminação e visceralidade. A primeira caracteriza a simultânea dificuldade de estabelecimento de uma definição precisa e obviedade intuitiva de sua percepção. Em segundo lugar, apresenta atmosferas enquanto elementos indeterminados na medida em que temos ciência de que não é possível apreendê-las, integralmente através do conhecimento. Por fim, são viscerais na medida em que se expressam com peso sob nossos corpos, em meio às tensões entre suas dimensões físicas e subjetivas.

Nessa conjuntura, Reinhardt e Corrêa (2024) sinalizam que perspectivas de autores como Gernot Böhme e Tonino Griffero, cujas obras possuem forte influência do filósofo alemão Hermann Schmitz, têm sido acionadas para o entendimento desses fenômenos atmosféricos. Para Schmitz, a noção de atmosfera opera, no cenário da nova fenomenologia, para contrapor as ideias introspectivas até então estabelecidas, de forma a compreendê-la como um conjunto de sentimentos que se difundem no espaço. Assim, são dotadas da capacidade de tonalizar afetivamente os ambientes e, conseqüentemente, operam como uma forma de comunicação. Griffero propõe, posteriormente, pensar atmosferas a partir da interseção entre quase-objetivo e quase subjetivo, e podem ser definidas a partir de sua

aproximação maior com a dimensão do sujeito (estado de espírito) ou do objeto (ambiência). Por sua vez, Gernot Böhme redireciona a obra de Schmitz para o campo da nova estética, na qual a noção de atmosfera torna-se um elemento central.

O ponto de inflexão para Böhme (1993) é expandir a compreensão de atmosfera no contexto estético para além da noção, por exemplo, de construção de atmosferas para exposições e catálogos de arte, como uma indicação do caráter indeterminado de algo. Ainda que não seja possível definir contornos precisos de uma atmosfera, reconhecemos as formas de experimentá-las e sua abordagem se aproxima de um viés ambiental/ecológico, na medida em que se preocupa com as relações estabelecidas entre características do ambiente e as disposições corpóreas humanas. A esse conjunto de relações, ele denomina atmosferas.

A nova estética proposta pelo autor é caracterizada a partir de 3 movimentos: inicialmente, aponta que a estética tradicional estaria mais preocupada em produzir críticas, avaliações e juízos a respeito de obras de arte e da história, que no aspecto sensível (e corpóreo) da experiência. Em seguida, ressalta que esse processo culmina em uma prevalência da linguagem e da semiótica na concepção teórica da estética, privilegiando, por exemplo, a literatura em detrimento de outras formas de arte, na medida em que todas passam a ser interpretadas em um viés comunicacional/linguístico. Como consequência, a estética tradicional se preocuparia excessivamente com a apreensão do sentido das obras, desconsiderando o caráter que possuem pré-interpretação, considerado, para nós, em consonância ao pensamento de Gumbrecht, como um elemento de *presença*.

Por fim, Böhme (1993) pontua que esses movimentos culminam na compreensão coletiva de estética enquanto o campo do conhecimento acerca das belas, autênticas e distintas artes. A virada nessa perspectiva tem início em Walter Benjamin, que inaugura a ideia de pensar estética como o fenômeno que possibilita a produção sensível de afetações em amplo espectro: política, design, cotidiano etc.. Dito por outras palavras, a estética passa a operar enquanto produtora de atmosferas (sob um ponto de vista de produção) e viabilizadora de experiências sensíveis entre pessoas, coisas e ambientes (sob um ponto de vista de recepção).

Nesse cenário, Böhme (1993) nos convida a pensar atmosferas para além da dicotomia entre subjetividade e objetividade. Se deslocamos o olhar da dimensão do sentido para a dimensão corpórea da experiência humana (e para a forma como tomamos consciência dessa dimensão e das sensações provocadas por diferentes ambientes), podemos tomar atmosferas como espaços tonalizados pela presença das coisas:

Concebidas dessa maneira, as atmosferas não são algo objetivo – isto é, qualidades possuídas pelas coisas –, embora sejam algo que se assemelha a

uma coisa, pertencendo a ela na medida em que as coisas articulam sua presença por meio de qualidades concebidas como êxtases. Tampouco são as atmosferas algo subjetivo – por exemplo, determinações de um estado psíquico –, embora possuam um caráter de subjetividade, pertencendo aos sujeitos na medida em que são sentidas na presença corporal pelos seres humanos, sendo esse sentir, simultaneamente, um estado de presença corporal dos sujeitos no espaço (Böhme, 1993, p. 122, tradução nossa).<sup>6</sup>

Atmosferas operam, portanto, no contexto desta tese como uma chave teórica que nos auxilia a, simultaneamente, desenhar nosso objeto de estudo (como fazemos, de forma mais aprofundada, no capítulo quatro) e apurar nossa percepção para as dinâmicas que a oscilação entre efeitos de sentido e presença faz emergir nesse objeto. A obra de Hans Ulrich Gumbrecht (1998, 2014, 2010a) tem, ao longo das últimas décadas, produzido frutíferas contribuições para a tentativa de estabelecimento de uma perspectiva não hermenêutica no contexto das humanidades.

### 1.5 *Stimmung* e atmosfera em Gumbrecht

Advindo do campo da literatura, Gumbrecht se preocupa, em “Atmosfera, ambiência, *Stimmung*” (2014), com o estabelecimento de uma teoria literária desafiadora intelectual e institucionalmente, para além da disputa entre o desconstrucionismo e os estudos culturais, e investe, para isso, na ideia de *stimmung*. Recorre ao termo alemão em detrimento dos termos que tentam traduzi-lo (*climate*, *mood*, etc.) na tentativa de evidenciar seu caráter etimológico do universo musical, em que se apresenta em um *continuum*, que opera como escalas musicais, em nuances de difícil apreensão, discernimento e descrição. Da mesma forma que não escutamos apenas através da audição, mas com o corpo todo, uma leitura voltada ao *stimmung* estabeleceria um potencial similar de afetação.

De forma paralela, se dá também a afetação pelo clima atmosférico, que nos coloca, fisicamente em contato com o ambiente que nos rodeia. Esse contato, contudo, não cessa apenas em um âmbito material/corpóreo, mas nos toca “por dentro” e afeta nossas mentes. O movimento de Gumbrecht (2014) viabiliza compreender que os textos seriam dotados da mesma capacidade de produção desses “estados de espírito”, ou atmosferas, principalmente a

---

<sup>6</sup> No original: Conceived in this fashion, atmospheres are neither something objective, that is, qualities possessed by things, and yet they are something thinglike, belonging to the thing in that things articulate their presence through qualities-conceived as ecstasies. Nor are atmospheres something subjective, for example, determinations of a psychic state. And yet they are subjectlike, belong to subjects in that they are sensed in bodily presence by human beings and this sensing is at the same time a bodily state of being of subjects in space (Böhme, 1993, p.122).

partir de sua materialidade, que nos afeta em uma dimensão prévia à interpretação. Podemos ser afetados pela materialidade sonora de um cântico lírico (ritmo, cadência, intensidade, etc.) mesmo quando o conteúdo semântico do idioma cantado não é compreendido.

Na tentativa de evidenciar os gestos de presença (em contraposição à prevalência do sentido e não objetivando desconsiderá-lo ou substituí-lo), Gumbrecht (2014) também busca apreender as atmosferas enquanto fenômenos que se articulam no âmbito da experiência estética. Conceitualmente, o autor (2010) compreende a experiência estética enquanto a extrapolação da experiência cotidiana, em que prevalecem sensações de intensidade que não estão tradicionalmente disponíveis para nós (e, portanto, podem operar como categoria de entendimento das necessidades e desejos de uma sociedade). Assim, em um contexto contemporâneo de soberania da dimensão do sentido (cartesiana, racional e conscientemente auto-referenciada), a dimensão da presença torna-se esse não-disponível-desejado que manifesta-se, de maneira efêmera, apenas enquanto “efeitos de presença”, atravessada, tonalizada e mediada por “nuvens de sentido”.

Da oscilação entre efeitos de presença e efeitos de sentido, em meio a uma estrutura de intensidade concentrada, na qual não conseguimos ignorar a presença (como tendemos a fazer no cotidiano), emerge a experiência estética sob a ótica de Gumbrecht (2010), operando para sensações de instabilidade e desassossego. Sob esse pano de fundo, *stimmung*, atmosferas e climas são compreendidos como categorias universais das manifestações de efeitos de presença, dotadas de singularidade material, e, a partir do diagnóstico de nosso desejo contemporâneo por presença, amplia-se o interesse na compreensão de tais fenômenos.

O argumento de Gumbrecht (2014) gira em torno, portanto, da capacidade das obras de absorverem as atmosferas que circundam seu contexto histórico de produção e consequente capacidade de presentificá-las aos leitores. O grande desafio reside, para os pesquisadores que se interessam na investigação desse fenômeno, na própria apreensão das atmosferas, considerando o caráter de singularidade histórica e cultural de cada *stimmung*. Nesse lugar, Gumbrecht (2014) lança um olhar de desconfiança em direção ao estabelecimento de métodos estruturados para a identificação de atmosferas, bem como de teorias que busquem explicá-las. No capítulo 4, destrinchamos a abordagem adotada nesta pesquisa, na tentativa de construção de nosso *corpus*, movimento fortemente orientado pela proposta do autor, que nos indica o pensamento contraintuitivo e a orientação por palpites como pontos de partida para a investigação de atmosferas.

O gesto central da proposta de Gumbrecht (2014) está na ideia da capacidade de presentificação dos *stimmungen*, de modo a ressaltar que estes são fruto de alguma

experiência prévia que possibilita sua capacidade de imbuir obras. Tomadas enquanto “formas de vida”, as atmosferas absorvidas pelas obras são fruto do desejo contemporâneo por presença e, de modo mais específico, por uma presentificação do passado cultural. Contudo, o acesso a esse conjunto de sensações que o contato com atmosferas potencialmente promove não se dá de forma automática. Para o autor, é necessário um investimento de intensidade nos atos de leitura, ou seja, para que sejamos tocados por uma atmosfera do passado (que nunca se materializa por completo, frente à sua singularidade), é necessário que estejamos abertos a acessá-la. Esse “tocar” característico dos *stimmungen* só é possível porque, muitas vezes, dispensa a necessidade de explicação ou tradução, potencialmente ultrapassando as barreiras de uma interpretação hermenêutica.

## 1.6 Considerações do capítulo

De tal sorte, a argumentação que buscamos construir neste capítulo é que, compreendendo a mediação material e historicamente localizada, enquanto fruto de oscilações entre espaços de experiência e horizontes de expectativa desde a criação da imprensa até o surgimento de plataformas como o TikTok, emergem distintas atmosferas mediadas. A noção de atmosfera mediada é aqui entendida como um termo guarda-chuva para o conjunto de sensações e experiências inscritas no corpo que emergem a partir das relações estabelecidas entre ser humano-máquina ou entre ser humano-máquina-ser humano.

Obras literárias, radionovelas, programas de televisão, posts de blog, vídeos no YouTube e *stories* do Instagram são, para nós, compreendidos como potenciais disparadores de atmosferas mediadas na medida em que podem operar para a produção de experiências estéticas. Mais do que isso, carregam, ainda, o potencial de absorção dos contextos históricos-culturais de sua produção e, a partir de uma leitura atenta ao *stimmung*, conseguem presentificá-los, despertando sensações que, por vezes, ultrapassam uma interpretação racional.

Explicitado esse gesto, conseguimos argumentar que, tomar as tensões que circundam o Movimento Corpo Livre, ao longo da última década, enquanto delineadas por atmosferas mediadas, é, simultaneamente, uma escolha e uma imposição do próprio movimento. Durante os quatro anos dessa pesquisa, não dispusemos de outra orientação teórica que refletisse o delicado conjunto de relações que se estabeleceram e a tangibilidade que possuíam para aqueles que as experimentaram. O contexto brasileiro a partir das manifestações de 2013,

o *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff em 2016, governo de Michel Temer, a ascensão da extrema direita a partir de figuras como o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, a proliferação de discursos de aceitação por várias minorias sociais a partir das redes sociais, dentre eles, o movimento Corpo Livre, tinham um *gosto*, uma *estética*, um *ar* - uma *atmosfera* - específica. Metodologias e correntes teóricas distintas podem e são acionadas para investigar o conjunto de experiências que circundam o movimento, contudo, a escolha por uma perspectiva atmosférica permite evidenciar a tangibilidade corpórea dessas questões, bem como a palpável transformação que as atravessaram após a pandemia de covid-19, caras a uma pesquisadora que as vivenciou (e vivencia) na pele.

Neste primeiro capítulo, estando delineados os contornos dessas atmosferas midiaticizadas, em sentido mais amplo, nos dedicamos, no próximo capítulo, à investigação das especificidades dessas dinâmicas frente às tensões que emergem no contexto contemporâneo. De modo mais específico, orientados a partir do desenvolvimento da ideologia do progresso e suas (nem sempre tão) sutis formas de manifestação, buscamos adentrar o cenário de aceleração e intensificação dos processos de mediação que vivenciamos na atualidade e que tonalizam as atmosferas investigadas.

## **2 CAPÍTULO 2: TENSÕES COMUNICACIONAIS CONTEMPORÂNEAS: DISPOSITIVOS DA MODERNIDADE ENQUANTO PRODUTORES DE ATMOSFERAS MEDIATEZADAS**

O presente capítulo tem como objetivo argumentar que, no contemporâneo, atmosferas mediatizadas são reconfiguradas a partir da intensificação das relações que estabelecemos com as máquinas. Nesse sentido, fazemos um outro movimento de inspiração historiográfica, a fim de destrinchar as perspectivas de temporalidade que orientam a compreensão de contemporâneo da qual partilhamos. Nessa perspectiva, precisamos, inicialmente, compreender a ideia de modernidade que, sobretudo a partir da década de 1940, passa por uma série de transformações que culminam em uma outra relação temporal, entendida, na perspectiva de Gumbrecht (2015), como contemporâneo, cujas manifestações são investigadas, nesta tese, em pequena escala, no contexto do Movimento Corpo Livre.

Desta forma, movidos pelo interesse de tomar a modernidade para além de um período histórico recortado a partir do século XVIII, mas como um conjunto de concepções e práticas sócio-culturalmente compartilhadas que passam a tonalizar as experiências de vida nas primeiras grandes cidades europeias e que se manifestam, de diferentes formas, até os dias de hoje, discutimos, inicialmente, a perspectiva de Walter Benjamin (1987a, 1987b, 2000). O intelectual judeu-alemão cuja trajetória acadêmica, a partir da rejeição de sua tese de livre-docência em 1925, é marcada por uma atuação independente, tem sua produção profundamente atravessada pelo exílio e pela perseguição do regime nazista (que culmina em sua morte em uma tentativa de fuga da Europa ocupada). Sua atuação como tradutor e crítico das obras de Charles Baudelaire opera para o estabelecimento de uma série de características da modernidade, lidas, sobretudo, na perspectiva do materialismo histórico dialético, que desembocam em sua compreensão da própria história.

Gatti (2009) pontua que Baudelaire, em “O pintor da vida moderna”, compreende a modernidade como contexto histórico do artista que o permite representar o belo. Visto por essa ótica, não apenas os artistas atuais precisariam ater-se ao presente na tentativa de acessar essa beleza, mas também os artistas da antiguidade só produziram grandes obras porque realizaram o mesmo exercício, de tal sorte que, tanto o caráter de beleza, quanto sua capacidade de representação histórica se fundem para tornar uma obra interessante. A modernidade se torna em Baudelaire, portanto, esse olhar para o atual e seu caráter de transitoriedade, rompendo com a tradicional dicotomia entre antiguidade e modernidade

enquanto períodos históricos que se contrapõem e indicando uma relação entre o presente e passado.

Nesse sentido, para Gatti (2009), a compreensão contemporânea do termo modernidade é fortemente influenciada pelas ideias de Baudelaire, mas advém da ideia de moderno, a partir do século V. “Moderno”, em contraposição ao “antigo”, está relacionado ao presente/atualidade, ainda que esse estabelecimento seja expressivamente atravessado pela relação que determinada época estabelece em relação à Antiguidade clássica. Assim, propõe compreender que, para cada período histórico que estabeleceu diferenciações à Antiguidade, houve alguma “modernidade”. Contudo, a Querela dos Antigos e Modernos, ao final do século XVII, abre as portas para um horizonte em que o iluminismo francês se estabelecesse como um novo início, na medida em que os modernos postulavam o Renascimento enquanto o amadurecimento de um período que se fundava na Antiguidade, mantendo a relação modernidade-antiguidade, ainda que em um viés de negação.

Entretanto, a partir do romantismo, ocorre um movimento de redescoberta da antiguidade, que, sob a noção de “clássico”, passa a ser revalorizada, gesto esse que contribui para o aprofundamento das diferenciações entre aquilo que faz parte de um mundo antigo e um mundo moderno. Gatti (2009) pontua que, com o advento da Revolução Francesa e sua consequente consciência de uma ruptura temporal, a ideia de romântico volta a se aproximar da etimologia de moderno (o que é de agora), voltando-se menos para uma valorização de um passado, mas àquilo que nos agrada no presente. É a partir das reconfigurações de sentido que envolvem as dinâmicas entre antigo/moderno e velho/novo e o consequente afastamento da Antiguidade enquanto um período autoritário/referencial que, para Gatti (2009), a modernidade se estabelece enquanto uma época própria.

Nesse sentido, a beleza na modernidade, para Baudelaire, é fruto de seu caráter transitório, ou seja, da captura das composições que configuram o hoje e que no amanhã pode tornar-se antigo: ao mesmo tempo configurando uma obra enquanto moderna e abrindo a possibilidade para que se eternize. Essa tensão é fruto da autoconsciência da própria época: nos identificamos, na modernidade, a partir da efemeridade de um agora que, como consequência, estabelece uma temporalidade que se autoconsome constantemente. Essa perspectiva, pontua Gatti (2009), é pautada em diversas instâncias na obra de Baudelaire e é criticada por Walter Benjamin, que retoma a contraposição antigo/novo, apontando uma insuficiência de Baudelaire para a percepção do choque que constitui a experiência da modernidade.

Ao analisar a obra de Baudelaire, Benjamin assinala a presença simultânea de um vínculo a uma série de idealizações da natureza e a um despreço pelas grandes cidades, que operam como um diagnóstico dessa temporalidade. Frente à profusão de transformações e conflitos que emergem na Paris do século XIX, Benjamin identifica em Baudelaire a constatação da constante produção do “novo” em uma temporalidade paradoxal em que aquilo que é construído o é feito sob o horizonte próprio de sua eventual destruição/superação, em direção a um futuro, cujo passado é composto pelas ruínas desse mesmo outrora novo: “No processo de produção de uma modernidade já destinada à extinção, não há espaço para qualquer reflexão e retomada do passado” (Gatti, 2009, p. 167).

Nesse contexto, Benjamin (2000) identifica, a partir das obras de Baudelaire, a emergência de uma figura quase heróica: frente à contaminação e ao envenenamento promovidos pela proliferação das fábricas, o proletariado que almeja por sobrevivência é comparado ao “escravo da esgrima”, envolto pela promessa de alívio ao alcoolizar-se. O herói da modernidade não é mais aquele das epopeias, mas aquele que, em um contexto de hostilidade, sobrevive. É um esforço heroico uma vez que as demandas de produtividade instauradas pela modernidade tendem a superar, de forma brutalmente desproporcional, a capacidade natural de produção dos indivíduos. Como consequência, o suicídio, nesse contexto, opera como um gesto dessa paixão moderna, por meio do qual os indivíduos tentam acessar, novamente, alguma possibilidade de controle sobre as próprias vidas.

Para Benjamin (2000), a obra de Baudelaire retrata a face da modernidade sem obscurecer os choques de impressões sensoriais e os deslocamentos que compõem o cerne de seu espetáculo. O herói moderno aparece cotidianamente nas manchetes trágicas dos jornais, e a tarefa hercúlea do poeta, nesse contexto, é a de mergulhar na multidão e desenhar esses contornos característicos de sua própria época. Nesse cenário, Benjamin define a modernidade simultaneamente enquanto aquilo que caracteriza uma época enquanto também age sobre ela, a reaproximando da antiguidade, considerando seu caráter transitório e o consequente estabelecimento constante de “novos antigos”.

D’Ângelo (2006) sinaliza a modernidade em Walter Benjamin enquanto um momento de ruptura de nossa própria percepção do tempo: se, anteriormente, nos organizamos a partir do nascer e pôr do sol, pelas estações, épocas de plantio e colheita, de maneira aproximada, com a modernidade, a precisão matemática nos insere em uma realidade em que o tempo torna-se mercadoria e, conseqüentemente, dinheiro. Tais processos, que se iniciam com as primeiras manufaturas, culminam numa transformação estrutural e em um empobrecimento das possibilidades de experiência dos indivíduos.

O excesso de informações, o trabalho na indústria e a mecanização passam a automatizar a própria vida humana, entorpecendo a figura do trabalhador em uma experiência de vida centralizada no presente, que o protege dos choques da modernidade. Em uma conjuntura prévia à emergência da modernidade, a experiência representava o saber intergeracionalmente compartilhado, muitas vezes pela tradição oral, que orientava a condução da própria vida. Em “Experiência e Pobreza”, Walter Benjamin (1987a) aponta a experiência dos soldados durante a Primeira Guerra Mundial (e a incapacidade de expressão manifesta pelo silêncio destes ao retornarem para casa) como uma das experiências mais desmoralizantes da história, ao colocar a fragilidade do corpo humano frente à potência destrutiva dos frutos do desenvolvimento tecnológico de sua época. Desconectados da possibilidade de compartilhamento e transmissão daquilo que nos acontece (pois algo novo acontece o tempo todo e devemos nos ater mais à próxima novidade que àquilo que aconteceu), vemos emergir na modernidade uma pobreza de experiência coletiva, para Benjamin (1987a), uma nova barbárie.

É uma nova barbárie na medida em que não denota uma situação intrinsecamente negativa. O bárbaro da modernidade tem como alternativa o processo de continuidade e reconstrução frente a essa pobreza. Bárbaro é, por exemplo, o gesto dos cubistas que tomam como ponto de partida a ruptura com uma estrutura tradicional e imaginam uma outra forma de reconstrução, preocupados mais com a própria estrutura da obra, do que com uma pretensa interioridade. Em meio a essa pobreza de experiência, contudo, não é esperado que aspiremos novas experiências, mas ao livramento destas, uma vez que nos percebemos saciados ao “devorar” o excesso de estímulo que cotidianamente passa a nos rodear.

Para Benjamin (1987a), ficamos pobres às custas dessa busca constante pelo atual e sua consequente proliferação de patrimônio cultural: produzimos mais, mas assimilamos menos. Lima e Magalhães (2010, p. 148) definem a modernidade em Benjamin enquanto o próprio “fenômeno do declínio da experiência”. A experiência autêntica (*erfahrung*), cada vez mais escassa na modernidade, é dotada da capacidade de nos inserir e integrar em comunidade, acumulando e sedimentando os acontecimentos com o desenrolar do tempo. Em contraposição, a *erlebnis* (experiência inautêntica), moderna, opera para o crescente isolamento do indivíduo, na medida em que não conseguimos estabelecer, através da partilha de experiências, um universo comum compartilhado.

A memória, nesse sentido, ocupava um lugar central para a produção de experiência: através dela retínhamos e elaborávamos acontecimentos e narrativas, desde que nos colocássemos abertos e atentos a ela. A vivência na modernidade, contudo, privilegia uma

espécie de atenção distraída, difusa e passiva, dificultando a emergência dessas experiências autênticas. Conforme Bessa (2015), nesse contexto irrompe um processo de ruptura da memória em involuntária e voluntária: a primeira relacionada aos entrecruzamentos de temporalidade por meio da qual acessamos as experiências comunitárias, as vivências através de vestígios que nem sempre tornam-se lembranças. A segunda, voluntária, é privilegiada na modernidade e abarca desde os movimentos conscientes e cuidadosamente elaborados de memoração, até o armazenamento de informações interessantes para a manutenção do funcionamento da vida (papéis sociais, relações de trabalho, por exemplo).

Nesse cenário de sufocamento da memória involuntária, Benjamin (1987b) constata a emergência de um outro fenômeno característico. A partir da leitura do quadro *Angelus Novus*, de Paul Klee, sinaliza a ideia de progresso como uma tempestade que nos desloca constantemente em direção ao futuro, sem que possamos agir sobre o constante acúmulo de ruínas que se forma no passado. Na modernidade, a dimensão de um progresso da própria humanidade, sem limites e automaticamente orientado para um futuro, passa a orientar a construção social democrática como conhecemos. O progresso nos desconecta da possibilidade de reinserção do passado coletivamente construído, ou, melhor dizendo, do acesso à tradição para sua atualização e reelaboração de novas experiências.

Rangel (2016) apreende a obra de Benjamin sob a ótica de uma atmosfera (*stimmung*) de melancolia que emerge com a reconfiguração da experiência da história na modernidade, em que passamos a perceber com desconfiança e improbabilidade a concretização das expectativas estabelecidas em direção ao futuro. Considerando o constante movimento adiante promovido pela modernidade, em que a história é fruto de um desencadear progressivo e idealizado, passamos a nos perceber como insignificantes, perante a roda do progresso que se mantém girando, independente de nossa participação.

A crise da modernidade, portanto, se desenha a partir da: a) constatação do desvanecer da possibilidade de transformação histórica; b) irrelevância da ação humana perante o movimento da história; e c) ampliação de uma sensação de injustiça frente ao agravamento das distinções entre classes dominantes e dominadas. Apesar disso, Rangel (2016) ressalta que o resultado dessa melancolia não é uma postura apática, mas uma movimentação crítica (quase obsessiva), ainda que incrédula da concretude das possibilidades de mudança, com vistas a evidenciar o cerne das disfunções do progresso.

No contexto desta tese, tomamos o progresso como elemento central para as reconfigurações nos espaços de experiência atravessados pela midiatização e sua consequente produção de atmosferas. Com esse intuito, buscamos, ao final do capítulo, argumentar que, a

partir do estabelecimento de uma ideologia do progresso advinda da modernidade, observamos, contemporaneamente, uma intensificação das relações estabelecidas entre corpo e máquina, especificamente a partir da constatação da proliferação de dispositivos, característica desse cronótopo. Para isso, organizamos, para além desta introdução, três tópicos que se dedicam, respectivamente, à caracterização das transformações no espaço de experiência e horizonte de expectativa na modernidade a partir de Koselleck (2006), à discussão das formas como as duas categorias se reconfiguram nas tensões de um contemporâneo em Gumbrecht (2015) e Agamben (2009) para, por fim, argumentar a noção de dispositivos enquanto gestos detonadores contemporâneos de atmosferas midiaticizadas.

## **2.1 Reconfigurações no espaço de experiência e horizonte de expectativa moderno**

Sob uma ótica e um ponto de partida crítico distintos de Benjamin, Koselleck também se dedicou a uma tentativa de compreensão teórica acerca da modernidade e os impactos advindos com seu estabelecimento. Orientado por uma perspectiva linguística, Koselleck (2006) busca distinguir a história (tanto durante sua concretização, quanto sua elaboração posterior) dos acionamentos linguísticos que buscam transmiti-la, ainda que ambas sejam dependentes uma da outra e que essa tensão possa ser percebida, precisamente, pela linguagem. Nessa perspectiva, os conceitos históricos que reúnem determinados espaços de experiência e estabelecem determinados horizontes de expectativa não são tomados apenas como ferramentas de descrição desses contextos, mas como realizações que apreendem os elementos que os constituem, configurando, pela linguagem, a própria história.

Consequentemente, Koselleck (2006) sinaliza a possibilidade de, a partir desses conceitos, aprendermos a pluralidade de sentidos que permeia determinada época, manifesta nos testemunhos dos indivíduos que a vivenciaram. Sob essa lente, parte para uma investigação da forma como a noção de modernidade é acionada de maneiras diferentes em diferentes períodos históricos, pontuando que as primeiras documentações lexicais acerca de um *neuzeit*, tempos modernos, bem como sua estruturação conceitual, datam do final do século XIX, cerca de quatro séculos após a época que englobava. Ainda que acionemos o termo com trivialidade, a determinação de um período histórico em um conceito que reflita suas estruturas de maneira ampla é esforço que demanda, para Koselleck (2006), um afastamento advindo da passagem do tempo. Assim, atualmente, Antiguidade, Idade Média e Modernidade englobam uma série de estruturas que as caracterizam enquanto períodos históricos específicos, fruto de um longo exercício de tentativa de organização, ainda que o

acionamento de cada um desses termos implique em uma multiplicidade de interpretações possíveis sobre o próprio conteúdo que os constitui.

No caso da modernidade, em específico, da expressão “tempo moderno”, Koselleck (2006) observa que, semanticamente, pode implicar tanto na constatação do caráter de novidade do agora que se distingue do passado, quanto na atribuição qualitativa do novo enquanto intrinsecamente diferente ou superior do antigo. No segundo caso, abre-se a possibilidade de entender a modernidade enquanto a época das novas experiências, até então não experimentadas.

Até então, denominávamos épocas a partir de novos acontecimentos, a partir do início de uma guerra, por exemplo. A historiografia era constituída em uma perspectiva aditiva, pelo desencadeamento de acontecimentos que, de uma forma ou outra, se repetiam em estrutura, registrando aquilo que acontecia de novo. Esse registro, considerando esse caráter estruturalmente repetitivo da história, abriria, para as gerações futuras, a possibilidade de aprendizado com o passado.

Só conseguimos passar a enxergar uma determinada época enquanto fundamentalmente nova por uma mudança de atitude em relação ao passado e ao futuro, movimento que se concretiza, por exemplo, com a frustração das expectativas apocalípticas cristãs sobre o fim dos tempos. Se não acreditamos mais estar vivendo à beira dos últimos tempos, amplia-se um horizonte ilimitado em direção ao novo, marcado pelo conjunto de promessas e garantias que avançavam com o desenvolvimento científico, bem como pela “descoberta” de um Novo Mundo, novos povos.

Koselleck (2006) demarca que, durante o século XVIII, o “novo tempo” era acionado enquanto um conceito que buscava demarcar um período oposto à Idade Média, ao mesmo tempo em que tornou-se usual a consciência de que, a partir de 1500, instaura-se uma nova época e que, desde então, já experimentávamos esse “novo tempo”, que se distingue dos períodos anteriores. A ideia de uma história contemporânea ilustra essa nova autoconsciência histórica, uma vez que, para além de uma “história nova” enquanto marcador estático após a “história média”, enfatiza a abertura para a atualização limiar de uma nova época, que pode ser vislumbrada a partir da Revolução Francesa, mas que não se fixa nela. O conceito de tempo contemporâneo resguarda, portanto, um indicador de aceleração das transformações da experiência histórica, que, frente à pluralidade de acontecimentos, passa a ser mais frequentemente acionado como a “inauguração de um período novo”, do que como um momento retrospectivamente demarcado.

Nesse sentido, Koselleck (2006) pontua que, a partir do século XVIII, o tempo passa a

ser dotado de caráter histórico e que, portanto, a própria história passa por uma reconfiguração que considere o tempo enquanto um vetor. Como consequência, a “história moderna” passa a ser tanto a história em si, em uma dimensão autêntica, quanto a “história de uma época” (em específico, a época mais atual). Elencando como critérios para a temporalização da história a) o processo de secularização; b) a simultaneidade do não simultâneo em que sociedades diferentes experimentam, ao mesmo tempo cronológico, distintas relações com o tempo (processo que ganha destaque na contraposição entre a própria ideologia do progresso e as vivências das civilizações nativas da América) e; c) a emergência da compreensão de uma história subjetiva (que destaca a não estratificação dos acontecimentos históricos), Koselleck possibilita a compreensão de uma história que demanda constante reelaboração.

Além disso, nesse cenário, o passado é também constantemente revisto e julgado de diferentes formas, culminando, em um movimento cíclico, na reelaboração mútua desse próprio tempo novo. De forma similar, a percepção acerca do futuro também se transforma de modo a ampliar, consideravelmente, a diferença entre o que se experimenta no presente e o que emerge junto às expectativas que se projetam no horizonte. Imersos nessa consciência, não nos enxergamos mais no “início” ou no “fim” da história: o tempo é intrinsecamente transitório e se caracteriza a partir dessa diferença projetada no futuro e a aceleração que passa a nos afastar (e diferenciar) do passado. A marcha acelerada do presente passa a testemunhar cotidianamente grandes acontecimentos e transformações que não poderiam sequer ter sido projetadas no futuro, entrecruzando as três dimensões temporais em uma consciência compartilhada de uma época constituída, em última instância, pela novidade.

O cerne do diagnóstico da modernidade proposto por Koselleck (2006) é o entendimento da constituição de uma época em que as experiências acumuladas e vivenciadas no presente enfrentam uma distância abissal das expectativas do futuro, privilegiando a sensação de um tempo transitório e de ruptura, em que novos acontecimentos emergem cotidianamente. Dito por outras palavras e retomando as categorias temporais discutidas no capítulo anterior, a modernidade pode ser apreendida como uma temporalidade própria a partir da constatação do distanciamento entre espaço de experiência e horizonte de expectativa.

O conjunto de experiências coletivamente acumuladas de nossos antepassados, no qual acrescentaríamos nossas próprias experiências, e as compartilharíamos com nossos descendentes, em um universo marcado pela aceleração, abandona o potencial de orientação que possuía. O horizonte de expectativa de aperfeiçoamento do progresso substitui o

horizonte inalcançável das doutrinas religiosas que se realizavam apenas no além. A ação humana passa a possibilitar o aperfeiçoamento contínuo da história, objetivando uma ideia de progresso constituída a partir da percepção de distinção temporal entre grupos sociais compreendidos enquanto “superiores”, conforme sua disponibilidade de acesso a determinado aparato técnico/civilizatório.

O espaço de experiência deixou de estar limitado pelo horizonte de expectativa na medida em que as expectativas projetadas não se esgotavam nas possibilidades expressas pelas experiências anteriores, ao mesmo tempo que as experiências novas também não poderiam orientar a construção de novos horizontes. Para Koselleck (2006), é no conceito de progresso que reside a diferença fundamental entre as duas categorias, a partir de sua constante orientação para a superação das experiências anteriores, estabilizada, sobretudo, pela ciência e pela técnica.

A manutenção dessa diferenciação, contudo, depende de um marcador de aceleração contínuo, por meio do qual os ritmos e prazos do mundo são modificados: “não apenas o fosso entre o passado e o futuro aumenta; a diferença entre experiência e expectativa é sempre superada, e de forma cada vez mais rápida, para que possa continuar viva e atuante” (Koselleck, 2006, p. 322). Em meio à aceleração progressiva da modernidade, contudo, vivenciamos, na primeira metade do século XX, uma série de experiências de trauma, advindas do próprio desenvolvimento técnico e científico. Nesse cenário, podemos perceber a emergência de uma nova reconfiguração de nossa relação com passado, presente e futuro.

## **2.2 Midiatização intensificada e transformações contemporâneas da experiência**

Rodrigues e Rangel (2018) tomam esse diagnóstico de Koselleck como ponto de partida para tecer reflexões acerca da crise política vivenciada no Brasil, a partir da década de 2010, em meio ao cenário de transitoriedade do presente moderno, em que o sujeito cartesiano se abriga e tenta agir em direção a um futuro idealizado. A diferença fundamental da relação experimentada na noção de contemporâneo proposta é a compreensão da frustração das expectativas de realização das ações desse sujeito em prol de um horizonte de progresso. Além disso, o passado, cujas experiências acumuladas haviam deixado de se projetar para a constituição das expectativas de futuro, se torna objeto de desejo, em movimentos caracterizados por uma forte nostalgia em busca de uma suposta segurança perdida.

Tais mudanças podem ser condensadas sob a seguinte ótica: enquanto a modernidade se caracterizava por uma aceleração em direção ao futuro que cada vez mais se distanciaria do passado, no contemporâneo parece prevalecer, frente à frustração dessas expectativas (aprofundadas adiante), uma sensação de estagnação, em que, embora, cotidianamente, grandes acontecimentos se façam presentes, há um certo ceticismo em relação à a ativa possibilidade de transformação que representam para o curso da história. No cenário brasileiro, Rodrigues e Rangel (2018) pontuavam a dificuldade de compreensão da crise por perspectivas desconectadas de uma análise ampla (e, relativamente afastada, que considerasse, por exemplo, o papel de estruturas históricas) e, à época, as eleições de 2018 representavam a maior possibilidade de saída da crise, ignorando os ataques à democracia que já emergiam desde 2014 (e que se agravaram, em abril de 2018, por exemplo, com a prisão do então ex-Presidente Lula<sup>7</sup>).

Apesar disso, essa estagnação podia ser vislumbrada na sensação de impossibilidade de emergência de novas lideranças políticas (diagnóstico que se mantém atualizado até a década atual), bem como num movimento caracterizado, simultaneamente, por uma hipermobilização e por uma passividade. Em específico, no primeiro caso, o espectro político que convencionou-se chamar de extrema direita, se articula em prol de um passado idealizado de pretensa estabilidade e prosperidade, colocando-se em contraposição à emergência de minorias e, em última instância, à própria política (culminando na profusão de gestores, “não políticos”, supostamente mais aptos à administração pública):

Através da crítica à corrupção e à ausência de controle da violência por parte do Estado, os setores políticos conservadores e reacionários brasileiros adotam um discurso moralista, resgatam “valores” e projetos passados que são redirecionados para o futuro (Rodrigues; Rangel, 2018, p. 75).

No segundo caso, os setores progressistas experienciam a dificuldade de estabelecimento de outra figura de liderança, para além de Lula, bem como o esforço empreendido no enfrentamento aos escândalos de corrupção, enquanto a agenda política se mantinha ligada, majoritariamente à tentativa de manutenção dos programas sociais (que, de uma forma ou de outra, chegaram a possibilitar o vislumbre de um outro futuro para a população) e a inserção de pautas de combate às drogas e acesso à direitos para a população LGBTQIA+, enquanto questões econômicas se mantinham tangenciais.

O diagnóstico dos autores nos permite vislumbrar elementos para a compreensão do irrompimento dessa outra relação temporal contemporânea que, ainda que permeada por

---

<sup>7</sup> Acontecimento posterior à data de aprovação do texto, em dezembro de 2017.

diversos elementos característicos da modernidade, é reconfigurada e dotada de características próprias. Nesse contexto, para Gumbrecht, a instauração de uma concepção autorreflexiva do pensamento no contexto da modernidade, funda uma longa trajetória na filosofia e demais ciências humanas preocupada com a investigação das formas como percebemos o mundo, movimento que conduz a um afastamento da dimensão corpórea dos fenômenos. Esses processos, melhor delineados nas perspectivas previamente discutidas de Benjamin e (sobretudo) Koselleck, culminam para a observação de uma espécie de “evolução humana através dos meios culturais” (Gumbrecht, 2015, p. 14) na atualidade. Compreendendo que o sujeito da modernidade de Koselleck experimentava um presente estreitado e transitório entre a desvalorização das experiências passadas e as expectativas de um futuro aberto de possibilidades, Gumbrecht articula as transformações nesse habitat do sujeito cartesiano, inicialmente, pela transformação nas relações estabelecidas com o futuro.

Nesse cronótopo do presente, o futuro, gradativamente, deixa de se manifestar por meio dessa abertura e, pelo contrário, torna-se cada vez mais ameaçador e fechado à produção de prognósticos, ameaçados pelo iminente colapso climático. Simultaneamente, também nossa relação com o passado se reconfigura: ao abandonar as expectativas de orientação em direção ao futuro, passa, principalmente a partir da profusão de tecnologias de preservação da memória, a inundar o presente. Em meio a essa tensão entre passados e (impossibilidade de) futuros, o presente se torna marcado por uma série de simultaneidades (em que diversos elementos de múltiplas épocas coexistem) que continuamente se expandem, ao mesmo tempo em que nossas ações parecem irrelevantes para qualquer realização de futuro, em uma espécie de movimentação em direção a essas duas instâncias temporais que inevitavelmente retorna ao ponto de partida.

Frente à sensação de estagnação promovida por essa “mobilização intransitiva”, Gumbrecht (2015) questiona a necessidade de emergência de uma figura que tome o presente amplo como seu habitat de referência (em um gesto espelhado ao do sujeito cartesiano), que evidencie a demanda por experiências centradas em uma dimensão corpórea (ou pela presença) por nós experimentada, posta em tensão aos escombros modernos de prevalência da consciência e do sentido. A globalização é acionada, para Gumbrecht (2015), enquanto uma extensão da modernidade, na medida em que privilegia (a partir do desenvolvimento de tecnologias de comunicação) um constante afastamento das dimensões corpóreas-espaciais, atualizando o eixo da autorreferência cartesiana que as excluem: se antes pensávamos, logo existimos, hoje produzimos, fazemos circular e recebemos informações, logo existimos. Como reação a essa ausência de presença (e, conseqüentemente, de escassez de experiência),

passamos a buscar por ela em experiências de turismo de aventura, em movimentos de conscientização ambiental, em modificações corporais, na crescente relevância dos esportes, nas relações que estabelecemos com alimentação, na tentativa de recuperar uma relação rompida.

Como resultado, Gumbrecht (2015) questiona uma insuficiência dos efeitos da globalização frente às necessidades humanas de recuperação do corpo como elemento central para a existência humana, conectando-nos com a dimensão material do próprio planeta. Simultaneamente, a profusão de dispositivos eletrônicos de comunicação nos afastaria da capacidade de “sermos um corpo”, como (uma dimensão que amplia nossa existência), ao se conectarem com nossa consciência em uma espécie de triunfo sobre essa dimensão corpórea, na qual substituímos a solidão de estar constantemente em frente às telas, por uma meia-solidão da constante disponibilidade de conexão.

Em suma, Gumbrecht (2015) caracteriza esse presente amplo contemporâneo a partir de quatro oscilações, marcadas pela impossibilidade de experimentação simultânea de seus eixos. A primeira diz respeito à centralidade do planeta Terra para a manutenção da possibilidade de existência, que estabelece um desejo coletivo de cuidado, ao mesmo tempo em que um pretense desenvolvimento econômico constantemente impossibilita intervenções concretas para esse fim. Como segunda oscilação, experimentamos a obsolescência do corpo pelo crescimento de profissões exercidas integralmente pelo intermédio de uma tela de computador, enquanto uma série de discursos o coloca enquanto uma dimensão central, seja a partir de debates de gênero, ou ainda pelo tensionamento das responsabilizações por esse corpo em perspectivas individualizantes ou que as atribuam ao Estado, dissolvendo nossa própria experiência de vida.

No âmbito da terceira oscilação, experimentamos, no presente amplo, uma tensão entre as demonstrações de violência exercidas a partir do poder do estado e uma série de violências auto infligidas, por meio de cirurgias plásticas, piercings, tatuagens, ou ainda, do suicídio, que evidenciam o desejo por presença através da dor, exercendo o poder sobre o próprio eu, em resposta à autoescravização contemporânea da hiperconectividade. Por fim, a última oscilação abarca as relações que estabelecemos com nosso próprio pensamento: se, por um lado, nos vemos impossibilitados de transformar o futuro a partir da concretização do que imaginamos, passamos mais a circular do que a pensar (sem chegar a lugar algum), por outro lado, o pensamento emerge como contraposição à aceleração que a mobilização intransitiva nos coloca, em que os gestos de reflexão emergem como uma possibilidade quase revolucionária.

É nesse cenário contemporâneo de frustração das utopias da ideologia do progresso frente às experiências totalitárias do século XX que se reorganizam as relações entre nós, nosso tempo e nosso ambiente, ampliando o presente, nossos desejos por presença enquanto obscurece o futuro e nos inunda de passados acumulados. De modo mais amplo, o filósofo italiano Giorgio Agamben (2009) nos convida a compreender o contemporâneo não como um recorte temporal específico, mas como uma reconfiguração da relação entre o sujeito e seu próprio tempo. Sob essa ótica, faz sentido se questionar, por exemplo, quem são nossos contemporâneos, ou somos contemporâneos a que/quem.

Para Agamben (2009), contemporâneos são aqueles que, a partir de uma série de deslocamentos, conseguem perceber e apreender o próprio tempo. Em um movimento simultâneo de adesão e afastamento, diga-se, dissociação e anacronismo, estabelece-se uma relação de contemporaneidade em que são percebidas não apenas as autocelebrações de sua época, mas as tensões e fraturas que se mantêm opacas para aqueles que correspondem integralmente a ela, e portanto, não podem ser contemporâneos. Ao acionar a ideia de contemporâneo enquanto o que “percebe o escuro” no presente, Agamben não quer dizer de uma ausência de luz, mas sim na atenção que neutraliza essas luzes e permite desvelar as dinâmicas dessas trevas, que não cessam de atravessá-lo, ainda que sejam indissociáveis da própria luz. Mais que isso, a ideia da escuridão do presente está relacionada a uma metáfora espacial, em que a escuridão que observamos nos céus é fruto das luzes de galáxias e corpos celestes que se afastam de nós em uma velocidade superior à da própria luz e, portanto, não nos alcança: perceber essa luz é ser contemporâneo.

Como consequência, podemos apreender que o presente também se comporta da mesma forma, impossibilitado de nos alcançar e fraturado, habitamos na própria fatura e a percebemos, transformando a compreensão do próprio tempo cronológico. Agamben (2009) ilustra essa relação contemporânea a partir do exemplo da moda, que se constitui numa descontinuidade entre atualidade e inatualidade, de modo que, ainda que seja possível, para aqueles atentos a ela, perceber um pertencimento (estar na moda), é desafiador fixá-la em um período cronológico específico. Em meio a uma autorrelação de simultâneo adiantamento e atraso, o tempo da moda torna-se inapreensível, uma vez que, ao enunciar que se está na moda, imediatamente torna-se fora dela, ao mesmo tempo que passa a possibilitar uma outra relação com passados e futuros, (re)invocados e atualizados (ao acionar, por exemplo, a moda dos anos 1980, que existiu, mas, até então, poderia estar dada como morta).

De modo similar, a contemporaneidade é experimentada no presente, enquanto o confere um status de arcaico, no sentido etimológico de origem, compreendendo que essa

origem se mantém em devir, tocando o presente. E é por essa complexa relação de reencontro com o arcaico que o presente do contemporâneo se torna inacessível: o presente não é outra coisa senão a parte de não-vivido em todo vivido, e aquilo que impede o acesso ao presente é precisamente a massa daquilo que, por alguma razão (o seu caráter traumático, a sua extrema proximidade), neste não conseguimos viver” (Agamben, 2009, p. 70). Contemporâneo, para Agamben, portanto, é aquele que, percebendo as fraturas do próprio tempo, reencontra tempos e gerações distintas e apreende a história de uma forma inédita, adquirindo, a partir desse encontro, a potência de resposta frente às trevas do hoje.

### **2.3 Dispositivos interacionais e atualizações no espaço de experiência a partir de atmosferas mediatizadas**

Para além do complexo entendimento das relações temporais manifestas no contemporâneo, Agamben (2009), ao olhar para o tempo presente, o compreende enquanto uma temporalidade marcada pela profusão de dispositivos. Retomando a obra de Michel Foucault, Agamben (2009) pontua a origem do conceito a partir da ideia de positividade e *oikonomia*<sup>8</sup>, enquanto esse conjunto universal de práticas e mecanismos que atendem a uma determinada urgência e buscam articular (e realizar) determinada atividade de governo.

De modo mais específico, o dispositivo em Foucault pode ser sumariado como uma rede estabelecida entre um conjunto de atores/instituições/coisas (discursos, filosofias, leis, instituições, etc.) inscrita em alguma relação de poder e orientada por uma função estratégica específica, sendo fruto da confluência entre relações de poder e saber. Assim, ao invés de especificar um ou outro exercício de poder, Agamben (2009) evidencia como a noção de dispositivo foucaultiano abarca a rede constituída a partir desses elementos e, não obstante, implica, na constituição de processos de subjetivação, por meio dos quais estabelece os sujeitos que se inscrevem nessas redes.

Tomando como ponto de partida o dispositivo em Foucault, Agamben (2009) parte para uma concepção própria que se funda a partir da compreensão de uma divisão das coisas do mundo em duas categorias: seres vivos (substâncias) e dispositivos que as capturam. Em tal cenário, dispositivo torna-se qualquer elemento dotado de capacidade de captura, orientação, determinação, interceptação e controle de condutas e práticas desses seres

---

<sup>8</sup> Do latim, administração da casa/do lar, acionado como organização da doutrina cristã com a emergência do dogma de um Deus que é uno em essência, mas que confere a cada entidade: pai, filho e espírito santo, um governo específico sob as coisas do mundo.

viventes. Nesse conjunto, para além das instituições tradicionalmente inscritas na noção de dispositivo, filosofia, escrita, cigarro, telefones celulares e a própria linguagem se constituem também como dispositivos que, de uma forma ou de outra, nos capturam.

Entre substância e dispositivos, contudo, Agamben (2009) propõe uma terceira classe, a dos sujeitos, frutos da relação entre as duas anteriores. Ainda que possam parecer sobrepostos, sujeito e substância, esse processo nunca se dá por completo, uma vez que uma mesma substância pode abrigar infinitos processos de subjetivação. Consequentemente, se nosso presente, frente ao contexto de extremo desenvolvimento capitalista, é caracterizado por uma proliferação ilimitada de dispositivos, também o é pela disseminação de múltiplos processos de subjetivação. Agamben (2009) aposta que, atualmente, todos os instantes das vidas dos membros de nossa espécie são modelados ou contaminados, de alguma forma, por algum dispositivo.

Frutos do próprio processo que nos constitui enquanto humanidade, dispositivos emergem a partir da possibilidade de afastamento entre nós, como viventes, e o ambiente que nos circunda, em que nos reconhecemos como entes e constituímos um mundo (que, a partir de dispositivos, é ocupado com uma infinidade de coisas). Na raiz desse movimento, Agamben (2009) compreende que os dispositivos se fundam no desejo humano por felicidade e organização do mundo e a captura desse desejo constitui a potência do próprio dispositivo, o que explicita a complexa relação que estabelecemos, corpo a corpo, com eles.

Nesse cenário, Agamben (2009) propõe a ideia de profanação como movimento estratégico de retomada e restituição ao uso comum daquilo que é capturado por dispositivos. Em contraposição à noção de consagração enquanto a separação e elevação a um status divino a partir do humano, a profanação implica em retomar aos homens aquilo que foi de propriedade sacra, operando como um contradispositivo, com potencial de subversão dos processos de subjetivação. No contemporâneo, experimentamos a intensificação dessas rupturas, desafiando as possibilidades de profanação, uma vez que os dispositivos modernos operam não mais em uma lógica de produção de sujeitos, mas de dessubjetivação. Como exemplo, Agamben pontua que a captura pelo dispositivo “telefone celular” não implica na produção de uma nova subjetividade (ao contrário, por exemplo, do dispositivo “sistema prisional”), de tal sorte que um “uso correto” ou uma profanação, tornam-se particularmente difíceis.

Como resultado, experimentamos um contemporâneo inerte de múltiplas dessubjetivações que culminam, por exemplo, no declínio da possibilidade de efetivação da política, em que prevalecem formas de governo que objetivam apenas sua reprodução.

Docilizados a partir de uma ótica distinta das sociedades pré-industriais, em capturas sem subjetivação, testemunhamos o aprofundamento da presença de dispositivos em todos os âmbitos da vida. Em contextos comunicacionais, Braga (2020), que também retoma um horizonte foucaultiano, aciona a ideia de dispositivos interacionais, para além dos meios comunicacionais, mas como instâncias que aparecem em qualquer interação e, portanto, na mediação.

Para além de um interesse em categorizar (ou não) determinado elemento enquanto um dispositivo, Braga (2020) se interessa pela análise de suas lógicas de funcionamento, emergências, contextos e especificidades no processo comunicacional. Guiado por esse movimento, desloca o objeto de Foucault (dispositivos de controle) para compreender que qualquer instância de interação implica na presença de dispositivos acionados de diferentes formas e ajustes experimentais. O conceito, portanto, nos auxilia na apreensão das distintas estratégias interacionais, urgências e táticas que emergem com a comunicação em ação. Na tentativa de constatação das especificidades do campo da comunicação, Braga (2020) identifica dois grandes processos básicos, códigos e inferências, que abarcam a pluralidade de elementos investigados pela área. O primeiro diz respeito à série de referências compartilhadas no momento da interação, enquanto o segundo se relaciona aos ajustes tentativos e inferenciais acionados pelos participantes (que inclusive modificam o primeiro).

A completa ausência de códigos impossibilita a comunicação, ao mesmo tempo que apenas a presença deles não é suficiente para a constituição de uma interação, de modo que elementos inferenciais de ajuste à singularidade de cada situação também se fazem necessários. Considerando a dinamicidade dos dispositivos, Braga (2020) compreende que atuam, não apenas na produção de códigos, mas também em sua atualização, a partir do processo inferencial, cabendo a nós a observação das dinâmicas desses elementos na composição de dispositivos interacionais.

Importante ressaltar, contudo, que a perspectiva de Braga (2020) se afasta da de Agamben (2009) na medida em que o pesquisador brasileiro critica a ideia de dispositivo como uma categoria universal de controle. Para Braga, a derivação da perspectiva de Foucault realizada por Agamben vai em uma direção que não contribui para a compreensão comunicacional proposta por ele, sobretudo pela ênfase nas dimensões de poder e captura, impossibilitando a emergência de experiência (frente à já discutida dificuldade de profanação dos dispositivos modernos).

Dispositivos operam, portanto, como uma heurística que permite apreender a processualidade do comunicacional que, por muitas vezes, torna-se coadjuvante quando o

esforço primário de pesquisa está voltado, por exemplo, para a descrição desses processos sob a ótica de outras disciplinas mais estabelecidas. Tomando a comunicação como um trabalho da diferença, a ideia de dispositivo, para Braga (2020), permite apreender os processos tentativos por meio dos quais elas buscam coexistir, demandando possibilidades de existência, mesmo quando tais processos não estejam necessariamente instituídos.

Os códigos, nesse cenário, operam como elementos de continuidade que dispensam o contínuo ajuste entre as diferenças que protagonizam a interação, enquanto as inferências abrem a possibilidade de descontinuidade através de gestos experimentais, tentativos e modificadores. As articulações entre as duas categorias não são sempre simples, por vezes o inferencial também pode objetivar continuidade, enquanto a codificação também pode ser inovadora. Dessa forma, a heurística do dispositivo permite a investigação das especificidades de cada situação comunicacional, suas permanências, rupturas, gestos de opressão e disciplina, de resistência e renovação, atenta às distintas manifestações da diferença, seus arranjos e desarranjos, compreendendo “o que ocorre e como” (Braga, 2020, p. 37).

Braga (2020) não considera os dispositivos (e a própria comunicação) como necessariamente disciplinadores ou libertadores, pois se produzem, precisamente, a partir da articulação entre continuidades e descontinuidades acionadas tanto pelos códigos, quanto pelas inferências. Por isso, busca distinguir as lógicas interacionais dos dispositivos de seu frequente uso por instâncias disciplinadoras: Braga aposta na possibilidade de (re)organização das lógicas do dispositivo para quaisquer objetivos, mais ou menos nobres. Claro, reconhece que, a depender da disponibilidade de poder de determinado participante social, a potência de controle do dispositivo que aciona pode ser infinitamente maior que a dos outros, contudo, quando esse poder se torna insuportável, eventualmente irrompem dispositivos outros fundamentados em tentativas de enfrentamento, como a democracia ou a cidadania.

## **2.4 Considerações do capítulo**

Tomados, portanto, como “lugares de observação” constituídos a partir de tentativas experimentais mais ou menos alicerçadas em códigos reconhecíveis, argumentamos que dispositivos interacionais podem resultar na disposição de atmosferas midiaticizadas. Ainda que, conforme discutido no primeiro capítulo, a ideia de atmosferas implique em uma relação muito específica de efeitos de presença, dotadas, portanto, de uma materialidade que não aparece como uma preocupação na conceituação de dispositivos (interacionais ou não), a

heurística do dispositivo parece, simultaneamente, fundar e nos permitir observar suas dinâmicas.

De modo mais específico, a constituição de atmosferas midiáticas em torno do Movimento Corpo Livre se dá a partir do estabelecimento de uma série de formas comuns de se relacionar, que, ao mesmo tempo, se baseiam em territórios já compartilhados (a língua portuguesa, plataformas de redes sociais, por exemplo) e estabelecem processos inovadores e tentativos com vistas a pleitear alguma possibilidade de aceitação/acesso a direitos (como na forma como esses corpos aparecem em fotografias/vídeos, em gírias/vocabulários próprios). Além de se constituírem a partir dessas relações, é a partir da observação dessas dinâmicas que podemos reconhecê-las como fenômenos dotados de singularidades.

Assim, em um contemporâneo inundado por uma profusão de dispositivos, caracterizado por tensões entre passados que a ideologia do progresso conferiu um caráter de irrelevância, mas que passam a ser objeto de desejo presentificados, bem como pela frustração dos horizontes de expectativa dessa mesma ideologia, observamos, sobretudo após a pandemia de covid-19, uma intensificação das relações que estabelecemos em contextos midiáticos. Nesse cenário, pensar o fenômeno a partir de dispositivos interacionais nos permite reconhecer, por exemplo, que os processos tentativos que culminam na produção de atmosferas midiáticas de corpos gordos não são estanques e refletem as transformações experimentadas a partir da reconfiguração do espaço de experiência e do horizonte de expectativa em que se inserem.

Mafra (2022) permite compreender que o espaço de experiência contemporâneo, em cenários comunicacionais, pode ser caracterizado a partir de três notas experiências: a) tensões que se estabelecem entre a ideologia do progresso e a emergência de diferenças, de tal sorte que a última, simultaneamente, é tomada enquanto um dado resolvido (considerado um horizonte pretensamente democrático e liberal), enquanto experimenta forte cooptação pela primeira, podendo até, eventualmente, aparecer, desde que não ofereça significativo risco à sua perpetuação; b) dificuldades à ampliação de horizontes comuns em que, considerando a necessidade de “pagar pedágio para o progresso” (Mafra, 2022, p.99) como condição para o aparecimento e a intensificação da criação de bolhas em contextos midiáticos, o espaço público e, conseqüentemente, a construção de esfera comum passam a ser, cada vez mais atrofiados e; c) pulverização de latências em que às diferenças é conferida uma existência quase clandestina, a partir da criação de espaços seguros frente aos movimentos de deslegitimidade que vivenciam cotidianamente.

Frente a esse preciso diagnóstico, faz sentido compreender o estabelecimento de atmosferas midiaticizadas de corpos gordos como resultado de um espaço de experiência contemporâneo orientado para movimentos de invisibilização e estigmatização e que, de alguma forma, consegue estabelecer um espaço de acolhimento e aceitação. Contudo, os tentáculos da modernidade seguem permeando nossa experiência contemporânea e promovendo reconfigurações que, considerando o constante caráter tentativo de dispositivos interacionais, promovem atualizações dessas atmosferas em direção a uma maior correspondência às suas ideologias. Nesse contexto, o próximo capítulo busca se aprofundar na discussão sobre a emergência de diferenças e suas possibilidades contemporâneas de (r)existência, sobretudo em direção à profanação dos dispositivos modernos.

### **3 CAPÍTULO 3: ATMOSFERAS MIDIATIZADAS NO/DO CONTEMPORÂNEO: TENSÕES ENTRE DIFERENÇAS E DINÂMICAS ORGANIZACIONAIS MODERNAS**

Nos capítulos anteriores, buscamos estabelecer que a noção de atmosferas midiáticas a) está ligada às tensões que se estabelecem entre espaço de experiência e horizontes de expectativa, a partir do surgimento das possibilidades de mediação e b) contemporaneamente, são detonadas a partir de dispositivos modernos que intensificam as relações entre corpo e máquina. Neste capítulo, nos dedicamos ao recorte de um conjunto de fenômenos específicos: a aparência pública de diferenças em contextos midiáticos, a fim de argumentar que as atmosferas midiáticas no/do contemporâneo que emergem em tais cenários podem ser apreendidas a partir da verificação do estabelecimento de tensões entre as diferenças e tentativas de atualização das relações ser humano-máquina por dinâmicas organizacionais modernas.

Discutir as atmosferas midiáticas que circundam a aparência de corpos gordos em cenários midiáticos a partir de uma perspectiva da diferença é gesto que pode ser compreendido, simultaneamente, como uma demanda que o contato com o objeto de estudo nos provoca e como o resultado de um contexto mais amplo nas humanidades, que tem, nas últimas décadas, demonstrado interesse e produzido conhecimento em torno do conceito. Santos e Rangel (2015) percebem, no campo da história, um crescente movimento de estudos dedicados à apreensão do mundo contemporâneo, orientados a partir da ideia de diferença. O fenômeno, nomeado pelos autores como “giro ético-político”, engloba a percepção de uma acentuada preocupação com modos de ser não hegemônicos. Um giro ético na medida em que se relaciona ao *ethos*, à forma como nos relacionamos internamente com o mundo em que vivemos (o contemporâneo); e político por sua atuação na esfera pública, orientada por um horizonte de busca por transformações.

Apesar de proposto a partir de investigações no campo da história, os autores (2015) o identificam como uma tendência ampla nas humanidades de tentativa de organização do contemporâneo em torno do conceito de diferença. A partir da aceleração histórica promovida pela modernidade e seus acontecimentos históricos que desafiaram a experiência humana de forma inédita e colocaram em xeque a própria possibilidade de orientação da história, de forma similar, os acontecimentos traumáticos do século XX subtraíram a capacidade da linguagem de explicação da realidade. Como resultado desses acontecimentos, passamos a conferir aos séculos XVIII e XIX a responsabilidade pelas tragédias que se sucederam e,

como consequência, uma relação de negação é estabelecida nos séculos XX e XXI, em que a defesa e a garantia de espaço a diferentes etnias, perspectivas, tradições e memórias tornou-se uma tarefa contemporânea à qual a história e outros campos do conhecimento passam a tentar dar respostas (e, no campo da história, passa a operar como possibilidade de legitimação do próprio campo, para além de perspectivas puramente epistemológicas ou gnosiológicas).

Em consonância, também a Comunicação tem se dedicado ao exercício de pensar na e a partir das experiências em diferença. O conceito, cuja apreensão não é tarefa simples, é percebido nas relações entre aquilo que é homogêneo, reconhecível, identitário e o que não o é. Ferrara (2021), movida pelo interesse de compreender o conceito na epistemologia da comunicação, toma como ponto de partida uma perspectiva foucaultiana, compreendendo a diferença como parte inerente dos esforços de similitude e homogenização que operam no campo da linguagem (que é entendida, pela autora, como comunicação). Nesse cenário, os gestos de nomear e ordenar tendem a obscurecer as diferenças, enquanto a comunicação passa a mediar a continuidade dessa assimilação.

Sob essa ótica, o exercício da comunicação estaria mais interessado na busca por aquilo que é semelhante em meio às diferenças, do que na diferença em si. Consideradas as especificidades da comunicação (frequente alicerçamento em outras áreas das humanidades; recente instauração enquanto campo; constante aceleração na profusão de tecnologias de comunicação; emergência de uma ideia de mídia que passa a se inscrever na própria dimensão do corpo), Ferrara (2021) a compreende enquanto um processo de produção de sentidos por meio do qual o campo de pesquisa se instaura, interessado na apreensão das regularidades que se apresentam nos meios que possibilitam a própria configuração do campo, cenário que desafia as possibilidades de constituição de uma epistemologia das diferenças na comunicação.

Frente a esse desafio, Ferrara (2021) compreende que o entendimento da diferença enquanto constituinte da própria comunicação demanda um esforço epistemológico distinto, uma vez que, apesar de reconhecível pelo estranhamento promovido por sua eventual emergência, tende a ser apreendido a partir de paradigmas homogeneizantes, como ocorre, por exemplo, em determinados exercícios etnográficos. Essa característica a torna, para Ferrara (2021), uma potência empírica, na medida em que é percebida em sua própria diferença, simultaneamente atravessada por um caráter quase anônimo, de difícil reconhecimento, que demanda uma epistemologia que supere a necessidade de aproximação com aquilo que já é semelhante.

Pensar a diferença sob esse aspecto demanda, portanto, uma percepção sensível que considere sua não subordinação às similitudes e aproximações, seu direcionamento à alteridade, bem como o caráter inaugural de cada comunicação: “a comunicação da diferença é, antes de tudo, uma provocação dirigida ao outro que a investiga e percebe que, admitir a diferença, constitui sua única possibilidade de diálogo” (Ferrara, 2021, p. 12). Torna-se necessário, portanto, admitir o papel político da comunicação da diferença, que, experienciada no cotidiano, instaura novas possibilidades e as faz circular, a partir de movimentos de reação e resistência. Consequentemente, sua percepção demanda abertura ao reconhecimento de outras realidades que escapam ao domínio da ordem e que passam, em um contemporâneo midiático, a pleitear, publicamente, um espaço no mundo. Nesse cenário, Ferrara (2021) compreende a demanda por diálogo em que as diferenças se reconhecem e se correspondem sem assumir uma postura de pretensa igualdade, mas compreendidas em seu próprio caráter de diferença. Para além de almejar um pretenso consenso, objetiva-se a admissão da divergência e da alteridade, superando a prevalência determinada dos mais fortes, o que culmina em processos potencialmente dúbios e imprevisíveis. Esse movimento evidencia o caráter ético de pensar a comunicação da diferença, bem como a responsabilidade que o próprio campo da comunicação carrega ao se propor a um horizonte epistemológico dotado da crítica e sensibilidade necessárias para a construção de conhecimento a partir desses fenômenos.

Martino e Marques (2023) partem da crítica de Ferrara (2021) para se aprofundar no conceito de diferença como condição para a comunicação, desmembrando-a em três dimensões: linguística, social e política. A primeira está relacionada ao entendimento da comunicação enquanto algo que advém da diferença, enquanto é também diferença, na medida em que demanda uma abertura para habitar com a diferença do outro. Nesse cenário, os autores (2023) retomam a discussão de Ferrara em torno da linguagem, compreendendo-a enquanto materialização do exercício classificatório que busca tornar inteligível (e comunicável) um universo complexo e plural.

Como consequência, entendem que as ideias de diferença, identidade e igualdade se articulam, sendo que a primeira assim o faz a partir de uma relação de fechamento entre aquilo que ontologicamente caracteriza a constituição de algo e aquilo que não o faz, enquanto a segunda abre a possibilidade para a instauração da diferença enquanto aquilo que potencialmente se estabelece a partir da relação entre dois elementos (ainda que pretensamente homogêneos). Compreende-se, portanto, a dimensão linguística da diferença na medida em que a própria linguagem se configura enquanto um sistema de diferenças.

Com a segunda dimensão, Martino e Marques (2023) buscam ressaltar o caráter relacional da diferença, considerando a importância do reconhecimento do outro com quem me comunico cotidianamente. Apesar da demanda por um sistema normativo que permita o estabelecimento da comunicação, ainda somos movidos por um desejo de reconhecimento das nossas formas singulares de ser e agir no mundo.

Nesse lugar, para além do estabelecimento de laços afetivos, éticos e políticos, se inserem também as práticas socialmente compartilhadas dos indivíduos, de modo tal que a diferença opera como tensionamento dessas identidades (e, simultaneamente, como produção de diferenças) ao promover novas possibilidades de diferenciação enquanto pleiteiam condições de igualdade. A diferença configura-se, portanto, como possibilitadora da comunicação enquanto fenômeno social ao se afirmar como condição para o estabelecimento de alteridades.

Por fim, os autores (2023) apreendem a terceira dimensão a partir do tensionamento entre diferenciação e desigualdade. A diferença calcada num contexto de igualdade é compreendida enquanto elemento fundamental para a possibilidade de qualquer comunicação, uma vez que um cenário de desigualdade plena e consequente afastamento infinito do outro impossibilitam a tentativa de formação de um comum (comunicar). Dessa forma, uma vez condicionada ao lugar de desigualdade, a diferença se insere em relações de poder que tornam inacessíveis as interações comunicacionais. Martino e Marques (2023) se afastam de uma compreensão essencialista das diferenças manifestas por grupos e indivíduos, uma vez que tal gesto pode obscurecer a pluralidade de diferenças em cada diferença, a fim de evitar a reificação das identidades desses grupos e seu potencial isolamento, afastando-os de cenários de diálogo e troca.

A diferença, sob essa ótica, se insere em processos comunicacionais constantemente atravessados por assimetrias de poder e, movida por tentativas de reconhecimento, busca enfrentar seu caráter de desigualdade. Opera, portanto, como condição de possibilidade da comunicação como um fenômeno político a partir do exercício de enfrentamento a processos de subordinação. Para os autores (2023), a comunicação enquanto campo do conhecimento permite, a partir da diferença enquanto categoria epistemológica, a apreensão dos complexos fluxos de transformação social, inseridos em práticas, discursos, e contextos inúmeros em sua pluralidade, ao invés de isolar e fragmentar os fenômenos. Braga (2022), também movido pela proposta de Ferrara (2021), contribui para o aspecto epistemológico da diferença, a partir da possibilidade de diferenciação (enquanto movimento evolutivo) da espécie humana.

Tomando a diversidade dos processos comunicacionais como um pressuposto do próprio campo, o autor (2022) propõe uma forma de construção de conhecimento que a abranja e busque compreender as dinâmicas e sua própria pluralidade constitutiva. Ao invés de se debruçar sobre a infinidade de gestos comunicacionais que se desenham a partir desse pressuposto, Braga nos convida a olhar para os problemas sociais que antecedem o estabelecimento de tais processos como resposta e, a partir deles, compreender as específicas lógicas de cada processo. Com esse intuito, volta-se para a discussão em torno da diferença, que, para autores como Honneth e Lévinas, pode ser tomada enquanto um problema para o qual a comunicação se manifesta enquanto resposta. Apesar de consonante com essa perspectiva, Braga (2022) se debruça sobre um movimento anterior às considerações teóricas e processuais-sociais da diversidade, tomando-a como uma característica estrutural de nossa espécie, que nos possibilita encontrar distintas formas de percepção, estratégia, experiência, produção cultural etc., estabelecidas a partir dos ajustes que cada ambiente demanda e direcionadas para composição de ações em comum.

Nessa perspectiva, o interesse reside, portanto, não na diferença, mas nas formas como a diversidade é relacionalmente estabelecida. Enquanto animais sociais, nos é demandada a capacidade de adaptação a cenários em constante transformação, gesto este que perpassa, simultaneamente, a articulação coletiva de indivíduos diferentes e os deslocamentos nesses mesmos indivíduos e seus grupos, sem eliminar as diferenças, mas ajustando-as. A analogia à perspectiva evolucionista proposta por Braga (2022) vai pontuar que nos diversificamos não apenas por seleções genéticas dos mais adaptados ao meio ao longo das gerações, mas também por seleções sociais, nas quais a comunicação caracteriza nossa capacidade de flexibilização e ajuste perante distintos cenários. Para além da adaptação a condições ambientais “naturais”, nos é demandada capacidade de adaptação a diferentes ambientes socioculturais, por sua vez diversificados pelas ações e práticas dos indivíduos que neles se inserem. Essa diversificação, assim como a diversificação das espécies, se torna benéfica, para Braga (2022), na medida em que reduz nossa dependência de um ambiente específico.

Nessa ótica, é a variação interacional que nos diferencia, em que, constantemente confrontados com a possibilidade de desentendimentos, conflitos, violência e opressão, nos são demandadas competências de experimentação e adaptação, voltadas à diferenciação, que, eventualmente, desembocam no estabelecimento de padrões e práticas interacionais na tentativa de mitigar os esforços empreendidos nesse gesto. Contudo, não é interessante que tais padrões sejam acionados de modo automatizado, os ajustes perante cada situação interacional podem cooperar para que ela não se torne um espaço de tensões. Em suma:

O problema comunicacional não é simplesmente a necessidade de gerar ações em comum, como se a diversificação fosse uma dificuldade e os padrões e sistemas fossem a solução. Responder ao desafio comunicacional é desenvolver composições viáveis entre transformações (por diversificação) e continuidade (como cultura) (Braga, 2022, p. 109).

Sob essa ótica, Braga (2022) evidencia o argumento da diversidade como uma questão estrutural de sobrevivência e adaptação, que não está necessariamente inscrita em processos puramente biológicos, mas que nos coloca instintivamente, no estabelecimento criativo de variações comunicacionais. O desafio que deriva dessa perspectiva reside na simultânea capacidade de estabelecimento de composições viáveis, tentando evitar que a diversificação demandada culmine em tensionamentos infelizes, enquanto experimentamos e exercemos essa diversidade como resposta a novas urgências interacionais.

Dito por outras palavras, somos desafiados, comunicacionalmente, a articular nossa capacidade infinita de diversificação e a demanda por estabelecimento de territórios comuns que comportem diversificações outras, evitando processos de enrijecimento. Nesse contexto, Braga (2022) nos convida a compreender que as urgências que demandam o trabalho da diversidade podem emergir em qualquer situação, levando seus participantes a selecionar o conjunto tentativo de estratégias mais adequado ao cenário, potencialmente transformando a própria situação e, em contextos mais amplos, culminando em modificações culturais análogas.

Como consequência, podemos compreender que, antes do estabelecimento de processos interacionais (como a linguagem ou os meios de comunicação), o ato comunicacional se funda antes, como necessidade para a qual inventamos, a partir de capacidades estruturais de nossa espécie, estratégias diversificadas que, em maior ou menor grau, são selecionadas e desenvolvidas (e só então culminam em eventual instituição e consolidação). Partir de um horizonte evolutivo permite, para Braga (2022), enfatizar os movimentos tentativos (constantemente frisados ao longo da trajetória do pesquisador) de variação e seletividade, em contraposição a perspectivas universalistas que menosprezam gestos de inventividade, enfrentamento, criatividade e aprendizagem.

A investigação da emergência de atmosferas midiaticizadas a partir da aparência pública de corpos gordos nos permite vislumbrar a diferença como um eixo de organização do próprio fenômeno. Por exemplo, a tentativa de organização desse aparecimento a partir de um movimento específico, dotado de nome e hashtag, pode ser compreendida, na perspectiva de Braga (2022), como uma das diferentes táticas acionadas por esse grupo de pessoas, ao longo

de décadas de processos tentativos, que, por motivos contextuais, relacionais e/ou algorítmicos, estava mais adaptada e acabou prevalecendo.

Movidos pelo interesse de desentranhar as especificidades de apreender o fenômeno investigado a partir da ideia de diferença, bem como as consequentes tensões que derivam desse processo, o presente capítulo se organiza em três tópicos, além dessa introdução. Inicialmente, a partir dos diálogos entre Hannah Arendt (2007) e Jacques Rancière (2010), argumentamos que o desejo por aparecimento desses sujeitos é motivado por um desejo anterior, por uma possibilidade de existência, na tentativa de reversão de um sensível negado. Em seguida, nos voltamos, a partir de Taylor (2011) e Agamben (2009), para a compreensão das tentativas de captura e atualização que, em contextos contemporâneos, a diferença enfrenta para, por fim, a partir de Pelbart (2008), refletir acerca das possibilidades de (r)existência em tais cenários.

### **3.1 Diferença como condição humana e a partilha do sensível**

Como vislumbrado na introdução deste capítulo, a noção de diferença pode ser acionada a partir de uma infinidade de perspectivas e tem, sobretudo nas últimas décadas, figurado como um debate de interesse das humanidades. No contexto desta tese, adotamos, majoritariamente, a proposta da filósofa alemã Hannah Arendt (2007), como base para pensar o conceito. Em “A condição humana”, Arendt nos fornece indícios para a apreensão de fenômenos caracterizados pela emergência de experiências atravessadas por algum caráter de diferença, em busca de horizontes de aceitação e/ou conquista de direitos.

A autora (2007) toma como ponto de partida a tríade labor, trabalho e ação, organizadas na expressão *vita activa*, as indicando como atividades que nos deslocam, enquanto humanidade, de um estado contemplativo. Nesse horizonte, a ideia de labor engloba os processos biológicos inscritos no corpo, por meio do qual se produz a condição humana da vida, enquanto o trabalho incorpora a artificialidade dessa existência, desconexo dos ciclos de nascimento e morte, por meio do qual, produzimos uma infinidade de coisas artificiais, experienciando a condição humana da mundanidade. Por fim, na ação somos colocados frente a outros que habitam o mundo conosco e abarca a condição humana da pluralidade que, por sua vez, condiciona toda vida política. De modo mais específico, a ideia de ação só faz sentido a partir das demandas que a própria pluralidade dos homens<sup>9</sup> coloca, pluralidade esta

---

<sup>9</sup> Hannah Arendt aciona a ideia de homem como sinônimo para humanidade, ainda que ao destrinchar as diferenças entre espaço público e privado, tangencie algumas distinções de papéis de gênero.

que é, por excelência, a condição que nos coloca em pé de igualdade: somos todos igualmente diferentes. Intrinsecamente ligadas às condições humanas de nascer e morrer, é a ação que abre a possibilidade para o nascimento do novo e, conseqüentemente, o pensamento político deve se aproximar mais da ideia de natalidade do que de mortalidade.

A mortalidade, para Hannah Arendt (2007), implica no fim da existência comum entre os homens e sua aproximação com a ideia de eternidade nos auxilia a distinguir a *vita activa* arendtiana da *vita contemplativa* do pensamento medieval. A experiência do eterno não comporta qualquer atividade e, portanto, não é suportada por uma criatura por muito tempo, uma vez que até o próprio pensamento é compreendido como uma atividade incompatível, interrompendo-a. *Vita activa*, por sua vez, implica na vida humana investida no movimento de fazer algo, inserida num mundo de outros homens que também o fazem, bem como das coisas que fizeram. É, portanto, através da presença de outros seres humanos que todas as atividades humanas se desenrolam, sobretudo a da ação. Ação e vida caminham de mãos dadas para a construção de uma forma outra de vida que se desenrola a partir de nossa constituição como seres sociais, movimento vislumbrado, pela autora, a partir da instituição da cidade-estado grega.

Com o advento da pólis, passamos a viver uma segunda vida, pública e comum, em que, em constante contato com o outro, ação (praxis) e discurso (lexis) possibilitam a emergência do que Arendt denomina como esfera dos negócios humanos, na qual a política se constitui. Essas duas instâncias de vida operam apartadas e em tensão, de modo que à esfera privada da vida, inscrita na instituição família, não era reservada a possibilidade de acesso à política. Contudo, é a partir da capacidade dos homens de as constituírem em um pedaço de terra de sua propriedade que lhes é fornecida a possibilidade de inserção na pólis. A pólis se organizava, portanto, a partir de um conglomerado de famílias que, em conjunto com a noção de propriedade, passam a conferir a cada homem um “lugar no mundo” e somente aqueles que o possuíam poderiam discutir os negócios desse mundo.

A liberdade, por exemplo, torna-se característica da esfera pública e, portanto, política, em contraposição à necessidade que, vigente na vida privada, pode demandar força e violência como meios para sua superação e, então, abrir espaço para a conquista da liberdade. Nesse cenário, o “chefe da família” só poderia experimentar a liberdade fora do lar, ingressando na esfera pública, em que todos eram considerados “iguais”, ainda que essa igualdade estivesse restrita a alguns poucos indivíduos, conferindo aos outros um status de desigualdade: eram iguais e livres para a construção política aqueles a quem a desigualdade não era conferida. Na modernidade, contudo, Arendt (2007) observa uma espécie de

sobreposição entre as duas esferas, em que interesses tradicionalmente privados tornam-se objeto de interesse de debate público.

A conformação de uma sociedade de massas implica em uma conjunção de grupos sociais, que por sua vez configuram-se a partir da agregação de unidades familiares e, nesse cenário, a esfera do social passa a controlar, igualmente, todos os membros de uma comunidade. Para a autora (2007), essa nova forma de igualdade é constituída a partir do deslocamento da ação como atividade primária para a ideia de comportamento. Na antiguidade, eram iguais aqueles poucos dotados de permissão para viver entre seus pares, contudo, a experiência da esfera pública era caracterizada por uma constante demanda por diferenciação, em que cada homem deveria buscar distinguir-se dos outros, na tentativa de estabelecer-se como melhor que os outros. Dessa forma, a esfera pública se constitui como o espaço da individualidade em que os homens tentariam demonstrar quem eram e como se diferenciavam dos outros. Essa diferenciação possibilitaria o alcance de um status de excelência inatingível na esfera privada, pois demandaria a presença de pares.

Pensar o espaço público, nesse sentido, implica na dupla compreensão daquilo que pode ser visto e ouvido por todos e daquilo que constitui nosso próprio mundo. No primeiro caso, Arendt (2007) busca ressaltar a importância do gesto de aparência e da percepção dos outros para a conformação de nossa realidade e do nosso mundo e, conseqüentemente, o papel fundamental da existência de uma esfera pública que possibilite essas emergências. No segundo movimento, a autora compreende a composição do mundo construído pelas mãos humanas e pelos negócios estabelecidos entre aqueles que o habitam (e não ao mundo como elemento “natural” ou biológico). Nesse sentido, nossa experiência de convivência no mundo é interpelada por um conjunto de coisas feitas pelo homem e, enquanto esfera pública, nos vemos próximos a determinados grupos ao mesmo tempo que somos afastados de outros:

O que torna tão difícil suportar a sociedade de massas não é o número de pessoas que ela abrange, ou pelo menos não é este o fator fundamental. Antes é o fato de que o mundo entre elas perdeu a força de mantê-las juntas, de relacioná-las umas às outras e separá-las (Arendt, 2007, p. 62).

Tal desafio advém dos distintos lugares que ocupamos e é essa diferenciação que torna valiosa a percepção dos outros sobre nós, estes que o fazem em ângulos distintos. É na esfera pública que o peso da subjetividade é experienciado e, para a autora (2007), é a partir da observação plural por ela possibilitada que a realidade do mundo pode manifestar-se, fidedignamente. Dito por outras palavras, a constituição da realidade no mundo comum se dá

a partir de percepções diferentes sobre um mesmo objeto. Nessa ótica, a esfera privada pode ser compreendida como um espaço de privação, em que o indivíduo, apartado da possibilidade de ser visto e ouvido por seus pares, é desautorizado da experimentação da própria vida. Privar alguém de ser conhecido é, para Arendt (2007), o equivalente a suprimir a própria possibilidade de existência.

Nesse cenário, a experiência da modernidade pode ser compreendida como um processo de dissolução desse mundo comum, e das possibilidades de participação e constituição de um horizonte compartilhado, sobretudo a partir das experiências totalitárias do século XX. A pluralidade de diferenças que nos constitui enquanto humanidade depende do estabelecimento de um espaço em que sejam experimentadas em sua própria diversidade, a partir da ação e do discurso. Contudo, assim como na pólis, a possibilidade de acesso ao mundo comum e, portanto, a possibilidade de existência, era conferida apenas a alguns iguais em sua diferença, contemporaneamente, experimentamos também tentativas de invisibilização de determinadas experiências. O pensamento político do filósofo francês Jacques Rancière (2010) nos fornece pistas para a compreensão das forças exercidas sobre esses grupos e suas possibilidades de enfrentamento.

Se, para Hannah Arendt, a oposição ao político se dá pelo social, pelo estabelecimento de comportamentos em detrimento da ação, para Rancière é a força policial que oferece essa contraposição. A noção de política de Rancière (2010) está ligada à busca pelo rompimento com perspectivas que naturalizam o acesso de determinados grupos de pessoas a esferas de poder, enquanto reinventa novas formas de existência individuais e coletivas. Na base dessa compreensão, reside a expectativa de uma pretensa igualdade entre os sujeitos, de tal sorte que qualquer indivíduo poderia engajar-se com a política, independentemente do status que ocupa naquele determinado instante.

De modo mais específico, Rancière tece críticas à perspectiva de Arendt a partir da compreensão de um status orbital, em que a política opera como categoria reservada àqueles que já a possuem. Sahd (2023) traça um paralelo entre as duas propostas: para Arendt (lida sob a ótica de Rancière), a luta pelo direito a ter direitos é um movimento que precederia a política, ao passo que, para Rancière, os processos de disputa em busca dos direitos humanos operam como o próprio cerne da vida política.

A luta política, nessa perspectiva, está relacionada à busca pela possibilidade de reconhecimento e participação no debate e não a uma construção necessariamente racional. Como consequência, a desqualificação de alguém como um participante viável enquanto este pleiteia o reconhecimento de sua igualdade é, para Rancière (2010), uma das formas mais

básicas de despolitização. A pretensão de igualdade, portanto, opera como uma presunção esvaziada, uma vez que em quaisquer grupos, apenas alguns são considerados iguais a outros.

Para além do mero exercício de poder, a política é compreendida a partir de uma relação paradoxal entre aqueles sujeitos que a exercem (que são definidos como tal a partir de sua participação), em um modo de agir dotado de uma racionalidade própria. Nesse cenário, para além da tentativa de rompimento com as formas como o poder é distribuído, a política demanda também a superação da ideia de que quem o exerce o faz por alguma disposição específica que o possibilita. A partir desse movimento, Rancière (2010) passa a inserir a democracia não como um regime político, mas como a própria manifestação da política, ao suspender expectativas deterministas de quem deve governar. Nesse cenário, a ideia de povo enquanto sujeito da democracia ultrapassa as fronteiras de determinados grupos ou classes sociais, mas passa a ser apreendida a partir do exercício político de tentar tornar-se parte de uma comunidade. A política, portanto, passa a operar de modo quase acidental a partir do estabelecimento de distintas formas de dominação, e consequentemente, seu objeto tende a ser, essencialmente, uma disputa pela própria possibilidade de existência.

Em oposição à política, Rancière (2010) apreende na ideia de polícia a distribuição do sensível que organiza o social, determinada através do aparato legal, por exemplo, de quem deve exercer o poder e se ancora no princípio de que não há espaço/necessidade para a emergência de enfrentamentos que almejem algo novo/diferente. Essa distribuição é tradicionalmente implícita e estabelece de que formas distintos grupos são percebidos e podem participar de uma comunidade. Nesse sentido, o trabalho da política é o de criar possibilidades de aparecimento de outros arranjos, em essência manifestando o dissenso entre o mundo dos que fazem parte e o dos que não fazem, evidenciando a distância entre eles. Mais que um conflito de ideias, o dissenso, para Rancière (2010), opera como um rompimento com as compreensões estabelecidas pelo senso comum e, por meio dele, reencenamos a pretensa condição de igualdade estabelecida pela ordem policial.

Como consequência, a ideia de consenso se dá por processos de tentativa de anulação desse dissenso, bem como de seus sujeitos, reduzindo a própria política à lógica policial. Os conflitos que emergem com as cenas de dissenso são conduzidos à resolução a partir de aprimoramento de conhecimento, negociações e ajustes de interesse, na tentativa de suprimir as distâncias entre aparência e realidade. Em suma, podemos compreender política e polícia em Rancière (2010) como categorias que implicam em distribuições diferentes do sensível, que implicam em diferentes formas de enquadrar e não enquadrar, ver e não ver, ouvir e não ouvir determinados sujeitos, objetos e relações.

Para nossa pesquisa, pensar diferença e dissenso no contexto das atmosferas que emergem a partir do estabelecimento do Movimento Corpo Livre nos fornece pistas, principalmente, para apreender as especificidades do espaço de experiência em que o fenômeno se manifesta. De modo mais específico, pensar a diferença como categoria em Hannah Arendt, nos permite compreender o desejo de aparência como gesto político. Historicamente, pessoas gordas experimentaram pouca representação em espaços midiáticos, no que se refere às suas possibilidades de acesso ao mundo comum a partir de suas diferenças (e não a partir do olhar de um outro estranho, que as nomeia). Esses corpos, via de regra, não apareciam e, quando o faziam, havia uma tendência de serem tomados por processos estigmatizantes. Faz sentido, portanto, que, a partir da emergência de um novo horizonte midiático, tais sujeitos passassem a enxergar novas possibilidades de reivindicação de direitos, de busca por acolhimento e identificação, de aparência e, consequentemente, de existência.

Esse aparecimento passa a ser compreendido como um gesto político, por meio do qual passam a tornar visíveis, por exemplo, os desafios de uma existência em uma sociedade que não os considera como sujeitos. Não é por meio da organização de um abaixo assinado que solicite alguma questão cara a pessoas gordas para algum parlamentar que essas mulheres e esses homens defendem suas possibilidades de existência, mas através de um aparecimento pouco organizado, ocupando espaços nas plataformas e nos algoritmos, escancarando a diferença no sensível por eles cotidianamente experimentada. Entretanto, onde há produção de dissenso, passam a operar também tentativas de produção de consenso, buscando em lógicas pretensamente racionais o arrefecimento de tensões e de disputas. No contemporâneo, compreendemos que tais lógicas se ancoram, principalmente, a partir de uma lógica organizacional moderna, manifesta a partir dos estratos relacionais do Estado, do Mercado e da Ciência.

### **3.2 Tensões da diferença e dinâmicas organizacionais modernas**

Retomando a concepção de dispositivo em Agamben (2009), como tudo aquilo dotado da capacidade de capturar e orientar ações, ideias e condutas dos indivíduos; e considerando o contexto contemporâneo de proliferação de dispositivos, compreendemos que, em maior ou menor nível, nossas vidas se diluem entre os distintos rótulos que nos posicionam enquanto

sujeitos. Nesse cenário, a ideia de profanação<sup>10</sup> passa a ser cada vez mais cara, entendida como a possibilidade de retomar aquilo que é sacralizado pelo dispositivo ao uso dos homens. Baptista (2015) argumenta que os dispositivos passam, em contextos políticos, a exercer, simultaneamente, as funções de instauração e manutenção de poder, que, em ambos os casos, implicam em gestos de violência.

Essa violência se torna mais evidente no segundo movimento, uma vez que, no momento da instituição de um novo dispositivo, ela opera sob a justificativa de uma pretensa transformação social. Acionada em tomadas de decisão sobre o que deve ser revelado ou omitido, dito ou não dito, a violência permite que os dispositivos se perpetuem e, por meio dela, desvanecem as possibilidades de emergência de formas de vida que operem em prol da profanação. Baptista (2015, p. 12) caracteriza esse movimento como uma “rede configurada para manter o status quo da fragmentação da vida em meio às variantes que dispersam o olhar do sujeito. Uma rede de recursos variados, mas com o único objetivo de evitar a sua própria fragilização, mesmo que a custas da alienação geral”. Essa característica opera para a compreensão dos processos de subjetivação que derivam dos dispositivos, pois, quando concentrados em sua manutenção, estabelecem uma governabilidade que ultrapassa os limites do ser, produzindo o próprio sujeito desse dispositivo. O sujeito que deriva desse movimento de criação passa a funcionar, idealmente, como um corpo amansado, dócil, que contribui para o perfeito funcionamento da engrenagem do dispositivo.

Baptista (2015) pontua, contudo, que, para além das duas funções “negativas” do dispositivo, em que arbitrariamente instaura e mantém, por meio da violência, determinados valores, há, ainda, uma terceira possibilidade, em que a força de profanação pode se manifestar, permitindo a emergência de questionamentos e reinvenções das práticas que originalmente o constituíram e o mantiveram. Esse terceiro nível é frequentemente descartado e apreendido enquanto uma ameaça a uma suposta ordem social, expressa na modernidade, por exemplo, sob a égide da liberdade e da democracia e, nesses casos, ao dispositivo resta apenas o jogo da automanutenção.

---

<sup>10</sup> Nesse momento, gostaríamos de elucidar a escolha por autores que partem de uma perspectiva foucaultiana, como Agamben e Pelbart mais adiante, sem, necessariamente, adentrarmos nos escritos de Foucault. Embora sua obra seja fundamental para a análise das formações de poder, privilegiamos a proposta de Agamben a partir de seu tensionamento do conceito de dispositivo, que permite compreendê-los não apenas como arranjos histórico-institucionais, mas como operadores gerais de captura e produção de subjetividade. De modo semelhante, a ideia de biopotência em Pelbart (2008) como tensão frente aos gestos de captura dos dispositivos nos parece adequada no que tange ao fenômeno investigado.

Para Agamben (2009), nossa autocompreensão como “humanos” perpassa pelo jogo de velar e desvelar do dispositivo, atribuindo aos *Homo sapiens* o traço da busca pelo saber e pela compreensão do próprio saber. O paradoxo, para Baptista (2015), reside na nossa tendência de, ao perseguir uma sabedoria idealizada, ignorar aquilo que já ignoramos, tomando como fato e estrutura aquilo que é estabelecido no dispositivo. Como resultado, testemunhamos a emergência do sujeito da modernidade, preso às promessas do dispositivo, que, operando em apenas dois de seus três níveis, sacraliza os domínios da felicidade e da liberdade, inserindo-os como objeto de sua governabilidade e afastando-os do mundo comum: “Ante a promessa de uma subjetividade feliz, o produto entregue não passa de uma alienada dessubjetivação” (Baptista, 2015, p. 15). Interessados no que nos é prometido, nos conformamos a papéis sociais que não entrem em conflito com os princípios que possibilitam a concretização desse horizonte, contribuindo para sua manutenção.

Nesse horizonte, Taylor (2011) nos permite apreender as especificidades da constituição do sujeito produzido pelo dispositivo da modernidade, nas sociedades ocidentais. Suas bases se estabelecem a partir de uma auto interpretação que passa a organizar a vida em dimensões interiores e exteriores. Nossa consciência e nossas emoções se localizam na primeira, enquanto as coisas do mundo são percebidas como externas a nós e, da mesma forma, somos dotados de potencialidades e capacidades interiores com potencial para manifestação pública. Essa dimensão, sumarizada no conceito de *self*, passa a ser compreendida como um fato da própria natureza humana, e não como interpretação específica sobre nossa experiência (ainda que Taylor admita que, de formas distintas, a percepção de si e do outro seja experimentada por todos os seres humanos).

O que difere o sujeito moderno, contudo, é a apreensão da moralidade como elemento constitutivo desse *self* que, em um contexto cartesiano que não deve buscar a Deus como fonte para suas respostas, resta, auto-reflexivamente, o gesto de olhar para si próprio. A razão passa a fornecer as vias por onde esse novo homem moderno deveria caminhar e, sob a influência de Locke e do iluminismo, Taylor (2011) percebe a emergência de um sujeito específico, por ele circunscrito no conceito de “self pontual”.

A especificidade da figura do *self* pontual, para Taylor (2011), reside na extrapolação dos gestos de desprendimento frente a uma busca por controle circunscrita em uma concepção específica de conhecimento, voltada para a descrição do mundo a partir das orientações do pensamento racional. Despreendidos, nos percebemos em acórdância a uma certa objetificação, por meio da qual conseguimos tornar qualquer característica (interna e externa) como passível de transformação e aprimoramento. Essa forma de autoconsciência,

(ilusoriamente) destacável, culmina na proliferação de promessas e ideais de autocontrole que implicam em movimentos de responsabilização sobre a construção que fazemos de nós mesmos perante o mundo, construção esta que, em acórdância, deve ser também estabelecida a partir de princípios racionais.

Podemos compreender a naturalização dessa perspectiva autorreflexiva e objetificante de nós mesmos ao tomarmos a modernidade enquanto esse dispositivo que, simultaneamente, demanda de nós essa postura, prometendo seus frutos para aqueles que se adequam a seu ideal, enquanto condena ao *status* de subdesenvolvimento, descontrole, falta de ciência aqueles outros que não se encaixam, frente à ameaça que oferecem para sua manutenção. De modo mais específico, Souza (2012) explicita como instituições tais quais o Estado e o Mercado orientam a produção de formas de vida mais ou menos adequadas aos ideais estabelecidos na modernidade. Nesses cenários, para além de uma moralidade interiorizada acerca do que é bom ou interessante, compreendemos que essa interiorização não é neutra, mas construída sob o pano de fundo implícito dessas instituições.

O diagnóstico de Taylor orienta a compreensão de Souza (2012) de que essas chamadas “fontes morais” se articulam em prol do estabelecimento de determinados comportamentos que passam a orientar a construção de nossas próprias identidades. Dessa forma, nossa capacidade de produção de sentido é diretamente afetada pelas relações que estabelecemos com esses alicerces de referência. Para Souza (2012), o indivíduo que se desate completamente dessa rede de interlocução representaria um caso patológico, uma vez que a própria comunicação depende de um mínimo compartilhável.

São essas fontes morais as linhas guias para o estabelecimento da cultura ocidental na modernidade e todas, em maior ou menor grau, ressoam com os movimentos de acesso à interioridade. Nesse contexto, nos percebemos cada vez mais distantes daqueles que julgamos incapazes de acessar a pretensa racionalidade ideal. Logo, não nos diferenciamos apenas dos outros animais, mas de outros seres humanos, ditos “menos racionais” ou “irracionais”, movimento que culmina na legitimação de novas relações hierárquicas. Esse controle racional, para Souza (2012), desemboca em um controle instrumental que busca afastar potenciais “confusões” provocadas por outras perspectivas.

Nesse cenário, nossa virtude e dignidade são também produzidas em prol de nossa própria autoestima, no interior da própria mente e não necessariamente para apreciação no espaço público. Com esses processos, novas concepções de bem são engendradas, ligadas ao ideal de autorresponsabilidade que passa a orientar o próprio sentido de dignidade, também tomado como natural. Em meio a essa nova concepção de mundo e sua subsequente

hierarquia social, as fontes morais modernas se espalham através dos princípios da dignidade e da autenticidade, e acabam por configurar o cerne das tensões contemporâneas, para Souza (2012). Na atribuição de respeito e autoestima, ou seja, no reconhecimento, residem, para o autor, os gestos de solidariedade e os conflitos que experimentamos.

Esse reconhecimento pode ser universalizante (a partir da ideia de dignidade) ou particularizante (ligado à autenticidade) e contribui para a formação de identidades individuais e coletivas. Souza (2012) argumenta que, por meio dele, podem ser atribuídos prejuízos e/ou benesses a determinados indivíduos/grupos, de modo a tornar-se, nas sociedades modernas, uma necessidade humana. Se, em períodos anteriores à modernidade, o ideal predominante era o princípio da honra (que é atribuído ou não a alguém), nas sociedades modernas o princípio da dignidade parte de um horizonte igualitário, devendo ser conferido a qualquer cidadão. Por sua vez, a autenticidade, para Souza (2012), ainda mais radicalmente moderna, está relacionada, simultaneamente, a uma radical adequação às conformidades sociais e a uma relação instrumental estabelecida consigo próprio, no processo de constituição da própria identidade.

Estabelecem-se assim, as tensões que afetam sujeitos cuja experiência de vida é atravessada, em maior ou menor grau, pela ideia de diferença: ao mesmo tempo que o reconhecimento orienta para movimentos de proteção desses grupos, sob a égide da garantia de dignidade, tal busca por reconhecimento arrisca culminar em tentativas (violentas) de assimilação a culturas e grupos hegemônicos. No segundo eixo, as tensões podem ser vislumbradas pela conflituosa cobrança de adequação a ideais de autorresponsabilidade e autoaprimoramento, ao mesmo tempo que tal adequação demanda a preservação de algum caráter autêntico, que garanta a singularidade do indivíduo.

Nesse cenário, Mafra (2022) sintetiza nos estratos relacionais do Estado, do Mercado e da Ciência o pano de fundo para a institucionalização e manutenção dessas fontes morais. Ao primeiro, intrinsecamente conectado ao ideal de progresso apresentado no capítulo anterior (tradicionalmente ligado a alguma dimensão territorial específica), estão concentrados os esforços para manutenção dos dois outros, desde que não entrem em conflito com o ideal primário. O segundo organiza majoritariamente as dimensões por meio das quais o capital circula e fornece os insumos materiais necessários para a manutenção dos outros dois estratos. Por fim, a Ciência se encarrega dos processos de inovação, desenvolvimento e profissionalização, orientada pelo princípio da racionalidade, oferecendo ao Mercado insumos para seu constante aprimoramento e, quando financiada pelo Estado, a ele prestando contas.

A proposta de Mafra (2022) é compreender que, a partir das relações estabelecidas entre esses três grandes estratos, derivam-se infinitas organizações modernas, a saber: escolas, indústrias, empresas, organizações do terceiro setor, *big techs* etc.. O conceito busca ressaltar como as instituições contemporâneas são, em maior ou menor medida, orientadas primariamente pelas relações estabelecidas entre Estado, Mercado e Ciência e, conseqüentemente, tonalizadas por princípios e práticas produzidas e perpetuadas a partir da modernidade:

Dito por outras palavras, a modernidade se fez/faz enquanto projeto imperialista e instrumentalizador, forjado por uma invenção superior ocidentalizada, apenas possível pela violência ao corpo/ao desejo e a outras cosmologias e territórios, e instituído pelo gesto de colonização/exploração/exterminio (Mafra, 2022, p. 95).

E é nesse cenário que, a partir da ampliação das possibilidades de mediatização, sujeitos cuja experiência é atravessada pelo marcador da diferença e, conseqüentemente, tendem a experienciar gestos de apagamento e invisibilização, passam a reivindicar o reconhecimento, em última análise, de seu status de humanidade. Nossa argumentação é que, em contextos contemporâneos em que as organizações modernas se fazem presentes de forma ímpar, esse aparecimento não consegue se desvincular das implicações dessa presença. Os “pedágios” que a diferença precisa pagar para aparecer, conforme Mafra (2022) nos elucida, podem ser compreendidos como tentativas de supressão da potencialidade de profanação do dispositivo da modernidade.

Condensamos essas relações em tensão a partir da ideia de tentativas de captura da diferença por organizações modernas. Elas podem ser ilustradas, por exemplo, na autorização da aparência de corpos gordos, desde que não coloquem em xeque a manutenção de um ideal de saúde em busca de uma pretensa longevidade a serviço do trabalho e da produção de lucro. Ou ainda, podem aparecer desde que em bolhas que operam para um aparecer apenas entre pares. Em suma, retomando a proposta de Mafra (2022), a ideologia do progresso opera para tentativas de ofuscamento da diferença, ainda que, em contextos cuja democracia e o direito à livre manifestação são consideradas virtudes, a diferença pode vir a emergir (Marques e Mafra, 2013), desde que não sinalize um potencial real de ameaça à estrutura da organização, conseqüentemente, passando por determinadas concessões. Como pensar, então, em possibilidades de enfrentamento a essas capturas? Apostamos na proposta de Pelbart (2008) como um caminho em direção à sobrevivência nesses cenários e, em certa medida, à própria profanação do dispositivo moderno.

### 3.3 Tentativas de sobrevivência em cenários de captura

A leitura do filósofo húngaro-brasileiro Peter Pál Pelbart da obra de Foucault nos parece cara no contexto dessa tese, para o vislumbre de possibilidades de existência que extrapolam a constante captura protagonizada pelas organizações modernas. Pelbart (2008) compreende que a noção de biopoder, enquanto uma instância que almeja o controle e a otimização da vida, passa, contemporaneamente, a exercer uma força sem precedentes, se inserindo no cerne de nossa subjetividade. Em um cenário de terra arrasada de domínio desse biopoder, o autor percebe que é nos momentos em que tem-se a impressão de completa submissão e dominação, a vida pode fazer emergir uma potência indomável.

Nossa criatividade, afetividade e inventividade passam a ser compreendidas como fontes de riqueza contemporâneas: em cenários midiáticos, por exemplo, um vídeo publicado no tom e momento fortune perante determinadas disposições algorítmicas pode render milhões, sem precisar de investidores que concedam acesso a meios de produção. Para Pelbart (2008), as possibilidades de resistência se inserem, portanto, nesse potencial inventivo da própria vida, uma “biopotência” que não se estabelece como uma reação ao biopoder, pois é instância anterior a ele.

Aquilo que parecia inteiramente submetido ao capital, ou reduzido à mera passividade, a “vida”, aparece agora como reservatório inesgotável de sentido, manancial de formas de existência, germe de direções que extrapolam as estruturas de comando e os cálculos dos poderes constituídos (Pelbart, 2008, p. 2).

A relação entre as formas de dominação da vida e as potências da vida se relaciona, para Pelbart, sob a lógica de uma fita de Möbius, na qual a dimensão do corpo se torna um marcador chave que conduz os movimentos através dos dois lados da fita. Nesse cenário, propõe pensar três distintos conceitos de vida que colaboram para a compreensão dos desafios experimentados na contemporaneidade e aos quais correspondem também dimensões corporais específicas.

O primeiro, inscrito na ideia de “o muçulmano”, ilustra, a partir de uma associação atribuída, injusta e preconceituosamente nos campos de concentração, a um suposto fatalismo islâmico, como uma forma de vida que se percebe inerte frente à dominação. A designação era reservada aos prisioneiros que aparentavam ter desistido, aparentemente tão “esvaziados” que não experimentariam sequer o sofrimento e, exaustos e entregues à vontade divina,

pareciam não compreender (ou não se importar) que, naquele contexto, o que lhe restava era a morte. Nesse lugar, para Pelbart (2008), quando a dominação passa a reduzir determinadas formas de vida apenas ao contorno do que um dia já fora, o biopoder manifesta uma perversidade na qual a dimensão do corpo não é eliminada, mas mantém o indivíduo entre a vida e a morte, reduzindo-a a uma sobrevida, produzindo, portanto, sobreviventes.

O conceito de biopoder, quando cunhado por Foucault, emergiu como uma forma de diferenciação dos regimes soberanos, em que prevalecia a ideia de fazer morrer e deixar viver, a partir de tomadas de decisão dos soberanos que, a bel prazer, eram autorizados a eliminar quem se apresentasse como ameaça a seu regime. Pelbart (2008) pontua que, no contexto da biopolítica, contudo, experiencia-se o “fazer viver”, orientado a partir dos princípios de aprimoramento e otimização já discutidos neste capítulo. Nesse momento, passa a ser mais interessante a gestão da vida que a exigência da morte, culminando em processos de incitação, reforço e vigilância, fazendo viver e deixando morrer. Contudo, o autor nos chama a atenção para o deslocamento promovido por Agamben ao diagnosticar o contemporâneo, em que, para além de fazer viver ou fazer morrer, o biopoder passa a fazer sobreviver, não investindo nem na vida, nem na morte, nos reduzindo a uma dimensão quase sub-humana. Esse estado de vida pode ser ilustrado, em um polo, na figura do “muçulmano” nos campos de concentração e, no outro, nos indivíduos cujo fio da vida é mantido exclusivamente por aparelhos em hospitais. Sobrevida, para Pelbart (2008, p. 4), é a redução de nossa vida ao mínimo aspecto biológico, em Agamben no conceito de vida nua, e é experimentada também por aqueles que assumem o papel de carrasco, ainda que “alimentados e bem vestidos”, percebem-se desprovidos de qualquer sensibilidade. Portanto, sobrevivemos não apenas a contextos de dominação extrema, como os experimentados na Alemanha nazista, mas sobrevivemos também às democracias ocidentais, a uma existência medicalizada, a uma demanda constante por consumo, por exemplo.

A segunda noção de vida está inscrita sob a ideia de corpo, em que, se, anteriormente, tomávamos como dimensão central para a construção de identidades o nosso psiquismo, contemporaneamente, passamos a inscrever nossa subjetividade no corpo. Aqui se manifestam as discussões apresentadas na introdução desta tese, acerca da construção de bioidentidades e de fenômenos de bioascese (Ortega, 2008; Sant’anna, 2016, 1995). Não mais nos percebemos controlados por instituições disciplinares, mas nos inserimos voluntariamente em regimes de aprimoramento, em prol de noções específicas de saúde e longevidade, ao mesmo tempo orientados por padrões estéticos estabelecidos em meio a uma cultura do espetáculo (Pelbart, 2008).

Nesse lugar, Pelbart (2008) inscreve o corpo do contemporâneo como um corpo-fascista que estabelece padrões inalcançáveis de estética e saúde que conferem a um largo espectro da população condições de inferioridade sub-humanas. Ainda nesse lugar, percebe ainda movimentos que podem orientar ou flertar com concepções eugenistas, a partir do simultâneo aprofundamento do conhecimento acerca de nossas características genéticas (e o potencial de “aprimoramento” que reservam) e de nossa organização em grupos a partir de princípios biossociais. Assim, reduzidos à dimensão do corpo, experimentamos também uma forma de sobrevida.

Pelbart (2008) observa, contudo, uma outra relação com a ideia de sobrevivente a partir da contestação de Žižek em torno do caráter de covardia atribuído aos terroristas dos atentados de 11 de setembro de 2001, uma vez que foram de encontro às compreensões ocidentais de valorização e preservação da vida a qualquer custo. Contemporaneamente, passamos a ser escravos da sobrevivência a qualquer custo, sem nos questionar que vida é essa que buscamos tão intensamente preservar. Em meio a esse sobrevivencialismo, experimentamos uma vida que, em última instância, tenta se afastar da possibilidade de que algo lhe aconteça, nos arrastando em meio a uma existência em que todas as instâncias da vida são atravessadas por algum instrumento de controle: “café sem cafeína, cerveja sem álcool, sexo sem sexo, guerra sem baixas” (Pelbart, 2008, p. 7). Sem objetivar uma romantização de gestos terroristas, o pensamento de Žižek busca refletir apenas se, em certa medida, não haveria mais “vida” naqueles que abrem mão dessa incansável busca por sobrevivência enquanto reconfiguram um cenário global que nos faz seguir nos arrastando, letárgicos e reféns do domínio da biopolítica.

Pelbart (2008) inscreve na figura do Bloom, referência ao personagem de James Joyce, a experiência humana marcada pela indiferença, pela solidão, pelo tédio, pela ausência de experiência que nos caracteriza no contemporâneo. Sem aptidão para alegria ou para o sofrimento, o Bloom, para Pelbart (2008), indica a morte do sujeito e de seu mundo, reduzido ao sobrevivencialismo biológico.

Frente a esse horizonte de letargia, Pelbart (2008, p.11) toma o conceito de corpo de David Lapoujade como “aquele que não aguenta mais” como possibilidade de rompimento. Esse corpo não aguenta mais os processos de adestramento civilizatório e seus silenciamentos, não aguenta a docilização disciplinar dos dispositivos e não aguenta mais a “mutação biopolítica”. Nesse lugar, a alternativa para esse corpo perpassa pelo retorno de sua condição de afetar as coisas do mundo ao mesmo tempo em que é afetado por elas. Estar vivo é ser

afetado por encontros, alteridades e estímulos que nos demandam capacidade de escolha, de rejeição, de acolhimento etc.

Para recuperar essa capacidade de afetação, suprimida pelos movimentos de dominação discutidos, Pelbart (2008) nos demanda o estabelecimento de outra relação com a vida, em seu estágio quase embrionário, onde ainda se preserva a liberdade e a potencialidade daquilo que ainda está para nascer. O estabelecimento dessa outra vida precisa emergir em meio à tensão entre uma potência de vida que demanda um deslocamento com a própria forma para ser experimentada e um biopoder que intervém, manipula e busca aprimorá-la. E, para Pelbart (2008), para que uma dessas dimensões apareça, a outra precisa ser combatida, colocando a própria vida como campo de batalha em que é ela o objeto de disputa. Nesse cenário, compreende que quando o poder incide com mais intensidade nesse espaço, os esforços de resistência passam a se ancorar: “no extremo da vida nua que se descobre uma vida, assim como é no extremo da manipulação e decomposição do corpo que ele pode descobrir-se como virtualidade, imanência, pura potência” (Pelbart, 2008, p.16).

Para Pelbart (2008), se conseguimos hoje vislumbrar o retorno do corpo a suas potencialidades de afetação, é porque, em algum nível, a dominação atingiu um ponto intolerável. O ponto central de sua proposta (e também a dimensão que mais nos interessa no contexto dessa tese) é a proposição de que, ao mesmo tempo que experienciamos o alastramento das formas de dominação nos mínimos aspectos de nossa vida, em todo lugar é possível perceber pequenos gestos de deserção e afetação de formas de vida que não se permitiram subordinar. Esses dois fenômenos, contudo, não representam polos opostos, mas evidenciam a metáfora da fita de Möbius, duas fitas que, retorcidas, se atravessam e se constituem inseparavelmente. Da mesma forma que não percebemos as fronteiras entre um lado e outro da fita, também transitamos entre os dois movimentos e as tensões que advêm desse fluir se inserem em nossos próprios corpos. Nesse cenário, para Pelbart (2008), devemos nos concentrar nesses pequenos gestos que se assemelham a rachaduras de um mundo já transtornado, expandindo-as e intensificando-as, sejam formas de cooperação que emergem, movimentos de insubordinação, ou outras cosmovisões que projetem um outro horizonte.

### **3.4 Considerações do Capítulo**

De modo geral, buscamos, com esse capítulo, posicionar a compreensão de diferença que nos orienta na investigação proposta. Tomando-a como um objeto de estudos caro às

ciências humanas, de modo geral, e como um marcador que implica possibilidades e barreiras de aparecimento, podemos percebê-la como uma questão que atravessa a experiência cotidiana de pessoas gordas. Frente a um contemporâneo balizado por fontes morais modernas que condenam esses corpos ao obscurecimento e à estigmatização, a busca por aparência (nesse caso, uma aparência midiaticizada) pode ser percebida, em última instância, como uma busca por sobrevivência.

Identificado o dano no sensível, homens e mulheres gordos vêm a público, de maneira mais ou menos organizada, se manifestar e tornar essa diferença visível. Sob essa perspectiva, contextos midiaticizados podem ser compreendidos como espaços que possibilitam e potencializam a emergência de diferenças. Esse aparecimento, contudo, não está desvinculado à realidade das plataformas em que se manifestam. Orientadas por ideais de progresso, aprimoramento e lucro, tais organizações modernas, em alguma medida, seguirão tentando capturar essas diferenças, para que essa não ofereça riscos à sua própria manifestação.

O que observamos, no contexto desta tese, é a emergência de um fenômeno que tem, em seu cerne, essa tensão entre formas de dominação e sobrevivência, entre sacralização, profanação e nova sacralização. Em um contemporâneo intensamente midiaticizado, testemunhamos a proliferação de manifestações de pessoas gordas cujo aparecimento, em certa medida, irrompeu nessa espécie de “espaço público” midiaticizado. Ao longo dos últimos anos, contudo, passamos a perceber as tensões, contradições, tentativas de captura e de resistência que passaram a compor esse complexus que estamos tentando apreender a partir da noção de atmosfera midiaticizada.

Nossa chegada ao problema de pesquisa se deu, precisamente, pela inscrição na dimensão do próprio corpo da pesquisadora dessas tensões. O fenômeno parece ter, para aqueles que, de alguma maneira, se envolveram/se envolvem com a emergência do Movimento Corpo Livre e o complexo desenrolar de acontecimentos que se seguiram, uma tangibilidade, ainda que em contextos midiaticizados, as coisas parecem ter cheiro, gosto e toque. O grande desafio que enfrentamos é tentar colocar em palavras essas questões e, mais que isso, apreendê-las enquanto um fenômeno observável e que, em alguma medida, rendesse a escrita de uma tese (esperamos que sim).

A noção de atmosfera midiaticizada aparece como uma resposta que nos parece dar conta de evidenciar essas dimensões, da ordem da presença, que nos impossibilitam de dizer “estamos estudando o Movimento Corpo Livre”, estamos estudando a constituição de “bioidentidades de pessoas gordas nas redes sociais”. Estes, claro, são contextos de estudo válidos, potentes e explorados, mas não davam conta de explicar a sensação de que, ao final

da década passada, um grupo de pessoas gordas viveu *algo* e que esse *algo* passou por tensões e transformações complexas de lá para cá.

## CONSIDERAÇÕES DA SEÇÃO

Esta primeira seção buscou estabelecer os contornos (nem sempre muito nítidos) do que compreendemos como atmosferas midiáticas, bem como apresentar algumas características específicas quando de sua manifestação em cenários marcados por um caráter de diferença. Ao longo dos três capítulos, adentramos em diferentes aspectos que nos possibilitaram, nesse primeiro momento, compreender qual objeto de estudo estava sendo construído pela tese. Nesse processo, o fenômeno investigado, cuja análise propriamente dita está organizada nos dois últimos capítulos, se fez presente durante alguns momentos, ainda que esta seja uma seção majoritariamente “teórica”. Por bem ou por mal, essa característica é fruto do exercício de pesquisa proposto por Braga (2019), em que objeto e teoria são colocados em circulação de modo que, a partir da prática, devemos acionar, tensionar e/ou questionar os aspectos teóricos, ao invés de tomá-los passivamente. Portanto, os comentários tecidos sobre a conformação do que foi estudado ao longo da tese nessa seção não tiveram, nesse momento, a pretensão de constituir uma análise evidenciada e explicitada através de recortes desse campo, mas são fruto de um gesto de pesquisa que caminhou entre teoria e objeto desde o início e que não consegue pensar a construção desse lugar teórico destituído da observação do próprio fenômeno investigado.

Além disso, acreditamos que esses exemplos podem contribuir para a compreensão da ideia de atmosfera midiática e, nesse momento, buscamos condensar os principais aspectos discutidos ao longo desses capítulos para podermos seguir adiante tomando essa constituição como uma questão mais ou menos assentada. Dito por outras palavras, apreendidas as formas como caracterizamos nosso objeto de estudo de maneira ampla, podemos, a partir daqui, seguir para a investigação dos aspectos metodológicos que advêm dessa constituição, bem como das especificidades da aparência de corpos gordos em atmosferas midiáticas no/do contemporâneo.

Movidos por esse esforço, primeiramente tentamos caracterizar atmosferas como fruto dos processos de mediação, tomada num sentido amplo, como um conjunto de relações estabelecidas entre ser humano-máquina-ser humano. Para isso, fizemos um “retorno” à historicidade das formas comunicacionais, buscando discutir que, apesar de diferentes relações serem detonadas mediante diferentes materialidades da comunicação, acreditamos que qualquer forma de mediação possui esse potencial. Pensando, nesse lugar, majoritariamente a partir da obra de Kittler (2013), compreendemos, ainda, que contemporaneamente, apesar de nossa (imposta) incapacidade de apreensão do complexo jogo

que permeia nossas relações midiaticizadas, tais disposições parecem estar, ironicamente, cada vez mais visíveis e palpáveis. Podemos não entender como grandes algoritmos funcionam, mas temos cada vez mais ciência de nos moldarmos, intencionalmente, para atender aquilo que propõem.

Nesse lugar, o desenvolvimento tecnológico que possibilitou o estabelecimento dessas relações, para nós, parece fruto das tensões entre as formas como apreendemos passados e projetamos futuros. Destacamos o entendimento de que a construção de novas materialidades da comunicação rompe com o horizonte de expectativa vigente e passa a projetar outros, fundamentados na reconfiguração do espaço de experiência.

Essas tensões parecem poder provocar sensações que ultrapassam a dimensão do sentido e, por isso, passamos a pensá-las a partir da ideia de atmosfera, para a qual a percepção se revelou mais importante que gestos de interpretação ou caracterização. Compreendemos atmosferas como esse elemento que parece tocar os corpos, englobando, contudo, algo além do que aquilo que emanam. Sumarizadas nas três categorias de Reinhardt (2024): ubiquidade, indeterminação e visceralidade, podem ser apreendidas como sentimentos difusos no espaço, dos quais não conseguimos reconhecer contornos precisos, mas experimentamos suas afetações. Mais do que isso, nos é cara a noção de atmosfera de Gumbrecht, entendida como manifestações de efeitos de presença, dotadas da capacidade de serem absorvidas no contexto de produção de uma obra (ou, no nosso caso, no contexto de alguma relação midiaticizada) e posteriormente presentificada por quem entra em contato com essa obra. Propomos a ideia de atmosfera midiaticizada, portanto, como um “termo guarda-chuva” para esse conjunto de sensações percebidas e inscritas no corpo a partir da oscilação entre efeitos de presença e efeitos de sentido, promovidas por alguma relação midiaticizada.

Apesar de serem detonadas a partir de qualquer contexto midiaticizado, observamos, em nossa pesquisa, uma intensificação dessas relações a partir de um recorte espaço-temporal específico: o contemporâneo. Para nós, o contemporâneo não representa apenas um período histórico, que se daria a partir da invenção dos microprocessadores, por exemplo, mas sim uma reconfiguração das formas como percebemos e experimentamos coletivamente o tempo. Para entender as relações e características desse cronótopo, fizemos um movimento de retorno ao conceito de modernidade que, para além de um período fundado no século XVII, engloba uma série de concepções e práticas que emergiram com as primeiras metrópoles europeias, mas que se mantêm presentes, em certo nível, até os dias de hoje. É simultaneamente uma época e uma força que age sobre essa época, marcada por características como o

empobrecimento das possibilidades de experiência e uma forma de produção e de vida fortemente orientados pela ideia de progresso.

A modernidade pode ser compreendida, portanto, como um momento de afastamento entre as experiências vivenciadas e as expectativas projetadas para o futuro, a partir do desenvolvimento científico e tecnológico do progresso. Contudo, frente aos eventos traumáticos da metade do século XIX, constata-se uma frustração e uma sensação de irrelevância perante o desenrolar da história, de modo a reconfigurar o espaço de experiência contemporâneo: se na modernidade o presente percebia-se encurtado em meio às constantes transformações, prevalece contemporaneamente, uma sensação de estagnação perante um futuro ameaçador e um passado desejado.

Para além dessas tensões espaço-temporais, o contemporâneo é também apreendido como um tempo de profusão de dispositivos em que constantes parecem ser as tentativas de captura, os processos de dessubjetivação e também as fraturas que os permeiam. Comunicacionalmente, tais dispositivos agregam uma série de estratégias, urgências e táticas interacionais, tentativas que podem operar para a produção e percepção de atmosferas midiaticizadas. Essas atmosferas, portanto, não são produzidas no vácuo, fora de seu tempo, e carregam consigo as tensões entre passados simultaneamente desejados e irrelevantes e futuros de busca pelo processo, bem como de incredulidade de sua concretização.

O que nos parece acontecer é que, constantemente, ideais fundados na modernidade e sustentados por instituições como o Estado, o Mercado e a Ciência permeiam o processo de constituição dessas atmosferas, sobretudo quando sua emergência está vinculada a tentativas de questionamento/superação de algum desses ideais. Argumentamos, portanto, que, movidos por um desejo de reconhecimento da própria existência, bem como da publicização dos danos experimentados por determinados grupos, se essa aparência coloca em xeque alguma estrutura dessas fontes morais, eventualmente, organizações modernas agirão em prol da organização e captura dessa experiência. Contudo, apesar dessas tentativas, por vezes inscritas na materialidade das próprias plataformas que primeiro viabilizam sua emergência, compreendemos que essas capturas não são estanques e que, em meio a suas fraturas, experiências outras, atmosferas outras podem e continuam emergindo.

Em suma e em consonância com as hipóteses da tese, buscamos sintetizar a ideia de atmosferas midiaticizadas a partir de três grandes aspectos: a) são resultantes de dispositivos interacionais e detonadas a partir da tensão entre espaço de experiência e horizonte de expectativa; b) contemporaneamente, são produzidas a partir de uma série de intensificações das “relações ser humano-máquina” e c) quando atravessadas pela aparência pública de

diferenças, tendem a sofrer tentativas de captura por dinâmicas organizacionais modernas. Nosso esforço nessa seção foi tentar definir o fenômeno que nos interessava investigar, uma vez que uma infinidade de correntes teóricas e/ou metodológicas diferentes poderia ser acionada para estudar, por exemplo, o Movimento Corpo Livre no Instagram, ou a cirurgia bariátrica de Thaís Carla.

Pensar em atmosferas midiáticas foi a forma como conseguimos englobar esse conjunto de relações específicas disparadas com o surgimento do Movimento, que afetam sujeitos que as protagonizam em uma dimensão tátil e que, nos últimos anos, sofrem transformações, também percebidas por esses sujeitos. Ao alívio da constatação da constituição de um objeto de estudos viável para a tese, seguiu-se o desafio de apreendê-lo metodologicamente para a pesquisa, uma vez que uma coisa é compreender o que seriam essas atmosferas midiáticas, outra é entender como esse conceito pode nos auxiliar para o entendimento desse fenômeno. Na próxima seção, apresentamos, inicialmente, os esforços empreendidos para a construção metodológica da pesquisa, bem como as reflexões (ou aquilo que convencionalmente é entendido como os resultados) que advieram da investigação proposta.

## **SEÇÃO 2: ATMOSFERAS MEDIATEZADAS DO MOVIMENTO CORPO LIVRE: EMERGÊNCIAS, CONTROVÉRSIAS E ATRAVESSAMENTOS ORGANIZACIONAIS**

### **4 CAPÍTULO 4: ATMOSFERAS MEDIATEZADAS E CORPOS GORDOS: CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA APREENSÃO COMUNICACIONAL DO FENÔMENO**

Neste capítulo, nos debruçamos sobre os desafios da apreensão de um fenômeno que “está no ar” sem ser, objetivamente, “ar”. Durante a primeira seção, nos preocupamos em compreender, de maneira geral, a ideia de atmosferas mediatezadas e, nesse momento, passamos a refletir sobre as possibilidades que o conceito fornece para a compreensão do objeto de pesquisa desta tese. Apostamos no potencial de uma pesquisa de caráter atmosférico no campo da comunicação como uma outra forma de desvelar relações mediatezadas construídas contemporaneamente. Além disso, não tomar essas atmosferas como elementos neutros, atentando-se para as forças exercidas sobre elas, também é gesto que pode colaborar para a investigação, em pequena escala, das tensões que se estabelecem nesse cronótopo. Nesse sentido, e em consonância com a perspectiva indiciária de Braga (2008), a proposta/anseio/expectativa que nos orienta para a elaboração desta pesquisa é a construção de uma lente que, ao observar o micro, o específico, nos sejam fornecidas pistas para a compreensão de outros cenários mais amplos e diversos.

Nesse processo, desenhou-se como primeiro obstáculo a dificuldade de estabelecer uma forma de assimilação da conformação dessas atmosferas que, apesar de vivenciadas pela pesquisadora e sustentadas pelos aportes teóricos previamente apresentados, demandavam a construção de um corpo que as amparasse empiricamente. A proposta de Ingold (2000) nos auxiliou a tomar a percepção como elemento basilar para a construção desse corpus. O antropólogo britânico, cujo trabalho se volta, entre outras coisas, para o esvanecimento das linhas entre biologia e cultura, história e evolução, parte da compreensão do ambiente enquanto algo em constante construção, a partir da capacidade de diferentes formas de vida o habitarem.

Na ecologia de Ingold (2000, p.173, tradução nossa), é pelo gesto de habitar que “o mundo se torna um ambiente significativo para as pessoas<sup>11</sup>”, uma vez que estabelecemos, ao longo da vida, diferentes relações com diferentes atributos daquilo que nos rodeia,

---

<sup>11</sup> No original: “The world becomes a meaningful environment for people.”

construindo as bases para a forma como nos percebemos e produzimos sentido no mundo. O raciocínio do autor promove o questionamento entre a compreensão de um pretense ambiente “real” entendido, por exemplo, na ideia de natureza e um ambiente “percebido”, caracterizado pela reconstituição e organização em uma dimensão psíquico/cognitiva. Para Ingold, não há distinção entre os processos evolutivos que culminam no estabelecimento de construções para que os caçadores-coletores pudessem se adaptar ao ambiente e às construções que estabelecemos hoje. Costumeiramente as compreendemos como ambientes já construídos, de modo que sua construção não é tida como parte do cotidiano: primeiro planejamos e construímos, depois ocupamos. Nesse lugar, um edifício, uma casa são entendidos como um lugar para morar, ou um espaço para que determinadas atividades da vida sejam realizadas, ao passo que esse simples morar não implica, necessariamente, que as pessoas os habitem. A comparação entre a ideia de casa como o lugar em que se mora e lar como o lugar em que se habita nos auxilia a assimilar a especificidade da noção de *bauen*, em alemão, que possui o mesmo sentido de ser e habitar e, ainda, cultivar (a terra) ou preservar.

Com o advento da modernidade, passam a prevalecer os dois últimos sentidos, fazendo esquecer que a construção é fundamentada no próprio habitar e colaborando para a ideia de que ocupamos um mundo já construído. Fortemente influenciado pelo trabalho de Heidegger, cujos esforços operam para a retomada dessa perspectiva de que cultivar e construir fazem parte da forma como pertencemos a esse mundo, Ingold (2000) investe na noção de que as formas como construímos (num âmbito psíquico ou material) só são possíveis a partir do fluxo de relações que estabelecemos entre nós e entre o meio em que nos inserimos. Não se trata, portanto, de um mero processo de tradução daquilo que projetamos na mente, mas de um movimento anterior em que o próprio gesto de concepção intelectual é possibilitado a partir da nossa capacidade primária de habitação. É a partir do entendimento de que somos em/a partir de um ambiente que Ingold passa a compreender a sintonia entre biologia e cultura:

Se por evolução entendermos a diferenciação ao longo do tempo nas formas e capacidades dos organismos, então teríamos que admitir que as mudanças nas orientações e habilidades corporais dos seres humanos, na medida em que são historicamente condicionadas pelo trabalho de predecessores (juntamente com os produtos duradouros desse trabalho, como edifícios), devem ser elas próprias evolutivas. E se por variação cultural entendermos as diferenças de conhecimento incorporado que derivam da diversidade de contextos de desenvolvimento locais, então, longe de serem sobrepostas a um substrato de universais humanos evoluídos, tal variação deve ser parte integrante da variação de todos os seres vivos, que tem sua origem em seu entrelaçamento em um campo abrangente de relações (Ingold, 2000, p. 187).

A construção torna-se, portanto, fruto do processo de habitar um ambiente, e nessa perspectiva, Ingold (2000) compreende o conceito de paisagem como um registro de vidas que já habitaram e, conseqüentemente, deixaram algo de si em um determinado ambiente. As duas noções, ainda que muito próximas, se distinguem na medida em que o ambiente é compreendido como a maneira como organizamos/constituímos a natureza, enquanto a ideia de paisagem busca enfatizar a forma como o ambiente é percebido no corpo. Nesse sentido, a percepção da paisagem torna-se um gesto de rememoração, que, para além de retomar uma imagem estabelecida no domínio da mente, implica em um envolvimento perceptual com um ambiente preenchido de passados.

Nesse lugar, a proposta de Ingold operou, no contexto desta tese, menos como um caminho metodológico específico a ser trilhado e sim como um ponto de partida para as possibilidades de apreensão de atmosferas mediatizadas. Para além de entendê-las como fruto das tensões entre espaço de experiência e horizonte de expectativa contemporâneos, podemos, metodologicamente, partir para a percepção das paisagens que parecem se compor a partir dessas atmosferas. Esse primeiro movimento orientou o conjunto de práticas e procedimentos de coleta que se seguiram, possibilitando, apesar dos desencontros e rearranjos que emergiram no processo, retomar constantemente para a mesma chave: a percepção da constituição e transformação de algo (que, para nós, é entendido como atmosfera mediatizada) pelos indivíduos tocados pelo fenômeno.

#### **4.1 Materialidades da comunicação e paradigma indiciário em meio a atmosferas mediatizadas**

Movidos pelo intuito de investigar a conformação de atmosferas mediatizadas advindas com o surgimento do Movimento Corpo Livre, bem como os atravessamentos de dinâmicas organizacionais nelas experienciados, adotamos o paradigma indiciário (Ginzburg, 1991),

sobretudo pela perspectiva de Braga (2008), enquanto principal aporte metodológico. O historiador alemão Carlo Ginzburg (1991) parte de um panorama histórico a respeito da construção do paradigma indiciário que se origina com o método estabelecido pelo também historiador Giovanni Morelli: este, para identificar a autoria de pinturas, se valia de traços negligenciados tais quais a forma como um artista representava unhas, orelhas, e formas dos dedos, por exemplo. A proposta de Morelli era que essas características se tornavam peças-chave para a identificação do pintor, na medida em que tendiam a ser menos influenciadas pelas respectivas escolas artísticas em que o artista se inseria, e, portanto, dificilmente imitáveis, pois representavam momentos de desvencilhamento das tradições culturais, dando lugar a técnicas individuais e inconscientes.

Braga (2008) propõe a aproximação do paradigma indiciário para o campo da comunicação no contexto de estudos de caso, uma vez que eles permitem olhar para as múltiplas relações, para os objetivos e para os contextos que envolvem o fenômeno interacional. Enquanto metodologia, olhar para indícios implica em olhar para fragmentos da fatia de realidade que possam parecer insignificantes, pequenos ou descartáveis: contudo, estas pequenas pistas carregam em si potenciais tensionamentos entre teoria e objeto empírico, estes que, atrelados ao olhar atento do pesquisador, permitem vislumbrar relações que se apliquem a contextos que ultrapassam o recorte do próprio objeto. No contexto desta pesquisa, tomamos a emergência de atmosferas midiaticizadas a partir do surgimento de um movimento protagonizado por pessoas gordas e que, com o tempo, tal movimento passa a ser atravessado e transformado por tensões organizacionais, como um recorte que possibilita pensar a própria midiatização no contemporâneo.

Braga (2008) indica a necessidade de uma articulação entre os dados empíricos encontrados a partir dos indícios e proposições gerais de uma realidade complexa. Cabe ao pesquisador ou pesquisadora das humanidades o gesto de realizar um levantamento inicial de indícios, elencar sua relevância por meio de sua relação com (i) o problema de pesquisa, (ii) com as lógicas do próprio objeto e (iii) com o conhecimento disponível (principalmente, mas não exclusivamente, teórico) sobre esses tipos de objetos e articulá-los, na busca da construção das inferências, por meio de um “tensionamento triangular” (Braga, 2008, p.81) entre os três determinantes supracitados.

No contexto dessa proposta, compreendemos os indícios enquanto vestígios de materialidades da comunicação (Gumbrecht, 2010b). Tal noção nos é cara uma vez que consideramos que o caráter “não hermenêutico” dos fenômenos comunicacionais oscila na produção de efeitos de sentido (sem serem eles mesmos sentido) e efeitos de presença, efeitos

todos estes que nos permitem observar as formas como nossos corpos são afetados em meio às relações estabelecidas em contextos mediatizados.

Gumbrecht (2014) reconhece o desafio de, cientificamente, revelar atmosferas e compreendê-las, principalmente por seu caráter de singularidade, e apresenta certo ceticismo perante metodologias que afirmem fazê-lo. Nesse lugar, nos orientamos por um caminho similar ao proposto pelo autor alemão que orienta que pesquisadores das humanidades sigam mais por um pensamento contraintuitivo e pela produção de palpites do que por um método pré determinado. O nosso esforço, durante esse capítulo, é produzir transparência perante o leitor, considerando o “método” relativamente fluido e tentativo que estabelecemos ao longo da pesquisa.

Para Gumbrecht (2014), o movimento de uma leitura atenta a atmosferas tem como início a elaboração de palpites perante o potencial percebido em determinado texto, seguindo e confiando, por algum tempo, em uma espécie de promessa velada em direção à qual vamos descrevendo um fenômeno desconhecido, que nos desperta curiosidade e, em certa medida, nos envolve. Para além de uma tentativa de “decifrar” atmosferas, ou ainda, de reconstruir ou analisar uma origem, que podem operar como questões secundárias, devemos nos preocupar com seu potencial dinâmico de afetação e tentar presentificá-las. Em suma, construímos a metodologia desta tese movidos pelo interesse de apreender, a partir da percepção de indivíduos inseridos no fenômeno, os atravessamentos de dinâmicas organizacionais modernas frente à emergência de atmosferas mediatizadas protagonizadas pela aparência de pessoas gordas.

## **4.2 Procedimentos Metodológicos**

Diante desse cenário e buscando, principalmente, não reduzir a composição de atmosferas mediatizadas à nossa auto-percepção (que também poderia ser uma abordagem válida, apenas não foi nossa escolha), fomos construindo, tentativamente, diferentes movimentos de pesquisa de campo. Inicialmente, buscamos nos inserir no fenômeno a partir de três espaços: o Google, o YouTube e o Instagram. A escolha pelas três plataformas foi motivada por um entendimento da complexidade imposta pelos algoritmos no que diz respeito à busca por conteúdos antigos, uma vez que, especificamente, tanto YouTube quanto Instagram não disponibilizam filtros por data nativos, o que dificultava a coleta de dados de forma manual na plataforma. Frente ao crescimento do Instagram após o contexto pandêmico no Brasil, e considerando o YouTube enquanto espaço de efervescência do movimento no ano

de 2018, optamos por não excluí-las, apesar desse desafio. Nessa perspectiva, o Google operaria para auxiliar na superação da dificuldade de acesso, considerando que o buscador hoje indexa publicações de ambas as plataformas. Nossa ideia era começar com a *hashtag* “Corpo Livre” (*#corpolivre*) e, a partir dela, mapear outras *hashtags* e atores que se apresentassem como relevantes.

Logo no início do levantamento, contudo, percebemos que centralizar a pesquisa nessa *hashtag* específica, ainda que pudesse fornecer alguns resultados potentes em torno do movimento, os retornos na busca do Google eram, por vezes, demasiado escassos (por exemplo no recorte entre 2010 e 2020, obtivemos apenas 12 indícios preliminares viáveis para a pesquisa), e não nos permitiam ampliar a percepção de um contexto mais amplo que apenas o movimento em si, tornando o próprio mapeamento de outras *hashtags* um exercício custoso, fator que também se manifestava durante a pesquisa no Instagram e no YouTube. Ambas as plataformas, ao longo dos últimos anos, têm privilegiado a produção e a entrega de vídeos curtos em massa, resultando em resultados repetitivos e redundantes.

Nesse momento, a tese de doutorado de Frances Vaz (2025) nos forneceu pistas que se provaram frutíferas para lidar com os desafios impostos pela disposição intencionalmente complexa (em consonância com a perspectiva de Kittler (2013)) dos conteúdos em suas respectivas plataformas. O pesquisador, interessado na investigação sobre o memorial Inumeráveis, que homenageia as vítimas fatais da covid-19, enquanto um espaço de articulação entre escuta, cuidado e dever da memória, constrói parte de sua análise a partir de um levantamento das interações promovidas no perfil do Instagram do memorial. Para esse fim, foi utilizada uma ferramenta de exportação de comentários e posts dentro da plataforma *Apify*, que permite a coleta de informações de perfis públicos na plataforma, extraindo dados como, conteúdo das legendas, nome de usuário, imagem de perfil, número de curtidas, entre outros, e exportando-os em formatos CSV, JSON e Excel.

Nesse momento, decidimos centralizar nossos esforços de busca no Instagram, mas ainda tomando-o como um ponto de partida, de modo que, se a pesquisa nos indicasse para conteúdos fora da plataforma que se revelassem como indícios potenciais, seriam incluídos no escopo do trabalho. Partimos então para a exploração da *Apify* em busca de alguma ferramenta que nos auxiliasse a resolver pelo menos um dos dois grandes problemas que havíamos encontrado. A partir disso, encontramos o *InstagramScraper*<sup>12</sup> que nos permitiria ultrapassar as limitações da *#corpolivre*, em busca de outros marcadores que poderiam emergir como relevantes para o fenômeno. Dito por outras palavras, um levantamento de

<sup>12</sup> Disponível em: <https://apify.com/apify/instagram-scraper>. Acesso em 15 mai. 2025.

*hashtags* que se relacionassem com a presença e a emergência de pessoas gordas, para além do marcador específico do movimento, nos permitiria ampliar o escopo da pesquisa, abrangendo essa *hashtag* primária, mas não nos restringindo a ela.

Nesse sentido, realizamos a raspagem de 20 *hashtags*<sup>13</sup> (limitação da ferramenta), em setembro de 2025, para cada um dos termos: obesidade, gordo, gorda, gordofobia, obeso, obesa e corpo, que foram exportados em .xlsx. Após um tratamento preliminar para exclusão de resultados iguais, foram totalizadas 135 *hashtags*, ordenadas a partir do número de publicações. Após uma nova limpeza, desta vez acessando o link de cada *hashtag* pelo computador<sup>14</sup>, das 135 *hashtags* originais, excluimos 58 por não dizerem respeito ao fenômeno ou por possuírem publicações majoritariamente em outros idiomas (inglês, espanhol e italiano). Portanto, encerramos essa primeira etapa contabilizando 76 *hashtags*, demarcadas a partir de 5 categorias (que, posteriormente, não se mostraram profícuas para a construção do trabalho): adjetiva, ativista, enfrentamento, generalista e pejorativa<sup>15</sup>.

Avançamos, em seguida, para um processo com menor grau de automação, em busca de indícios, privilegiando, nesse momento, publicações em que experiências individuais ou coletivas eram compartilhadas. As publicações de cada *hashtag* foram individualmente abertas, onde foram observados o elemento principal da publicação (imagem ou vídeo), legenda e comentários principais. Aquelas que nos despertaram algum interesse, afetação ou apresentavam algum elemento novo/diferente foram capturadas e tiveram seus links salvos em planilha do Excel. Navegamos dessa forma por 17 das 76 *hashtags* da primeira etapa, recorte definido a partir da percepção de saturação do fenômeno e do mínimo de 30 mil publicações disponíveis na data da coleta inicial. Também a partir da saturação foram definidos os números de indícios preliminares coletados em cada *hashtag*.

De maneira geral, na *#corpolivre* (que possuía o maior número de publicações à época,

<sup>13</sup> A busca retornou dados como número de publicações, *hashtags* relacionadas e frequentemente utilizadas em conjunto e posts principais (legenda, imagem ou vídeo, número de comentários e compartilhamento, URL, localização etc.). Para a pesquisa, no entanto, acionamos apenas as *hashtags* levantadas e o número de publicações como critério de escolha para aprofundamento.

<sup>14</sup> Essa dimensão é relevante, pois a pesquisa por # no computador, na época da coleta, frequentemente entregava resultados diferentes da pesquisa em dispositivos móveis, privilegiando, por exemplo, conteúdos estáticos. Temos ciência de que, pelas dinâmicas dos algoritmos, outros usuários (pesquisadores ou não) poderiam (e provavelmente irão) encontrar outros resultados a partir da mesma busca. Nossa pesquisa tem como ponto de partida, nesta etapa, o habitar da pesquisadora, de modo que, nosso foco passa a ser a busca por indícios da experiência de habitar de outros.

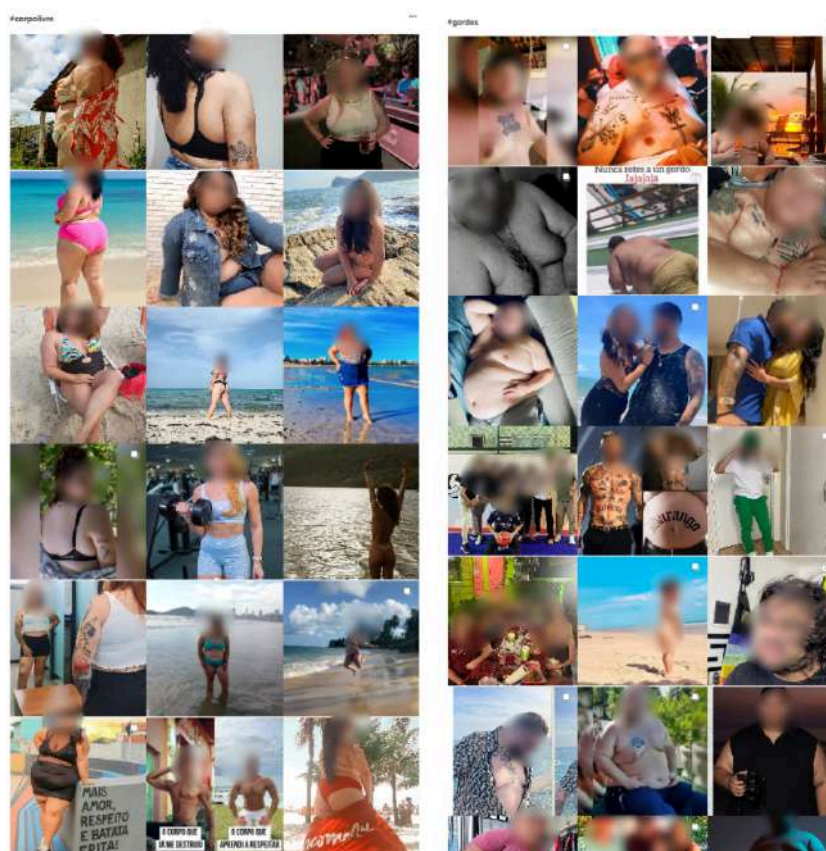
<sup>15</sup> Essas categorias são fruto de um primeiro esforço de organização do material coletado, contudo, quando passamos para a leitura do conteúdo de cada *hashtag*, elas não se revelaram como uma classificação importante, tendo em vista que, a partir da coleta de indícios intermediários, nosso interesse se volta majoritariamente para o conteúdo de cada publicação e menos para o conjunto aglutinado na *hashtag*.

mais de 780 mil), encontramos majoritariamente fotografias de mulheres brancas, em que, no caso de mulheres gordas, a praia surge como um lugar chave para esse aparecimento. Foram desconsideradas para análise fotografias de estabelecimentos comerciais homônimos ao movimento e publicações que divergem do debate acerca de corpos gordos. A segunda *hashtag* mais popular é *#gordos*, em que predominam fotos de homens gays brancos, com comentários majoritariamente positivos. Apesar do alto número de publicações, ela se revelou uma *hashtag* pouco descritiva do fenômeno, frente ao alto número de conteúdos em inglês e espanhol, além de um grande número de publicações similares entre si. De modo mais específico, percebemos que essa *hashtag* poderia orientar um outro estudo, voltado à conformação de atmosferas midiaticizadas especialmente ligadas à comunidade LGBTQIAPN+ (com grande ênfase no G e T da sigla), em que esses homens se autocompreendem no conceito de *bears*<sup>16</sup> e trazem seus corpos à público não necessariamente em busca de uma aceitação perante uma esfera pública ampla, mas para encontrar outros homens que associam esse biotipo a um padrão desejado. Tal percepção foi fundamental para o entendimento de que “atmosferas midiaticizadas de corpos gordos” era um conceito muito abrangente e que, o que parecia nos interessar, de fato, eram atmosferas ligadas a esse processo público de construção coletiva de empoderamento que, posteriormente, passaria por uma série de reconfigurações: passamos a nos referir, de modo geral, a esse conglomerado como atmosferas midiaticizadas do Movimento Corpo Livre.

---

<sup>16</sup> Considerada, simultaneamente, uma subcultura da comunidade gay e um biotipo, a ideia de *bears* (ursos) engloba uma construção identitária entre homens gordos, fortes e peludos, em um movimento voltado para aceitação e valorização desses corpos.

Figura 2 – Captura de tela da grade das *#corpolivre* e *#gordos* na data da coleta

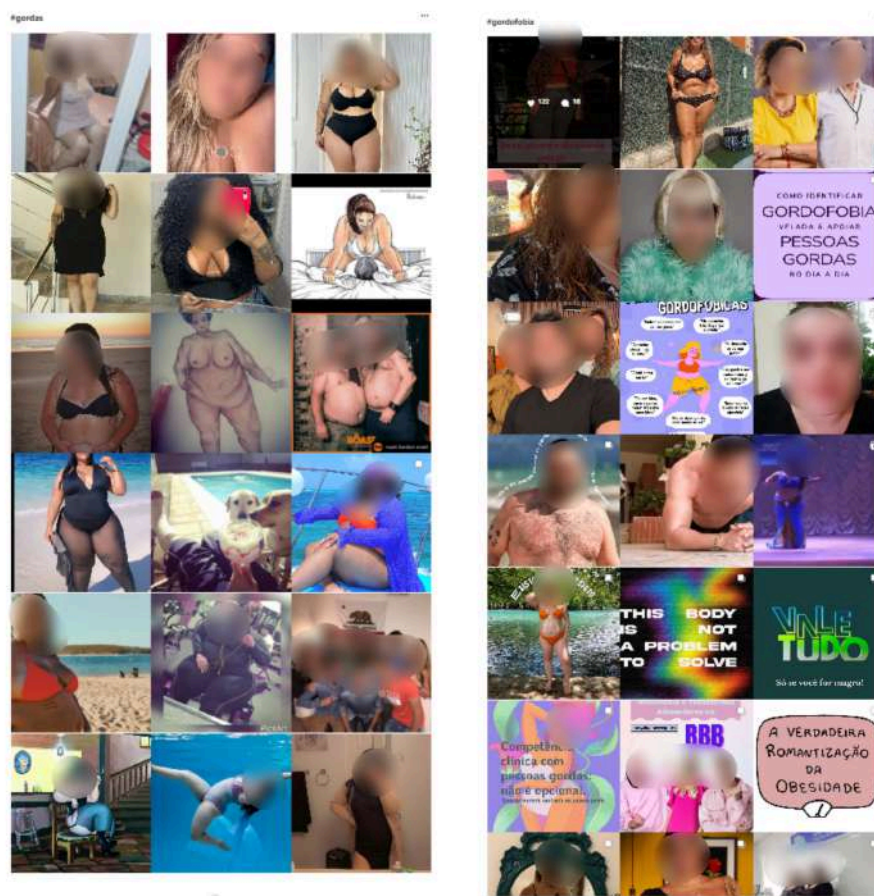


Fonte: Instagram, 2025.

A *#gordas* também possuía um vasto número de publicações em outros idiomas, e os comentários das publicações em português são dotados de tons positivos ou sexualizantes. A utilização do adjetivo gorda para se referir a animais de estimação ou a mulheres magras em momentos de consumo de alimentos também se apresentou como um dificultador para alcançarmos publicações de interesse da pesquisa. Ainda que essa questão pudesse ser um objeto de investigação à parte, nosso interesse nas experiências que permeiam as atmosferas midiáticas do movimento Corpo Livre se tornou cada vez mais evidente e, por esse motivo, foram também desconsideradas.

Na *#gordofobia*, por sua vez, predominam publicações de psicólogos e nutricionistas, abordando pontos de vista relativamente acolhedores, mas em constante contraposição à ideia de “romantização da obesidade”, fortemente influenciados por determinados acontecimentos detonadores que parecem proliferar o número de publicações repetitivas, como o dia de combate à obesidade ou o lançamento do filme “A Baleia”, por exemplo.

Figura 3 – Captura de tela da grade das *#gordas* e *#gordofobia* na data da coleta



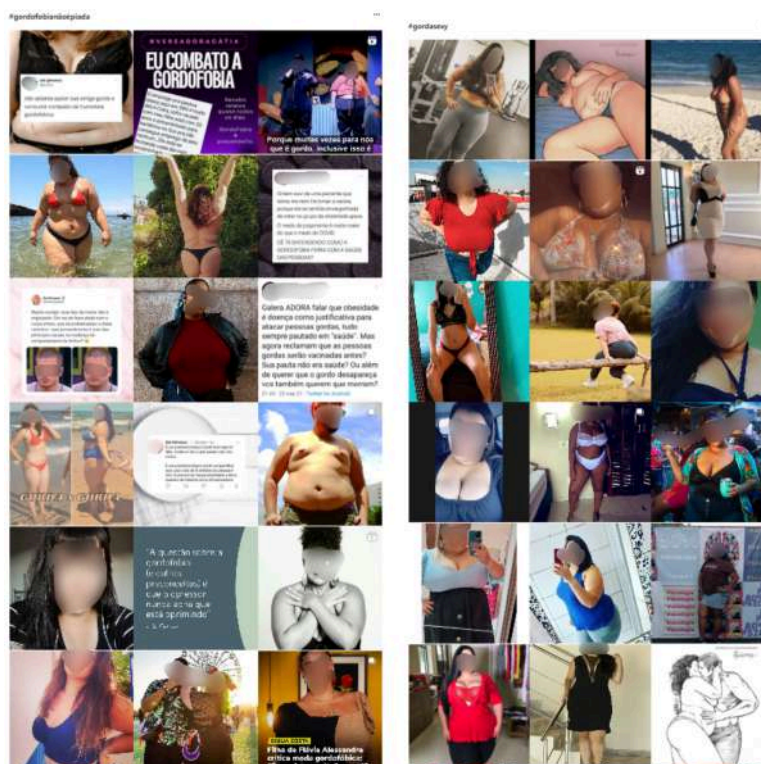
Fonte: Instagram, 2025.

A *#gordalinda* apresentava publicações de retratos simples, enquadrados principalmente no rosto, com tom motivacional, sem a presença de muitas críticas nos comentários. A *#obesidadeinfantil*, por sua vez, apresenta resultados similares à *#gordofobia*, no sentido da predominância de conteúdos de profissionais da saúde, voltados à conscientização. Sobretudo em *hashtags* como essas, onde há a presença de produção de conteúdo massificada, observamos que o Instagram tendia a não entregar conteúdos mais antigos, privilegiando publicações dos dois últimos anos, apenas. Por sua vez, a *#corporeal* apresentou resultados de temas que vão além da discussão da obesidade, ligados à pressão estética, conteúdo *fitness* e de autoestima, se mostrando pouco relevante para o fenômeno investigado.

Ao contrário, a *#gordofobianoépiada*, junto da *#corpolive*, pareceram nos revelar elementos mais potentes sobre as conformações e transformações de atmosferas midiáticas em torno do Movimento Corpo Livre. Nela, as experiências compartilhadas parecem ser mais

cuidadosamente elaboradas discursiva e esteticamente, nos possibilitando perceber tentativas de rememoração do “auge” do Movimento. Na *#gordasexy*, por sua vez, percebemos uma prevalência de fotografias com legendas curtas em que a exposição do corpo torna-se um elemento central.

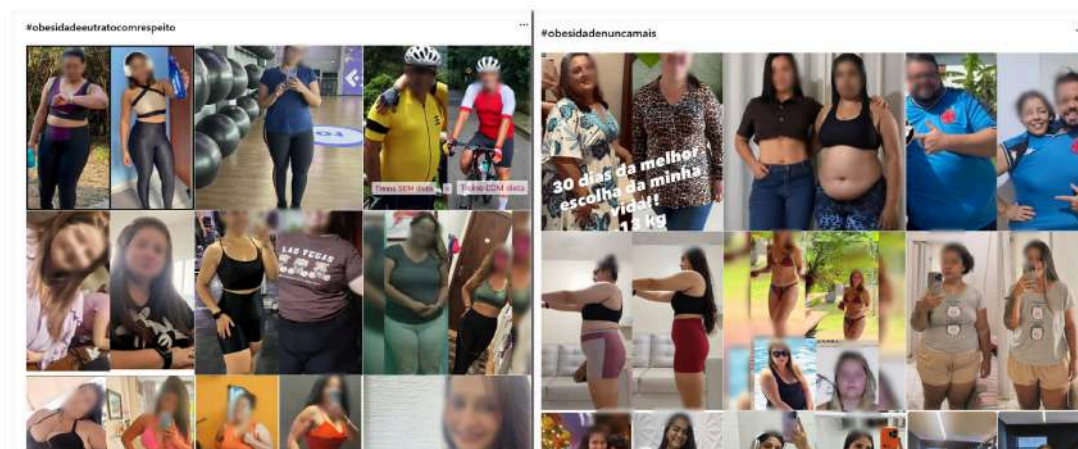
Figura 4 – Captura de tela da grade das *#gordofobianoépiada* e *#gordasexy* na data da coleta



Fonte: Instagram, 2025.

Na *#obeso*, excluindo fotos de animais de estimação, percebemos relatos de antes e depois e de anseio por emagrecimento, ponto em comum com a *#obesidadeutratoacomrespeito*. O respeito em questão parece ser ao tratamento da doença e não à pessoa com obesidade, considerando, por vezes, a própria autopercepção violenta que sujeitos em processo de emagrecimento depositam sobre o seu eu do “antes”. De forma similar, também se apresenta a *#obesidadenuncamais*, que também agrega publicações de antes e depois e conteúdos de nutricionistas.

Figura 5 – Captura de tela da grade das #*obesidadeutrato*comrespeito e #*obesidadenuncamais* na data da coleta



Fonte: Instagram (2025).

A#*gordafeliz*, como em outras hashtags anteriores, apresentava publicações de *selfies* promovendo gestos de aceitação, com poucos resultados relevantes para o corpo da pesquisa. De forma similar, na #*gordapode*, encontramos publicações de cunho motivacional com legendas mais curtas.

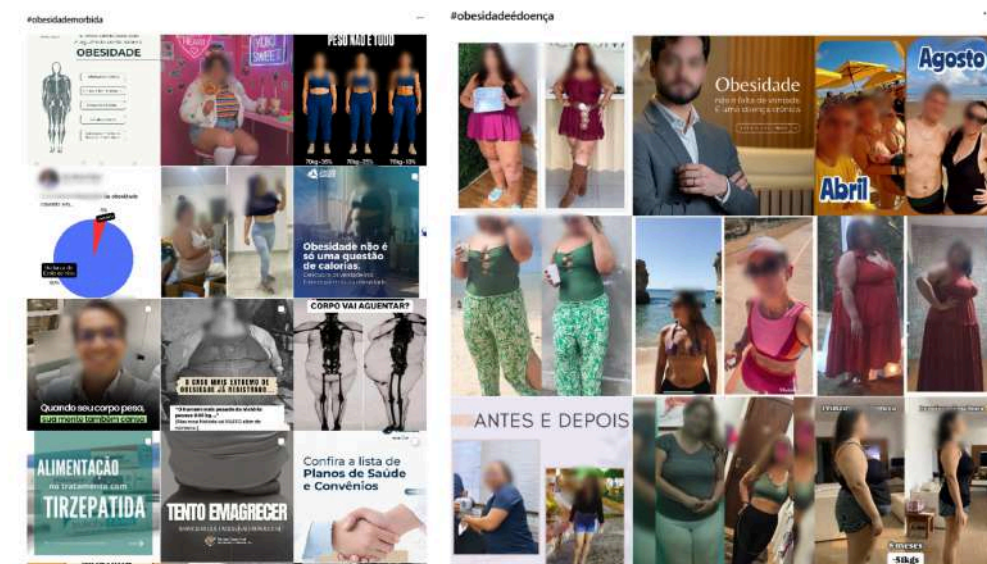
Figura 6 – Captura de tela da grade das #*gordafeliz* e #*gordapode* na data da coleta



Fonte: Instagram (2025).

Por fim, as últimas hashtags, #*obesidademorbida*, #*obesos* e #*obesidadeédoença*, seguem o mesmo padrão das demais hashtags de enfrentamento à obesidade, apresentando relatos de superação, com fotografias de antes e depois e conteúdos elaborados por profissionais da saúde, com uma pequena ênfase na primeira sobre cirurgia bariátrica.

Figura 7 – Captura de tela da grade das #obesidademorbida e #obesidadeédoença na data da coleta



Fonte: Instagram (2025).

Nesse momento, gostaríamos de destacar que, apesar de nos interessarmos pelo compartilhamento e experiências, o Instagram privilegia a produção de “conteúdo” no sentido de compartilhamento de informações úteis/interessantes para os usuários, de modo que, várias *hashtags* apresentam predominantemente posts de profissionais, repetitivos, recentes, e criados por Inteligência Artificial. O relato acerca dos achados em cada *hashtag*, apresentado em ordem cronológica da realização da pesquisa, busca evidenciar a eventual sensação de saturação perante o objeto de estudos. Em determinado momento, os conteúdos começaram a parecer os mesmos, com os mesmos atores e a mesma lógica, então compreendemos que era o momento de encerrar essa etapa. Como resultado, obtivemos um total de 486 publicações selecionadas como indícios preliminares que nos orientaram para a etapa seguinte, conforme o Quadro 1.

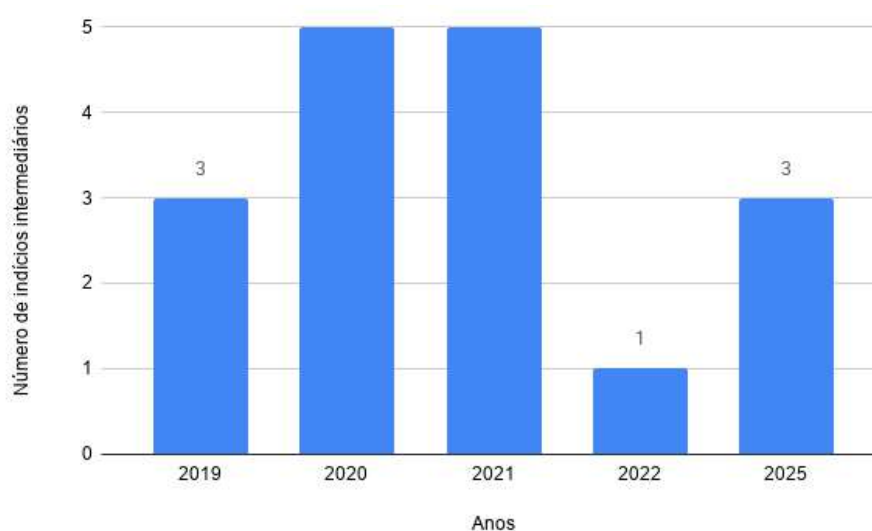
Quadro 1 – Quantidade de indícios preliminares por *hashtag*

| <i>Hashtag</i>       | Nº de indícios | <i>Hashtag</i>               | Nº de indícios |
|----------------------|----------------|------------------------------|----------------|
| #corpolive           | 64             | #obeso                       | 17             |
| #gordos              | 15             | #obesidadeeutratocomrespeito | 29             |
| #gordas              | 19             | #gordafeliz                  | 17             |
| #gordofobia          | 59             | #obesidadenuncamais          | 16             |
| #gordalinda          | 31             | #gordapode                   | 30             |
| #obesidadeinfantil   | 34             | #obesidademorbida            | 32             |
| #corporeal           | 12             | #obesos                      | 25             |
| #gordofobianãoépiada | 40             | #obesidadeedoença            | 28             |
| #gordasexy           | 17             |                              |                |
| <b>Total</b>         | <b>486</b>     |                              |                |

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Partindo desses indícios preliminares, seguimos para uma nova leitura dos conteúdos, buscando observar atores e narrativas que refletissem a percepção de uma dimensão coletiva (a partir da ótica da identificação ou do repúdio) de constituição de um fenômeno que ultrapassasse as fronteiras das experiências individuais, mas que também as afetasse e as tonalizasse em algum nível. Dos 486 posts iniciais, foram selecionadas 17 publicações entre 2019 e 2025 (figura 8) como indícios intermediários que sustentaram a construção da análise apresentada nos próximos capítulos.

Figura 8 – Volume de indícios intermediários por ano



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

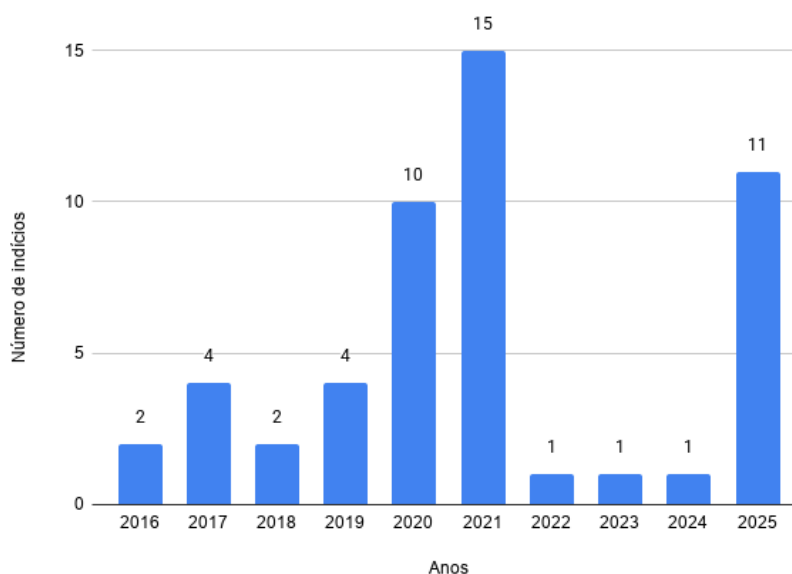
Os indícios intermediários foram organizados em 06 categorias, a saber: “Retratos pré-pandêmicos”; “Atmosfera(s) em circulação”; “Aceitação vs Ativismo”; “Corpos distantes e acesso a direitos”; “Emagrecimento, controvérsia e nostalgia”; e “Intensificações algorítmicas e organizacionais”. Na primeira, estão concentradas publicações que evidenciam a efervescência do surgimento do movimento, seus gestos de empoderamento e as críticas que desde o início se fizeram presentes. Em “Atmosferas em circulação”, agrupamos publicações em que a reverberação dessa emergência e o senso de estabelecimento de uma comunidade aparecem de forma proeminente, tornando a dimensão atmosférica do fenômeno mais palpável. Na terceira categoria, “Aceitação vs Ativismo”, são retratadas as tensões que se inserem dentro do próprio movimento, questionando seus limites e potencialidades.

A quarta categoria sinaliza a cisão que a emergência da pandemia de covid-19 parece colocar perante esses corpos, bem como as demandas de saúde que esse novo cenário cobra. Na quinta categoria “Emagrecimento, controvérsia e nostalgia” aglutinamos publicações que representem o cenário atual dessas atmosferas, marcadas, sobretudo, pelo gesto de emagrecimento de figuras notórias. Por fim, em “Intensificações algorítmicas e organizacionais”, evidenciamos a intensificação dos atravessamentos organizacionais modernos experienciados nessas atmosferas, em maior ou menor nível, bem como as tentativas de sobrevivência e enfrentamento nesse cenário.

O procedimento analítico final desta tese se dá na ocasião de sua própria escrita. Ao contrário de outras Ciências, dotadas de um caráter experimental relativamente mais palpável, em que um determinado experimento é conduzido, seus resultados são observados e posteriormente compilados na escrita, em nosso processo de análise, a produção de resultados é concretizada na própria ocasião em que escrevemos sobre eles. Nesse sentido, orientados pela triangulação proposta pelo paradigma indiciário, nos voltamos para cada uma das seis categorias e acessamos os indícios intermediários em um novo processo de coleta em que, por vezes, os comentários passavam a constituir outros indícios à parte, ou ainda, nos levavam para a busca de outros materiais complementares para um maior entendimento da questão levantada.

Descrever o fluxo por meio do qual fomos constituindo o *corpus* de análise dos próximos capítulos seria um gesto relativamente caótico e potencialmente infrutífero. Propomos, ao contrário, apresentá-lo no Quadro 2, na esperança de que seja possível vislumbrar como cada um dos 17 indícios acabou sendo trabalhado (ou abandonado) nesta última etapa. Ao longo dos dois capítulos seguintes, são apresentados 45 indícios finais, dentre eles, 11, dos 17 indícios intermediários iniciais e 34 outros indícios que derivaram destes, quais sejam, comentários de algumas destas publicações, conteúdos publicados em outras redes sociais, bem como matérias jornalísticas, vídeos no YouTube, etc.. Somados indícios intermediários e derivados, trabalhamos com 51 indícios ao total, que abarcam o período entre 2016 e 2025, distribuídos ao longo dos anos conforme a figura 9.

Figura 9 – Relação de indícios ao longo dos anos



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Destacamos que 4 dos 17 indícios intermediários ficaram indisponíveis entre setembro de 2025 e maio de 2026, todos previamente registrados em captura de tela. Para o *corpus* de análise final, dois destes foram trabalhados, uma vez que os elementos registrados eram suficientes para a investigação proposta, enquanto outras duas publicações foram desconsideradas uma vez que elementos como os comentários, previamente sinalizados como potentes, mas não capturados, se tornaram indisponíveis.

Quadro 2 – Fluxo de construção do corpus de análise a partir dos indícios intermediários levantados nas *hashtags*.

| <b>Hashtag de origem</b> | <b>Link</b>                                                                                     | <b>Status do link em 01/08/2026</b> | <b>Justificativa</b>                                                                                                                                                                                                                             | <b>Data</b> | <b>Foi elencado como indício final e analisado?</b> | <b>Derivou para outros indícios?</b> | <b>Quais?</b>                                                                                                                                                                                                                          |
|--------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|-----------------------------------------------------|--------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| #corpolivre              | <a href="https://www.instagram.com/p/CGpca1OhRdu/">https://www.instagram.com/p/CGpca1OhRdu/</a> | Disponível                          | Menção à reverberação do Movimento Corpo Livre.                                                                                                                                                                                                  | out. 2020   | Sim                                                 | Sim                                  | Comentários da própria publicação.                                                                                                                                                                                                     |
| #corpolivre              | <a href="https://www.instagram.com/p/DMONDhTPMPI/">https://www.instagram.com/p/DMONDhTPMPI/</a> | Disponível                          | Babu Carreira pontua o fenômeno investigado na tese. Menciona os "áureos tempos de gordolândia" em referência a essa época de profusão do Movimento Corpo Livre.                                                                                 | jul. 2025   | Sim                                                 | Sim                                  | Vídeo completo no YouTube. Link: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=ysPw3T7lqXE">https://www.youtube.com/watch?v=ysPw3T7lqXE</a>                                                                                                 |
| #corpolivre              | <a href="https://www.instagram.com/p/DNkxtAnN0CF/">https://www.instagram.com/p/DNkxtAnN0CF/</a> | Disponível                          | Nos introduz ao livro de Jessica Balbino, Porca Gorda. Ao investigar a fundo, entende-se que a obra parece se colocar em oposição ao movimento <i>body positive</i> .                                                                            | ago. 2025   | Não                                                 | Sim                                  | Outra publicação do perfil, abordando a ideia de intelectualidade gorda. Link: <a href="https://www.instagram.com/jessicabalbino_/p/CMmqdFjH_DG/?img_index=4">https://www.instagram.com/jessicabalbino_/p/CMmqdFjH_DG/?img_index=4</a> |
|                          |                                                                                                 |                                     |                                                                                                                                                                                                                                                  |             |                                                     |                                      | Outra publicação do perfil, divulgando o livro "Porca Gorda". Link: <a href="https://www.instagram.com/p/DMfPL3tO74V/?img_index=1">https://www.instagram.com/p/DMfPL3tO74V/?img_index=1</a>                                            |
| #corpolivre              | <a href="https://www.instagram.com/p/CWozrEYrTvg/">https://www.instagram.com/p/CWozrEYrTvg/</a> | Disponível                          | O post chama atenção pela crítica ao Movimento Corpo Livre. Entrando no perfil, encontramos mais publicações em que o ativismo gorde é pautado. Por algum motivo, Naiana parece furar a bolha com certa frequência e aparece também em outras #. | nov. 2021   | Sim                                                 | Sim                                  | Outra publicação do perfil: "O Corpo Livre agora odeia pessoas gordas?" Link: <a href="https://www.instagram.com/itsnaiana/reel/CQEaSR5nm_w/">https://www.instagram.com/itsnaiana/reel/CQEaSR5nm_w/</a>                                |
|                          |                                                                                                 |                                     |                                                                                                                                                                                                                                                  |             |                                                     |                                      | Comentários da publicação "O Corpo Livre                                                                                                                                                                                               |

| <b>Hashtag de origem</b> | <b>Link</b>                                                                                     | <b>Status do link em 01/08/2026</b> | <b>Justificativa</b>                                                                                                                                                                                                            | <b>Data</b> | <b>Foi elencado como indicio final e analisado?</b> | <b>Derivou para outros indícios?</b> | <b>Quais?</b>                                                                                                                                                                                                                                    |
|--------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|-----------------------------------------------------|--------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                          |                                                                                                 |                                     |                                                                                                                                                                                                                                 |             |                                                     |                                      | agora odeia pessoas gordas?”                                                                                                                                                                                                                     |
|                          |                                                                                                 |                                     |                                                                                                                                                                                                                                 |             |                                                     |                                      | Outra publicação do perfil: “Lizzo diz que o Movimento Body Positive foi sequestrado e se tornou muito comercial.” Link: <a href="https://www.instagram.com/itsnaiana/reel/CEaSR5nm_w/">https://www.instagram.com/itsnaiana/reel/CEaSR5nm_w/</a> |
|                          |                                                                                                 |                                     |                                                                                                                                                                                                                                 |             |                                                     |                                      | Comentários da publicação “Lizzo diz que o Movimento Body Positive foi sequestrado e se tornou muito comercial.                                                                                                                                  |
|                          |                                                                                                 |                                     |                                                                                                                                                                                                                                 |             |                                                     |                                      | Outra publicação do perfil, “Body positive x ativismo gorde.” Link: <a href="https://www.instagram.com/itsnaiana/p/CPvf_LTlOOQ/?img_index=1">https://www.instagram.com/itsnaiana/p/CPvf_LTlOOQ/?img_index=1</a>                                  |
|                          |                                                                                                 |                                     |                                                                                                                                                                                                                                 |             |                                                     |                                      | Comentários de outra publicação do perfil. O ativismo gorde veio muito antes do “Body Positive”. Link: <a href="https://www.instagram.com/itsnaiana/reel/CTqDeLfsT3C/">https://www.instagram.com/itsnaiana/reel/CTqDeLfsT3C/</a>                 |
| #corpolivre              | <a href="https://www.instagram.com/p/B6-yt9rhrGp/">https://www.instagram.com/p/B6-yt9rhrGp/</a> | Disponível                          | Publicação do Mídia Ninja, republicando uma foto de Thaís Carla, Naiana (do post anterior) e Carla Galvão. Comentários potentes para compreensão das relações que se estabelecem em torno desses corpos (e da figura de Thaís). | jan. 2020   | Sim                                                 | Sim                                  | Comentários da própria publicação                                                                                                                                                                                                                |

| <b>Hashtag de origem</b> | <b>Link</b>                                                                                     | <b>Status do link em 01/08/2026</b> | <b>Justificativa</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | <b>Data</b> | <b>Foi elencado como indicio final e analisado?</b> | <b>Derivou para outros indícios?</b> | <b>Quais?</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|--------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|-----------------------------------------------------|--------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| #corpolivre              | <a href="https://www.instagram.com/p/ByWNNbYH2ba/">https://www.instagram.com/p/ByWNNbYH2ba/</a> | Disponível                          | Vemos várias figuras marcantes para o Movimento no vídeo, que serve para a divulgação da festa TODA GRANDONA, organizada pelas lideranças do Movimento Corpo Livre. O perfil da festa não está mais disponível, mas conseguimos achar vestígios a partir da etiqueta de localização. Além disso, encontramos vestígios também no canal do YouTube. | jun. 2019   | Não                                                 | Sim                                  | Etiqueta de localização da festa, a partir da qual foram extraídas 10 publicações que compuseram a colagem de fotos. Link para a etiqueta:<br><a href="https://www.instagram.com/explore/locations/490415184685369/toda-grandona/">https://www.instagram.com/explore/locations/490415184685369/toda-grandona/</a><br>Links para as publicações da colagem:<br><a href="https://www.instagram.com/p/Bw8A1FygV-i/?img_index=1">https://www.instagram.com/p/Bw8A1FygV-i/?img_index=1</a><br><a href="https://www.instagram.com/p/BtzFdlvAx8Q/">https://www.instagram.com/p/BtzFdlvAx8Q/</a><br><a href="https://www.instagram.com/p/BrOA5oEhdEN/">https://www.instagram.com/p/BrOA5oEhdEN/</a><br><a href="https://www.instagram.com/p/BmzRsyvBjVR/">https://www.instagram.com/p/BmzRsyvBjVR/</a><br><a href="https://www.instagram.com/p/BrL4waah6tT/?img_index=1">https://www.instagram.com/p/BrL4waah6tT/?img_index=1</a><br><a href="https://www.instagram.com/p/Bu2g0v1BGS/">https://www.instagram.com/p/Bu2g0v1BGS/</a><br><a href="https://www.instagram.com/p/BwqYJM1HKAX/?img_index=1">https://www.instagram.com/p/BwqYJM1HKAX/?img_index=1</a><br><a href="https://www.instagram.com/p/BmrhRzfFqdu/">https://www.instagram.com/p/BmrhRzfFqdu/</a><br><a href="https://www.instagram.com/p/BvmV0dQAgw2/">https://www.instagram.com/p/BvmV0dQAgw2/</a><br><a href="https://www.instagram.com/p/BvCd-OqAaUX/?img_index=1">https://www.instagram.com/p/BvCd-OqAaUX/?img_index=1</a> |
|                          |                                                                                                 |                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |             |                                                     |                                      | <sup>1</sup> Canal do YouTube do Coletivo “Toda Grandona”.<br>Link: <a href="https://www.youtube.com/@TODAGRANONA/videos">https://www.youtube.com/@TODAGRANONA/videos</a>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|                          |                                                                                                 |                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |             |                                                     |                                      | Entrevista de Alexandra Gurgel ao Dia Cast. Link:                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |

| <b>Hashtag de origem</b> | <b>Link</b> | <b>Status do link em 01/08/2026</b> | <b>Justificativa</b> | <b>Data</b> | <b>Foi elencado como indício final e analisado?</b> | <b>Derivou para outros indícios?</b> | <b>Quais?</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|--------------------------|-------------|-------------------------------------|----------------------|-------------|-----------------------------------------------------|--------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                          |             |                                     |                      |             |                                                     |                                      | <a href="https://www.youtube.com/watch?v=LNxTOQQdR0c">https://www.youtube.com/watch?v=LNxTOQQdR0c</a>                                                                                                                                                                                                          |
|                          |             |                                     |                      |             |                                                     |                                      | Primeiro vídeo do canal de Alexandra. Link: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=mzRCE Dnc7dw">https://www.youtube.com/watch?v=mzRCE Dnc7dw</a>                                                                                                                                                            |
|                          |             |                                     |                      |             |                                                     |                                      | Primeiro vídeo com número expressivo de visualizações do canal de Alexandra. Link: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=2C9YWwyNgLY">https://www.youtube.com/watch?v=2C9YWwyNgLY</a>                                                                                                                       |
|                          |             |                                     |                      |             |                                                     |                                      | Matéria com participação de Alexandra e Beta, publicada em 2017 pela BBC. Link: <a href="https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42446726">https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42446726</a>                                                                                                                    |
|                          |             |                                     |                      |             |                                                     |                                      | Tweets de Danilo Gentili sobre a matéria da BBC. Links: <a href="https://x.com/DaniloGentili/status/945112074677563392">https://x.com/DaniloGentili/status/945112074677563392</a><br><a href="https://x.com/DaniloGentili/status/945020184280092672">https://x.com/DaniloGentili/status/945020184280092672</a> |
|                          |             |                                     |                      |             |                                                     |                                      | Vídeo em resposta a Danilo. Link: <a href="https://www.facebook.com/watch/?v=1991023371145147">https://www.facebook.com/watch/?v=1991023371145147</a>                                                                                                                                                          |
|                          |             |                                     |                      |             |                                                     |                                      | Comentários do vídeo em resposta a Danilo.                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|                          |             |                                     |                      |             |                                                     |                                      | Vídeo no Instagram do Movimento Corpo Livre: "Eu também posso fazer parte de um movimento que busque a aceitação de todos os corpos?" Link: <a href="https://www.instagram.com/movimentocorpolive/reel/B7i-xtvHmU0/">https://www.instagram.com/movimentocorpolive/reel/B7i-xtvHmU0/</a>                        |

| <b>Hashtag de origem</b> | <b>Link</b>                                                                                     | <b>Status do link em 01/08/2026</b> | <b>Justificativa</b>                                                                                                                                                                                                                      | <b>Data</b> | <b>Foi elencado como indicio final e analisado?</b> | <b>Derivou para outros indícios?</b> | <b>Quais?</b>                                                                                                                                                                                                                                                          |
|--------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|-----------------------------------------------------|--------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| #gordafeliz              | <a href="https://www.instagram.com/p/CFkML6eBSIG/">https://www.instagram.com/p/CFkML6eBSIG/</a> | Disponível                          | Menção à reverberação do Movimento Corpo Livre.                                                                                                                                                                                           | set. 2020   | Sim                                                 | Não                                  | -                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| #gordalinda              | <a href="https://www.instagram.com/p/DNWfE56uyyF/">https://www.instagram.com/p/DNWfE56uyyF/</a> | Disponível                          | Menção ao debate com Guto Galamba. A publicação foi feita antes do debate ir ao ar.                                                                                                                                                       | ago. 2025   | Não                                                 | Sim                                  | Vídeo "1 TREINADOR VS 30 GORDOS   FT. GUTO GALAMBA". Link: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=t8a5XUe4qyU&amp;t=3860s">https://www.youtube.com/watch?v=t8a5XUe4qyU&amp;t=3860s</a>                                                                               |
|                          |                                                                                                 |                                     |                                                                                                                                                                                                                                           |             |                                                     |                                      | Comentários do vídeo "1 TREINADOR VS 30 GORDOS   FT. GUTO GALAMBA".                                                                                                                                                                                                    |
|                          |                                                                                                 |                                     |                                                                                                                                                                                                                                           |             |                                                     |                                      | Vídeo "1 TREINADOR VS 30 GORDOS   Participante Alexandre denuncia e expõe bastidores completos do programa!" ou "A Indústria do Ódio". Link: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=YiKKqESivAg&amp;t=35s">https://www.youtube.com/watch?v=YiKKqESivAg&amp;t=35s</a> |
| #gordasexy               | <a href="https://www.instagram.com/p/BvP-I.53FIV/">https://www.instagram.com/p/BvP-I.53FIV/</a> | Disponível                          | Menção à reverberação do Movimento Corpo Livre, extrapolando a ideia de influência apenas pelos grandes nomes, mas também de outras imagens em circulação nos contextos midiáticos. Outra questão é a praia, que parece um lugar à parte. | mar. 2019   | Sim                                                 | Sim                                  | Comentários da própria publicação                                                                                                                                                                                                                                      |
| #gordofobia              | <a href="https://www.instagram.com/p/Cahcb6nrS_P/">https://www.instagram.com/p/Cahcb6nrS_P/</a> | Disponível                          | Nos introduz à Malu Jimenez, doutora e pesquisadora dos estudos do corpo gordo, que comercializa cursos sobre o assunto e se posiciona como ativista. A coletividade aparece bastante no perfil, referenciando inclusive uma              | fev. 2022   | Não                                                 | Sim                                  | Outra publicação do perfil: "A ciência que não pode ser revista não é ciência, é violência". Link: <a href="https://www.instagram.com/malujimenez_/p/DPPstoDjCHW/?img_index=1">https://www.instagram.com/malujimenez_/p/DPPstoDjCHW/?img_index=1</a>                   |

| <b>Hashtag de origem</b> | <b>Link</b>                                                                                     | <b>Status do link em 01/08/2026</b> | <b>Justificativa</b>                                                                                                                                                                   | <b>Data</b> | <b>Foi elencado como indicio final e analisado?</b> | <b>Derivou para outros indícios?</b> | <b>Quais?</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|--------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|-----------------------------------------------------|--------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                          |                                                                                                 |                                     | "gordosfera".                                                                                                                                                                          |             |                                                     |                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| #gordofobianãoépiada     | <a href="https://www.instagram.com/p/BxOkqPGHrnd/">https://www.instagram.com/p/BxOkqPGHrnd/</a> | Indisponível                        | Menção à reverberação do Movimento Corpo Livre                                                                                                                                         | mai. 2019   | Sim                                                 | Não                                  | -                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| #gordofobianãoépiada     | <a href="https://www.instagram.com/p/B_F5CEGDB_d/">https://www.instagram.com/p/B_F5CEGDB_d/</a> | Disponível                          | Sobre corpos afastados no período pandêmico. Alexandre Lopes é outro ator que participou do debate contra o Guto. Foi a figura que mais gerou repercussão/recebeu comentários de ódio. | abr. 2020   | Sim                                                 | Sim                                  | Outra publicação do perfil, com o vídeo completo do #squaddaspedonaschallenge. Link: <a href="https://www.instagram.com/p/B-28bUQDm5_/">https://www.instagram.com/p/B-28bUQDm5_/</a>                                                                                                                                                                  |
|                          |                                                                                                 |                                     |                                                                                                                                                                                        |             |                                                     |                                      | <sup>2</sup> Edições remotas B-positive. Links: <a href="https://www.instagram.com/p/CFZ2B65HtFv/">https://www.instagram.com/p/CFZ2B65HtFv/</a><br><a href="https://www.instagram.com/p/CA0xJ65no5t/">https://www.instagram.com/p/CA0xJ65no5t/</a><br><a href="https://www.instagram.com/p/CA0xJ65no5t/">https://www.instagram.com/p/CA0xJ65no5t/</a> |
| #gordofobianãoépiada     | <a href="https://www.instagram.com/p/CPY_zDGHkaM/">https://www.instagram.com/p/CPY_zDGHkaM/</a> | Disponível                          | Também sobre a dimensão pandêmica e a contradição saúde/doença no acesso às vacinas. Nos comentários, há menção às pautas do Movimento.                                                | mai. 2021   | Sim                                                 | Sim                                  | Comentários da própria publicação                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| #gordofobianãoépiada     | <a href="https://www.instagram.com/p/CEnE8E9jcn8/">https://www.instagram.com/p/CEnE8E9jcn8/</a> | Indisponível                        | Memória da Toda Grandona, na legenda e nos comentários existem relatos da significância e dos laços dessas pessoas.                                                                    | set. 2020   | Não                                                 | Não                                  | -                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| #gordofobianãoépiada     | <a href="https://www.instagram.com/p/CYGtvq5LgCv/">https://www.instagram.com/p/CYGtvq5LgCv/</a> | Indisponível                        | Reverberações e desabafos sobre o Movimento. Podemos inferir que a publicação é motivada pela polêmica do antes e depois da                                                            | dez. 2021   | Sim                                                 | Sim                                  | <sup>3</sup> Publicação de Juliana Rangel mencionada na legenda: <a href="https://www.instagram.com/p/CYFMvEgF0e/">https://www.instagram.com/p/CYFMvEgF0e/</a>                                                                                                                                                                                        |

| <b>Hashtag de origem</b> | <b>Link</b>                                                                                     | <b>Status do link em 01/08/2026</b> | <b>Justificativa</b>        | <b>Data</b> | <b>Foi elencado como indicio final e analisado?</b> | <b>Derivou para outros indícios?</b> | <b>Quais?</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|--------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------|-----------------------------|-------------|-----------------------------------------------------|--------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                          |                                                                                                 |                                     | Alexandra Gurgel.           |             |                                                     |                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|                          |                                                                                                 |                                     |                             |             |                                                     |                                      | Matéria sobre o emagrecimento do Movimento Body Positive, em que Alexandra aborda a questão mencionada na publicação anterior. Link: <a href="https://oglobo.globo.com/ela/noticia/2024/11/10/que-corpo-livre-e-esse-alexandra-gurgel-e-mais-ativistas-do-movimento-body-positive-rebatem-criticas-por-terem-emagrecido.ghml">https://oglobo.globo.com/ela/noticia/2024/11/10/que-corpo-livre-e-esse-alexandra-gurgel-e-mais-ativistas-do-movimento-body-positive-rebatem-criticas-por-terem-emagrecido.ghml</a> |
|                          |                                                                                                 |                                     |                             |             |                                                     |                                      | Publicação de Beta no hospital antes da cirurgia bariátrica. Link: <a href="https://www.instagram.com/p/DEpcqDAODFB/?img_index=1">https://www.instagram.com/p/DEpcqDAODFB/?img_index=1</a>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|                          |                                                                                                 |                                     |                             |             |                                                     |                                      | Vídeo em que Beta anuncia ter passado pela cirurgia bariátrica. Link: <a href="https://www.instagram.com/reels/DEvFRDqvpYb">https://www.instagram.com/reels/DEvFRDqvpYb</a>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| #gordofobianãoépiada     | <a href="https://www.instagram.com/p/CPtpMTYH07Z/">https://www.instagram.com/p/CPtpMTYH07Z/</a> | Indisponível                        | Acesso à vacina na pandemia | jun. 2021   | Não                                                 | Não                                  | -                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| #gordofobianãoépiada     | <a href="https://www.instagram.com/p/CPD2qnqLEKF/">https://www.instagram.com/p/CPD2qnqLEKF/</a> | Disponível                          | Acesso à vacina na pandemia | mai.2021    | Sim                                                 | Sim                                  | Comentários da própria publicação                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

<sup>1</sup> A partir da constatação de que, para falar desse contexto de surgimento e proliferação do Movimento, precisaríamos fazer um mergulho na história, fomos em busca de alguns indícios nesse sentido, nos valendo, sobretudo, do canal de Alexandra no YouTube, considerando que no Instagram de Beta a maioria das publicações são posteriores à criação da *hashtag* e do perfil no Instagram do Movimento, enquanto no canal do YouTube o primeiro vídeo disponível é publicado em 2024. Além disso, as redes sociais e o canal de Caio se encontram, atualmente, desativados.

<sup>2</sup> Navegando pelo perfil, encontramos a festa *B-positive* e suas 3 edições remotas.

<sup>3</sup> Frente à aparente menção ao emagrecimento de Alexandra, fomos em busca de indícios que abordassem a questão e encontramos uma matéria de autoria da própria sobre o assunto. A partir disso, achamos prudente abordar a perspectiva do emagrecimento de Beta Boechat, ainda que tivéssemos tomado ciência dos posts antes da pesquisa de campo, pois haviam sido o ponto de partida para a construção do trabalho.

A partir da construção do quadro 2, elaboramos um novo quadro (quadro 3) em que os indícios estão organizados na ordem em que são mencionados nos próximos capítulos; além disso, tais indícios foram identificados a partir de um código que os localiza na figura 10.

Quadro 3 – Lista de indícios organizada por capítulo

| Descrição                                                                                                                                                            | Link                                                                                                                                                                                                                                                   | Data       | Identificador |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|---------------|
| <b>Capítulo 5</b>                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                        |            |               |
| Entrevista de Alexandra ao Dia cast                                                                                                                                  | <a href="https://www.youtube.com/watch?v=LNxIOQQdR0c">https://www.youtube.com/watch?v=LNxIOQQdR0c</a>                                                                                                                                                  | 06/07/2023 | D1            |
| Vídeo mais antigo do canal de Alexandra no YouTube: "MOTIVOS PARA NAMORAR UMA MULHER GORDA! - Alexandrismos"                                                         | <a href="https://youtu.be/mzRCEDnc7dw?si=LOk7hk1Z1dQyxeSL">https://youtu.be/mzRCEDnc7dw?si=LOk7hk1Z1dQyxeSL</a>                                                                                                                                        | 05/01/2016 | D2            |
| Primeiro vídeo ao alcançar um número considerável de visualizações no canal de Alexandra: "Gorda tem que ser engraçada, simpática, inteligente..?" - Alexandrismos". | <a href="https://www.youtube.com/watch?v=2C9YWwyNgIY">https://www.youtube.com/watch?v=2C9YWwyNgIY</a>                                                                                                                                                  | 10/06/2016 | D3            |
| Entrevista de Alexandra e Beta à BBC                                                                                                                                 | <a href="https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42446726">https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42446726</a>                                                                                                                                            | 24/12/2017 | D4            |
| Tweets de Danilo Gentili sobre a matéria da BBC                                                                                                                      | <a href="https://x.com/DaniloGentili/status/945020184280092672">https://x.com/DaniloGentili/status/945020184280092672</a><br><a href="https://x.com/DaniloGentili/status/945112074677563392">https://x.com/DaniloGentili/status/945112074677563392</a> | 25/12/2017 | D5            |
| Vídeo resposta a Danilo Gentili no Facebook                                                                                                                          | <a href="https://www.facebook.com/watch/?v=1991023371145147">https://www.facebook.com/watch/?v=1991023371145147</a>                                                                                                                                    | 26/12/2017 | D6            |
| Comentários ao vídeo resposta a Danilo                                                                                                                               | <a href="https://www.facebook.com/watch/?v=1991023371145147">https://www.facebook.com/watch/?v=1991023371145147</a>                                                                                                                                    | 26/12/2017 | D7            |
| Etiqueta geográfica "Toda Grandona"                                                                                                                                  | <a href="https://www.instagram.com/explore/locations/490415184685369/toda-grandona">https://www.instagram.com/explore/locations/490415184685369/toda-grandona</a>                                                                                      | 2018-2019  | D8            |
| Canal do YouTube "Toda Grandona"                                                                                                                                     | <a href="https://www.youtube.com/@TODAGRANDONA">https://www.youtube.com/@TODAGRANDONA</a>                                                                                                                                                              | 2018-2019  | D9            |
| Repost do Mídia Ninja de foto de Thaís Carla                                                                                                                         | <a href="https://www.instagram.com/p/B6-yt9rhrGp/">https://www.instagram.com/p/B6-yt9rhrGp/</a>                                                                                                                                                        | 06/01/2020 | I1            |
| Comentários da publicação do Mídia Ninja                                                                                                                             | <a href="https://www.instagram.com/p/B6-yt9rhrGp/">https://www.instagram.com/p/B6-yt9rhrGp/</a>                                                                                                                                                        | 06/01/2020 | D10           |
| Vídeo no Instagram do Movimento Corpo Livre: "Eu também posso fazer parte de um movimento que busque a aceitação de todos os corpos?"                                | <a href="https://www.instagram.com/movimentoocorpolive/reel/B7i-xtvHmU0/">https://www.instagram.com/movimentoocorpolive/reel/B7i-xtvHmU0/</a>                                                                                                          | 20/01/2020 | D11           |
| Post A - Reverberações cotidianas do Movimento                                                                                                                       | <a href="https://www.instagram.com/p/BvP-L53FIV/">https://www.instagram.com/p/BvP-L53FIV/</a>                                                                                                                                                          | 20/03/2019 | I2            |
| Comentários Post A - Reverberações cotidianas do Movimento Corpo Livre                                                                                               | <a href="https://www.instagram.com/p/BvP-L53FIV/">https://www.instagram.com/p/BvP-L53FIV/</a>                                                                                                                                                          | 20/03/2019 | D12           |
| Post B - Reverberações cotidianas do Movimento                                                                                                                       | <a href="https://www.instagram.com/p/CFkML6eBSIG/">https://www.instagram.com/p/CFkML6eBSIG/</a>                                                                                                                                                        | 25/09/2020 | I3            |

| Descrição                                                                                                                         | Link                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | Data       | Identificador |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|---------------|
| Post C - Reverberações cotidianas do Movimento                                                                                    | <a href="https://www.instagram.com/p/CGpca1OhRdu/">https://www.instagram.com/p/CGpca1OhRdu/</a>                                                                                                                                                                                                       | 22/10/2020 | I4            |
| Comentários Post C - Reverberações cotidianas do Movimento Corpo Livre                                                            | <a href="https://www.instagram.com/p/CGpca1OhRdu/">https://www.instagram.com/p/CGpca1OhRdu/</a>                                                                                                                                                                                                       | 22/10/2020 | D13           |
| Post D - Reverberações cotidianas do Movimento                                                                                    | <a href="https://www.instagram.com/p/BxOkqPGHrnd/">https://www.instagram.com/p/BxOkqPGHrnd/</a>                                                                                                                                                                                                       | 09/05/2019 | I5            |
| Post Naiana Ribeiro: "O amor próprio é aliado, mas não combate a gordofobia."                                                     | <a href="https://www.instagram.com/itsnaiana/p/CWozrEYrTvg/">https://www.instagram.com/itsnaiana/p/CWozrEYrTvg/</a>                                                                                                                                                                                   | 23/11/2021 | I6            |
| Post Naiana Ribeiro: "O CORPO LIVRE AGORA ODEIA PESSOAS GORDAS?"                                                                  | <a href="https://www.instagram.com/itsnaiana/reel/COEaSR5nm_w/">https://www.instagram.com/itsnaiana/reel/COEaSR5nm_w/</a>                                                                                                                                                                             | 13/06/2021 | D14           |
| Comentários da publicação "O Corpo Livre agora odeia pessoas gordas?"                                                             | <a href="https://www.instagram.com/itsnaiana/reel/COEaSR5nm_w/">https://www.instagram.com/itsnaiana/reel/COEaSR5nm_w/</a>                                                                                                                                                                             | 13/06/2021 | D15           |
| Post Naiana Ribeiro: "Lizzo diz que o movimento body positive foi sequestrado e se tornou muito comercial"                        | <a href="https://www.instagram.com/itsnaiana/p/CP9ZNKWF6QV/?img_index=4">https://www.instagram.com/itsnaiana/p/CP9ZNKWF6QV/?img_index=4</a>                                                                                                                                                           | 10/06/2021 | D16           |
| Post Naiana Ribeiro "Body positive x ativismo gorde"                                                                              | <a href="https://www.instagram.com/itsnaiana/p/CPvf_LTI00O/?img_index=1">https://www.instagram.com/itsnaiana/p/CPvf_LTI00O/?img_index=1</a>                                                                                                                                                           | 05/06/2021 | D17           |
| Post Jessica Balbino "Intelectualidade Gorda"                                                                                     | <a href="https://www.instagram.com/jessicabalbino/p/CMmqdFjH_DG/?img_index=4">https://www.instagram.com/jessicabalbino/p/CMmqdFjH_DG/?img_index=4</a>                                                                                                                                                 | 19/03/2021 | D18           |
| Post Jessica Balbino "Divulgação Porca Gorda 2"                                                                                   | <a href="https://www.instagram.com/p/DMfPL3tQ74V/?img_index=1">https://www.instagram.com/p/DMfPL3tQ74V/?img_index=1</a>                                                                                                                                                                               | 24/07/2025 | D19           |
| Post Malu Jimenez: "A ciência que não pode ser revista, não é ciência, é violência"                                               | <a href="https://www.instagram.com/malujimenez/p/DPPstoDjCHW/?img_index=1">https://www.instagram.com/malujimenez/p/DPPstoDjCHW/?img_index=1</a>                                                                                                                                                       | 30/09/2025 | D20           |
| Comentários do post de Naiana Ribeiro "O ativismo gordo veio muito antes do body positive"                                        | <a href="https://www.instagram.com/itsnaiana/reel/CTqDeLfsT3C/">https://www.instagram.com/itsnaiana/reel/CTqDeLfsT3C/</a>                                                                                                                                                                             | 10/09/2021 | D21           |
| Comentários do post de Naiana Ribeiro: "Lizzo diz que o Movimento Body Positive foi "sequestrado" e se tornou muito "comercial" " | <a href="https://www.instagram.com/itsnaiana/p/CP9ZNKWF6QV/?img_index=4">https://www.instagram.com/itsnaiana/p/CP9ZNKWF6QV/?img_index=4</a>                                                                                                                                                           | 10/06/2021 | D22           |
| <b>Capítulo 6</b>                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |            |               |
| Publicação Beta Boechat antes da cirurgia bariátrica                                                                              | <a href="https://www.instagram.com/p/DEpcqDAODFB/?img_index=1">https://www.instagram.com/p/DEpcqDAODFB/?img_index=1</a>                                                                                                                                                                               | 10/01/2025 | D23           |
| Publicações de divulgação das edições remotas da festa B-positive                                                                 | <a href="https://www.instagram.com/p/CFZ2B65HtFv/">https://www.instagram.com/p/CFZ2B65HtFv/</a><br><a href="https://www.instagram.com/p/CA0xJ65no5t/">https://www.instagram.com/p/CA0xJ65no5t/</a><br><a href="https://www.instagram.com/p/CA0xJ65no5t/">https://www.instagram.com/p/CA0xJ65no5t/</a> | 2020       | D24           |
| Publicação Alexandre Lopes #squaddaspesasdonaschallenge                                                                           | <a href="https://www.instagram.com/p/B_F5CEGDB_d/">https://www.instagram.com/p/B_F5CEGDB_d/</a>                                                                                                                                                                                                       | 17/04/2020 | I7            |
| Publicação completa #squaddaspesasdonaschallenge                                                                                  | <a href="https://www.instagram.com/p/B-28bUQDm5_/">https://www.instagram.com/p/B-28bUQDm5_/</a>                                                                                                                                                                                                       | 11/04/2020 | D25           |
| Publicação A - Nutricionista sobre acesso à vacina de covid-19                                                                    | <a href="https://www.instagram.com/p/CPD2qnqLEKF/">https://www.instagram.com/p/CPD2qnqLEKF/</a>                                                                                                                                                                                                       | 19/05/2021 | I8            |
| Publicação B - Nutricionista sobre acesso à vacina de covid-19                                                                    | <a href="https://www.instagram.com/p/CPY_zDGHkaM/">https://www.instagram.com/p/CPY_zDGHkaM/</a>                                                                                                                                                                                                       | 27/05/2021 | I9            |

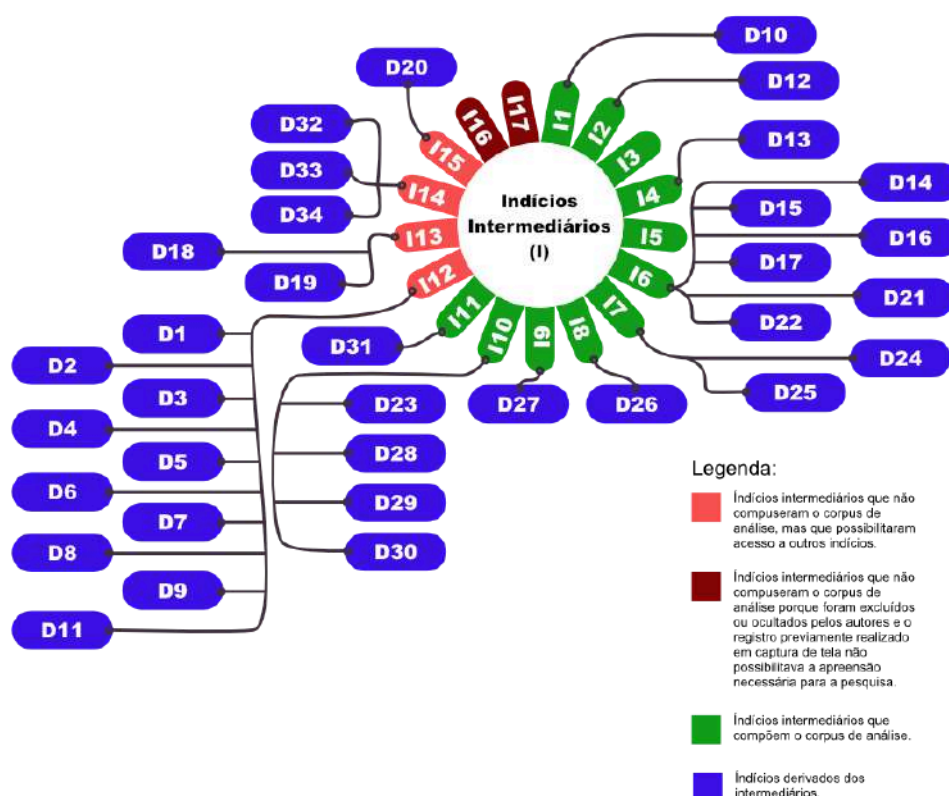
| Descrição                                                                          | Link                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | Data       | Identificador |
|------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|---------------|
| Comentários sobre a publicação A - Nutricionista sobre acesso à vacina de covid-19 | <a href="https://www.instagram.com/p/CPD2qnqLEKF/">https://www.instagram.com/p/CPD2qnqLEKF/</a>                                                                                                                                                                                                                                                                             | 19/05/2021 | D26           |
| Comentários sobre a publicação B - Nutricionista sobre acesso à vacina de covid-19 | <a href="https://www.instagram.com/p/CPY_zDGHkaM/">https://www.instagram.com/p/CPY_zDGHkaM/</a>                                                                                                                                                                                                                                                                             | 27/05/2021 | D27           |
| Publicação satirizando a ideia de Antes e Depois                                   | <a href="https://www.instagram.com/p/CYGtvq5LgCv/">https://www.instagram.com/p/CYGtvq5LgCv/</a>                                                                                                                                                                                                                                                                             | 30/12/2021 | I10           |
| Publicação de Juliana Rangel satirizando a ideia de Antes e Depois                 | <a href="https://www.instagram.com/p/CYFMvEgF_0e/">https://www.instagram.com/p/CYFMvEgF_0e/</a>                                                                                                                                                                                                                                                                             | 29/12/2021 | D28           |
| Reportagem de Alexandra sobre emagrecimento para a revista ELA                     | <a href="https://oglobo.globo.com/ela/noticia/2024/11/10/que-corpo-livre-e-esse-alexandra-gurgel-e-mais-ativistas-do-movimento-body-positive-rebatem-criticas-por-terem-emagrecido.ghml">https://oglobo.globo.com/ela/noticia/2024/11/10/que-corpo-livre-e-esse-alexandra-gurgel-e-mais-ativistas-do-movimento-body-positive-rebatem-criticas-por-terem-emagrecido.ghml</a> | 10/11/2024 | D29           |
| Publicação Beta Boechat sobre a cirurgia bariátrica                                | <a href="https://www.instagram.com/reels/DEvFRDqvpYb/">https://www.instagram.com/reels/DEvFRDqvpYb/</a>                                                                                                                                                                                                                                                                     | 12/01/2025 | D30           |
| Publicação de Babu Carreira divulgando o vídeo "Acabou o Body positive"            | <a href="https://www.instagram.com/p/DMONDhTPMPI/">https://www.instagram.com/p/DMONDhTPMPI/</a>                                                                                                                                                                                                                                                                             | 17/07/2025 | I11           |
| Vídeo completo "Reagindo à Cirurgia Bariátrica da Thais Carla" - Babu Carreira     | <a href="https://www.youtube.com/watch?v=ysPw3T7lqXE">https://www.youtube.com/watch?v=ysPw3T7lqXE</a>                                                                                                                                                                                                                                                                       | 17/07/2025 | D31           |
| Vídeo 1 treinador vs 30 gordos                                                     | <a href="https://youtu.be/t8a5XUe4qyU?si=-fLvhosaPN-HP8Oh">https://youtu.be/t8a5XUe4qyU?si=-fLvhosaPN-HP8Oh</a>                                                                                                                                                                                                                                                             | 21/08/2025 | D32           |
| Comentários do Vídeo 1 treinador vs 30 gordos                                      | <a href="https://youtu.be/t8a5XUe4qyU?si=-fLvhosaPN-HP8Oh">https://youtu.be/t8a5XUe4qyU?si=-fLvhosaPN-HP8Oh</a>                                                                                                                                                                                                                                                             | 21/08/2025 | D33           |
| Vídeo "A Indústria do Ódio"                                                        | <a href="https://youtu.be/YiKKqESIvAg?si=wjU7kratzX5V4Lq8">https://youtu.be/YiKKqESIvAg?si=wjU7kratzX5V4Lq8</a>                                                                                                                                                                                                                                                             | 28/09/2025 | D34           |
| <b>Não inseridos</b>                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |            |               |
| Vídeo de Divulgação da Festa "Toda Grandona"                                       | <a href="https://www.instagram.com/p/ByWNNbYH2ba/">https://www.instagram.com/p/ByWNNbYH2ba/</a>                                                                                                                                                                                                                                                                             | 05/06/2019 | I12           |
| Post Jessica Balbino "Divulgação Porca Gorda 1"                                    | <a href="https://www.instagram.com/p/DNkxtAnN0CF/">https://www.instagram.com/p/DNkxtAnN0CF/</a>                                                                                                                                                                                                                                                                             | 20/08/2025 | I13           |
| Publicação que menciona participação no debate "1 treinador vs 30 gordos"          | <a href="https://www.instagram.com/p/DNWif56uypF/">https://www.instagram.com/p/DNWif56uypF/</a>                                                                                                                                                                                                                                                                             | 14/08/2025 | I14           |
| Post Malu Jimenez: "Você já foi desprezada por ser gorda"                          | <a href="https://www.instagram.com/p/Cahcb6nrS_P/">https://www.instagram.com/p/Cahcb6nrS_P/</a>                                                                                                                                                                                                                                                                             | 28/02/2022 | I15           |
| Publicação em Memória da Toda Grandona                                             | <a href="https://www.instagram.com/p/CEnE8E9jcn8/">https://www.instagram.com/p/CEnE8E9jcn8/</a>                                                                                                                                                                                                                                                                             | 01/09/2020 | I16           |
| Publicação que relata acesso à vacina na pandemia                                  | <a href="https://www.instagram.com/p/CPtpMTYH07Z">https://www.instagram.com/p/CPtpMTYH07Z</a>                                                                                                                                                                                                                                                                               | 04/06/2021 | I17           |

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Após a organização e a identificação dos indícios intermediários e derivados no quadro 3, elaboramos um mapa que busca explicitar os caminhos percorridos durante o processo de coleta e análise dos indícios derivados. À medida que avançávamos pelas

categorias, íamos percebendo as demandas impostas pelo próprio campo de estudos e complementando, quando necessário, a composição desses indícios.

Figura 10 – Mapa de indícios coletados



Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Com vistas a aglutinar determinadas questões que aparecem em múltiplos indícios, adotamos, como procedimento de tratamento dos dados, a organização de “colagens”, de modo a viabilizar a visualização simultânea de elementos que, de outra forma, se espalhariam em um número elevado de figuras ao longo da análise. Decidimos, ainda, a partir de um cuidado ético com a imagem das pessoas mencionadas ao longo da tese, borrar todos os rostos, ainda que alguns nomes<sup>17</sup> e todos os links para as publicações tenham sido mantidos. A identificação da rede que se forma em torno de determinadas figuras e as formas como

<sup>17</sup> Mantivemos a identificação pelo nome nas ocasiões em que se tratam de figuras públicas que se posicionam, abertamente, em um lugar de influenciadores, comediantes ou produtores de conteúdo. A identificação dos nomes de usuário foi mantida para fins de referência, conforme padrão ABNT.

diferentes outras foram emergindo, é um elemento importante para a apreensão do caráter atmosférico do fenômeno investigado, entretanto, ao compreender (como os próximos capítulos evidenciam) que o aparecimento desses sujeitos é de natureza mutante, e, ainda, entendendo que os rostos, nesse caso, são elementos “dispensáveis” para o entendimento proposto, preferimos optar por esse cuidado. Para os dois processos de tratamento de imagem (colagem e ocultação dos rostos), foi utilizado o *software* gratuito Affinity.

### **4.3 Considerações dos Aspectos Metodológicos**

O percurso metodológico que traçamos ao longo da coleta, revela, para além de um gesto quantitativo, as formas como, enquanto pesquisadores, lidamos com essas plataformas em uma perspectiva de habitar. Percebe-se aí um desafio posto, em que, apesar de partir desse próprio habitar, que orienta olhares, escolhas e caminhos percorridos, não gostaríamos de permanecer apenas nele, e sim, a partir dele, buscar os indícios intermediários que, no estudo de caso em perspectiva indiciária, fundamentam a própria capacidade da pesquisa de revelar as relações que advêm do fenômeno investigado.

Durante a coleta de dados para essa pesquisa, realizada em setembro de 2025, um acontecimento específico nos foi muito marcante e, apesar de oferecer prejuízo para o andamento da pesquisa, também nos auxilia a compreender alguns desafios que a construção de uma pesquisa com recorte temporal um pouco mais extenso se sujeita, em plataformas como o Instagram. Nessa época, entre uma semana e outra de coleta, Alexandra Gurgel, apagou (ou arquivou) todo conteúdo antigo de seu perfil do Instagram. Algumas publicações que chegaram a ser capturadas e tiveram seus links salvos deixaram de existir e, com elas, os comentários, as interações e indícios que poderiam, potencialmente, levar essa pesquisa para outros caminhos.

Figura 11 – Exemplo de indício preliminar indisponível no perfil de Alexandra Gurgel



Fonte: Gurgel (2019)<sup>18</sup>.

A decisão de Alexandra, embora não comunicada oficialmente no *feed* (pode ter sido comentada em algum momento nos *stories*, mas não conseguimos perceber a tempo), parece ser motivada por um desejo de ocultamento das questões que dizem respeito ao Movimento. A influenciadora foi, ao longo dos anos, alvo de muitas críticas, realizadas por pessoas de dentro e de fora da comunidade, e vem, especialmente após a pandemia, tentando se estabelecer no nicho de *reacts* e *fofocas* em detrimento ao lugar de “militante” previamente ocupado, evidenciando que a própria Alexandra parece ser afetada por diferentes formas de habitar esse ambiente midiaticado.

Longe de produzir um julgamento moral acerca das tomadas de decisão que a levaram a esse lugar, perceber essa mudança “de um dia para o outro” no perfil de uma das figuras mais importantes para o surgimento do Movimento e sua eventual e consequente conformação atmosférica nos revela uma outra dimensão desse desafio metodológico. Para além das disposições algorítmicas que, autoritariamente, definem o que pode ou não existir nas plataformas, privilegiando a dimensão do presente, os próprios usuários parecem se valer desses recursos em tentativas de apagamento daquilo que acreditam não contribuir para a imagem que gostariam de projetar de si próprios.

<sup>18</sup> Disponível anteriormente em [https://www.instagram.com/p/B2NMY8\\_lnj1/](https://www.instagram.com/p/B2NMY8_lnj1/). Acesso em: 22 set. 2025.

Essa questão não aparece apenas no perfil de Alexandra, apenas tivemos a “sorte” de encontrar algumas publicações antes que ela decidisse apagá-las, mas muitos outros indícios, sobretudo os que refletem esse período de efervescência, não existem mais. O que nos parece é que nossos esforços de investigação estão voltados, no fim das contas, para as ruínas de uma atmosfera midiaticizada, em certa medida, soterrada pelas intensificações e acelerações após a pandemia de covid-19.

Nesse horizonte, os próximos dois capítulos, quinto e sexto, tomam esse acontecimento como uma cisão que organiza a experiência desses sujeitos e a própria escrita do trabalho. O quinto capítulo, “Circulação e disputa em atmosferas midiaticizadas do/no Movimento Corpo Livre: historicidades e emergências de dinâmicas organizacionais”, examina, de modo geral, as dinâmicas que circundam a emergência de atmosferas midiaticizadas a partir da ideia de Movimento Corpo Livre, englobando suas reverberações cotidianas e tensões dentro das próprias atmosferas. O último capítulo, “Emagrecimento, controvérsia e intensificações organizacionais: transformações em atmosferas midiaticizadas do/no Movimento Corpo Livre”, por sua vez, se volta para o conjunto de forças que, a partir da pandemia de covid-19, parece atuar com maior intensidade sobre elas. De modo mais específico, abordamos as implicações que o cenário pandêmico parece colocar diante desses corpos, as formas como os consequentes processos de emagrecimento de figuras notórias para o Movimento são elaborados dentro dessas atmosferas e, por fim, observamos movimentos de retorno ao protagonismo de gestos de vulnerabilização desses corpos em contextos midiaticizados.

## **5 CAPÍTULO 5: CIRCULAÇÃO E DISPUTA EM ATMOSFERAS MIDIATIZADAS DO/NO MOVIMENTO CORPO LIVRE: HISTORICIDADES E EMERGÊNCIAS DE DINÂMICAS ORGANIZACIONAIS**

Movidos pelo desejo de elucidar, neste capítulo, as configurações que permeiam a emergência de atmosferas midiáticas que circundam o surgimento do Movimento Corpo Livre, somos confrontados, mais uma vez, pela materialidade das relações intermediadas pelos algoritmos das grandes plataformas. Claro que a maioria dos fenômenos é conformada de maneira processual e gradativa, porém, simbolicamente, poderia ser menos difícil estabelecer um “marco zero” como ponto de partida para a discussão, não fossem as movimentações dos próprios usuários exercendo constantes reconfigurações de suas próprias personas midiáticas, elencando quais publicações ressoam melhor com aquilo que desejam publicizar em dado momento, ou as constantes atualizações em plataformas de redes sociais que tornam o exercício de busca baseada na navegação do usuário comum (não mediada por softwares de raspagem de dados) cada vez mais trabalhoso e menos eficiente para acessar aquilo que não está na dimensão do presente.

Ressaltamos esse aspecto, uma vez que, para este capítulo, não fomos capazes de definir uma data específica para a criação do Movimento Corpo Livre. Não encontramos um vídeo ou publicação que carregasse esse tom inaugural - este que era, inclusive, uma expectativa da própria pesquisa. Um indício que nos auxilia a construir um fio condutor para a análise proposta é a entrevista de Alexandra Gurgel<sup>19</sup> ao podcast Dia Cast em julho de 2023 (DiaTV, 2023)<sup>20</sup>. Nele, a influenciadora organiza e retoma trechos da trajetória do Movimento, mencionando um esforço inicial, em que a hashtag corpo livre era acionada por ela, Beta e Caio desde 2018<sup>21</sup> (Veja, 2022), bem como por seus respectivos seguidores na tentativa de aglutinar publicações em comum. A criação de um perfil no Instagram dedicado ao movimento, por sua vez, é um gesto estratégico (nos aprofundamos nestas questões ao longo do capítulo), motivado pela participação de Alexandra em uma reportagem para o Fantástico, que foi ao ar em janeiro de 2020:

---

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LNxTtOOQdR0c> Acesso em 27 jul 2026.

<sup>20</sup> Decidimos manter os links de acesso aos materiais citados ao longo do texto nas notas de rodapé, além da referência “autor, data”, a fim de facilitar o eventual processo de consulta ao conteúdo pelo leitor.

<sup>21</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/movimento-corpo-livre-lanca-espaco-contra-gordofobia/> Acesso em 27 jul 2026

A gente já tinha criado a hashtag e a hashtag era um, era tipo um identificação, um selo assim, né? As pessoas postavam e a gente sabia e tal e a hashtag tinha pegado muita tração, até que o Fantástico veio fazer uma entrevista com a gente e [...] veio falar sobre o movimento na internet. Cara, eu vi a oportunidade, né? Eu falei: cara, a gente vai sair no Fantástico, eu vou lançar o Instagram do movimento, porque a gente tinha um outro projeto para lançar esse Instagram do movimento, junto com um outro projeto que ia vir, e a gente falou não, vamos lançar agora. E aí eu lancei o Instagram, a gente pegou em um dia 10.000 seguidores e em um mês a gente tinha 100.000 seguidores assim, sem muito esforço (DiaTV, 2023).

Contudo, as disposições que culminam no convite para a participação no Fantástico e a consequente criação do perfil têm um lastro anterior: o vídeo mais antigo do canal de Alexandra, por exemplo, data de janeiro de 2016<sup>22</sup> e já pautava questões voltadas para a autoestima de pessoas gordas. Nele, Alexandra comenta, em tom sarcástico e bem humorado, uma matéria em que “Motivos para namorar uma pessoa gorda” são elencados, apontando para estereótipos e questionando, ainda que de maneira muito preliminar, algumas expectativas construídas em relação a pessoas gordas e tensões que atravessariam toda a trajetória do movimento, como o debate entre a prática de atividade física e os processos de emagrecimento:

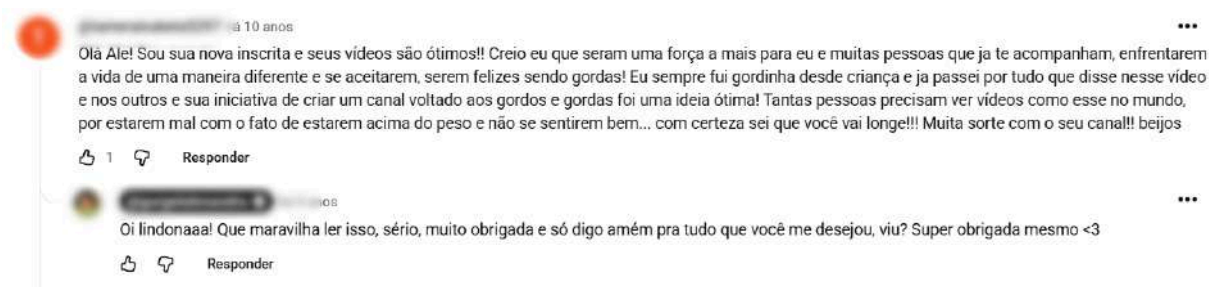
Ah, é ótimo esse motivo aqui, ‘são caseiros’. Motivo? Porque são sedentários. Então quer dizer que uma pessoa gorda, teoricamente, né, na prática, ela é uma pessoa sedentária. Por quê? Por que ela não se exercita? Porque se ela se exercitasse, ela emagreceria (Gurgel, 2016b)?

Logo nesse início de canal, o conteúdo de Alexandra encontrava um público que percebia, nas pautas ali apresentadas, respostas para demandas de acolhimento e aceitação perante outras pessoas que, em certa medida, compartilhavam de experiências similares. Em um comentário (figura 12) no primeiro vídeo do canal com um número expressivo de visualizações<sup>23</sup>, publicado em 10 de junho de 2016 (Gurgel, 2016a), conseguimos vislumbrar que, antes de um movimento mais ou menos organizado, havia um caráter inaugural na mediatização de questões e vivências de pessoas gordas.

<sup>22</sup> Disponível em: <https://youtu.be/mzRCEDnc7dw?si=LOk7hk1Z1dQyxeSL> Acesso em: 9 ago. 2026.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2C9YWwyNgIY>. Acesso em: 9 ago. 2026.

Figura 12 – Comentário capturado no vídeo “Motivos para namorar uma mulher gorda”



Fonte: Gurgel, 2016a.

A ideia de gordofobia - aversão ou preconceito contra pessoas gordas - também aparece nesse início e projeta Alexandra e Beta para além de seus respectivos seguidores a partir de uma entrevista concedida para a BBC Brasil em dezembro de 2017<sup>24</sup>. Na ocasião, Alexandra, cuja foto ilustrava o topo da matéria, foi alvo de comentários do apresentador Danilo Gentili (2017a; 2017b)<sup>25</sup> no Twitter/X, conforme a figura 13:

Figura 13 – Captura de tela dos tweets de Danilo Gentili



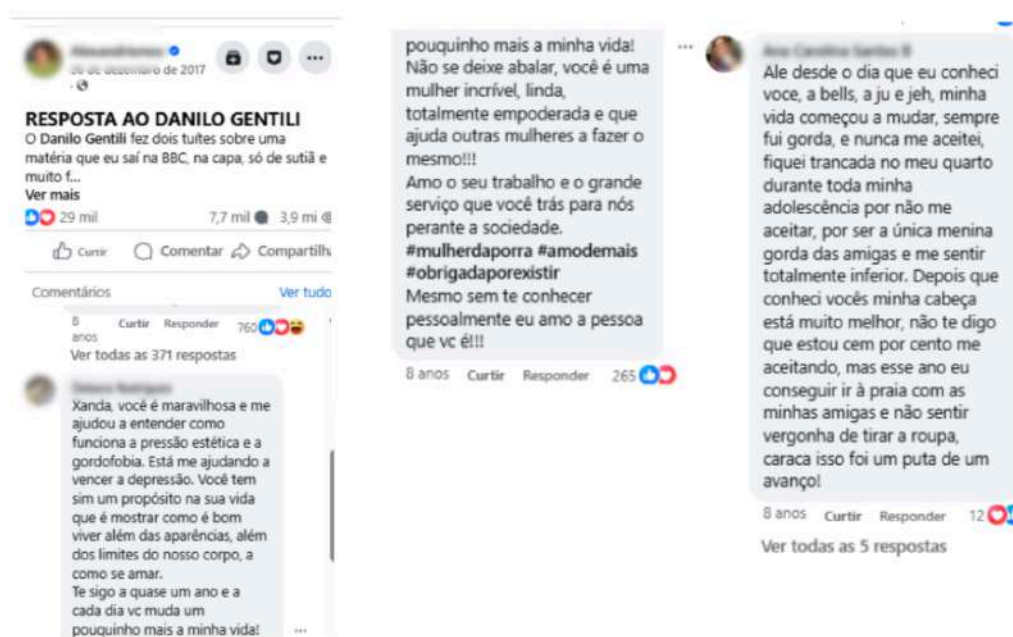
Fonte: Gentili (2017a; 2017b).

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42446726>. Acesso em: 9 ago. 2026.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://x.com/DaniloGentili/status/945020184280092672> e <https://x.com/DaniloGentili/status/945112074677563392>. Acesso em: 9 ago. 2026.

Atualmente, o vídeo resposta para Danilo só continua disponível no Facebook de Alexandra<sup>26</sup>, enquanto os tweets do apresentador continuam publicados até hoje. Por meio deles, a influenciadora pontua que “o mundo está começando a ficar chato pra galera do senso comum, porque, finalmente, minorias estão ganhando visibilidade, espaço e representatividade. Hoje em dia, fazer ‘piada’ com gordo, negro, gay, mulher, não é mais engraçado (Alexandrismos, 2017).” Os comentários do vídeo e as respostas aos tweets de Gentili, evidenciados na figura 14, se dividem em duas frentes, apoiando um lado em detrimento do outro. No tocante aos simpatizantes da proposta de Alexandra, percebemos, mais uma vez, os movimentos de identificação e sensibilização perante as vivências de pessoas gordas, bem como confissões de consequências nas experiências de vida desses indivíduos, a partir do gesto de midiatização tomado, neste caso, pela influenciadora:

Figura 14 – Comentários no vídeo resposta de Alexandra aos tweets de Danilo



Fonte: Alexandrismos (2017).

Como vislumbrado no segundo comentário, Alexandra não protagoniza, sozinha, a emergência das discussões acerca do corpo gordo nos ambientes midiatizados brasileiros, ainda que possa ser apontada como uma das figuras mais notáveis desse período. Nessa mesma época, outras pessoas também vieram a público, através de plataformas como redes sociais e YouTube, representando pautas voltadas para sexualidade, questões de gênero, raça,

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1991023371145147>. Acesso em: 9 ago. 2026.

classe etc. Nesta pesquisa, compreendemos a confluência desses movimentos como fruto das expectativas projetadas a partir das novas possibilidades de midiatização, uma vez que grupos, até então colocados à margem da experiência pública, passaram a experimentar esses espaços e trazer à tona questões sensíveis tradicionalmente inviabilizadas.

O que almejamos com essa extensa introdução é fornecer ao leitor um breve contexto do cenário da emergência do Movimento Corpo Livre para além de sua estruturação como *hashtag* ou como empresa (como veremos posteriormente). Essa organização é fruto de uma efervescência que vinha, ao longo dos anos anteriores, pautando discussões, acolhendo histórias de vida e respondendo a críticas. Tomando como linha de base esse cenário, podemos nos concentrar na percepção dos indivíduos nele inseridos, a fim de argumentar e caracterizar esse conjunto de relações a partir da ideia de atmosferas midiatizadas. Nesse sentido, o presente capítulo se organiza em três tópicos, além desta introdução. No primeiro, “Retratos pré-pandêmicos”, buscamos apresentar, de maneira geral, algumas características presentes na conformação de atmosferas advindas do surgimento do Movimento Corpo Livre, centradas, principalmente, na aparência de figuras dotadas de notoriedade. No segundo tópico, “Atmosferas em circulação”, discutimos as formas como as configurações dessa emergência passam a afetar diferentes sujeitos, a partir da experiência compartilhada por quatro mulheres que não têm reconhecimento público, bem como as formas como essas próprias mulheres contribuíram para a circulação dessas atmosferas. Por fim, em “Aceitação vs Ativismo”, discutimos a emergência de atmosferas dissidentes, protagonizadas por outras pessoas gordas que se posicionaram em oposição ao Movimento, motivadas, principalmente, pela percepção de insuficiências das propostas do Corpo Livre.

## 5.1 Retratos pré-pandêmicos

Pensar atmosferas *midiatizadas* implica reconhecer um fenômeno que é, antes de tudo, das/nas mídias. Apesar disso, a partir das tensões entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa contemporâneo, vislumbramos (ou vislumbrávamos) coletivamente, em plataformas como YouTube e Instagram, possibilidades de, ao tornar públicas determinadas vivências, alcançar algum nível de transformação que ultrapassasse esse espaço midiatizado. Quando pessoas como Alexandra e tantas outras aparecem para pautar estigmas, estereótipos e preconceitos, pleiteando acolhimento e acesso a direitos, há, em maior ou menor grau, uma expectativa de que, além de encontrar outras pessoas que compartilhem de experiências

similares, consigam produzir algum impacto na vida cotidiana de pessoas gordas fora da internet. Ainda que manifesta a partir de e em ambientes midiaticizados, a conjunção de sensações que passa a compor determinadas atmosferas é experienciada na dimensão do corpo e, ligada à ideia de efeitos de presença, pode reconfigurar a percepção do sujeito em relação a si e ao mundo.

Gumbrecht (2010) nos diagnostica como uma sociedade em que esses efeitos estão cada vez mais escassos e, portanto, cada vez mais desejados. Buscamos, desesperadamente, por presença e, em casos como o do Movimento, ou de outras experiências marcadas por um caráter de diferença (sobretudo se esse marcador está inscrito no corpo), pela presença de um outro que é também semelhante. Essa biossociabilidade (Ortega, 2008), no contexto do Movimento Corpo Livre, levou à promoção de espaços físicos de troca, para além das relações midiaticizadas. Conforme os indícios encontrados na pesquisa, entre abril de 2018 e junho de 2019, foram realizadas, pelo menos, 13 edições da festa “Toda Grandona”, no Rio de Janeiro e em São Paulo, apresentada como um espaço de acolhimento para corpos fora do padrão. Atualmente, o perfil do Instagram não existe mais; contudo, a etiqueta geográfica<sup>27</sup> da festa na plataforma ainda aglutina publicações de diversas pessoas que estiveram presentes em alguma edição. No canal do YouTube<sup>28</sup>, também encontramos algumas memórias sobre as festas, ainda que, na descrição do canal, haja um posicionamento mais amplo, conforme figura 15, se apresentando como um coletivo organizado por Alexandra, Caio, Beta, Juliana Rangel e Ricardo Lima; e mesmo que tenham sido publicados, além dos materiais de divulgação das festas, conteúdos que refletiam, à época, o cotidiano de convivência de seus organizadores.

---

<sup>27</sup> Etiqueta geográfica “Toda Grandona”. Disponível em: <https://www.instagram.com/explore/locations/490415184685369/toda-grandona/>. Acesso em: 9 ago. 2026.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/@TODAGRAN DONA>. Acesso em: 9 ago. 2026.

Figura 15 – Descrição do canal no YouTube “Toda Grandona”

**TODA GRANDONA**
✕

**Descrição**

A TODA GRANDONA é o primeiro coletivo Body Positive do Brasil. Somos festa, loja e muito +. O hub é composto pelos youtubers Alexandra Gurgel (@Alexandrismos), Bernardo Boechat (@BernardoFala) e Caio Cal (@CaioRevela) além da publicitária Juliana Rangel (@euJuRangel) e o diretor criativo Ricardo Lima (@ricardosml). Nosso objetivo é promover espaços de exaltação aos corpos fora do padrão, que não encontram representatividade na sociedade atual. Focado no Body Positive, a Toda Grandona é mais do que um evento ou uma marca, é um local seguro para que pessoas possam se expressar sem julgamento e com orgulho de quem são e de seus corpos.

CORPO LIVRE

**Links**


 Facebook  
[facebook.com/todagrandonal](https://facebook.com/todagrandonal)


 Instagram  
[instagram.com/todagrandonal](https://instagram.com/todagrandonal)

**Mais informações**


 Ver endereço de e-mail

Fonte: YouTube [s.d.].

Nas fotos da etiqueta no Instagram, entre figuras públicas e anônimas, conseguimos perceber uma pluralidade de corpos e afetos que revelam traços de uma atmosfera específica que parecia pairar sobre aquela época. A paleta de cores vibrantes, o uso de filtros para edição das fotos, as frases de efeito inscritas no vestuário nos transportam, visualmente, para esse período pré-pandemia ao final da década de 2010, como podemos vislumbrar na figura 16.

Figura 16 – Colagem de fotos produzida a partir das publicações disponíveis na etiqueta de geolocalização da festa “Toda Grandona”



Fonte: Instagram [s.d.].

Atualmente, esse conglomerado de elementos visuais, discursivos e políticos, fortemente associados às comunidades LGBTQIAPN+, posteriormente apropriados e reduzidos por movimentos de extrema direita à ideia de “lacração” no Brasil, ou cultura “woke” internacionalmente, vem sendo rememorado nas redes sociais, por exemplo, sob a ideia de uma estética “Fora Temer Core”, em referência aos protestos de alas vinculadas à esquerda contra o então presidente Michel Temer. Os movimentos tentativos de presentificação dessas atmosferas (e, em certa medida, a própria escrita desta tese também opera no mesmo sentido), dão conta de (re)produzir apenas resquícios. Dito por outras palavras, considerando o caráter de unicidade de cada atmosfera (Gumbrecht, 2014), estas apenas podem ser parcialmente apreendidas por aquilo que é produzido na ocasião de sua experimentação. Nesse sentido, podemos inferir que as sensações que a presença em espaços físicos como a “Toda Grandona” provocam ultrapassam aquelas apreendidas em seus recortes midiáticos. Contudo, em um movimento circular, a mediação desses espaços parece cooperar para a produção/manutenção de atmosferas midiáticas que englobam os sujeitos que dispõem exclusivamente das plataformas para estarem com os outros.

Para além do universo específico que circunda o Movimento Corpo Livre como instituição centrada em Caio, Beta e Alexandra, o termo é entendido, de modo geral, como um guarda-chuva que “traduz” a ideia de *Body Positive* para o Brasil e que, apesar de pregar aceitação de “todos os corpos”, é frequentemente associado à causa de aceitação de pessoas

gordas. Nesse lugar, a dançarina Thaís Carla, que ganha projeção nacional a partir de sua participação no programa *Domingão do Faustão*, em 2009, também aparece como um dos “rostos” do movimento no Brasil. A trajetória de Thaís Carla é marcada por uma visibilidade que antecede a proliferação do acesso à plataformas de redes sociais, realizando participações frequentes em programas de televisão, além de ter sido, por alguns anos, parte da equipe de dançarinos da cantora Anitta. Frente à extensão da visibilidade de Thaís, também extenso é o volume de ataques e críticas que vem recebendo ao longo desses anos.

Durante a pesquisa, a primeira referência a Thaís aparece em uma foto republicada pela página do coletivo Mídia Ninja<sup>29</sup>, em janeiro de 2020, conforme a figura 17. O coletivo, que surge em meio às manifestações de 2013 como uma entidade independente de mídia, é reconhecido como um importante espaço de oposição política à extrema direita, e, tradicionalmente, acolhe o grande espectro das chamadas “pautas identitárias”, como questões de raça, gênero, sexualidade, etc.

Figura 17 – Captura de tela de publicação do perfil do Instagram do coletivo Mídia Ninja



Fonte: Mídia Ninja (2020).

Nesse universo, o *repost* da foto em que Thaís aparece com outras duas mulheres, brancas e gordas, de biquíni em uma praia, apesar de não se configurar como “notícia”, faz sentido para a linha editorial da página. Na foto, Thaís (à direita) e Naiana Ribeiro (à esquerda) aparecem gesticulando uma arma com as mãos, enquanto Carla Galrão (ao centro)

<sup>29</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B6-yt9hrGp/> Acesso em: 9 ago. 2026.

levanta os punhos em uma pose de combate, posições que se associam à ideia projetada na legenda: “Prontas para empoderar, combater a imposição de padrões e a ditadura da beleza. Corpo Livre!” (Mídia Ninja, 2020).

Considerando o imaginário projetado em torno do público de uma página com ideais associados mais à esquerda no espectro político, as expectativas de recepção da publicação podem estar relacionadas a exercícios de conscientização, sensibilização ou acolhimento perante esses corpos. Contudo, os comentários da figura 18 nos auxiliam a vislumbrar as complexas relações que se estabelecem em torno da ampla ideia de Corpo Livre.

Figura 18 – Colagem de comentários extraídos da publicação do Mídia Ninja



Fonte: Mídia Ninja (2020).

Desde já podemos estabelecer a tensão saúde-romantização-autoestima como um elemento central em torno do qual se constituem essas atmosferas midiaticizadas. Por um lado, percebemos uma autorização para cobrança da saúde de outrem como um argumento fundamental e inquestionável. Sob esse aspecto, podemos ponderar acerca da expectativa de uma vida saudável e, consequentemente, apta para a produção e para o trabalho em consonância a um pano de fundo moderno, assim como a manutenção dessa saúde como uma responsabilidade individual de autocuidado. Nesse lugar, qualquer gesto de clamor pela possibilidade de construção de autoestima para pessoas gordas é automaticamente condicionado à ideia de uma “romantização” da obesidade, ao supostamente obscurecer os

problemas advindos com esse corpo e estimular outros a se tornarem/permanecerem gordos/gordas.

Por outro lado, percebemos também gestos de confissão frente a dificuldades materiais que a existência em um corpo gordo coloca para o bem-estar individual e cotidiano. O próprio conceito de liberdade aqui ganha contornos difusos, estando simultaneamente atrelado à possibilidade desses sujeitos existirem, em sua singularidade, perante outros, sobretudo nesse espaço simbólico da praia, bem como a uma série de ausências percebidas na experiência de ser gordo(a): no exemplo acima, de correr e de poder utilizar sua escolha de consumo.

A partir disso, retomamos Leal (2020), para quem a ideia de vulnerabilidade é dotada de um caráter dinâmico, em que se associam contextos histórico-sociais, relações de poder, bem como limites à autonomia e à dignidade direcionados a diferentes grupos e indivíduos. Nesse lugar, ela pode ser atribuída de distintas formas a partir da constatação do afastamento de características inseridas nas expectativas de “normalidade”. Ao corpo gordo, nesse horizonte, passa a ser atribuído um caráter de vulnerabilidade a partir de seu pretenso rompimento com a noção de um corpo *a) saudável*, à medida que a obesidade é compreendida como uma doença crônica; *b) produtivo*, frente aos estereótipos de sedentarismo; e *c) autônomo*, considerando os estigmas de ausência de autocontrole como causa para engordar.

Publicizar essa vulnerabilidade, para Leal (2020), tende a ser um gesto percebido como algo negativo, a partir de sua associação às noções de fragilidade e de perda de dignidade e integridade. O gesto de atribuir a alguém ou a um grupo o status de vulnerável tende, ainda, a produzir concepções de passividade diante de um “normal”, de quem é esperada agência, enquanto esses “outros” estariam condenados a um sofrimento na inércia. É, portanto, esse “normal” idealizado o ponto de referência para o estabelecimento dos atributos ausentes que caracterizam a situação precária. A grande gama de “ausências” que culminam na instituição de diferenças vulnerabilizadas, bem como das estratégias para sua apreensão, gerenciamento, superação ou manutenção, pode abranger desde atributos físicos a questões psíquicas e comportamentais, bem como se vincular a noções de pobreza, violência, condições ambientais etc., a depender das relações de poder que se instauram, sobretudo em um contexto neoliberal.

Apesar disso, é na dimensão do corpo que esses efeitos são experienciados e, para Leal (2020), ao longo da trajetória de vida desses grupos e indivíduos, são experienciados também diferentes níveis de exposição dessas vulnerabilidades. Nesse aspecto, a mediatização pode cooperar para sua perpetuação e exploração ou atuar como espaço de enfrentamento da

condição precária. Nessa segunda possibilidade, em contextos de midiaticização intensificada, pode colaborar para a contestação do status de incapacidade/vitimização atribuído a esses indivíduos, almejando uma justiça que ultrapassa o âmbito de leis institucionalizadas. Marques (2018), a partir de Lévinas, propõe pensar a ideia de justiça em contextos de vulnerabilidades a partir dessa capacidade inventiva que, de modo tentativo, pode promover atualizações.

A potencialidade, nessa perspectiva, se torna um elemento central para pensar vulnerabilidades para além dos processos de vitimização, de modo que, em meio à oscilação entre passabilidade (afetar-se por acontecimentos e estar aberto à afetação do outro) e passividade, possam emergir processos de acolhimento dessa diferença e enfrentamento às imposições experimentadas. Nesse lugar, para Marques (2018), tradicionalmente, as possibilidades de aparição pública tendem a estar condicionadas a uma série de adequações de cunho hierárquico e excludente, com vistas a minimizar inconsistências perante as expectativas projetadas de modos de vida ideais. Em diálogo com Rancière, compreende que tais aparições se constituem em meio à partilha de um sensível, distribuindo autorizações e legitimidade para a fala e a aparência (e, conseqüentemente, para a escuta) de modo diferente para distintos grupos.

A busca por aparência, sob essa perspectiva, pode ser caracterizada por um viés político/estético, em que processos tentativos de intervenção nesse sensível são produzidos, sobretudo a partir de gestos dissensuais/polêmicos que afirmam a existência política desses sujeitos. Assim, para Marques (2018), ao vir a público, abrem margem para reconfigurações sobre as formas como passam a ser (re)conhecidos, possibilitando, simultaneamente, aproximações perante aqueles que, até então, não os consideravam, ao mesmo tempo em que enfrentam ideais massificantes, ao aparecerem em sua própria individualidade.

Nesse contexto, apostamos que o cenário de midiaticização contemporâneo, bem como a confluência de gestos de aparência provocados por outros sujeitos e corpos vulnerabilizados, operam para que pessoas como Alexandra, Thaís, Beta, etc. vislumbrem plataformas como o YouTube enquanto espaços potentes para expressarem publicamente questões de cunho sensível, advindas dos processos de vulnerabilização de corpos gordos. Passam, portanto, a acionar o conjunto de tecnologias que possibilitam esse aparecimento, enfrentando as expectativas de reconhecimento e legitimidade atribuídas a seus corpos no espaço público. Podemos compreender esse momento de efervescência do Movimento, portanto, como fruto da potencialidade desses sujeitos que, diante de uma nova abertura, passam a elaborar

processos tentativos de expressão pública e resistência, frente às vulnerabilidades historicamente atribuídas a seus corpos.

De modo geral, podemos caracterizar a atmosfera da emergência de experiências de pessoas gordas em contextos midiaticizados a partir de alguns elementos fundamentais: a) um desejo de aparência como possibilidade de realização política de transformação do espaço público; b) uma busca pela experiência da presença do outro que experiencia os mesmos processos de vulnerabilização; c) uma consonância com um período de proliferação de demandas por aceitação e acesso a direitos de outros grupos minoritários, que se sobrepõem interseccionalmente; d) o estabelecimento de determinadas figuras-chave que, em certa medida, orientam compreensões coletivas e individuais sobre o que é o Movimento Corpo Livre; e e) a simultânea emergência de manifestações contrárias às perspectivas do movimento. Em meio a esse emaranhado de figuras públicas e anônimas, podemos assentar que esse movimento, em maior ou menor grau, passou a afetar a forma como inúmeras pessoas gordas se autocompreendiam; e, mais uma vez, as reverberações no cotidiano prático, movidas pelo estabelecimento de uma atmosfera midiaticizada, passam a ser registradas e publicizadas, alimentando e transformando essa atmosfera.

## **5.2 Atmosferas em circulação**

Uma coisa é ler/assistir outras pessoas gordas se articulando, ocupando espaços midiaticizados e pleiteando demandas; outra, completamente diferente, é tomar para si o mesmo gesto. Desde o início, as pautas movimentadas pelo Movimento Corpo Livre têm um conjunto de solicitações do campo material, voltadas, por exemplo, para questões de acessibilidade; contudo, estas questões, em determinados momentos, parecem sufocadas perante a pluralidade de orientações de cunho de autoajuda, direcionadas para a aceitação do próprio corpo e para a suposta construção de autoestima. No próximo tópico, nos aprofundamos nas tensões e cobranças que o movimento passa a sofrer de outras pessoas gordas nesse sentido; mas, por ora, nos concentramos em compreender como o gesto de aparência e o convite ao amor próprio tonalizam a conformação de atmosferas midiaticizadas.

Gostaríamos de destacar, nesse momento, o caráter tentativo do processo comunicacional que culmina no estabelecimento de dispositivos interacionais. Há algo na forma de pautar o convite à autoestima e a ideia ampla de “Movimento Corpo Livre” que o permite, após alguns anos de publicações escassas e vídeos com poucas visualizações publicados por diferentes indivíduos, atingir mais pessoas e alcançar reconhecimento público.

Podemos pensar, sob esse aspecto, o Movimento como um grande dispositivo interacional que, em meio a controvérsias entre ciência, saúde, experiência e consumo, tenta pacificar a discussão: o objetivo aqui é estimular outras pessoas a serem gordas, ou, sequer é apenas sobre pessoas gordas, e sim amar o corpo que se tem hoje.

Em um dos primeiros vídeos publicados no Instagram do perfil do Movimento<sup>30</sup> (Movimento Corpo Livre, 2020), Alexandra responde ao questionamento: “Eu também posso fazer parte de um movimento que busque a aceitação de todos os corpos?”. A argumentação de Alexandra gira em torno de uma questão universal: “todo mundo tem um corpo” e, eventualmente, insatisfações diversas em relação a esse corpo vão aparecer. O que o Movimento propõe, nesse sentido, é que, considerando essa realidade, cada indivíduo deveria ser livre para fazer o que quiser com esse corpo, para além do que é estabelecido como padrão de beleza ou saúde. Frente à amplitude dessa proposta, faz sentido que a ideia de “corpo livre” tenha se tornado uma estratégia bem sucedida para tornar públicas questões especialmente caras a pessoas gordas e, ao mesmo tempo, responder de modo relativamente simples a um amplo espectro de críticas.

Nesse lugar, tomamos como epicentro da conformação dessas atmosferas a disseminação das pautas a partir da consolidação de grandes figuras, tanto as já abordadas no contexto desta pesquisa, quanto diversas outras possíveis e existentes. As menções a essas figuras e ao impacto de seus conteúdos no cotidiano de outras pessoas gordas foram os primeiros indícios que colaboraram para a apreensão de uma perspectiva atmosférica. As legendas, os comentários e as fotografias que orientam a análise desse subtópico são extraídas de quatro publicações<sup>31</sup> de mulheres anônimas, encontradas durante a navegação das hashtags “corpolivre”, “gordafeliz”, “gordasexy” e “gordofobianãoépiada”. Uma das publicações se tornou indisponível durante a realização da pesquisa, uma vez que o perfil da autora passou a ser privado. Dessa forma, nos atemos, nesse caso, apenas ao relato presente na legenda previamente capturada. Na figura 19, trechos das legendas das quatro publicações nos permitem vislumbrar algumas reverberações cotidianas do Movimento Corpo Livre.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/movimentocorpolivre/reel/B7i-xtvHmU0/> Acesso em 25 jul. 2026.

<sup>31</sup> Post A. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BvP-L53FIV/> Acesso em 25 jul. 2026.  
Post B. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CFkML6eBSIG/> Acesso em 25 jul. 2026.  
Post C. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CGpca1OhRdu/> Acesso em 25 jul. 2026.  
Post D. Anteriormente disponível em: <https://www.instagram.com/p/BxQkqPGHrnd/> Acesso em 14 out. 2025.

Figura 19 – Colagem de trechos das legendas das publicações analisadas



Fonte: Fernand4\_cavalcanti (2019); Guacyrrainbow (2020); Leticiaadsdo (2019); Natinanni (2020).

De maneira ampla, conseguimos perceber que, a partir do gesto de midiatização de um grupo de pessoas com algum nível de visibilidade, são reconfiguradas as formas como essas quatro mulheres compreendem a si e a seus corpos no mundo. A constituição desse conglomerado de experiências de vida publicamente partilhadas é, mais uma vez, ancorada a partir da possibilidade de midiatização. Não faz sentido pensar na emergência de uma atmosfera midiatizada fora desse lugar, uma vez que o que nos desperta interesse é perceber como, a partir desse conjunto de relações intermediadas e viabilizadas pelas máquinas, são produzidas afetações que se inscrevem na dimensão corpórea de inúmeros sujeitos pelo Brasil (e pelo mundo). Nessas publicações, percebemos ainda como, a partir do estabelecimento do movimento como um dispositivo interacional, o potencial de afetação se propaga: essas grandes figuras afetam umas às outras e passam a afetar pessoas comuns que, por sua vez, tomam para si o exercício do aparecimento público e, com isso, possibilitam afetações de outras pessoas, conforme observamos em outro trecho da legenda de uma das publicações e nos comentários na figura 20.

Figura 20 – Colagem de comentários e trecho de legenda presentes em duas das quatro publicações analisadas



Fonte: Fernand4\_cavalcanti (2019); Guacyrarainbow (2020); Leticiadsdo (2019); Natinanni (2020).

Ao retomarmos a entrevista concedida por Alexandra Gurgel ao Dia Cast, já apresentada na introdução deste capítulo, um outro trecho nos chama atenção: nele, Alexandra se aprofunda acerca da forma como o Movimento passa a se configurar ao longo do tempo:

O movimento Corpo Livre, quando ele foi criado, é porque tem o rosto da Alexandra, tem o rosto da Beta, tem o rosto do Caio, mas nós somos três pessoas, nós temos as nossas identidades e não representamos a todos. Então o Corpo Livre é para além da nossa cara, da nossa vivência, da nossa existência. É sobre todos os corpos, é até uma ousadia essa nossa proposta e é o que a gente tenta assim já, desde de janeiro de 2020, que a gente tá com o Corpo Livre no ar, a gente já trabalha a *hashtag* há um tempo e a gente já se entende hoje como uma empresa, uma plataforma realmente de diversidade, uma plataforma que a gente treina pessoas, que a gente dá consultoria de conteúdo, então foi importante esse esse entendimento da gente como empresa e que muda que impacta a vida de outras pessoas (DiaTV, 2023).

Em outro momento, questionada pela apresentadora Gabie Fernandes acerca do rumo empresarial que Alexandra parecia ter tomado ao longo da carreira, responde:

Eu vou falar uma coisa para vocês que a Beta odeia que eu fale isso, mas vou falar. Beta, eu queria muito que fosse uma ONG o Corpo Livre, mas eu entendi que quem tava bancando a ONG era a gente e não é uma coisa simples, então a gente se associa para devolver pra sociedade (DiaTV, 2023).

Tais indícios nos parecem revelar uma outra camada acerca do Movimento Corpo Livre. Para além de um conjunto de ideias, de uma *hashtag*, de um perfil no Instagram, o Movimento parece se (re)configurar constantemente a partir de uma orientação voltada para processos mais ou menos organizados e organizacionais. No âmbito da pesquisa em

comunicação, Baldissera (2022) observa, no contexto das organizações, uma predileção por práticas que, movidas pela ideia de um “desejo pelo organizado”, priorizam a supressão de disputas e dissensos, na tentativa de “blindar” uma imagem de ordem e harmonia.

No caso do Movimento Corpo Livre, em certa medida, um desejo pela produção de ordem/organização pode ser percebido, inicialmente, pela própria criação da *hashtag* que, em um mar aberto de usuários e publicações, tenta aglutinar sob um mesmo guarda-chuva, um grupo de pessoas com interesses comuns. Posteriormente, observamos a presença de iniciativas como a Toda Grandona que, dentro do coletivo, produzem festas e comercializam produtos. Em seguida, frente à possibilidade de visibilidade em uma emissora de televisão, apenas uma *hashtag* em que qualquer usuário pode publicar qualquer coisa não parece uma referência suficientemente organizada e, arriscamos dizer, autoral. Como resposta, emerge a criação de um perfil em que a fala autorizada do Movimento ganha espaço. Com o tempo, conforme explicitado pela própria Alexandra, a mera centralização dos discursos do Movimento no perfil passa a não dar conta, por exemplo, de demandas comerciais e contratos de publicidade. Desse modo, adotam como resposta o estabelecimento de uma organização, agora em contornos mais tradicionais, como uma “construção social realizada por sujeitos em interação, a partir de uma ordem social criada (intenção) em torno de objetivo(s) comum(ns) e que, para isso, desenvolvem regras e normas de gestão frente a perturbações endógenas e exógenas” (Baldissera, Vinhola, 2020). Independentemente do tensionamento acerca do desejo por lucro apresentado por Alexandra, o que parece prevalecer, nesse cenário, é o desejo estratégico por esse organizado.

Para Baldissera (2022), entretanto, essa vontade pelo organizado tende a culminar em práticas comunicacionais que simplificam processos complexos, atentando-se prioritariamente à dimensão da organização comunicada (comunicações oficiais e autorizadas de uma organização) (Baldissera, 2007). Em decorrência desse desejo, observa uma tendência nas organizações à neutralização e ao silenciamento de dissensos, às tentativas de gestão das diferenças a partir de grandes grupos, à pouca interferência das perturbações dos públicos na legitimidade da organização, à desmobilização dos públicos, à desqualificação de argumentos contrários, à parcialidade no compartilhamento de informações de interesse público e à maior projeção dos discursos institucionais em detrimento de outros. De modo geral, Baldissera (2022) compreende a vontade do organizado, por um lado, como parte constitutiva das organizações - e, mais do que isso, como aquilo que primeiro viabiliza sua articulação; e, por outro, como um valor simbólico central para estas, objetivando a mitigação de instabilidades

que ameacem sua imagem e legitimidade (ainda que tais instabilidades sejam inerentes a qualquer organização).

O que o fluir da pesquisa nos permitiu perceber é que as atmosferas midiaticizadas advindas de processos tentativos de aparência pública de corpos gordos parecem ter sido, desde o início, em maior ou menor nível, orientadas a partir de um desejo do organizado. Antes do estabelecimento da organização Movimento Corpo Livre, são tomados diferentes esforços nessa direção, a partir da articulação de um grupo de indivíduos que compartilhavam objetivos comuns, quais sejam, inicialmente, uma série de demandas coletivas de pessoas gordas e, posteriormente, que viabilizaram a condução de negócios comerciais com o nome do Movimento. Como consequência, podemos perceber como a própria trajetória midiaticizada do Movimento, e as atmosferas que circundam seu estabelecimento, são fortemente orientadas para esse lugar comunicacional do organizacional. De modo mais amplo, tomar a midiaticização, em contextos contemporâneos, como esperança/expectativa da construção de um outro mundo comum a uma série de vulnerabilidades que, em seus contextos, lançam mão de recursos para aparecerem publicamente, parece levar, eventualmente, a um lugar oferecido pela vontade do organizacional, frente às contraditórias e tensas lógicas que atravessam e possibilitam esse próprio aparecer.

Apesar de tudo isso, na descrição<sup>32</sup> do perfil do movimento, espaço reservado para apresentação da conta, lê-se apenas “Conversas sinceras sobre autoestima e diversidade, alexandra@alexandragurgel.com Use #CorpoLivre e faça parte da comunidade!”. Para nós, a ausência de uma apresentação que minimamente indique o caráter empresarial do Movimento auxilia a ilustrar um outro elemento presente na conformação das atmosferas midiaticizadas que o circundam: *a latência do organizacional*. Sob o risco de comprometer a percepção do leitor a respeito da competência na condução da pesquisa de campo, o posicionamento explícito de Alexandra “somos uma empresa” só foi encontrado nos estágios finais da análise dos indícios coletados. Até então, entendíamos a ideia de “cofundadora do Movimento Corpo Livre” enquanto um marcador de inventividade ou, no máximo, de administração do perfil no Instagram, e não como um cargo em uma empresa propriamente dita. Claro, é de se inferir que, inseridos no mercado de influência, haveria um CNPJ vinculado, mas a questão é, precisamente, na demanda da *inferência*. A forma como Alexandra se vale de um tom quase confessional ao apresentar seu conflito interno em relação à especificidade da constituição da organização - “a Beta odeia que eu fale isso, mas vou falar” - colabora para a percepção de consciência das tensões que vir a público, enquanto uma organização, instaura. O caráter

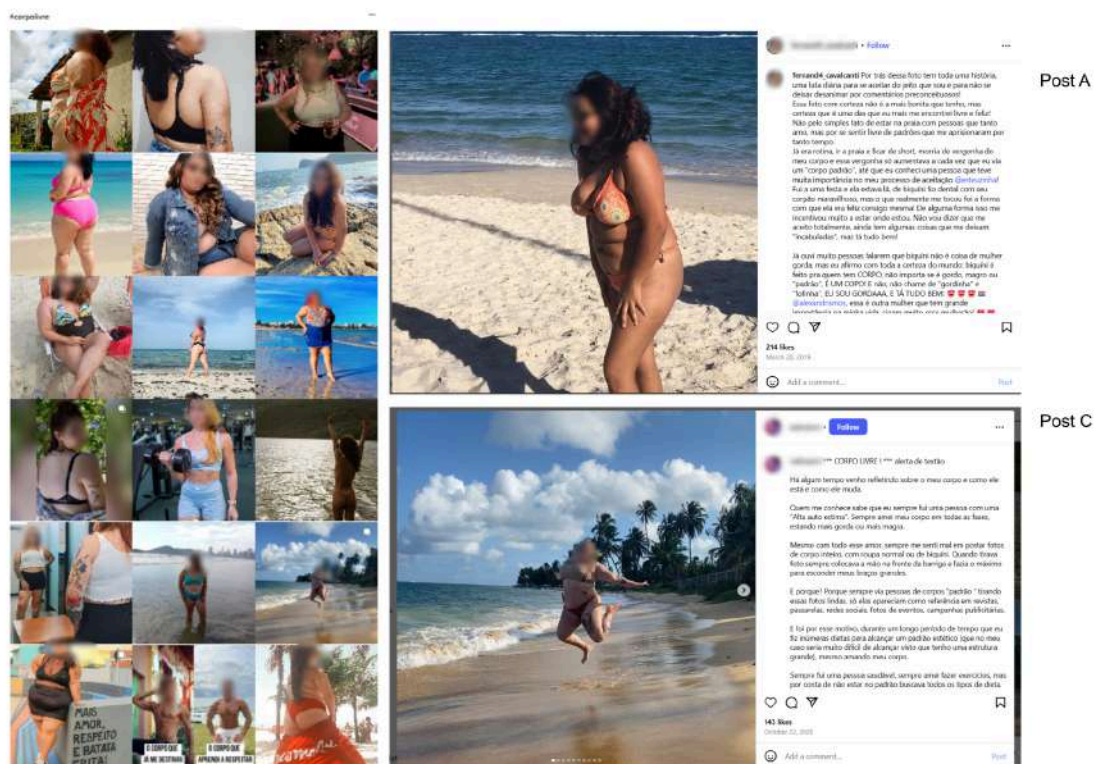
<sup>32</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/movimentocorpolive/>. Acesso em 9 ago. 2026.

organizacional e o próprio status enquanto organização do Movimento parecem se diluir, no que pode ser compreendido como um processo tentativo de camuflagem de sua constituição, com vistas a evitar as próprias instabilidades que, conforme Baldissera (2007), inerentemente atravessam uma organização. Dessa forma, o Movimento Corpo Livre, como dispositivo interacional amplo, detonador de atmosferas midiaticizadas, parece ter apostado, hegemonicamente, numa estratégia de se manter latente frente à sua constituição enquanto organização empresarial.

Assim, se o estabelecimento do Movimento Corpo Livre pode ser entendido como um gesto de vontade do organizado (Baldissera, 2022), as convenções que o estruturam anteriormente como um dispositivo interacional nos parecem motivadas por um desejo de sobrevivência de homens e mulheres cujos corpos, até então, os condicionavam a lugares de vulnerabilidade, marcados por gestos de humilhação e aversão. O contexto de midiaticização intensificada vivenciado no contemporâneo aproxima esses corpos, enquanto simultaneamente os aproxima dessas máquinas.

Em uma perspectiva arendtiana, o aparecimento como tentativa de reconhecimento da existência pleiteia a constituição de um outro mundo comum: somente quando vistos em suas particularidades por uma pluralidade de outros podemos, de fato, existir. Nesse lugar, a praia parece se constituir como um espaço central que consolida a materialidade dessa existência, aparecendo em duas, das quatro publicações, além de bastante proeminente como um todo na grade de publicações da hashtag corpo livre, durante a coleta de dados, evidenciado pela figura 21.

Figura 21 – Colagem com capturas de tela de duas, das quatro publicações analisadas, bem como da grade da *#corpolivre* em 22 de setembro de 2025



Fonte: Instagram [s.d].

Se o espaço de experiência desses sujeitos era marcado por movimentos de invisibilização e violência, o que o Movimento Corpo Livre - em sentido amplo - e a conformação dessa atmosfera de promoção de autoestima e valorização do próprio corpo parecem possibilitar é a suposta projeção de um novo horizonte de expectativa. Movidos pela crença de que a midiaticização de seus corpos viabilizaria supostamente uma partilha outra do comum, homens e mulheres acionavam duas frentes: primeiro, vinham a público e passavam a ocupar, fisicamente, um espaço nessas praias, exibindo corpos que, em outros lugares ou em outro momento, estariam escondidos e; segundo: capturavam e recortavam a experiência da praia através da fotografia e publicavam em seus próprios perfis, estimulando corpos outros a seguirem no mesmo movimento, retroalimentando a possibilidade de, afetados por essas atmosferas, afetarem também outros corpos.

Entretanto, ainda que latentes, as manifestações da vontade do organizado tomadas pelas figuras públicas de Alexandra, Beta e Caio, não passavam despercebidas. Estar latente não é estar imperceptível: ainda que não seja possível apreender o que está latente em sua

totalidade, percebe-se a presença de um algo que gera incômodo (Gumbrecht, 2015). Nesse sentido, tais manifestações parecem transformar as dinâmicas dessas atmosferas, uma vez que, orientadas por uma perspectiva organizacional, passam a se submeter ao conjunto de tensões que afetam identidades organizacionais (Baldissera, 2007). Apesar de os discursos organizacionais buscarem suprimir a emergência de dissidências, elas se tornam inerentes à própria organização. A partir dessas contradições, percebemos a emergência de outras atmosferas mediatizadas, ainda circundantes ao movimento (sobretudo à dimensão organizacional), mas caracterizadas, sobretudo, por um desejo de reconexão com os ideais basilares do Movimento, a partir da constatação de uma certa cooptação destes pelas lógicas organizacionais. De modo mais específico, atmosferas mediatizadas ligadas à ideia de ativismo também se posicionam em contrafluxo, de modo explícito, ao que o Movimento Corpo Livre foi se tornando quando afetado pelo desejo do organizado, ao longo do tempo.

### 5.3 Aceitação vs Ativismo

Já explicitamos que a proposta ampla do Movimento Corpo Livre torna palatável, para muitos grupos, algum nível de aceitação perante esses corpos. Sob esse aspecto, saúde e acessibilidade, por exemplo, se tornam, em alguma medida, assuntos secundários perante a construção de autoestima. No mesmo vídeo em que Alexandra apresenta a ideia de Movimento Corpo Livre discutido no tópico anterior, argumenta: “não é só se amando que a gente muda o mundo, mas é um começo pra muita coisa” (Movimento Corpo Livre, 2020). Entretanto, os limites da colaboração do ideal de aceitação promovido pelo Movimento são, em diferentes momentos, palco para discussão. Durante a coleta de dados, navegando pela *hashtag corpolivre*, encontramos uma publicação (figura 22) que primeiro nos levou a perceber uma outra ordem de tensões presentes no Movimento.

Figura 22 – Captura de tela de publicação de Naiana Ribeiro



Fonte: Ribeiro (2021a)

A publicação<sup>33</sup> objetiva a divulgação de uma entrevista concedida por Naiana Ribeiro para uma revista eletrônica cujo site não está mais disponível para acesso. Na legenda, discute-se uma retomada do histórico do Movimento e conclui-se que ele tem sido percebido por ativistas como insuficiente. Naiana é uma das duas mulheres que aparecem na foto com Thaís Carla na praia, discutida anteriormente, e, adentrando em seu perfil do Instagram, encontramos diversas críticas à ideia de Body Positive ou ao Corpo Livre, tratados, de modo geral, como sinônimos, sobretudo em meados de 2021.

Em junho de 2021, a mesma ativista publica um vídeo<sup>34</sup> (Ribeiro, 2021b) com a chamada: “O CORPO LIVRE AGORA ODEIA PESSOAS GORDAS?”, em que referencia uma tendência supostamente tomada por influenciadoras do Movimento de reforçar a patologização dos corpos gordos ao difundirem o que ela denomina como “discurso da obesidade”. Para Naiana, o Movimento que deveria beneficiar pessoas gordas ao propagar a aceitação de todos os corpos, na realidade, as tem submetido a processos de invisibilização e negligência - correspondendo ao que Baldissera (2022) aponta como a tentativa de supressão/suavização das diferenças, em torno de uma vontade do organizado que pretende capturar, em totalidade, públicos e fazer circular interesses consensuais. Quando a ativista pontua: “Eu sonho com o dia em que o ativismo gordo e o body positive possam se juntar novamente, quem sabe”, torna-se palpável para nós que em algum momento estabeleceu-se

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/itsnaiana/p/CWozrEYrTvg/>. Acesso em: 9 ago. 2026.

<sup>34</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/itsnaiana/reel/CQEaSR5nm\\_w/](https://www.instagram.com/itsnaiana/reel/CQEaSR5nm_w/). Acesso em: 9 ago. 2026.

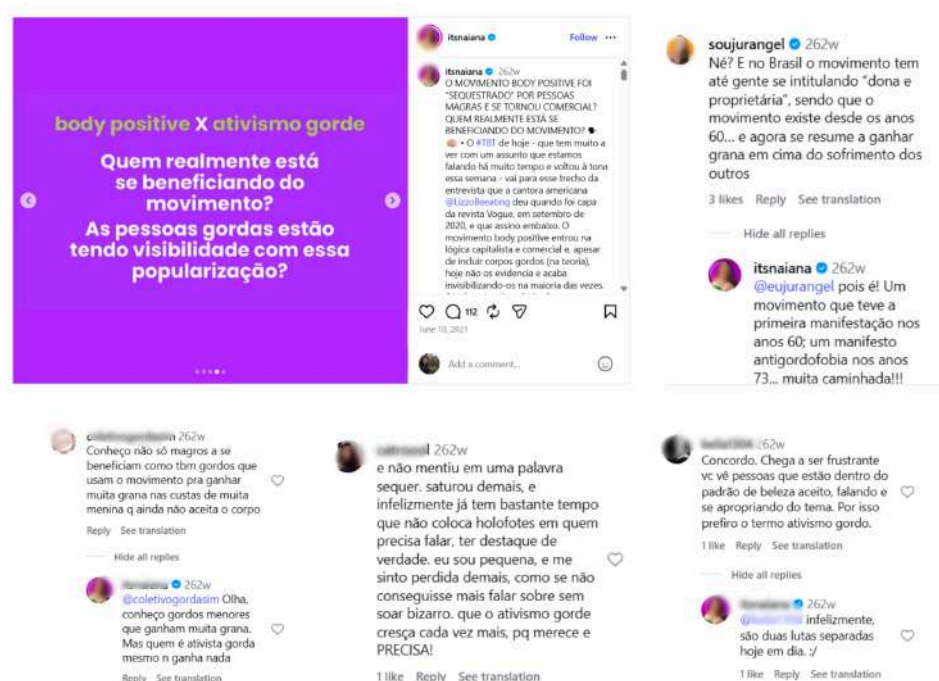
uma diferenciação entre as duas coisas. Para nós, tal diferenciação parece sofrer influência da constatação das dinâmicas organizacionais/empresariais adotadas pelos “cofundadores” do Movimento. De modo mais específico, essa cisão parece ser fruto de um conjunto de críticas tecidas tanto a essas figuras, quanto à percepção de uma insuficiência das pautas propostas frente à vivência cotidiana e à compreensão/aparência política de um outro grupo de pessoas gordas. É desafiador compreender se algum acontecimento específico motiva a publicação deste vídeo e de outros conteúdos de tom similar, ainda que, em alguns casos, os comentários nos forneçam algumas pistas.

A título de exemplo, também em junho de 2021, Naiana publica um carrossel<sup>35</sup> em que comenta sobre a declaração da cantora norte-americana Lizzo acerca do movimento Body Positive: “Lizzo diz que o movimento body positive foi sequestrado e se tornou muito comercial” (Ribeiro, 2021c). No post, Naiana reproduz o trecho da entrevista da cantora para a Vogue, em setembro de 2020, trecho este que, em linhas gerais, critica a predominância de “meninas menores” com corpos curvilíneos e brancos, enquanto pessoas maiores não parecem se beneficiar da popularização do Movimento. Ao final, Naiana destaca a cisão entre as duas perspectivas e repete o mesmo questionamento sobre a quem o Movimento tem beneficiado. Na legenda, aponta a lógica comercial e capitalista que culmina para a manutenção da invisibilização ao priorizar corpos mais próximos do padrão. Nos comentários, alguns usuários manifestam compartilhar das mesmas percepções acerca do movimento, tanto sob a perspectiva de quem se sente inferiorizado pela tendência, quanto por quem, teoricamente, se beneficiaria com isso, mas compreende os impactos que isso provoca. Nessa publicação, destacamos ainda um comentário específico que ironiza a declaração de alguém como “dona e proprietária do movimento” frente ao lastro histórico do movimento que remete à década de 1960, já pontuado em outras ocasiões pela própria Naiana. A figura 23 aglutina um dos cards do carrossel, um trecho da legenda e alguns comentários da publicação.

---

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/itsnaiana/p/CP9ZKWF6QV/>. Acesso em: 9 ago. 2026.

Figura 23 – Colagem com a captura de publicação e comentários no perfil de Naiana



Fonte: Ribeiro (2021c).

O comentário é publicado pela conta de Juliana Rangel, que aparece na descrição do canal “Toda Grandona” como uma das cofundadoras do coletivo. Podemos inferir que, na ocasião, ela provavelmente se referia a Alexandra, ou a Beta, estas que se posicionaram publicamente como cofundadoras do Movimento. O que parece, para nós, é que, ao mesmo tempo em que o Movimento Corpo Livre ganha notoriedade e reconhecimento público, o espaço de experiência e o horizonte projetado por um grupo de pessoas gordas é satisfatoriamente reconfigurado em direção a uma expectativa por aceitação, enquanto para outro grupo permanecem em evidência as tensões e as inconsistências da institucionalização desse movimento.

Sob outra ótica, contudo, tais movimentos também podem ser compreendidos como características usuais da vida de organizações, estas que são inerentemente permeadas por imprevisibilidades, ainda que se posicionem em torno de pressupostos de ordenação que, por sua vez, também podem provocar perturbações (Baldiissera, 2022). Tais perturbações podem emergir em inúmeras relações estabelecidas com quaisquer públicos e, a partir delas, outros gestos de ordem, ainda que reconfigurados e atualizados, se estabelecem, estes que, por sua vez, potencialmente detonam novas instabilidades. Em síntese:

Se, no âmbito da (re)apresentação pública, em cena, as organizações tendem a figurar produzindo efeitos de ordenado, planejado, estabilizado (exceção às situações de crise, por exemplo), quando ampliamos a potência das lentes para observarmos além da epiderme que as envolve – pele maquiada, com frequência – evidenciamos a vida fervilhante para o reproduzir/innovar, o desordenar/(re)ordenar, o (re)afirmar/eliminar (Baldissera, 2022, p.54).

Desse modo, ainda que a constituição latente de uma organização empresarial pareça objetivar a diluição de polêmicas/críticas/questionamentos dessa identidade organizacional, tais processos não são estáveis e, essa própria decisão pode se tornar epicentro para novas instabilidades frente à constituição de novos públicos, evidenciadas, por exemplo, pela crítica a uma “sócia e proprietária”. Ao estabelecerem o Movimento Corpo Livre enquanto uma organização de modo latente, ao mesmo tempo em que se posicionam publicamente à frente desta, como fundadores, sócios, proprietários, empresários, etc., surgem brechas para a compreensão de que se compreendem como lideranças do Movimento em sentido amplo - e não, necessariamente, como lideranças de empresa que, objetivamente, administram.

Em uma terceira perspectiva, podemos refletir, ainda que, frente à inserção de Juliana Rangel na organização do então coletivo/festa “Toda Grandona”, bem como da circulação de Naiana nesse meio, os posicionamentos evidenciam conhecimentos claros dos contextos de criação da empresa - contextos estes que, de certa forma, provocaram afetações que motivaram a mobilização pública desse afastamento. Contudo, as atmosferas que advém com/de tal gesto não parecem ter alcançado o mesmo grau de legitimidade e visibilidade que outras atmosferas provocadas pelo Movimento Corpo Livre (tanto como organização, quanto como um conglomerado de ideias). Nesse cenário, tanto as próprias práticas tentativas do dispositivo interacional, quanto as práticas fundamentadas no desejo do organizado, podem ter colaborado para a supressão dessa repercussão.

Só conseguimos, contudo, pensar em uma separação entre uma atmosfera de ativismo gordo e uma atmosfera do Movimento Corpo Livre a partir das características que envolvem o processo de midiaticização do Movimento, em primeiro lugar, ainda que nos pareça que essas atmosferas de ativismo tenham adquirido contornos mais nítidos a partir da manifestação da vontade do organizado no Movimento Corpo Livre. Curiosamente, entretanto, o estabelecimento de uma ideia de “Ativismo Gordo” em contraposição ao “Corpo Livre” pode ser compreendido também como fruto de um desejo por organização, em que busca-se a associação de sujeitos interessados em enfatizar um outro conjunto de demandas específicas para pessoas gordas. Dessa forma, é importante compreender que, segundo Baldissera (2022), as práticas resultantes de um desejo por organização não possuem, intrinsecamente, valores

“positivos” ou “negativos”, podendo ser acionados de modo mais ou menos ético, mais ou menos justo, mais ou menos lícito.

Tais atmosferas parecem se contrapor frente às particularidades emergentes com a possibilidade de mediação de corpos vulnerabilizados. As distintas formas de apreender e produzir sentido frente à prevalência de dinâmicas organizacionais em meio à aparência desses sujeitos e às expectativas que tais gestos detonam também colaboram para esta cisão. De modo mais específico, por exemplo, Naiana indica, em uma publicação na mesma época<sup>36</sup>, como diferença essencial entre as duas lutas, a preocupação do ativismo gordo com a despatologização da obesidade como principal ferramenta para o enfrentamento da gordofobia, pautada como uma questão socialmente estruturada e institucionalizada. Mais ainda, afirma: “o amor próprio é aliado, mas não combate a gordofobia” (Ribeiro, 2021d).

Durante a pesquisa, encontramos publicações de outras ativistas que compartilham de perspectivas similares. A autora e jornalista Jéssica Balbino, com quem Naiana produziu uma série de lives na pandemia para comentar as notícias da “gordesfera”<sup>37</sup>, participa de uma reportagem para a revista *Época* em março de 2021 e traz alguns recortes para seu perfil no Instagram<sup>38</sup>. A matéria discute a perspectiva de uma “intelectualidade gorda” (Balbino, 2021) como um gesto acadêmico, artístico e político tomado por pessoas gordas, em que se privilegia a produção de saberes por esses corpos, com vistas à construção de um olhar despatologizante e mais humanizado. A publicação (figura 24), fixada no perfil de Jéssica<sup>39</sup>, divulga seu livro “Porca Gorda”, publicado em outubro de 2025. Categórica, postula: “Não há saída limpa do ódio ao próprio corpo” (Revista TPM, Balbino, 2025).

<sup>36</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/itsnaiana/p/CPvf\\_LTIOOO/](https://www.instagram.com/itsnaiana/p/CPvf_LTIOOO/). Acesso em: 9 ago. 2026.

<sup>37</sup> Ainda que os conteúdos das lives, de modo geral, não tenham sido elencados como indícios relevantes para a argumentação proposta, a nomenclatura estabelecida pelas próprias ativistas colabora para a constatação da percepção de que a ideia de atmosfera traduz, em certa medida, o conjunto de relações estabelecidas entre pessoas gordas nesses ambientes mediados.

<sup>38</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/jessicabalbino\\_/p/CMmqdFjH\\_DG/](https://www.instagram.com/jessicabalbino_/p/CMmqdFjH_DG/). Acesso em: 9 ago. 2026.

<sup>39</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DMfPL3tO74V/>. Acesso em: 9 ago. 2026.

Figura 24 – Captura de publicação de Jéssica Balbino



Fonte: Revista TPM; Balbino (2025)

O acirramento das dinâmicas organizacionais parece se intensificar, ao longo do tempo: a aversão ao body positive aqui aparece, explicitamente, como um ódio e não como uma diferença de perspectiva; e, ao longo da publicação, explicita-se o tom combativo proposto pela autora. Enquanto no universo do Movimento Corpo Livre a preocupação parecia ser a de abraçar o maior número de pessoas possíveis sob o grande ideal de amor ao próprio corpo e ao respeito ao corpo do outro, produzindo uma compreensão geral de que “a questão da saúde” é uma relação particular estabelecida por cada sujeito, na perspectiva do ativismo, ela aparece como um ponto central de dissidência e combate. Enquanto na primeira, os interesses organizacionais parecem direcionados à sutura de brechas, na segunda, percebe-se um movimento de abertura em que a questão não ameaça sua legitimidade, pelo contrário: a caracteriza e a diferencia, por meio de uma vontade do organizado, pautado por interesses supostamente mais coletivos. Contudo, tal constatação também evoca a ideia de que, pela vontade do organizado, o ativismo também produz-se a partir de movimentos organizados que visam a supressão das diferenças (ainda que com um discurso supostamente mais inclusivo). Dessa forma, também estabelece-se pela tentativa de estabilização de uma certa identidade (Baldissera, 2007).

Nesse lugar, a doutora e ativista Malu Jimenez aparece como referência nos esforços de produção de saberes dissidentes que questionam a ciência como uma instituição estratificada, sem abertura para questionamentos e transformações. Em uma publicação de setembro de 2025<sup>40</sup> (figura 25), Malu posiciona essa perspectiva como uma violência, a partir de um movimento de cunho epistemológico em que apresenta algumas mudanças acerca da compreensão do que é fazer ciência e, conseqüentemente, busca desestabilizar o imperativo da obesidade como doença.

Figura 25 – Captura de tela de publicação no perfil de Malu



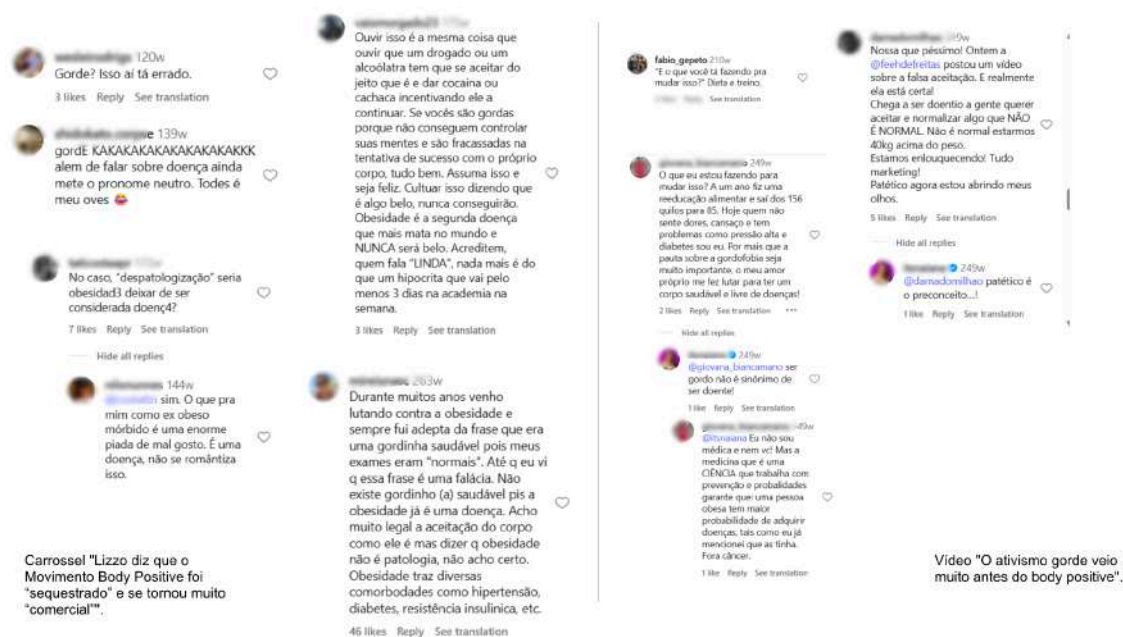
Fonte: Jimenez (2025)

Apesar do enfrentamento explícito a um dos argumentos que mais parece se perpetuar perante o Movimento Corpo Livre por pessoas não simpatizantes à causa (em sentido amplo), não percebemos nos comentários das publicações de Malu, nem de Jéssica, cujo posicionamento poderia ser lido como agressivo, tantas críticas quanto as recebidas por Naiana, condição esta que, por algum motivo, pareceu-nos “furar a bolha” com mais facilidade. Nos comentários, evidenciados na figura 26, percebemos, para além da aversão e ridicularização do ativismo, sobretudo pela escolha da linguagem neutra, uma certa

<sup>40</sup>Disponível em: [https://www.instagram.com/malujimenez\\_/p/DPPstoDjCHW/](https://www.instagram.com/malujimenez_/p/DPPstoDjCHW/). Acesso em: 9 ago. 2026.

associação à ideia do body positive como mais “tolerável”, em que se amar/se aceitar, em algumas ocasiões, “tudo bem”, mas questionar a estrutura que consolida e conforma esses corpos a um status de vulnerabilidade pelo adoecimento é intolerável e comparável a comportamentos de pessoas adictas.

Figura 26 – Colagem de comentários extraídos de duas publicações distintas no perfil de Naiana



Fonte: Ribeiro (2021c; 2021e).

De modo geral, percebe-se que, dentre as atmosferas que se conformam a partir da emergência midiaticizada do Movimento Corpo Livre em suas dinâmicas organizacionais, estabelecem-se atmosferas outras, advindas de uma percepção coletiva de certos limites e contradições da amplitude proposta pelo Movimento, bem como de uma prevalência da presença de indivíduos que, sob o ponto de vista das ativistas, passam a protagonizar espaços e perpetuar negligências para com os corpos gordos (sobretudo maiores).

A presença de conteúdos voltados ao ativismo gordo nos permite inferir a conformação de atmosferas midiaticizadas, em nosso contexto de estudo, em meio a simultaneidades em que dinâmicas do Estado, do Mercado e da Ciência são assumidas/desejadas/rejeitadas. Se, por um lado, é mais interessante pacificar a dimensão da saúde enquanto uma questão particular de cada indivíduo, por outro, o questionamento desse

*status* torna-se ferramenta argumentativa e de agregação de outras pessoas que percebem nesse eixo respostas mais adequadas para as tensões experimentadas no cotidiano. Se, em um eixo, a dimensão comercial está presente como uma intencionalidade desde o início, a partir, por exemplo, da organização de eventos, ainda que de modo relativamente velado, no outro o gesto pode ser compreendido como uma apropriação de discussões coletivas em prol de benefício próprio (enquanto também aciona dinâmicas organizacionais outras, ainda que possamos refletir sobre seu nível de intencionalidade).

Em suma, entre afetações, consumo, polêmicas, críticas, aceitação e ativismo, podemos assentar que, a partir dos esforços de midiatização de corpos gordos em torno da ideia de corpo livre, ainda que seja estabelecido um horizonte de expectativa relativamente comum em que objetiva-se inclusão, qualidade de vida, ausência de preconceitos e violências perante esses corpos, o espaço de experiência em que são elaboradas as vivências desses sujeitos não aparece como uma questão consensual. Mais do que isso, em certa medida, a forma como são apreendidas distintas afetações em distintos corpos caracterizados por marcadores de diferença que, por vezes, se sobrepõem, parece operar como motor para a constituição de atmosferas em paralelo, notadamente moduladas pela emergência de dinâmicas organizacionais, tonalizadas pela vontade do organizado, permitindo-nos vislumbrar, inclusive, uma certa epistemologia da comunicação organizacional, como propõe pensar Baldissera (2022).

#### **5. 4 Considerações do capítulo**

Buscamos discutir, a partir do conjunto de indícios apresentados ao longo deste capítulo, a complexa conjunção de atores, afetações e tensões que circundam a emergência do Movimento Corpo Livre, tanto a partir de sua compreensão em um sentido amplo, como “movimento”, quanto a partir do gesto de sua institucionalização como empresa. Em linhas gerais, conseguimos perceber o surgimento do Movimento como uma resposta a uma lacuna até então estabelecida em ambientes midiatizados, em que as vulnerabilidades atreladas a corpos gordos e seus consequentes estigmas, estereótipos e desafios, eram tomados enquanto pontos pacificados. Claro, as lutas políticas direcionadas a pessoas gordas, bem como a inúmeras outras diferenças, não surgem com as redes sociais, como apreendido, inclusive pelos próprios ativistas que se valem desse espaço. Entretanto, a presença de tais discussões no cotidiano de inúmeros indivíduos a partir da proliferação do acesso a tecnologias de comunicação, carrega um caráter relativamente inaugural.

Nesse fluxo, e em consonância com outras diferenças que também vêm a público na mesma época, tais indivíduos estabelecem, de modo tentativo, uma série de práticas, códigos, e elementos visuais que colaboram para a conjunção do que estamos compreendendo como atmosferas midiaticizadas. Tais atmosferas se revelaram, ao longo da pesquisa, como frutos de um desejo que acompanha o anseio por aparência (e consequente reconhecimento): o de se organizarem. Apreender esse conjunto complexo de fenômenos em uma perspectiva atmosférica nos possibilitou um pequeno vislumbre da pluralidade de relações estabelecidas a partir da emergência do Movimento. Mais do que isso, tornou-se evidente para nós os modos como tais atmosferas foram atravessadas por um modo muito particular de desejo pelo organizado em meio a um conjunto de emergências e demandas, *a priori*, não organizacionais, ou, melhor dizendo, não inscritas, inicialmente, no contexto de uma organização.

Entretanto, este contexto parece ilustrar, em última instância, a transversalidade da natureza organizacional frente à emergência de qualquer atmosfera midiaticizada, ao considerarmos que, contemporaneamente, tais atmosferas são produzidas em meio/a partir de materialidades estrategicamente orientadas para esse propósito. Nesse cenário, nos parece que, simultaneamente, o caráter tentativo e o tônus organizacional acionados pelo Movimento se tornam elementos fundamentais para sua disseminação e reconhecimento. Ainda que intrinsecamente organizacionais, tal caráter não nos parece, necessariamente consensual, na medida em que o discurso organizacional parece diluir-se em doses homeopáticas e cotidianas, estando raramente oficialmente construído, uma vez permanecendo latente o próprio desenho de gestão que deu origem à organização do Movimento em uma empresa.

Para além da percepção da vontade do organizado e da presença de dinâmicas organizacionais nas atmosferas midiaticizadas de corpos gordos com a emergência do Movimento Corpo Livre, os contextos pós-pandemia de covid-19 parecem nos revelar atravessamentos outros a essas atmosferas. Tais atravessamentos, também organizacionais, são especialmente caracterizados pela presença de dinâmicas externas ao Movimento, pautadas sobretudo, por pressupostos ligados às instituições modernas do Estado, do Mercado e da Ciência e que nos revelam indícios para a compreensão do próprio contemporâneo.

Esses fenômenos são discutidos no próximo capítulo, a partir da compreensão de dinâmicas organizacionais modernas, já abordadas, sob o ponto de vista teórico, no segundo capítulo desta tese. Tais dinâmicas recebem, no contexto de atmosferas midiaticizadas de corpos gordos, após a pandemia, uma série de aportes que colaboram para tentativas de sufocamento das atmosferas e perspectivas pautadas no presente capítulo.

## 6 CAPÍTULO 6: EMAGRECIMENTO, CONTROVÉRSIA E INTENSIFICAÇÕES ORGANIZACIONAIS: TRANSFORMAÇÕES EM ATMOSFERAS MIDIATIZADAS DO/NO MOVIMENTO CORPO LIVRE

Ainda que algumas questões discutidas no capítulo anterior se refiram a publicações posteriores a 2020, elas nos pareceram mais reveladoras das dinâmicas que circundam o “universo fechado” das atmosferas em torno do Movimento Corpo Livre, sobretudo acerca de sua conformação e suas dinâmicas, do que dos contextos globais em que se inserem. Dessa forma, quando propomos tomar a pandemia como um evento de corte, nos interessa ampliar as lentes para além de tais atmosferas, compreendendo o conjunto de forças exercidas sobre elas e as formas como passam a se reconfigurar a partir disso.

De modo mais específico, os primeiros exercícios de compreensão do problema de pesquisa desta tese têm como ponto de partida a percepção de uma série de mudanças que pareciam afetar esse grande universo midiaticizado de pessoas gordas, universo este que, posteriormente, passou a ser apreendido pela ideia de atmosferas. Em 10 de janeiro de 2025, Beta Boechat publica um carrossel de fotos em uma cama de hospital<sup>41</sup> (Boechat, 2025a) e, dois dias depois, anuncia ter passado pela cirurgia bariátrica (Boechat, 2025b). Ainda que não houvesse nada especificamente revelador na cirurgia em si, ela nos permitiu constatar que, de fato, algo estava mudando.

Considerando a ampla ideia do Movimento Corpo Livre, já discutida no capítulo anterior, passar pela cirurgia não carrega, em si, um caráter contraditório, frente ao que até então era pautado pelo Movimento. Entretanto, a) perceber, simultaneamente, um aparente retorno à publicização de ideais de magreza, em que homens e mulheres bravejam “Magras! Magras! Magras!”<sup>42</sup> como uma espécie de grito de guerra no Tik Tok e no Instagram; b) observar que novas tecnologias voltadas para o emagrecimento passam a ser pautadas e consumidas no cotidiano (inclusive por corpos já emagrecidos); c) considerar que outras figuras públicas como Jojo Maronttinni, Maiara Pereira e a própria Thaís Carla protagonizam debates sobre emagrecimento, e d) testemunhar que, todos os dias, diversas pessoas (anônimas e famosas) passam a utilizar o Instagram como uma plataforma de

<sup>41</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/DEpcqDAODFB/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/DEpcqDAODFB/?img_index=1) Acesso em: 25 jul 2026

<sup>42</sup> Na trend, que surge no TikTok em 2024, usuários satirizam situações como ficar muitas horas sem comer, utilizar canetas emagrecedoras ou compartilhar espaços com outras pessoas que também passam por um processo de emagrecimento, ao som de um áudio que, em tom comemorativo, diz “Magras! Magras! Magras!”. Mais detalhes e exemplos disponíveis em: <https://oglobo.globo.com/ela/noticia/2024/12/11/magras-magras-magras-o-que-pensam-especialistas-sobre-meme-viral-que-incentiva-cultura-da-magreza.ghtml> Acesso em: 25 jul. 2026

compartilhamento de seu processo de emagrecer (seja esse o intuito inicial do perfil ou não) conformavam-se como gestos que nos fizeram tomar a cirurgia de Beta, simultaneamente, como um ponto de partida – para o entendimento de que havia algo que ultrapassava os limites da individualidade da influenciadora (as atmosferas midiáticas) e que esse algo vinha passando por uma série de reconfigurações – e um ponto de chegada, que nos possibilita compreendê-lo como um novo gesto de sobrevivência, frente ao estabelecimento de um outro horizonte de expectativa diante desses corpos, como argumentaremos a seguir.

A discussão proposta neste capítulo, que se organiza em três subtópicos, além desta introdução, toma o início da pandemia de covid-19 como um recorte que possibilita compreender as implicações que o distanciamento físico provocou nas atmosferas midiáticas identificadas no capítulo anterior. Argumentamos, no primeiro subtópico “Corpos distantes e acesso a direitos”, que o entendimento público da obesidade como fator de risco para a covid e a consequente inserção de pessoas obesas como grupo prioritário para a vacinação parecem ter colaborado para a reconfiguração coletiva dos horizontes de expectativa possíveis para esses corpos.

Em seguida, olhamos para os processos de emagrecimento experienciados por três figuras importantes para o Movimento, que servem como exemplo para as reconfigurações percebidas, a saber: Alexandra Gurgel, Beta Boechat e Thaís Carla, a fim de compreender como tais questões são elaboradas por elas em meio a essas atmosferas e, ainda, como tais atmosferas elaboram essas questões. Como desfecho de tais tensões, percebemos sensações de que, atualmente, narrativas de emagrecimento e superação parecem alcançar mais espaço e legitimidade que as pautas originalmente propostas e disseminadas no contexto de surgimento do Movimento. No último tópico, refletimos, a partir de um vídeo viral publicado no YouTube que busca contrapor “30 gordos” e “um treinador”, acerca dos limites e das potencialidades que, em ambientes midiáticos, fortemente orientados pela lógica do progresso, restam, contemporaneamente, a esses corpos gordos.

### **6.1. Corpos distantes e acesso a direitos**

Se iniciamos o capítulo anterior discutindo a forma como a mediação de experiências de corpos gordos instaura uma demanda por presença – que se reflete na realização de festas em que esses sujeitos cujos corpos são inseridos em um processo de vulnerabilização podem compartilhar espaços com outros semelhantes, de modo a desvanecer,

naquelas horas, a própria sensação de diferença –, neste momento nos debruçamos sobre um cenário que desemboca na impossibilidade de partilha desses espaços. Com a confirmação do primeiro caso de covid-19 no Brasil em 26 de fevereiro de 2020 e o subsequente contágio que culminou na pandemia, uma série de medidas restritivas com diferentes níveis de rigidez foram adotadas pelo país. Podemos afirmar que, de maneira geral, eventos comemorativos e aglomerações estiveram, em algum momento, inviabilizados durante a pandemia. Apesar de as atmosferas investigadas no contexto dessa tese serem, desde o início, midiaticizadas, o período pode ser caracterizado por uma percepção geral de solidão e afastamento, ainda que, por intermédio de plataformas de redes sociais, houvesse possibilidades tentativas de conexões.

Enquanto a última edição da festa “Toda Grandona” antecedeu a instauração do período pandêmico, a *B-positive*, festa com um propósito similar, não vinculada às figuras mais populares do Movimento Corpo Livre, propôs algumas edições remotas, conforme ilustrado na figura 27. Eventos dessa natureza se popularizaram na época, em que grandes artistas realizaram shows ao vivo em seus próprios lares, transmitidos pelas plataformas digitais que permitiam interação simultânea através dos *chats*.

Figura 27 – Colagem de publicações<sup>43</sup> de divulgação de eventos remotos da *B-positive*



Fonte: Festa\_bpositive (2020a; 2020b; 2020c).

A primeira imagem da figura 27 divulga uma live em comemoração ao aniversário de Dadoow. Alexandre Lopes (Dadoow) se apresenta como um ativista corporal, produtor criativo, ator e modelo, chegou a frequentar edições da Toda Grandona (aparece na figura 16, terceira foto) e, recentemente, recebeu projeção nacional a partir de sua participação no vídeo viral “1 treinador vs 30 gordos”, abordado mais adiante neste capítulo. Navegando pela

<sup>43</sup>Post A. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CFZ2B65HtFv/> Acesso em 27 jul. 2026.

Post B. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CA0xJ65no5t/> Acesso em 27 jul. 2026.

Post C. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBJVLI4nEV9/> Acesso em 27 jul. 2026.

#gordofobianãoeépíada, encontramos um vídeo<sup>44</sup> publicado em abril de 2020 em que Alexandre compartilha, na legenda, o gesto de realizar uma “balada sozinho no meu quarto para aproveitar a minha própria companhia em tempos de isolamento social” (Lopes, 2020a). Trata-se de um recorte de um vídeo maior<sup>45</sup>, realizado em colaboração com outras 11 pessoas, o #squaddaspesadonaschallenge, que compila vídeos de transições de maquiagem de cada um dos envolvidos, enquanto performam ao som da música “About Damn Time”, de Lizzo (figura 28).

Figura 28 – Colagem de frames do vídeo do #squaddaspesadonaschallenge



Fonte: Lopes (2020b).

A organização de eventos online e de vídeos colaborativos não é invenção da pandemia, mas se popularizou de uma forma diferente no período. De modo mais específico, nas atmosferas que circundam a ideia de Movimento Corpo Livre, sinalizam processos tentativos de emular uma dimensão de presença interrompida. De modo geral, podemos argumentar que os confinamentos provocados pela pandemia nos fizeram aprofundar na lógica das grandes plataformas, que se tornaram uma das poucas fontes de contato com o mundo no período. Nossas relações de trabalho, ensino e consumo (de modo mais ou menos intenso, a depender de recortes de classe e raça) passam a ser atravessadas por alguma tecnologia de comunicação e, como resultado, os processos de midiaticização parecem intensificar-se a partir da pandemia. Essa intensificação vem permeada pelas tensões das

<sup>44</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/B\\_F5CEGDB\\_d/](https://www.instagram.com/p/B_F5CEGDB_d/) Acesso em 23 jul. 2026.

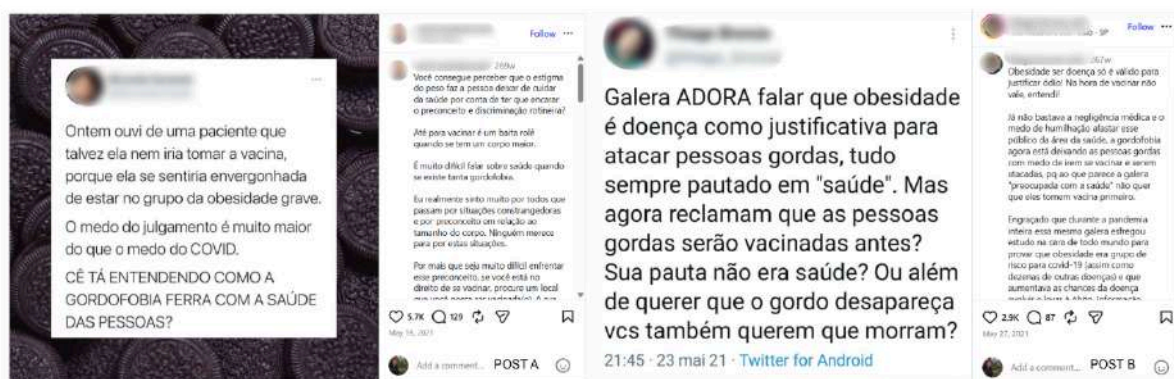
<sup>45</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-28bUQDm5/> Acesso em: 25 jul. 2026.

próprias máquinas que viabilizam os processos de midiatização, a saber: um forte caráter organizacional que orienta para a supressão de perspectivas que ameacem sua constituição de alguma forma, perpetuando relações de poder (Kittler, 2013) orientadas pela ideologia do progresso (Taylor, 2011).

No contexto das atmosferas por nós investigadas e considerando a inserção da obesidade no rol de fatores de risco para a covid-19, acionar tecnologias disponíveis para tentar estar junto, sem que isso coloque em risco a integridade física, pode ser compreendido, ainda, como novas táticas de sobrevivência ao período. Gestos como as edições remotas da *B-positive* e o *#squaddaspedonaschallenge*, ainda no início da pandemia, sem imaginar que chegaríamos a mais de 700 mil mortos em 2 anos, nos permitem refletir que, no contexto dessas atmosferas, para além de um aparecimento como possibilidade de existência numa lógica individual (eu apareço, logo existo), parecia haver uma demanda por visibilidade e acolhimento coletivos.

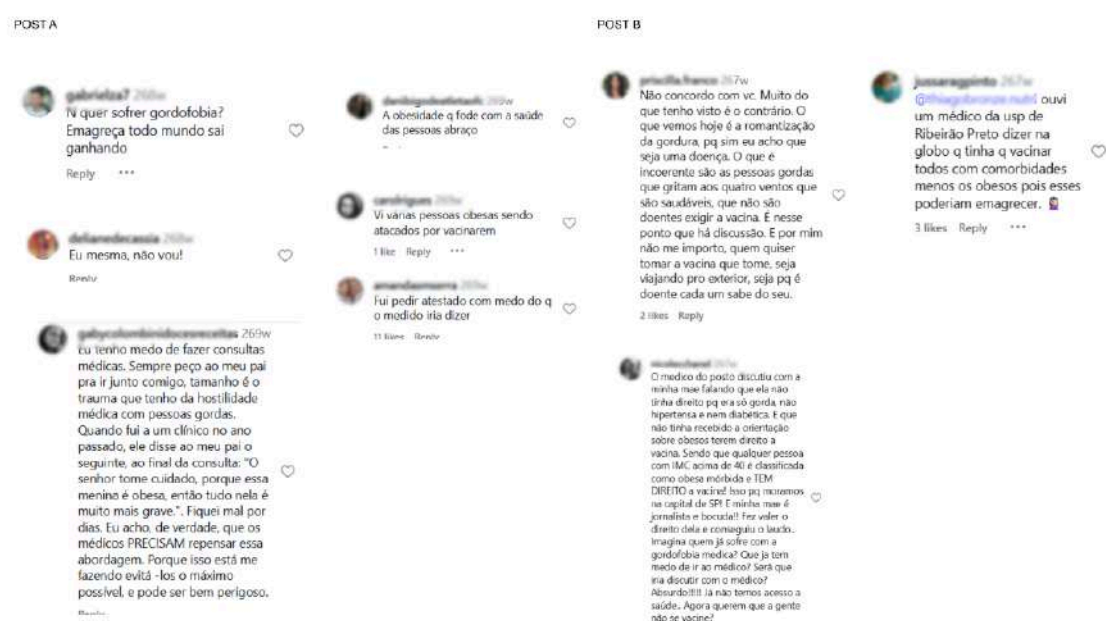
Com o avançar da proliferação da covid, as transformações no espaço de experiência tornaram-se cada vez mais palpáveis e, conseqüentemente, o horizonte de expectativa também é reconfigurado. Se, em momentos anteriores, a ideia de obesidade como doença era questionada/relativizada, esse operador, talvez de modo inaugural para uma parcela dessas pessoas, passa a ser um ampliador de possibilidades de direitos, e não um dificultador. O entendimento da obesidade como comorbidade para a covid-19 e o conseqüente acesso prévio à vacinação parecem direcionar novas cobranças a esses corpos, inserindo-os em uma relação supostamente contraditória. Ainda que, através da pesquisa de campo, não tenhamos encontrado publicações que reproduzissem tais movimentos, nos deparamos com comentários (figura 30) nessa direção, bem como com relatos de experiência de pessoas que vivenciaram situações semelhantes em publicações de nutricionistas que pautavam o debate, conforme observado na figura 29.

Figura 29 – Colagem de duas publicações<sup>46</sup> em perfis de nutricionistas retratando tensões no acesso à vacina por pessoas gordas



Fonte: Nutriricardodurante (2021); Thiago.bronze.nutri (2021) .

Figura 30 – Colagem de comentários das publicações da figura 29



Fonte: Nutriricardodurante (2021); Thiago.bronze.nutri (2021) .

Mais uma vez, a ideia de “romantização da obesidade” é acionada como artifício argumentativo, bem como as perspectivas individualizantes em torno de engordar e emagrecer. Nesse cenário, as possibilidades de acesso à saúde como direito garantido pelo

<sup>46</sup> Post A. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CPD2qnqLEKF/>. Acesso em 25 jul. 2026.  
Post B. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CPY\\_zDGHkaM/](https://www.instagram.com/p/CPY_zDGHkaM/). Acesso em 25 jul. 2026.

Estado são atravessadas por um pano de fundo moralizante que colabora não apenas para um distanciamento movido pelo receio do preconceito e da gordofobia, mas para o esgarçamento dos próprios horizontes de expectativa em torno desse corpo.

A mesma Ciência, compreendida por nós como estrato relacional moderno (Mafra, 2022), que colabora para o entendimento dos riscos que esses corpos experienciam em um cenário de adoecimento global e que viabiliza o desenvolvimento de tecnologias voltadas para a produção de saúde e manutenção da vida, fornece subsídios para a perpetuação de perspectivas vulnerabilizantes, sobretudo quando estas mesmas tecnologias são apropriadas por uma lógica de progresso, ao serem prometidas e vendidas pelo Mercado como soluções à permanência a vida e a um futuro supostamente melhor. Nesse lugar, o próprio Estado passa a ser alvo de uma expectativa biopolítica pautada pelo Mercado e chancelada pela Ciência, e se torna aliado de uma lógica de captura dos corpos gordos, via políticas públicas voltadas a uma espécie de futuro sem obesidade (compreendida hegemonicamente como enfermidade, sobretudo após a pandemia). Se questionar a obesidade como doença (em maior ou menor grau, de forma mais ou menos explícita) é um problema e adotar esse status a fim de tentar buscar saúde (que é o próprio cerne do problema anterior) também é, o que nos parece restar para esse corpo é, senão, sua própria extinção enquanto corpo gordo, leia-se: emagrecer.

## 6.2 Emagrecimento e Controvérsia

Longe de nós, tentarmos produzir uma relação definitiva de causa e consequência entre pandemia e a proliferação de relatos de emagrecimento, gesto este que não seria razoável e nem possível – dada a natureza dessa própria pesquisa. Entretanto, nos parece haver alguma relação entre o corte que a pandemia provoca no espaço público – caracterizado, simultaneamente, por seu esvaziamento em dimensões presenciais e pela proliferação e intensificação de contextos midiaticizados – e a multiplicidade de gestos de emagrecimento protagonizados por algumas figuras relevantes para as atmosferas em torno do Movimento Corpo Livre. Na mesma entrevista concedida ao Dia Cast, discutida no capítulo anterior, Alexandra narra um episódio decorrente do processo de emagrecimento vivenciado por ela em 2021:

Eu postei um “antes e depois” e eu tenho um vídeo que eu falo assim: cinco motivos para não postar antes e depois. Aí eu fui lá e postei, só que eu quis ser fora-da-lei, porque na minha cabeça eu estava emagrecendo, emagreci bastante nessa época, sem fazer dieta. Eu não fazia dieta de fato, só que eu não abria um pacote, eu não comia nada errado, né? [...] Eu só não comia

nada industrializado, que está tudo certo também, só que era um pouco obsessivo. E aí, quando eu postei o antes e depois, eu falei: “Ai gente, obrigada, nutricionista, obrigada, personal trainer”, tipo assim, Maíra Cardi quase. [...] só que eu estava achando que eu estava lacrando, eu achei que eu lacrei porque estava assim “5 anos sem dieta”, aí estava meu antes e depois, eu achei que eu ia lacrar porque as pessoas iam ver que foi sem dieta (DiaTV, 2023).

Alexandra talvez tenha sido a primeira figura do Movimento a compartilhar publicamente uma experiência de emagrecimento, e a decisão de fazê-lo a partir da lógica do “antes e depois” provocou, à época, uma série de debates dedicados, principalmente, a questionar o status de um antes, gordo, indesejável ou inferior e um depois emagrecido como símbolo de sucesso. Durante a pesquisa, encontramos uma publicação<sup>47</sup> (agora também indisponível, uma vez que a usuária optou por privar o perfil em algum momento da escrita do trabalho, mas anteriormente registrada em captura de tela) que, ainda que não mencione o nome de Alexandra, podemos inferir, pelo conteúdo e pela data, que aborda o acontecimento (figura 31). Nela, encontramos um antes e depois de uma mulher anteriormente magra, atualmente gorda, que, na legenda, compartilha estar “cansada da militância” (Maryaboutmary, 2021). Ainda na legenda, faz referência a uma publicação de Juliana Rangel (já mencionada no capítulo anterior, como membro do “Toda Grandona” e em um comentário ironizando a ideia de “sócia e proprietária” do Movimento, na figura 23) e, navegando pelo perfil da influenciadora, encontramos a publicação<sup>48</sup> (figura 32) que, seguindo a mesma estrutura, ironiza o “antes e depois”.

<sup>47</sup> Anteriormente disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYGtvq5LgCv/> Acesso em: 14 out. 2025.

<sup>48</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CYFMvEgF\\_0e/](https://www.instagram.com/p/CYFMvEgF_0e/). Acesso em: 10 ago. 2026.

Figura 31 – Captura de tela de publicação de anônima que satiriza a ideia de antes e depois



Fonte: Maryaboutmary (2021).

Figura 32 – Captura de tela de publicação de Juliana Rangel, satirizando a ideia de antes e depois



Fonte: Rangel, J. (2021).

Em ambas as publicações, podemos perceber que, inseridas nas atmosferas que circundam o Corpo Livre, as tensões parecem menos voltadas para o emagrecimento em si, mas para a forma como Alexandra resolve abordá-lo. De modo geral, apontam para a incompatibilidade com os ideais do movimento (ao atrelar emagrecimento à saúde e ao

retratar o corpo gordo em uma relação de inferioridade), com especial atenção para a construção de uma carreira e seu consequente ganho financeiro através dessas pautas.

Em 2024, após passar por um novo processo de emagrecimento, Alexandra escreve, em uma reportagem de própria autoria para a Revista ELA<sup>49</sup>:

Depois de uma conversa franca com minha médica, entendi que, além do tratamento hormonal, a dieta restritiva ajudaria a fazer com que meu corpo desinflamasse da doença. Foi muito difícil. Como consequência, emagreci 15 quilos. E, ao falar sobre o assunto na internet, ouvi que eu estava dando desculpas para emagrecer, como se precisasse mentir sobre minhas vontades e ser para sempre uma mulher gorda.

Compartilhei todo o processo porque minha pauta sempre foi essa, passa por mim, e tomei “porrada” das pessoas que me seguem. Doe bastante eu ter que me explicar, me senti presa. Justamente quando achei que me sentiria livre (Gurgel, 2024).

Uma vez que as publicações do Instagram de Alexandra na época não estão mais disponíveis e que, no YouTube, o período que corresponde a esses acontecimentos tem poucos vídeos publicados, não conseguimos acessar essas críticas a fim de compreender suas nuances. Entretanto, podemos imaginar, a partir do relato da influenciadora, que, nesse segundo momento, estariam direcionadas ao processo em si. Ainda que Alexandra contraponha a ideia de “dar desculpas para emagrecer”, é notável o esforço empreendido em justificar, sobretudo pelo viés da saúde, o processo de emagrecimento por ela vivido. No vídeo<sup>50</sup> em que Beta anuncia ter passado pela cirurgia bariátrica, enuncia:

Eu tomei uma decisão que eu disse que eu nunca tomaria. [...] Eu já contei para vocês que a transição, ela mudou muita coisa na minha vida. Eu passei de uma pessoa que já estava meio acostumada, sabe? Com a tristeza, com a solidão, com me sentir diminuída, para uma pessoa que do nada passou a ter a vontade de viver, de, de experimentar. E eu acho que grande parte dessa liberdade também veio com uma coragem de frustrar algumas expectativas que as pessoas criaram sobre mim e que eu também criei sobre mim. Durante muito tempo, eu achava que eu precisava ter uma aparência específica, um corpo para provar alguma coisa para as pessoas, e muita gente se incomodou quando viu eu deixando alguma dessas coisas para trás. Eu também me incomodei (Boechat, 2025b).

Ainda que o corpo seja, supostamente, livre, o gesto de transformá-lo, mesmo que cercado de controvérsias, não parece se libertar de uma necessidade confessional de tentar esclarecer um número de motivações para esse emagrecimento. Podemos apreender esse gesto como um esforço de cunho organizacional, na medida em que parece tentar suprimir a

<sup>49</sup> Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/ela/noticia/2024/11/10/que-corpo-livre-e-esse-alexandra-gurgel-e-mais-ati-vistas-do-movimento-body-positive-rebatem-criticas-por-terem-emagrecido.ghtml> Acesso em 25 jul 2026.

<sup>50</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/reels/DEvFRDqvpYb/>. Acesso em 27 jul. 2026.

emergência de tensões direcionadas a suas imagens publicamente estabelecidas, como na figura 32 em que Alexandra pode estar sendo caracterizada (mesmo que indiretamente) como oportunista. Percebemos ainda, que as expectativas e os incômodos apontados por Beta estão, em certa medida, ancorados na própria vontade do organizado que impulsiona ambas (e Caio) para o estabelecimento desse “corpo específico para provar alguma coisa para as pessoas” como uma espécie de personificação do próprio Movimento. Ainda que direcionem essas justificativas para um ente externo a si, a fala de Beta explicita que tais conflitos são, antes de tudo, experimentados na dimensão do próprio corpo dessas pessoas.

Tendo vivenciado e protagonizado, por muitas vezes, a aparência pública enquanto pessoas gordas em contextos midiaticizados, faz sentido compreender que esses discursos tentem, ao se justificar, esclarecer que o emagrecimento que passam não é fruto do conglomerado de forças que vulnerabilizam esses corpos e que eram alvo das críticas e reivindicações do Movimento, em primeiro lugar. Entretanto, considerando a própria natureza das organizações, quando o “Corpo Livre” tradicionalmente associado a pessoas gordas começa a emagrecer, em confluência ao desenvolvimento e à proliferação de novas tecnologias voltadas para o emagrecimento, ainda que argumentem pela não incoerência do processo, é compreensível passarem a surgir questionamentos acerca da sustentabilidade do Movimento.

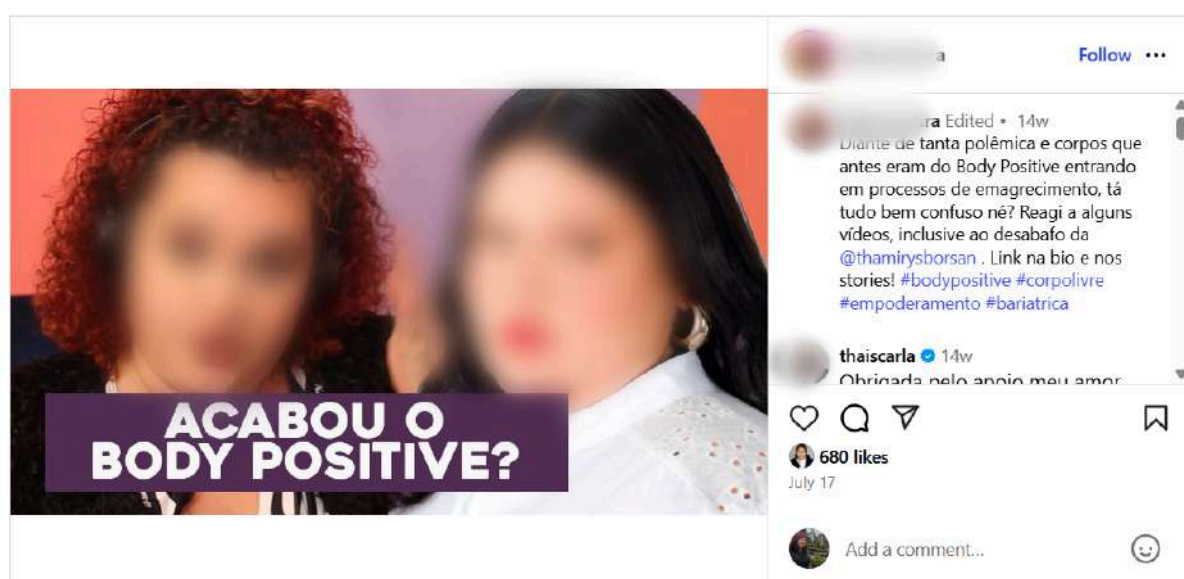
Em abril de 2025, Thaís Carla também realiza uma cirurgia bariátrica. Como já discutido no capítulo anterior, Thaís possui uma carreira e um reconhecimento que ultrapassam as difusas fronteiras das atmosferas midiaticizadas do Movimento Corpo Livre de modo que, se o Antes e Depois de Alexandra movimenta um turbilhão de questões entre seus seguidores, se a cirurgia de Beta provoca afetações que culminam na escrita desta tese, a bariátrica de Thaís Carla carrega o potencial de reconfigurar a compreensão pública do Movimento em grande escala, em que talvez apenas a cirurgia de Jojo Toddynho<sup>51</sup> seja comparável, em termos de repercussão.

---

<sup>51</sup> Jojo, ainda que possa ser compreendida como uma figura de alcance nacional como Thaís Carla, não apareceu em nenhum dos indícios coletados na pesquisa. Entretanto, a ausência da presença da cantora nessas atmosferas midiaticizadas nos parece fruto da própria trajetória estabelecida por Jojo nos últimos anos. A cantora, cuja carreira teve início em 2018 com músicas como “Que tiro foi esse” e “Arrasou viado”, foi se tornando símbolo de empoderamento feminino e acolhimento à comunidade LGBT. Contudo, Jojo, uma mulher negra, e até então, gorda, passou por acusações de homofobia que culminaram na construção de uma outra persona, atrelada a figuras de extrema direita, como o próprio ex-presidente Jair Bolsonaro. A virada política de Jojo é permeada por um processo de negação em relação ao próprio passado, em que chega a retirar suas próprias músicas das plataformas de *streaming*. Apostamos que o emagrecimento de Jojo não apareceu, durante a condução desta pesquisa, como uma controvérsia nessas atmosferas midiaticizadas, pois quando decide passar pelo procedimento, já não é percebida como parte desse grande universo, frente ao conjunto de negativas que já vinha produzindo em torno de sua própria história, afastando-se de tudo que englobaria a ideia de “militância”.

Durante a coleta de dados, através da própria *#corpolivre*, nos deparamos com uma publicação<sup>52</sup> de Babu Carreira (figura 33) que, em certa medida, sumariza o questionamento que motiva a condução desta pesquisa (talvez fosse mais prudente apenas ter assistido ao vídeo e absorvê-lo como resposta, ao invés de tentar apreender, metodologicamente, a complexidade de relações que a ideia de “Corpo Livre” promoveu/promove em ambientes midiáticos).

Figura 33 – Captura de tela de publicação de Babu Carreira divulgando o vídeo “Acabou o Body Positive?”.



Fonte: Carreira (2025a).

No vídeo<sup>53</sup>, a comediante e influenciadora reage a três vídeos diferentes e tece comentários enquanto reflete sobre sua própria trajetória enquanto mulher gorda e militante “*body neutral*”<sup>54</sup>. O primeiro vídeo, gravado pelo influenciador de emagrecimento Carlos Klein, aborda a trajetória de Thaís Carla sob a ótica da romantização da obesidade e, ao final, a parabeniza por finalmente construir uma influência “positiva” para seus seguidores. Os comentários de Babu, em linhas gerais, questionam a ideia de saúde proposta, satirizam a ideia de romantização da obesidade e postulam a perspectiva de Carlos como gordofóbica (Carreira, 2025b). Em seguida, reage à primeira declaração pública da própria Thaís após a

<sup>52</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DMONDhTPMPI/>. Acesso em: 10 ago. 2026.

<sup>53</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ysPw3T7lqXE&t=246s> Acesso em 25 jul 2026.

<sup>54</sup> Em contraposição à ideia de positividade corporal (*Body positive*), o Movimento *Body Neutral* argumenta em prol de uma neutralidade diante do próprio corpo, negando-o como um fator determinante para suas formas de ser e estar no mundo. Ao invés de pregar o “amor ao próprio corpo”, orienta para uma aceitação que independe da capacidade de estabelecer esse juízo de valor.

cirurgia, concedida ao programa Fofocalizando, em que conta das motivações ligadas à própria saúde (em contraposição a motivações estéticas), voltadas, principalmente, para as possibilidades de cuidar e brincar com as duas filhas pequenas, e relata, ainda, um cansaço de “estar na voz ativa e ser atacada pelas próprias pessoas gordas”. Babu acolhe o relato de Thaís, pontua que o desejo de emagrecer em busca de saúde não implica que ela não estivesse saudável antes da cirurgia (no vídeo, Thaís menciona que fez o controle da diabetes antes de operar, por exemplo) e que, muitas vezes, essa saúde está ligada à mobilidade e acessibilidade. Por fim, reage a um vídeo em que a também comediante e influenciadora Thamirys Borsan compartilha uma série de insatisfações perante o emagrecimento de figuras importantes para o movimento *body positive*:

Estamos afundando, galera. Eu estou aqui ainda tocando violino. Eu não ia falar disso não, porque eu perco a linha e assim, quer saber? [...] O que está acontecendo, hein? Porque assim, quando eu comecei na internet, o Movimento do Corpo Livre era um movimento forte e as pessoas me pressionavam muito, falando para eu falar sobre corpo. Thamirys, fale sobre ser gorda, [...] tinha esse apelo para que todo mundo que fosse gordo falasse sobre ser. A gordolândia bombava. E era maneiro [...] assim, as mulheres gordas estavam no outdoor, tinham marcas incríveis, reconhecendo corpos gordos como corpos que existem (Carreira, 2025b).

Em seguida, Thamirys narra sua própria trajetória de vida, pontuando o percurso tomado para o entendimento do amor ao próprio corpo e algumas recentes interações que poderiam, de alguma forma, abalar esse processo de construção de autoestima para argumentar:

E eu não sou anti-cirurgia não, galera. Faz na tua casa, no teu corpo. Agora não vem você, que ganhava dinheiro com o corpo livre, com o corpo gordo e gordo importa e toda grandona, querer vir? Porque eu demorei para [...] estar onde eu estou hoje, para poder estar aqui, ó, parecendo que estou pelada e estar tranquila com isso. Isso aqui é meu. Isso aqui sou eu, meu amor. A gente está descobrindo um bando de falso aliado [...], agora quem estava dentro implodir nós? De dentro para fora me deixa puta, fazer antes e depois [...]. Mercado fitness está com tudo agora e todo mundo quer o seu. A gordolândia caiu no esquecimento. É isso que está dando dinheiro agora? Vamos para isso então (Carreira, 2025b).

Babu complementa os comentários de Thamirys dizendo que nós (público), ao contrário dela, não conhecíamos a “gordolândia” por dentro e que, desde o início, era marcada por desonestidades discursivas de pessoas que, hoje, emagreceram. Pontua ainda que o crescimento dessas pessoas estaria atrelado a um grande número de seguidoras magras que aprenderam a amar os próprios corpos – em uma perspectiva, para Babu, gordofóbica – a

partir de um exercício de comparação com os corpos gordos: “se elas conseguem se amar, eu também consigo”.

Movidos por interesses voltados para a saúde, pela estética, a partir de um corte instaurado no contexto pandêmico, frutos de tensões e características pessoais que antecedem o surgimento do Movimento, ou não, o que o comentário de Thamirys, no fim das contas, nos revela sobre a proliferação de relatos de emagrecimento em meio às atmosferas do Corpo Livre (ou a gordolândia, ou a gordosfera) diz de um fenômeno que ultrapassa suas fronteiras. O mercado fitness está com tudo agora e todo mundo quer o seu. Se passamos por um período em que tentativas de superação de idealização de corpos e inclusão de diferenças e vulnerabilidades foram tomadas, inclusive, por agentes do Mercado, em campanhas, anúncios, linhas de vestuário etc., atualmente percebe-se, coletivamente, um retorno a determinados padrões ideais. De modo mais específico, a própria materialidade que viabiliza a midiaticização de tais experiências, em primeiro lugar, parece privilegiar a disseminação de perspectivas que colaboram para a subalternização destes corpos.

### **6.3 Intensificações algorítmicas e organizacionais**

Esta última categoria proposta é composta por apenas dois indícios que, de maneira geral, colaboram para ilustrar a sensação que parece predominar em meio às atmosferas midiaticizadas que se constituem ao redor do Movimento Corpo Livre atualmente. Em 21 de agosto de 2025, o Canal Foco publica o vídeo “1 treinador vs 30 gordos”<sup>55</sup>, protagonizado pelo educador físico e influenciador de emagrecimento Guto Galamba. No formato de debate do vídeo, popularizado por canais internacionais, vários temas são colocados para discussão e um dos indivíduos do grupo em questão (gordos, conservadores, feministas, por exemplo), que se sentam ao redor do convidado principal, deve ocupar uma cadeira em frente a ele para dialogarem. Um cronômetro marca 15 minutos para a arguição de ambos e, caso a maioria do grupo compreenda que aquele que está debatendo não os representa de maneira satisfatória, sinalizam levantando as mãos para que ele se retire e o primeiro a sentar na cadeira assume o lugar. No debate em questão, foram propostos os temas “ser gordo é uma escolha”, “autoestima não cura diabetes”, “aceitar obesidade é defender um pecado condenado pela Bíblia?”, “o que você chama de ‘me aceitar como sou’ a medicina chama de doença”, “quem defende a obesidade está falindo o SUS” e “a cultura do gordo saudável é pior que a do cigarro já foi” (Canal Foco, 2025).

<sup>55</sup> Disponível em: <https://youtu.be/t8a5XUe4qyU?si=-fLvhosaPN-HP8Oh> Acesso em 25 jul. 2026

A mera descrição dos temas nos fornece indícios para o tom que atravessa todo o vídeo, marcado por falsas equivalências, afirmações simplistas e a constituição de uma atmosfera de sufocamento (com a licença de partilhar de uma percepção muito particular do corpo que conduz essa pesquisa). A perspectiva metodológica proposta por nós assume, desde o início, as implicações de uma dimensão de presença do eu pesquisador, ainda que este não seja o fio condutor da nossa pesquisa. Entretanto, nos sentimos compelidos a abrir esses parênteses para enfatizar essa dimensão nesse tópico específico: assistir, reassistir, tomar notas e decidir o que abordar a respeito deste debate talvez tenha sido, excluindo-se o desafio da constituição do *corpus* de análise da tese como um todo, um dos exercícios mais árduos ao longo dessa trajetória. As formas como Guto interrompe, cerceia, desdenha e relativiza uma série de relatos de vida que ressoam com tantas outras (e nesse lugar, a minha própria) tornam cada minuto mais difícil de assistir.

Marcar a dimensão do corpo que pesquisa e que se sensibiliza de modo mais presente neste tópico é um esforço para justificar possíveis compreensões de um excesso de afetação perante as falas presentes no debate, sobretudo por um leitor projetado/imaginado que não tenha vivenciado, na pele, questões similares. Em suma, toda construção de nossa pesquisa buscou ultrapassar os limites da percepção da pesquisadora que a conduz, apostando inclusive na própria perspectiva atmosférica como possibilidade de vislumbrar a percepção coletiva de um conjunto de relações detonadas a partir da midiaticização e acreditamos que tal empreitada se revelou frutífera. Entretanto, nesses dois últimos indícios, um conjunto de forças emocionais se faz sim presente, em maior escala que nos anteriores e, assumir esse movimento é, para nós, parte de um gesto de honestidade com a própria pesquisa. Esta grande justificativa opera, no fim das contas, para explicitar que a descrição de uma atmosfera de sufocamento no contexto do vídeo é, nesse momento, fruto de uma percepção da própria pesquisadora e não de uma fala ou comentário extraído a partir dele.

Nesse cenário, definir quais recortes abordar também foi um gesto desafiador, mas buscamos nos guiar pelos elementos que colaboram para a compreensão das tensões que atravessam, de modo geral, as atmosferas até aqui abordadas. Entre os 27 participantes do debate, Alexandre Lopes, o Dadoow, que em 2020 publicava o *#squaddaspedonaschallenge*, protagonizou a maioria dos cortes editados do vídeo, que contribuíram para o alcance de mais de 18 milhões de visualizações e, consequentemente, recebeu também o maior número de ataques. Logo no primeiro tema, “ser gordo é uma escolha”, Alexandre senta-se à frente de Guto e responde, ao ser convidado a se apresentar:

Alexandre: Desculpe, eu não tenho prazer em te cumprimentar, e antes de me apresentar eu preciso falar que a gente está aqui, a gente foi convidado para falar sobre Corpo Livre. E quando a gente pensa sobre Corpo Livre, a gente primeiro tem que entender o que que é um corpo que não é livre.

Guto: Mas da onde você tirou a ideia do corpo livre?

A: Na concepção de um corpo que não é livre, a gente pensa num corpo que é limitado.

G: Certo.

A: O que que é um corpo que é limitado?

G: É um corpo que não funciona como deveria

A: O seu corpo é um corpo limitado, assim como o meu corpo também é um corpo limitado. Você consegue ficar 15 minutos embaixo da água?

G: Certo. O que que tem a ver uma coisa com a outra?

A: Eu estou te fazendo uma pergunta.

G: Não, tu consegue?

A: Não, eu também não. Todos os corpos são limitados. Quando a gente fala de corpo livre, a gente está falando sobre restrição, não sobre limitação.

G: Certo.

A: Alguém aqui conhece ele? Já ouviu falar dele? Só você? É, infelizmente. Parece que nós não somos o seu público. Parece que nós não somos o seu nicho.

G: Mas a ideia é essa.

A: Sim. Isso é muito bom.

G: Se eu trouxesse 30 pessoas que concordam comigo, a gente não teria um programa. Agora vamos fazer o seguinte. Primeiro ponto, como é seu nome?

A: Eu, antes de me apresentar, eu quero te falar que no momento em que todos nós aqui chegamos, antes de você saber o nosso nome, a nossa identidade, você já olhou para os nossos corpos.

G: Onde isso?

A: Então, o nosso corpo, ele vem antes da identidade.

G: Como é o seu nome, querido, como é o seu nome?

A: Eu vou falar o seu nome.

G: O meu nome eu sei, agora olha só

A: Luiz Augusto Targino Galamba Fernandes. Diz que você é especialista em psicologia. Você tem CRP (Canal Foco, 2025)?

Dezessete participantes levantam as mãos, Guto pausa o cronômetro e Alexandre se retira, após aproximadamente, 1 minuto e 40 segundos de fala. O debate continua com outros participantes compartilhando uma série de experiências pessoais, apontando fatores, sobretudo de cunho psicossocial, que colaborariam para a compreensão de que obesidade não é uma escolha. O treinador argumenta contra aqueles que se apresentam como “sempre terem sido gordos” através da distinção entre uma obesidade “mesogênica”, que atingiria apenas 3% da população, caracterizada por uma condição genética que facilita e favorece o ganho de peso, e a obesidade poligênica, multifatorial. O próprio vídeo corrige, na tela, o uso do termo “mesogênica” (que se repete inúmeras vezes ao longo do debate), estimando um percentual de 5% da população afetada pela obesidade monogênica.

Posteriormente, ainda no primeiro tema, Alexandre retorna e, dessa vez, se apresenta. Uma transcrição por escrito deste trecho não permite refletir a dinâmica que se estabelece entre os dois, que se interrompem e se atravessam (entre 13 minutos e 44 segundos e 16 minutos) sem que algum raciocínio ou argumentação se concretize. Alexandre, visivelmente nervoso, apresenta argumentos similares aos colegas que o antecederam, aos quais Guto afirma concordar: existem fatores para além da prática de exercícios físicos e alimentação saudável que culminam no desenvolvimento da obesidade. Em seguida, Alexandre passa a se justificar, explicando que pratica exercícios, se consulta com profissionais, mas que não busca ser magro, enquanto Guto interrompe que, neste caso, ele busca não ser mais tão gordo. Alexandre pontua, então, que Guto responde a mais de 25 processos por calúnia, difamação e uso indevido de imagem, e narra um episódio em que o educador físico teria desmoralizado, nos *stories*, uma colega de profissão por atuar como *personal trainer* sendo uma mulher gorda. Alexandre é novamente interrompido, e partem para o segundo tema, que é rapidamente abandonado a partir da constatação, pelos participantes, de que associar autoestima e diabetes não faria muito sentido.

No terceiro tema, que associa a obesidade ao pecado da gula, apresentado por Guto como um argumento científico – uma vez que Teologia e História são ciências que estudam religiões e, logo, a gula e a própria ideia de pecado tornam-se, automaticamente, conceitos cientificamente embasados – proliferam relatos sensíveis que atravessam desde experiências religiosas desvinculadas ao cristianismo até o compartilhamento de experiências de luto que são, no fim das contas, reduzidas ao primeiro tema debatido: tudo recai sob a escolha individual de manter-se gordo. No quarto tema, que contrapõe (mais uma vez) as ideias de aceitação e doença, Alexandre volta a falar e compartilha um relato de violência física e psicológica sofrida por ele, ainda na adolescência, que acredita provocar identificação perante os outros participantes que compartilhariam de vivências semelhantes. As interrupções continuam mutuamente, até que Alexandre, que menciona o desconforto de estar naquela situação, saca uma foto de Dielly dos Santos e narra um pouco da história da jovem, vítima de bullying e gordofobia que cometeu suicídio em 2018, aos 17 anos:

A: Essa daqui é Dielly dos Santos, tá? Ela tinha 17 anos e ela se enforcou na escola, tá? Ela se enforcou porque ela era humilhada como uma criança gorda.

G: Absurdo.

A: E aí, depois que ela morreu, nas escolas e na internet, falaram que ela deveria ter se enforcado não com uma corda comum, mas com cabo de aço.

G: Absurdo, é um absurdo.

A: Porque o que acontece na internet é que independente de qualquer coisa que a gente fale aqui, você vai continuar tendo dois, três milhões de

seguidores. Você vai continuar tendo seguidores, fãs, pessoas que te apoiam, você vai continuar tendo seu dinheiro, porque o seu propósito, enquanto uma pessoa que está na internet, e aí você nem se coloca mais como personal, como instrutor físico, você se coloca como influenciador. É gerar lucro em cima do quê? Da insegurança das pessoas que ali estão na internet.

G: Olha, você fez um desabafo.

A: Essa daqui também morreu por conta de gordofobia na faculdade (*continua mostrando fotos pra Guto*). E essa daqui é uma influenciadora que, depois que ela morreu, pegaram a imagem dela e anunciaram numa academia: "Se você não quiser morrer como ela, venha para nossa academia".

G: Mas eu estou concordando com você falando. É um absurdo isso.

A: Eu fico feliz que você concorde com o que eu estou falando

G: Mas sempre concordei com tudo isso.

A: Não, porque até mesmo na segunda-feira você fez um vídeo falando que uma mulher gorda e preta que é dançarina não podia fazer uma campanha para a Nike.

G: Eu falei essa frase? Eu falei gorda e preta? Você vai ter que provar isso.

A: Ela é uma mulher gorda e preta. E você falou que ela não poderia ser uma pessoa feliz, porque nós temos o direito a sermos uma pessoa feliz. E você acha que a gente tem que ser triste enquanto pessoas gordas?

G: Sinto pelo que você passou de verdade, eu sinto.

A: Eu não acho que você sinta

G: Mas não me importa o que você acha.

A: Eu já disse o que eu queria falar (Canal Foco, 2025).

Alexandre volta ao debate uma última vez, quando o tema do SUS é discutido, e, novamente, a conversa se demonstra infrutífera, ao tentar argumentar que nunca testemunhou atendimentos no perfil de Guto, apenas humilhações. Em linhas gerais, apesar de propor 6 grandes temas para discussão, o debate gira em torno apenas de uma atribuição individual de culpa e de responsabilidade de mudança perante a obesidade.

Guto aciona um discurso pretensamente científico como base argumentativa pacificadora frente à complexidade das experiências individuais relatadas, ainda que, posteriormente, tais argumentos tenham sido desmentidos por divulgadores científicos com formações especializadas na área<sup>56</sup>. No fim das contas, parece bastar à ideologia do progresso que fundamenta as perspectivas moralizantes que vulnerabilizam esses corpos o mero simulacro das fontes que a subsidiam. O próprio progresso, nesse contexto, deixa de ser orientado pelas instituições modernas que se instauram com ele e operam para sua

<sup>56</sup> A título de exemplo, elencamos vídeos publicados nos canais “Endócrino e talks com Dr. Carlos Seraphim” e “Nunca vi 1 cientista”: Atualização do caso Guto Galamba: os bastidores que ninguém mostrou. Disponível em: <https://youtu.be/R52iyeis3CA?si=cv3HQZDDthBQugqP> Acesso em 25 jul 2026.

Ser gordo é escolha, disseram... Disponível em: <https://youtu.be/Ti6FNHZHBCY?si=yrgHjHS5EEVU-0EX> Acesso em 25 jul 2026.

perpetuação, como a Ciência, e passa a ser sustentado por qualquer coisa que consiga emulá-las em algum nível.

Entretanto, nos valendo da suspensão da descrença por alguns instantes e assumindo que toda base científica apresentada por Guto estivesse, de fato, ancorada em fatos e evidências consensuais pela academia (como são, para aqueles que não tiveram acesso a informações que as contraponham), a construção argumentativa promovida pelo debate resultaria em duas frentes: a) a primeira elucida a incapacidade de produção de escuta desta Ciência imaginada que, diante do compartilhamento de experiências de violências, estigmas e sofrimentos psicológicos dá conta de responder apenas sob o viés do adoecimento como consequência do ganho de peso e da perda de peso como resultado de uma equação simples entre gasto e consumo calórico; b) a segunda é que a disseminação de tais perspectivas colabora para a emergência de uma onda de ódio, ao próprio corpo e ao corpo do outro, conforme vislumbramos nos comentários do debate na figura 34.

Figura 34 – Colagem de comentários do vídeo “1 TREINADOR VS 30 GORDOS | FT. GUTO GALAMBA”



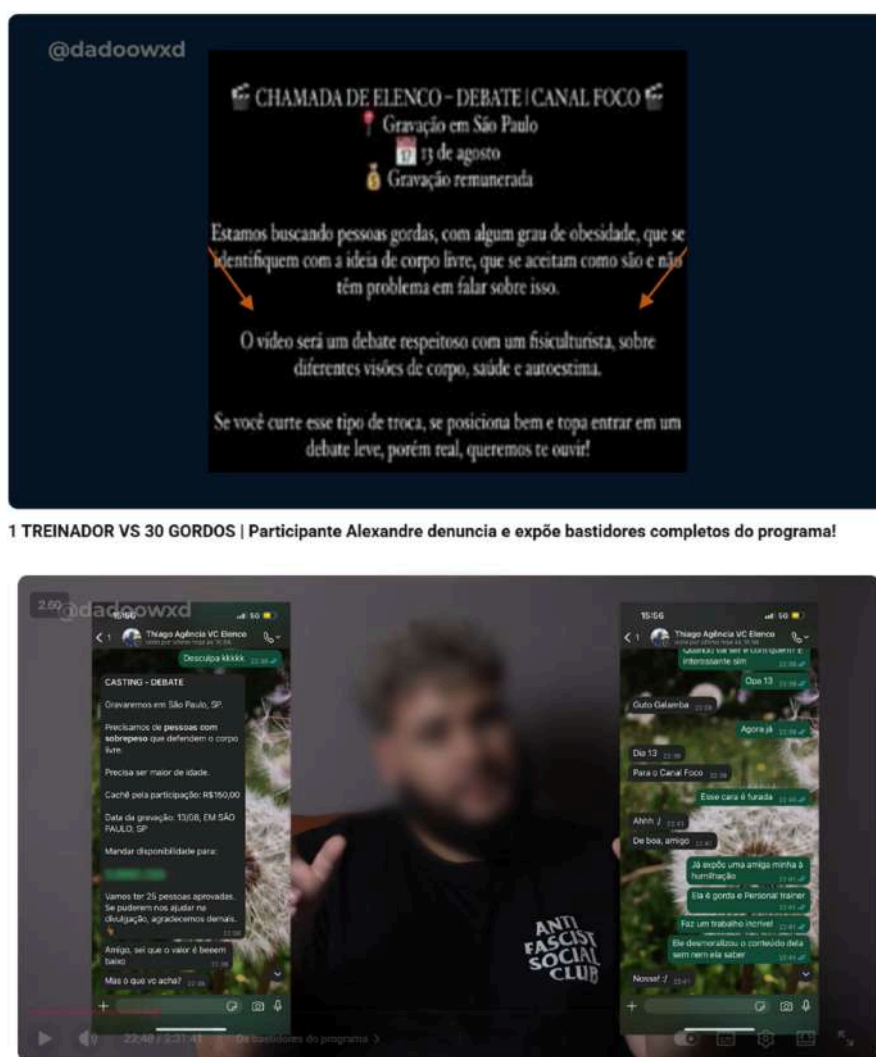
Fonte: Canal Foco (2025).

O volume de críticas e ataques direcionados a Alexandre a partir da viralização do debate o motivam a, em setembro de 2025, publicar um documentário de 2h30 no YouTube, denominado “A indústria do ódio<sup>57</sup>”, em que narra os pormenores da experiência de participação no debate, se aprofunda na apresentação de Guto e de sua própria história de vida para, ao final, responder às perguntas propostas pelo programa. Alexandre busca, desde o

<sup>57</sup> Disponível em: <https://youtu.be/YiKKqESIVAg?si=wjU7kratzX5V4Lq8>. Acesso em: 10 jul. 2026.

início, evidenciar o contrato (considerado por ele e outros participantes como abusivo) que viabiliza sua participação e dos demais atores para a gravação e explica que o convite que recebeu era voltado para participação em um debate respeitoso sobre o Movimento Corpo Livre. O ator acusa a agência de talentos de vazar, intencionalmente para ele, o nome de Guto, referido por Alexandre ao longo do documentário como “financiador da iniciativa”, com antecedência para colaborar para o estabelecimento de uma narrativa de oposição/enfrentamento entre os dois, conforme ilustrado na figura 35.

Figura 35 – Capturas de tela do documentário “A Indústria do Ódio”



1 TREINADOR VS 30 GORDOS | Participante Alexandre denuncia e expõe bastidores completos do programa!

Fonte: Lopes (2025).

Alexandre argumenta ainda que no elenco havia, contando com ele, apenas sete pessoas dispostas a discutir a ideia de Corpo Livre, despreparados e sem conhecimento do teor do debate e que isso colaborou para que Guto se aproveitasse das histórias ali

compartilhadas. O documentário conta com depoimentos de outras 4 participantes do debate: Isabela Cardoso, Marie Leal, Babie Paula e uma que optou por não se identificar. Sobre os bastidores do programa, Marie pontua que

Quando a gente entra no debate, ambos os lados têm conhecimento do assunto. Ambos os lados. Nós fomos para debater Corpo Livre. Debater o Corpo Livre é defender o nosso direito de sermos como somos. Seja gordo, seja magro, seja loiro, seja moreno, pintar cabelo, raspar cabelo, não importa, não importa. Eu entendo como isso. E se respeitado pelas nossas escolhas [...] A gente não tinha esse conhecimento, até porque todos os temas de alguma forma tinham um embasamento científico que nós não temos. A gente só foi para debater ser respeitado pelas nossas escolhas. Só isso. E não foi isso que a gente teve o direito de fazer (Lopes, 2025).

Ao que Alexandre complementa: “Esse circo só foi feito com o propósito de costurar uma narrativa onde o Movimento Corpo Livre é inimigo para a saúde pública e que as pessoas gordas são culpadas pelas suas possíveis doenças” (Lopes, 2025). Se, ao assistir ao debate, sensações de desconforto foram provocadas e nos fizeram intuir uma atmosfera de sufocamento, posteriormente, ao assistir ao documentário, o relato da participante que não quis se identificar valida essa percepção: “Me senti intimidada, coagida, constrangida, humilhada, sufocada.” Posteriormente, Babie Paula segue na mesma toada:

Então, eu me senti muito frustrada. Aí as pessoas ficam: “Nossa, mas você não conseguiu debater, você já foi agredindo”, como se o Guto fosse o príncipezinho e todos nós fôssemos pessoas horríveis. E as pessoas não compreendem que eu estava tão estressada, tão rude, como as pessoas falam que eu fui, porque ali era um ambiente totalmente hostil para mim e para todos os corpos que estavam lá (Lopes, 2025).

O documentário segue se aprofundando em uma série de questões que Alexandre tenta abordar ao longo de sua participação, mas que, pela própria dinâmica do debate e pelos bastidores expostos, são interrompidas, desconsideradas e ridicularizadas. O argumento geral de “A indústria do Ódio” vai ao encontro do ponto que almejamos chegar após essa extensa descrição. Alexandre tenta evidenciar, através de uma complexidade de depoimentos, reportagens e investigações, como figuras como Guto Galamba se valem de uma estrutura de produção intencional de comentários de ódio como ferramenta para obtenção de lucro. A técnica, popularmente conhecida como *ragebait*, se vale das lógicas de entrega e engajamento de plataformas como YouTube e Instagram para produzir conteúdos que incitem reações aversivas dos usuários que, compelidos a expressar opiniões intensas, colaboram para a expansão do alcance (e consequente ganho financeiro) de tais materiais.

Sob nossa perspectiva, tais tendências são entendidas como fruto das dinâmicas organizacionais modernas que parecem atravessar quaisquer experiências midiáticas

contemporâneas. A forma como as plataformas que primeiro possibilitam a emergência de tais experiências são estruturadas, ainda que de modo latente, a partir da ideologia do progresso (Taylor, 2011), nos permite pensar em um caráter organizacional que condiciona o acesso e a permanência desses corpos em primeira instância. Olhar para as atmosferas midiaticizadas que circundam o Movimento Corpo Livre nos faz perceber algumas nuances de tais dinâmicas que, em última análise, parecem reconfigurar o espaço de experiência e o horizonte de expectativa de corpos gordos no contemporâneo.

Se, inicialmente, a “gordolândia bombava” e uma profusão de experiências de vida eram compartilhadas, acreditando na potência de espaços midiaticizados para construção de um novo comum, sobretudo a partir de um viés de liberdade, atualmente, o que a dimensão material de tais espaços parece privilegiar é a perpetuação de concepções que não busquem ir de encontro aos ideais do progresso, estratificando essas relações pela própria veia do organizacional. O que parece sobrar, em meio a um cenário midiaticizado em ruínas, em que as memórias, as figuras e até mesmo os corpos evanescem, são disposições experienciais que refletem características do próprio contemporâneo, quais sejam: simultaneidades, latência e estagnação (Gumbrecht, 2015; Mafra, 2022).

Sob o guarda-chuva das simultaneidades, percebemos, contemporaneamente, a coexistência de perspectivas que ainda tentam resistir à estratificação organizacional estimulada pelos algoritmos das grandes plataformas e experiências que, ora negociam limites, ora abraçam essas dinâmicas sem qualquer pudor. Pensemos, por exemplo, no caso de Alexandra, de Beta ou do estabelecimento do Movimento Corpo Livre como empresa: ainda se posicionam em prol de um horizonte de aceitação, inclusão e superação de condições de vulnerabilidade/diferença, mas em certa medida parecem se convencer/adotar elementos que carregam potencial para contradizer/enfrentar esse horizonte. Pensemos, ainda, em figuras como Guto, que, em determinado trecho do documentário, aparece dizendo que, ao constatar que a obesidade é a maior pandemia do século, o dinheiro estaria ali, que não quer salvar a humanidade e sim ganhar dinheiro: “quanto mais gordo tiver, mais top pra mim” (Lopes, 2025). Ambos coexistem e atravessam atmosferas midiaticizadas nas quais circulam, ainda, ativistas como Malu, Naiana e Juliana Rangel, sem que, necessariamente, nenhum desses universos se afete mutuamente.

Tais atmosferas são mergulhadas em um clima de latência na medida em que as disposições organizacionais que primeiro possibilitam o gesto de midiaticização, ainda que venham se tornando cada vez mais palpáveis, continuam confinadas a uma esfera abstrata, da qual não se tem controle ou domínio. O conjunto de máquinas que potencializa a produção de

conteúdos de *ragebait* é o mesmo que orienta, pelo vetor da vontade do organizado, a organização do Movimento Corpo Livre da forma como narramos no capítulo anterior. Percebemos a influência, a intensificação da presença, de tais máquinas no cotidiano, mas é tarefa árdua apreender, de fato, suas implicações e seus efeitos.

Por fim, gostaria de ilustrar a ideia de uma atmosfera de estagnação a partir do encerramento do documentário de Alexandre. No capítulo “O que fazer agora”, pontua os encaminhamentos realizados aos órgãos competentes (polícia, sistema judiciário etc.), comenta sobre os Projetos de Lei que tramitam acerca da temática da gordofobia e estimula os interlocutores a falarem e serem ouvidos. Ao final, declara: “apesar de tudo, eu ainda estou aqui” e, a ele se unem 28 outras pessoas, em coro, conforme observado na figura 36.

Figura 36 – Captura de tela do documentário “A Indústria do Ódio”



**1 TREINADOR VS 30 GORDOS | Participante Alexandre denuncia e expõe bastidores completos do programa!**

Fonte: Lopes, 2025.

Alexandre ainda está aqui, eu também ainda estou aqui, assim como tantos outros que, cotidianamente, negociam possibilidades de visibilidade e resistência em contextos midiaticizados. Entretanto, Guto também ainda está aqui, Jojo também está aqui e, com eles, tantos outros que se beneficiam das lógicas, da estrutura, das dinâmicas e do caráter organizacional que tonaliza essas possibilidades. Ainda estamos aqui, mas o documentário de Alexandre, que apresenta um conteúdo denso e sensível, alcançou pouco mais que 4.700

visualizações, em contraposição aos mais de 18 milhões do vídeo estrategicamente produzido para viralizar, produzir uma compreensão do Movimento Corpo Livre associada ao ridículo e contribuir para a imagem organizacionalmente orientada de Guto como referência no combate à obesidade.

O argumento aqui não é que experienciamos estagnação porque o Movimento não agrega mais visualizações, ou algo do tipo, mas a discrepância entre os dois indícios que encerram a condução analítica da tese parece refletir a forma como, apesar de ter transformado a trajetória de inúmeras pessoas, apresentadas ao longo da escrita do trabalho, as atmosferas que se conformam com o surgimento do Movimento, via de regra, precisarão manter pagando os pedágios do progresso para garantir sua viabilização (Mafra, 2022) - considerando, mais uma vez a materialidade das relações em contextos midiaticizados - ao passo que os atravessamentos que objetivam, em última análise, sua extinção são constituídos, mantidos e disseminados a partir desse mesmo progresso.

#### **6.4 Considerações do capítulo**

Se, durante o capítulo anterior buscamos evidenciar as formas como o organizacional pode colaborar para o entendimento das dinâmicas que se estabelecem em contextos midiaticizados contemporâneos, ao final deste capítulo gostaríamos de assentar as formas como esse organizacional passa a operar, bem como suas consequências. As atmosferas midiaticizadas que se estabelecem em torno do Movimento Corpo Livre tornaram palpáveis para nós o estabelecimento de tais relações, não necessariamente pelo conteúdo que nelas se apresentam, mas pelas formas como a materialidade que anteriormente possibilita e condiciona esse aparecimento.

Inicialmente, ao tomar a pandemia de covid-19 como um marco para o estabelecimento de intensificações organizacionais, observamos como tais corpos, diante de um evento que coloca em xeque sua própria possibilidade de existência, passam a estabelecer diferentes táticas de sobrevivência. Por um lado, recorremos à mediação como forma de manutenção de um coletivo fissurado pelo afastamento. Como consequência, intensifica-se o alcance que as plataformas que viabilizam essa mediação passam a obter no cotidiano e, com isso, parecem intensificar-se também as perspectivas organizacionalmente por elas orientadas. Por outro lado, em meio a um cenário de primazia da ideologia do progresso, reconfiguram-se os horizontes de expectativa desses corpos, a partir do desenvolvimento e popularização de tecnologias que colaboram para a manutenção da vida, e passamos a

observar, gradativamente, uma supressão da legitimidade da aceitação do estar gordo, em contraposição ao compartilhamento de processos de emagrecimento.

Entretanto, em meio às atmosferas midiaticizadas que circundam o Movimento Corpo Livre, tal emagrecimento, ainda que ancorado, impulsionado e incentivado nesse cenário de intensificação organizacional, não é tomado como ponto pacífico e produz uma série de controvérsias que apontam para incoerências e interesses (de cunho organizacional, a saber, visibilidade ou lucro) diante de outras pessoas gordas. Como resultado, percebemos que, apesar da ampliação das possibilidades de aparência (e, conseqüente existência) em cenários midiaticizados, no contexto de pessoas gordas, essa própria aparência é também vulnerabilizada, na medida em que é estratificada por um organizacional que cobra, simultaneamente, a adesão aos ideais do progresso (autorresponsabilidade, saúde, aprimoramento, etc.) e uma coerência diante da imagem publicamente construída a partir dessa mediação.

Por fim, diante de um cenário amplo, em que tais atmosferas midiaticizadas já estiveram em evidência, mas que, diante dessa intensificação organizacional, passam a ser subalternizadas diante de discursos de ódio, como evidenciado pelo caso do vídeo “1 treinador vs 30 gordos”, nos parecem esvanecer, cada vez mais, as possibilidades de existência desses corpos. Ainda que gestos como o de Alexandre, de vir a público e expor, em mais de 2 horas de conteúdo, as lógicas que vulnerabilizam esses corpos em meio à “indústria do ódio”, revelem a potência de vida (Pelbart 2008) que carregam, nos parece que, contemporaneamente, tal potência pouco dá conta de emergir em meio a um oceano algorítmicamente orientado para submergi-la.

O que nos parece é que, contemporaneamente, a mediação produz, simultaneamente, uma possibilidade e uma promessa da aparência pública como construção de novos horizontes comuns e, a partir dela, estruturam-se dinâmicas que colaboram para um aparecer subalterno ao progresso. Se tecnologias como a cirurgia bariátrica ou canetas emagrecedoras são desenvolvidas a partir de um fundo moral em que Estado, Mercado e Ciência prezam pela manutenção da vida, do bem-estar e da produtividade, em cenários midiaticizados tais tecnologias parecem operar, antes, em prol dessa aparência. A partir do momento em que celebridades cujos corpos já emagrecidos aparecem ainda mais magros graças a essas tecnologias, o cânone da ciência parece ser superado, em meio às atmosferas mediaçionadas, por um simulacro voltado para esse aparecer idealizado e estratificado pelo próprio progresso.

O que sobra, então, para esse corpo? Nessas atmosferas midiaticizadas, um cenário em ruínas em que, cada vez mais, parecem desvanecer as memórias e os próprios corpos que as constituíram/constituem, em que manifestam-se disposições experienciais frutos das tensões de nosso próprio tempo: simultaneidades, latência e estagnação. Ainda que a aparência desses corpos consiga subverter, em determinados momentos, as lógicas que os vulnerabilizam, as promessas da midiaticização se mostraram insuficientes diante das forças exercidas em prol da supressão das diferenças no contemporâneo. Tais forças não deixam de agir, sequer, quando o objetivo final de emagrecimento é atingido: estabelecem-se novas cobranças, dentro e fora dessas atmosferas que, no fim, parecem esgarçar qualquer possibilidade de existência para esses sujeitos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa, gostaríamos de refletir acerca das tensões, limitações e possibilidades às quais a escolha de tentar construir um estudo orientado por um caráter atmosférico-experimental nos provocou. Imbuídos pela vontade de desentranhar um horizonte empírico percebido de uma dimensão abstrata para a construção de um objeto de pesquisa, fomos compelidos a tentar desenvolver um gesto metodológico que desse conta de apreendê-lo. Nesse lugar, o exercício de Gumbrecht (2014) ao pensar a leitura com atenção voltada ao *stimmung* – na qual propõe atentar-se à dimensão textual dotada da capacidade de catalisar sensações que ultrapassem a dimensão hermenêutica, buscando descobrir seus “princípios ativos”, rendendo-se afetiva e corporalmente e tentando promover o “tornar-se presente” desses *stimmungen* – operou enquanto uma bússola, conduzindo as decisões que culminaram na construção de nossa metodologia. Esperamos que tais decisões, no fim das contas, tenham dado conta de presentificar ao leitor o complexo jogo de relações, sensações e forças que se inserem nas atmosferas mediatizadas que circundam a ideia de Movimento Corpo Livre.

Essa demanda metodológica acabou nos conduzindo por dois movimentos simultâneos: um primeiro voltado para a compreensão do que entenderíamos como atmosferas mediatizadas e como poderíamos investigá-las; e um segundo, que, na realidade, seria nosso interesse primário, de perceber a emergência, a circulação e as possíveis disputas de dinâmicas organizacionais modernas nesse contexto. Retomando, portanto, o problema de pesquisa, “no contexto do Movimento Corpo Livre, como corpos gordos que aparecem em atmosferas mediatizadas revelam dinâmicas organizacionais modernas no/do contemporâneo?”, acreditamos que esses processos se revelaram, principalmente a partir da percepção da presença de uma “vontade do organizado” (Baldissera, 2022), manifesta ainda em momentos embrionários da constituição dessas atmosferas. O que nos parece, ao final da condução desta pesquisa, é que a possibilidade de dar vazão a demandas por aparecimento/existência em contextos mediatizados vai ao encontro de um caráter comunicacional de natureza organizacional, sob múltiplos aspectos, desde a organização de uma identidade específica para essa aparência (como se apresentar como fundadora do Movimento Corpo Livre), perpassando pelo acionamento de técnicas e ferramentas inseridas em plataformas cuja própria estrutura é pensada para manutenção de lógicas fundamentadas por instituições modernas (ao criar uma *hashtag* para a construção de comunidades, por

exemplo) e culminando na negociação com tais estruturas (tal como ao decidir que um aparecer “militante” não é mais “sustentável”).

Nesse sentido, cada um dos seis capítulos desta tese buscou atender a cada um dos objetivos específicos descritos na apresentação. Inicialmente, nos propusemos investigar a produção de atmosferas mediatizadas a partir de uma tensão entre espaço de experiência e horizontes de expectativa. Para isso, nosso movimento foi retomar diferentes períodos, em termos de desenvolvimento de tecnologias de comunicação, para entender que, a partir de cada um deles, a forma como apreendemos nossas experiências vividas foi reconfigurada e, simultaneamente, as possibilidades que projetamos em direção ao futuro também. A partir dessas tensões, novas tecnologias e novas possibilidades de mediação são também produzidas, aprimoradas e, eventualmente, superadas. Essas mídias se revelam, em consonância ao pensamento estético de Gumbrecht (2010), como espaços possíveis para a afetação e a reconfiguração de nossas auto-percepções. Nosso entendimento é de que essas relações estabelecidas entre humano-máquina-humano (em contextos de inteligência artificial talvez passem a ser realmente apenas “humano-máquina”), a partir de diferentes contextos mediatizados, produzem um conjunto de sensações que escapam (mas não superam) a dimensão do sentido: para nós, atmosferas mediatizadas se mostram como recursos heurísticos válidos à compreensão desse conjunto de sensações, a partir de uma oscilação entre efeitos de sentido e efeitos de presença (Gumbrecht, 2010).

Nosso segundo objetivo, entretanto, buscava caracterizar as atmosferas mediatizadas no contemporâneo enquanto fenômenos comunicacionais que emergem a partir de uma intensificação da relação humano-máquina. Argumentamos em prol dessa intensificação a partir do entendimento do contemporâneo enquanto um recorte espaço-temporal caracterizado, simultaneamente, por uma série de tensões diagnosticadas, sobretudo, pela perspectiva de Gumbrecht (2015), em que ideais estabelecidos na modernidade se manifestam em crise, mas seguem tonalizando distintos aspectos de nossas vidas. Além disso, caracterizamos o contemporâneo a partir de Agamben (2009) como um tempo de proliferação de dispositivos e suas conseqüentes tentativas de dessubjetivação e captura.

Nesse lugar, o terceiro objetivo se debruçava especificamente sobre as tensões entre a aparência pública de diferenças, percebendo tentativas de atualização dessa relação entre humano e máquina a partir das dinâmicas organizacionais modernas. Ao final da pesquisa, conseguimos perceber que, para além de tais dinâmicas organizacionais modernas tentarem “capturar” experiências que, de alguma forma, coloquem em xeque ideais que as estruturam, elas parecem, antes, atuar como força motriz para tais emergências. Apenas as formas como,

em meio a essas atmosferas, sujeitos diferentes produzirão diferentes gestos de negociação com essas dinâmicas, parecem estar em jogo: em maior ou menor nível, todos parecemos, em contextos mediados, orientados por esse caráter organizacional.

O quarto objetivo nos convocou à elaboração de um caminho metodológico capaz de compreender o fenômeno comunicacional das atmosferas mediados contemporâneas, especificamente em relação ao Movimento Corpo Livre. Compreendemos que o caminho trilhado, já brevemente comentado acima, carrega riscos, talvez o mais notável, o do não aprofundamento em nuances, dinâmicas e elementos mais sutis que a condução de estudos de caso circunscritos em um objeto cujos contornos não sejam tão difusos possibilita. Esse pretensão aprofundamento poderia permitir, por exemplo, uma melhor apreensão dos sentidos produzidos a partir desse outro objeto imaginado. Apesar disso, encaramos de frente o processo de tomar esse caráter difuso como inerente ao estudo, entendendo que, para além de uma rigidez em torno do que abordar e o que deixar de lado no escopo da pesquisa, se tornou mais importante encontrar uma composição que, preocupada com a presentificação dessas atmosferas, as deixasse transparecer ao longo do texto.

Trabalhar com a perspectiva de presença em Gumbrecht (2010) em objetos intrinsecamente mediados e digitais, ao longo dos anos, tem se mostrado um gesto constantemente desafiador. Tentar dar conta de *tocar* esse conjunto de elementos que indicam uma dimensão material de afetação sem que a pesquisa se conduza exclusivamente a partir dela (até porque, a entrega total ao afetar-se, inevitavelmente, culminaria em dispersão) faz germinar sucessivos questionamentos acerca da suficiência desse gesto. Apesar de imbuídos da sensação de que ainda falta algo, talvez, precisamente, pelo caráter de concretude e singularidade desses fenômenos (ou pela própria natureza da escrita de uma tese, vai saber), apostamos que a proposta por nós conduzida se aproximou daquilo que idealizamos.

É porque investimos em uma perspectiva atmosférica que o processo de condução analítico da pesquisa permitiu que determinadas figuras/elementos se repetissem, em contextos e questões muito diferentes. Foi porque decidimos não nos ater a olhar especificamente para o perfil do Instagram do Movimento Corpo Livre, por exemplo, ou ao canal de Alexandra Gurgel no YouTube que conseguimos compor esse quadro em que alguém que aparece em uma fotografia em uma festa do Movimento, em 2018, vai aparecer novamente em 2025 como alvo de discursos de ódio após participar de um vídeo de debate que viraliza. Ainda que Alexandra, Beta e Thaís Carla, por exemplo, fossem figuras já conhecidas antes do início da pesquisa, encontrar Alexandre Lopes em circulação nesse universo é fruto do movimento metodológico que tomamos. Da mesma forma, perceber como

Juliana Rangel parece migrar de um posicionamento como cofundadora da Toda Grandona para crítica às “lideranças” do Movimento Corpo Livre é resultado desse processo de adentrar essas atmosferas e tentar torná-las novamente presentes com a escrita do trabalho, destacando suas dinâmicas e tensões.

Dessa forma, os dois últimos objetivos, examinar a aparência desses corpos em atmosferas midiaticizadas a partir da constituição da ideia de um Movimento Corpo Livre e compreender a afetação de tais atmosferas pelas dinâmicas organizacionais modernas, só são viabilizados a partir do movimento metodológico percorrido. É a partir da construção de um corpus de análise em perspectiva atmosférica que conseguimos constatar a presença mais profunda de um organizacional, vislumbrada em nossas hipóteses. Observar como a própria ideia de Movimento Corpo Livre, em sentido amplo, pode ser compreendida como fruto de uma demanda organizacional ilustra, arriscamos a dizer, de modo mais evidente possível, como tais dinâmicas organizacionais se manifestam em ambientes midiaticizados.

Explicitamos, diversas vezes, as formas como as atmosferas midiaticizadas investigadas apareceram em movimento, sobretudo pelos apagamentos de diversos indícios ao longo da pesquisa. Trabalhar com a perspectiva atmosférica nos demandou, portanto, a abertura para se deixar tocar por um fenômeno que está em constante mudança, até o último minuto. No apagar das luzes da escrita desta tese, no dia 26 de julho de 2026, Alexandra Gurgel, em entrevista à DW<sup>58</sup>, declara que “sempre quis emagrecer”, e as atmosferas midiaticizadas do Movimento Corpo Livre, com o perdão da palavra, vão à loucura (Lemos, 2026). Durante a entrevista, Alexandra assume iniciar um tratamento com canetas emagrecedoras e questiona o lugar da “militância” na atualidade, status que afirma ter abandonado a partir de 2024. Dentre muitas coisas que poderiam ser pautadas e discorridas a partir da publicação, chamamos atenção para alguns elementos específicos.

Ao longo do texto, Alexandra, além de assumir que emagrecer sempre foi uma vontade, relata que ser militante era cansativo (porque ela se preocupava de fato) e que foi colocada em um lugar de referência, como uma “militante perfeita que não poderia errar” (Lemos, 2026). O que percebemos, em meio às atmosferas investigadas, entretanto, é que é a partir de uma vontade do organizado que a própria Alexandra, inúmeras vezes, se coloca (junto de Beta e de Caio) enquanto cofundadora do Movimento, de tal sorte que a terceirização de responsabilidade a respeito de um *status* de autoridade, nos provoca

---

<sup>58</sup> Disponível em:

<https://www.dw.com/pt-br/body-positive-como-em-todas-as-milit%C3%A2ncias-as-coisas-se-perderam/a-78085082>. Acesso em 8 ago. 2026.

estranhamento. Por um lado, essa conflituosa relação permite perceber como as consequências das tensões entre o desejo pelo organizado (e, por sua vez, pelo autorizado, nos termos de Baldissera (2009)) e a escolha por uma manifestação latente desse caráter parecem emergir. Por outro lado, em certa medida, se tomamos a aparência midiaticizada como gesto organizacional *por natureza*, podemos entender que “a colocaram nesse lugar” sob a perspectiva das próprias plataformas (e das instituições modernas que as subsidiam). O Mercado, por exemplo, quando tenta negociar com a ideia de Corpo Livre através de campanhas publicitárias, demanda um rosto, uma identidade, e esse Mercado seduz, como a própria Alexandra narra na entrevista. Nesse lugar, se estabelecer enquanto “a militante perfeita”, enquanto o “rosto do Movimento Corpo Livre” pode ser entendido como um desenrolar esperado para a aparência midiaticizada de um corpo em diferença, disposto a pagar determinados pedágios ao progresso (Mafra, 2022).

Para Baldissera (2007), a construção de identidade no contexto de organizações pode ser entendida a partir de movimentos de abertura e fechamento, em que determinadas identificações se manifestam a partir do condensamento de outras. O esforço da comunicação organizacional, nesse lugar, seria, frente à disponibilização desse *complexus* identificatório, perante os públicos e a consequente dinamicidade organizacional que se agrega, negociar a disputa de sentidos que passa a emergir. A partir do movimento desses públicos, a organização se atualiza, abandonando determinadas identificações, adotando e reforçando outras. Extrapolando a ideia para o contexto do Movimento Corpo Livre, em sentido amplo (não apenas como instituição empresarial), Alexandra declarar, abertamente, que sempre quis emagrecer, se reposicionar em relação ao entendimento da obesidade enquanto doença, ou ainda, abandonar a ideia de obesidade como termo intrinsecamente gordofóbico, parece colocar em xeque a própria identidade desse Movimento, em um nível tão basilar, que impossibilitaria sua regeneração. Emergem daí as percepções coletivas e as reverberações de que “o Movimento Corpo Livre acabou”. Como a própria Alexandra parece perceber na entrevista, entretanto, o *body positive* ainda existe, talvez em moldes distintos daqueles percebidos em meio às atmosferas midiaticizadas investigadas. Frente ao pretenso fim do Movimento Corpo Livre, novas reorganizações emergem, seja pela perspectiva ativista que, há tempos, já se colocava em contraposição ao Movimento e, portanto, pode aproveitar para reforçar sua identidade; seja, em um cenário menos otimista, pelo reforço de instituições modernas, sobretudo pela promessa de corpos emagrecidos comercializada pelo Mercado. É difícil vislumbrar o posicionamento do Estado diante dessas tensões, entretanto, considerando que a Ciência o ampara sob um ponto de vista moral e valorativo (sobretudo em relação à

produção de verdades) e o Mercado o alimenta pela perspectiva da arrecadação financeira - e que ambos, Ciência e Mercado, vêm subsidiando o Estado, a partir do desenvolvimento de novas tecnologias frente a um contexto dado de enfrentamento à obesidade - , podemos inferir uma tendência de construção de políticas públicas para esses corpos que não os considere por uma perspectiva de diferença, caindo num lugar que tende a ser exclusivamente patologizante.

No contexto das atmosferas midiaticizadas, entretanto, o que parece estar em xeque são as possibilidades de aparência desses corpos, de tal sorte que, diante das argumentações apresentadas, sobretudo no capítulo 6, poderíamos nos encaminhar para um contexto em que a vontade do organizado condicione o aparecimento desses corpos ao emagrecimento. Dito por outras palavras, em meio à dissolução da ideia de Movimento Corpo Livre, podemos imaginar um horizonte em que o aparecer de corpos gordos esteja sujeito a um gesto organizacional que perpassa: a) ou uma organização como ativista (e os enfrentamentos algorítmicos que se desenham neste caminho); b) ou ao próprio movimento de abandono desse corpo.

Se estamos pensando, portanto, em atmosferas midiaticizadas afetadas por dinâmicas organizacionais modernas no/do contemporâneo, este chaveamento (no/do) implica, simultaneamente, no marcador temporal em que essas dinâmicas se manifestam e no conjunto de elementos que as caracterizam. Nesse tempo/espço, tais dinâmicas, para além dos ideais modernos que inicialmente as subsidiam, são atravessadas por uma série de tensões que culminam em disposições experienciais de simultaneidades, latência e estagnação (Gumbrecht, 2015; Mafra, 2022). Além disso, em consonância ao pensamento de Agamben (2009), tal cenário caracteriza-se por intensos processos tentativos de assujeitamento e captura, permeados por fraturas e profanações. As declarações de Alexandra, que seriam dignas de, pelo menos um capítulo à parte nesta tese, mas entendendo as limitações que o findar desse processo nos impõe, ilustram, de modo pungente, o conjunto de forças contemporaneamente exercidas em direção a esses corpos e as formas como se manifestam em meio às atmosferas do Movimento Corpo Livre. Estudos futuros que se interessem a olhar para essas atmosferas midiaticizadas poderiam se debruçar, por exemplo, sobre a ideia de “militância” adotada. Uma investigação conduzida por um viés da política ofereceria caminhos interessantes para refletir acerca dos movimentos que culminam para seu entendimento enquanto um posicionamento cansativo, e passível de superação.

Nesse lugar, entendendo até onde conseguimos acompanhar a dinamicidade desse fenômeno, podemos sintetizar os achados desta pesquisa em três eixos: metodológico, conceitual e analítico. Metodologicamente, o caminho que conduzimos, de retomar a historicidade das formas comunicacionais, compreendendo como se transformam, a partir de

dispositivos interacionais e, em meio a uma tensão entre espaços de experiência e horizontes de expectativas, buscando entender que, como resultado, são detonadas forças dotadas de um potencial estético, nos possibilita chegar à ideia de atmosferas midiaticizadas. Olhar, ainda, para as formas como tais atmosferas são afetadas por um contemporâneo fortemente tonalizado pela ideologia do progresso, que intensifica as tensões organizacionais entre esses corpos e as máquinas que primeiro viabilizam sua publicização, nos permite compreendê-las como uma ferramenta possível para a investigação da própria midiaticização.

Podemos nos questionar, entretanto, o que diferenciaria a ideia de atmosferas midiaticizadas da noção de “bolhas”, por exemplo, que, para Mafra (2022), refletem uma pulverização de latências que colaboram para o atrofiamento do espaço público em contextos midiaticizados. Ainda que ambas se constituam por um agrupamento de indivíduos, com interesses e posicionamentos comuns, bem como sejam fortemente atravessadas (e, no caso das bolhas, estabelecidas e estimuladas) por disposições algorítmicas, investimos no pensamento atmosférico como aposta para evidenciar um conjunto de elementos que ultrapassam as dimensões desses próprios sujeitos, mas que de alguma forma, carregam a potencialidade para reconfiguração desses sujeitos em relação a si mesmos (pelo viés estético). É nesse lugar que torna-se difícil definir “uma atmosfera do Movimento Corpo Livre” e por isso nos referimos, ao longo do trabalho, no plural. São fenômenos plurais, constituídos, percebidos e transformados de maneiras diferentes por diferentes sujeitos, mas que, de alguma forma, reúnem esse conjunto intangível de afetações, circunscritos em um espaço/tempo específicos. Nos aproximar desses fenômenos pela perspectiva atmosférica é o que nos possibilitou transpor um conjunto de experiências pessoais em torno desse universo para a percepção coletiva de sua constituição e de suas futuras transformações.

Conceitualmente, por sua vez, a partir desse percurso teórico/metodológico conduzido, nos deparamos com achados de campo que nos possibilitaram apreender um caráter organizacional em maior intensidade para o fenômeno, sobretudo em relação ao que foi vislumbrado, inicialmente, nas hipóteses. De modo mais específico, passamos a compreender que, em contextos midiaticizados, uma espécie de força parece conduzir sujeitos a adotarem, em maior ou menor grau, de modo mais ou menos consciente, uma postura de cunho organizacional.

O pano de fundo da modernidade e da ideologia do progresso que viabiliza a possibilidade da própria midiaticização parece fazer com que quaisquer relações a partir dela estabelecidas sejam afetadas por um conjunto de forças orientadas pela “vontade do organizado” (Baldissera, 2022). Em suma, podemos inferir que o organizacional, como

categoria epistemológica e comunicacional que ultrapassa as fronteiras das organizações, pode ser compreendido como uma espécie de vetor para a própria midiatização. Estar em ambientes midiatizados exige, de uma forma ou de outra, algum nível de negociação com esse organizacional, seja a partir de tentativas de estabelecimento de uma imagem coerente e organizada, seja a partir de esforços para a construção de comunidades, ou ainda, por meio de processos tentativos de pasteurização de tensões ou diferenças.

Por fim, do ponto de vista analítico, podemos refletir acerca das (im)possibilidades para experiências públicas de diferenças no contemporâneo. As transformações experienciadas pelas atmosferas midiatizadas do Movimento Corpo Livre ao longo dos anos ilustram como as dinâmicas estabelecidas por esse organizacional se manifestam em contextos intrinsecamente caracterizados por processos distintos de vulnerabilização. Os achados da pesquisa de campo nos permitiram compreender que, se em meados da década de 2010, passamos a tomar a midiatização como uma espécie de promessa para ampliação de horizontes comuns para as diferenças, muito rapidamente conseguimos perceber que esse horizonte só é viabilizado a partir de algumas concessões.

Torna-se importante, entretanto, refletir acerca de que corpos conseguem, primeiramente, acessar esses espaços (e receber, com esse acesso, algum tipo de alcance/notoriedade) e, em segundo lugar, receber essas possibilidades de negociação. Nesse ponto, acredito ser evidente para o leitor que a conformação de indícios desta tese é protagonizada, majoritariamente, pela presença de mulheres brancas e essa presença (e as ausências que simultaneamente se anunciam) não parece ser aleatória, ainda que não tenha sido intencional. Podemos imaginar que as possibilidades de negociação com o organizacional disponibilizadas para mulheres racializadas, para pessoas trans, como a própria Beta, pessoas com deficiência e inúmeros outros marcadores vulnerabilizantes que se interseccionam com o peso desses indivíduos, não são equiparáveis. Podemos inferir, inclusive, que a metodologia por nós estabelecida pode fazer refletir uma forma de se relacionar com o Movimento Corpo Livre que é, essencialmente, branca e feminina, de tal sorte que uma pesquisa que se valesse de critérios diferentes dos que elencamos (a percepção relatada da constituição de um fenômeno que ultrapassa a própria experiência) para construção do corpus de análise poderia apreender atmosferas diferentes, marcadas por tensões que escaparam à nossa pesquisa, frutos de outros processos de habitar a midiatização. Pode ser que essa forma específica de se relacionar com a ideia de Corpo Livre seja, no fim das contas, protagonizada por esse recorte específico (como Babu Carreira, inclusive, parece desconfiar, no capítulo 6).

Em uma pesquisa no campo da comunicação, orientada, sobretudo, pelo pensamento epistemológico de Braga (2019, 2017, 2012) e pelas recomendações de Gumbrecht (2010), nos resta compreender que o presente desenho, ainda que possa não colaborar para o estabelecimento de regras universais, nos permite provocar deslocamentos que podem vir a oferecer elementos para a compreensão de fenômenos distintos daqueles por nós investigados. Neste lugar, a estratificação que o organizacional, enquanto vetor comunicacional para a mediação, estabelece diante da emergência de experiências em diferença, não nos parece uma especificidade das atmosferas que circundam o Movimento Corpo Livre, mas uma dinâmica do próprio contemporâneo frente às diferenças que emergem e questionam o progresso e a moralidade moderna.

Nessa pesquisa conseguimos perceber, ao longo da tese (sobretudo a partir do caso Guto Galamba), como o progresso se atualiza nesses contextos. Em uma relação conflituosa, observamos a emergência de simulacros das instituições que, em primeiro lugar, o sustentam. A Ciência, que baliza o entendimento dos corpos desses sujeitos enquanto engrenagens aprimoráveis, em ambientes mediados, não precisa, necessariamente, estar amparada por instituições científicas: o mero acionamento de argumentos pretensamente científicos é suficiente para (re)conduzi-los à violência, ao apagamento, enfim, à vulnerabilização. Quando testemunhamos uma proliferação de especialistas que se cancelam a partir de formações acadêmicas em instituições ou titulações inverídicas e adquirem notoriedade a partir da disseminação de informações, no melhor dos cenários, advindas de distorções de dados de publicações científicas, compreendemos que, contemporaneamente, a mediação parece ter reconfigurado os próprios cânones desse progresso.

Nesse sentido, retornando às atmosferas mediadas do Movimento Corpo Livre, conseguimos constatar que, no fim das contas, parece se anunciar um horizonte em ruínas, em que as possibilidades de existência para pessoas gordas aparecem cada vez mais esgarçadas. Constatadas as disposições experienciais de simultaneidade, latência e estagnação, é inevitável imaginar que a construção de um mundo comum para pessoas gordas a partir da mediação torna-se uma tarefa hercúlea. Claro, a emergência do Movimento Corpo Livre é bem-sucedida na iniciativa de provocar deslocamentos que, além de conformar atmosferas mediadas a partir da afetação dos corpos desses sujeitos, também dá conta de acessar determinados espaços e produzir conquistas que contribuíram para que, mesmo que por um período de tempo, o espaço de experiência de pessoas gordas fosse minimamente menos vulnerabilizante. Nesse lugar, podemos vislumbrar que o horizonte de expectativa que se anuncia nos parece atravessado por uma certa melancolia benjaminiana em que, apesar de

relativamente cientes dos pedágios a serem pagos (Mafra, 2022) para tomar espaços públicos midiaticizados, não deixamos de nos movimentar.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Agros, 2009.
- AGUIAR, Fernanda Bevilacqua de. **Obesidade em discurso: o corpo gordo no Facebook**. 2020. 131 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020
- ALEXANDRISMOS. **Resposta ao Danilo Gentili**. Facebook, [S. l.], 26 dez. 2017. 1 vídeo (12 min 5 s). Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1991023371145147>. Acesso em: 9 ago. 2026.
- ARENDT, Hannah. **A condição Humana**. Tradução: Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BALBINO, Jéssica. **Intelectualidade gorda**. [S. l.], 19 mar. 2021a, Instagram: @jessicabalbino\_. Disponível em: [https://www.instagram.com/jessicabalbino\\_/p/CMmqdFjH\\_DG/](https://www.instagram.com/jessicabalbino_/p/CMmqdFjH_DG/). Acesso em: 9 ago. 2026.
- BALDISSERA, Rudimar. Notas para uma epistemologia da comunicação organizacional. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling; LIMA, Fábila Pereira; SAMPAIO, Adriano de Oliveira (Orgs.). **Comunicação organizacional e relações públicas: 15 anos da Abrapcorp**. Salvador: EDUFBA, 2022. p. 49–64.
- BALDISSERA, Rudimar. Tensões dialógico-recursivas entre a comunicação e a identidade organizacional. **Organicom**, n. 7, p. 231–243, 2007.
- BALDISSERA, Rudimar; VINHOLA, Bruno. Midiatização e Comunicação Organizacional: Aproximações Tentativas. **Animus**, v. 19, n. 39, p. 22–39, 2020.
- BAPTISTA, Mauro Rocha. A profanação dos dispositivos em Giorgio Agamben. **Revista Estação Literária**, v. 13, p. 10–23, 2015.
- BARROS, José D’Assunção. Rupturas entre o Presente e o Passado: leituras sobre as concepções de tempo de Koselleck e Hannah Arendt. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. XXI, p. 195–213, 2011.
- BARROS, Laan Mendes. Recepção, mediação e midiatização: conexões entre teorias europeias e latino-americanas. In: MATTOS, Maria Ângela; JUNIOR, Jeder Janotti; JACKS, Nilda (Orgs.). **Mediação & Midiatização**. Salvador: UFBA - Compós, 2012. p. 79–105.
- BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. 2ª edição ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaios sobre literatura e história**. 3ª Edição ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987a. p. 114–119.

BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. In: **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaio sobre literatura e história**. 3ª edição ed. [S.l.]: Editora Brasiliense, 1987b. p. 222–232.

BERLANT, Lauren. Risky Bigness: On Obesity, Eating, and the Ambiguity of “Health”. In: METZL, Jonathan; KIRKLAND, Anna (Ed.). **Against health**: How health became the new morality. NYU press, 2010.

BESSA, Beatriz de Souza. As experiências de Walter Benjamin. **Morpheus**, v. 5, n. 9, 2015.

BOECHAT, Beta. **Como prometido, vim aqui contar um pouquinho mais de tudo que tá acontecendo**. [S. l.], 12 jan. 2025b, Instagram: @betaboecat. Disponível em: <https://www.instagram.com/reels/DEvFRDqvpYb/>. Acesso em: 10 ago. 2026.

BOECHAT, Beta. **Vai dar tudo certo**. [S. l.], 10 jan. 2025a, Instagram: @betaboecat. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/DEpcqDAODFB/?img\\_index=1/](https://www.instagram.com/p/DEpcqDAODFB/?img_index=1/). Acesso em: 10 ago. 2026.

BÖHME, Gernot. Atmosphere as the Fundamental Concept of a New Aesthetics. **Thesis Eleven**, n. 36, p. 113–126, 1993.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JUNIOR, Jeder Janotti; JACKS, Nilda (Orgs.). **Mediação & Mdiatização**. Salvador: UFBA - Compós, 2012. p. 31–52.

BRAGA, José Luiz. Comunicação como trabalho da diversidade (perspectiva e metodologia). **MATRIZES**, v. 16, n. 3, p. 103–120, set. 2022.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **MATRIZES**, n. 2, p. 73–88, abr. 2008.

BRAGA, José Luiz. Dispositivos Interacionais. In: BRAGA, José Luiz *et al.* (Orgs.). **Matrizes interacionais**: a comunicação constrói a sociedade. Campina Grande: EDUEPB, 2017. p. 17–41.

BRAGA, José Luiz. O que a comunicação transforma? In: BRAGA, José Luiz *et al.* **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. 2. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2019.

BRAGA, José Luiz. **Uma conversa sobre dispositivos**. Belo Horizonte: Selo Editorial PPGCOM UFMG, 2020.

CANAL FOCO. **1 Treinador Vs 30 Gordos | ft. Guto Galamba**. [S. l.], 21 ago. 2025. 1 vídeo (1 h 3 min 41 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t8a5XUe4qyU>. Acesso em: 10 ago. 2026.

CARDOSO FILHO, Jorge. Inflexões metodológicas para a teoria do uso social dos meios e processos de midiatização. In: MATTOS, Maria Ângela; JANNOTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Orgs.). **Mediação & Mdiatização**. Salvador: EDUFBA - Compós, 2012. p. 171–191.

CARREIRA, Babu. **Diante de tanta polêmica e corpos que antes eram do Body Positive entrando em processos de emagrecimento, tá tudo bem confuso né?** [S. l.], 17 jul. 2025a, Instagram: @babucarreira. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DMONDhTPMPI/>. Acesso em: 10 ago. 2026.

CARREIRA, Babu. **Reagindo a Cirurgia Bariátrica da Thais Carla.** [S. l.], 17 jul. 2025b. 1 vídeo (1 h 5 min 15 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ysPw3T7lqXE&t=246s>. Acesso em: 9 ago. 2026.

D'ANGELO, Martha. A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin. **ESTUDOS AVANÇADOS**, v. 20, n. 56, p. 237–251, 2006.

DIATV. **Alexandra Gurgel vem falar sobre beleza, movimento corpo livre e muito mais! | DiaCast.** [S. l.], 6 jul. 2023. 1 vídeo (1 h 56 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LNxTQQOdR0c>. Acesso em: 9 ago. 2026.

DUARTE, João de Azevedo e Dias. Tempo e crise na teoria da modernidade de Reinhart Koselleck. **História da Historiografia**, n. 8, p. 70–90, abr. 2012.

FERNAND4\_CAVALCANTI. **Por trás dessa foto tem toda uma história, uma luta diária para se aceitar do jeito que sou e para não se deixar desanimar por comentários preconceituosos!** [S. l.], 20 mar. 2019, Instagram: @fernand4\_cavalcanti. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BvP-L53FIV/>. Acesso em: 9 ago. 2026.

FERRARA, Lucrécia. A epistemologia da diferença. **XXX Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**, jul. 2021.

FESTA\_BPOSITIVE. **Dia 26 (próximo sábado), teremos uma live para comemorar o aniversário de 22 anos do nosso amigo @dadoowxd.** [S. l.], 21 set. 2020a, Instagram: @festa\_bpositive. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CFZ2B65HtFv/>. Acesso em: 9 ago. 2026.

FESTA\_BPOSITIVE. **Dia 6/6 (sábado) será dia de matar um pouco da saudade da nossa festa, com uma live dos DJs Jo Moreno e Tegnus no stories do Instagram.** [S. l.], 30 maio 2020b, Instagram: @festa\_bpositive. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CA0xJ65no5t/>. Acesso em: 9 ago. 2026.

FESTA\_BPOSITIVE. **Por causa de falta de eletricidade, causada pela chuva, a live do Tegnus será dia 13/6 (sábado).** [S. l.], 7 jun. 2020c, Instagram: @festa\_bpositive. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBJVLI4nEV9/>. Acesso em: 9 ago. 2026.

FLEGAL, Katherine M. How body size became a disease: A history of the body mass index and its rise to clinical importance. In: GARD, Michael; POWELL, Darren; TENÓRIO, José (Orgs.). **Routledge Handbook of Critical Obesity Studies**. [S. l.]: Routledge, 2022.

FREITAS, Adriana Helena de Almeida; MAFRA, Rennan Lanna Martins. Comunicação organizacional, microcefalia e estéticas da diferença: análise de 2 (dois) anos de discursos do governo federal frente à epidemia do vírus Zika. **Saúde e Sociedade**, v. 30, n. 3, 2021.

FREITAS, Adriana Helena de Almeida; MAFRA, Rennan Lanna Martins. A experiência pública do Alzheimer no YouTube: competências midiáticas como motores de aprendizagens sociais no canal O Bom do Alzheimer. **Intexto**, n. 57, 2025.

GAJANIGO, Paulo. Estrutura de sentimentos, Stimmung e atmosfera: uma proposta de sistematização do emergente mood studies. **Sociologias**, v. 26, p. 1–6, 2024.

GATTI, Luciano. Experiência da transitoriedade: Walter Benjamin e a Modernidade de Baudelaire. **Kriterion**, n. 119, p. 159–178, 2009.

GENTILI, Danilo. **Eu vou falar uma coisa... eu sei que é difícil de acreditar... mas mano... eu juro... acabei de jantar aqui... e juro... é difícil acreditar mas... eu comi mais que essa mina...** X, [S. l.], 25 dez. 2017a. Disponível em: <https://x.com/DaniloGentili/status/945112074677563392>. Acesso em: 9 ago. 2026.

GENTILI, Danilo. **Se chatice for doença...** X: @DaniloGentili [S. l.], 24 dez. 2017b. Disponível em: <https://x.com/DaniloGentili/status/945020184280092672>. Acesso em: 9 ago. 2026.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GUACYRARAINBOW. **Por mais de 40 anos odiei meu corpo de muitas formas.** [S. l.], 25 set. 2020, Instagram: @guacyrarainbow. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CFkML6eBSIG/>. Acesso em: 9 ago. 2026.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Atmosfera, ambiência, Stimmung sobre um potencial oculto da literatura**. Tradução: Ana Isabel Soares. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, PUC-Rio, 2014.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Corpo e Forma: Ensaio para uma crítica não-hermenêutica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Nosso amplo presente**: O tempo e a cultura contemporânea. Tradução: Ana Isabel Soares. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. O campo não hermenêutico ou a materialidade da comunicação. **Teresa revista de Literatura Brasileira**, n. 10, p. 386–407, 2010b.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de Presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Tradução: Ana Isabel Soares. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010a.

GURGEL, Alexandra. **Gorda tem que ser engraçada, simpática, inteligente..? - Alexandrismos.** [S. l.], 10 jun. 2016a. 1 vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2C9YWwyNgIY>. Acesso em: 9 ago. 2026.

GURGEL, Alexandra. **Motivos para namorar uma mulher gorda! - Alexandrismos.** [S. l.], 5 jan. 2016b. 1 vídeo (4 min 58 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mzRCEDnc7dw>. Acesso em: 9 ago. 2026.

GURGEL, Alexandra. **Post meramente ilustrativo pra contar pra vocês que ainda não sabem que UM ANO ATRÁS meu primeiro livro foi publicado.** [S. l.], 9 set. 2019, Instagram: @alexandragurgel. Anteriormente disponível em: [https://www.instagram.com/p/B2NMY8\\_lnj1/](https://www.instagram.com/p/B2NMY8_lnj1/). Acesso em: 22 set. 2025.

GURGEL, Alexandra. Que corpo livre é esse? Alexandra Gurgel e mais ativistas do movimento ‘body positive’ rebatem críticas por terem emagrecido. **O Globo ELA**, São Paulo, 10 nov. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/noticia/2024/11/10/que-corpo-livre-e-esse-alexandra-gurgel-e-mais-ativistas-do-movimento-body-positive-rebatem-criticas-por-terem-emagrecido.ghml>. Acesso em: 10 ago. 2026.

HEIBACH, Christiane. Convincing Atmospheres? The Influence of Diffuse Factors on Conviction Building. In: **Bias, Belief, and Conviction in an Age of Fake Facts**. Londres: Routledge, 2022. p. 44–58.

INGOLD, Tim. **The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill**. Londres: Routledge, 2000.

INSTAGRAM. [s/d]. Disponível em: <https://www.instagram.com>. Acesso em: 9 ago. 2026.

JIMENEZ, Maria Luisa. **A ciência não é neutra.** [S. l.], 30 set. 2025, Instagram: @malujimenez\_. Disponível em: [https://www.instagram.com/malujimenez\\_/p/DPPstoDjCHW/](https://www.instagram.com/malujimenez_/p/DPPstoDjCHW/). Acesso em: 9 ago. 2026.

JIMENEZ, Maria Luisa. FILOSOFIA GORDA: POR EPISTEMOLOGIAS ENGORDURADAS.. In: Anais da Pesquisa Gorda: ativismo, estudo e arte. **Anais...** Rio de Janeiro(RJ) UFRJ, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/congressopesquisagorda2022/510863-FILOSOFIA-GORDA-POR-EPISTEMOLOGIAS-ENGORDURADAS>. Acesso em: 8 ago. 2026.

KITTLER, Friedrich. **The truth of the technological world**. Stanford: Stanford University Press, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Rio de Janeiro: Contraponto - Editora PUC Rio, 2006.

LEAL, Bruno. Vulnerabilidades: abordagens iniciais de um desafio à pesquisa. In: MIRANDA, Cynthia Mara *et al.* (Orgs.). **Vulnerabilidades, narrativas, identidades**. Belo Horizonte: Selo Editorial PPGCOM, 2020. p. 31–48.

LE MOS, Vinícius. Como em todas as militâncias, as coisas se perderam. **DW**, [S. l.], 26 jul. 2026. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/body-positive-como-em-todas-as-milit%C3%A2ncias-as-coisas-se-perderam/a-78085082>. Acesso em: 8 ago. 2026.

LETTICIADSDO. **Eu resolvi postar esse #tbt hoje...** [S.l.], 9 mai. 2019, Instagram: @leticiadsdo. Anteriormente disponível em: <https://www.instagram.com/p/BxQkqPGHrnd/>. Acesso em: 14 out. 2025.

LIMA, Francisco Gudiene Gomes de; MAGALHÃES, Suzana Marly da Costa. Modernidade e declínio da experiência em Walter Benjamin. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 32, n. 2, p. 147–155, 2010.

LOLAS, Ricardo Espinoza; DOÑA, Alberto Moreno; GÓMEZ-GONZALVO, Fernando. The problem of obesity in times of late capitalism: From neoliberal economics to collaborative public policies based on “good living.” **Saúde e Sociedade**, v. 28, n. 2, p. 239–248, 2019.

LOPES, Alexandre. **1 TREINADOR VS 30 GORDOS | Participante Alexandre denuncia e expõe bastidores completos do programa!** [S. l.], 28 set. 2025. 1 vídeo (2 h 31 min 41 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YiKKqESlvAg> Acesso em: 10 ago. 2026.

LOPES, Alexandre. **É sexta-feira e eu estou fazendo uma balada sozinho no meu quarto para aproveitar a minha própria companhia em tempos de isolamento social.** [S. l.], 17 abr. 2020a, Instagram: @dadoowxd. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/B\\_F5CEGDB\\_d/](https://www.instagram.com/p/B_F5CEGDB_d/). Acesso em: 9 ago. 2026.

LOPES, Alexandre. **Risos, sim esse é o meu momento TikTok e também o meu primeiro vídeo no IGTV.** [S. l.], 11 abr. 2020b, Instagram: @dadoowxd. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/B-28bUODm5\\_/](https://www.instagram.com/p/B-28bUODm5_/). Acesso em: 9 ago. 2026.

MAFRA, Rennan. As organizações modernas e o contemporâneo: notas para uma leitura comunicacional do presente. **Logos**, v. 28, n. 58, p. 89–105, 2022.

MARQUES, Ângela. Entre a política e a estética: uma abordagem comunicacional de questões de justiça. In: MARQUES, Ângela (Org.). **Vulnerabilidades, justiça e resistências nas interações comunicativas**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM, 2018. p. 12–42.

MARTINO, Luiz Mauro Sá; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Três dimensões do conceito de “diferença” como condição para a comunicação. **Comunicação & Informação**, v. 26, p. 17–34, 2023.

MARYABOUTMARY. **O peso do antes e depois.** [S. l.], 30 dez. 2021, Instagram: @maryaboutmary. Anteriormente disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYGtvq5LgCv/>. Acesso em: 14 out. 2025.

MÍDIA NINJA. Prontas para empoderar... Instagram: @midianinja [S. l.], 6 jan. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B6-yt9rhrGp/>. Acesso em: 9 ago. 2026.

MOVIMENTO CORPO LIVRE. **Só vem! Vambora ser #CorpoLivre também?** [S. l.], 20 jan. 2020, Instagram: @movimentocorpolivre. Disponível em: <https://www.instagram.com/movimentocorpolivre/reel/B7i-xtvHmU0/>. Acesso em: 9 ago. 2026.

MULLER, Adalberto; FELINTO, Erick. Medialidade: encontros entre os estudos literários e os estudos de mídia. **Contracampo**, v. 19, 2008.

NATHASJE, Mab Favero. **“Quem nos protege da bondade dos bons?”: poder judiciário, mediatização, espetáculo – a circulação do Power Point do Lula no Twitter.** 2021. Dissertação

(Mestrado em Comunicação) – Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia, Universidade Federal do Maranhão. Imperatriz, 2021.

NATINANNI. \*\*\* **CORPO LIVRE !** \*\*\* alerta de textão. [S. l.], 22 out. 2020, Instagram: @natinanni. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CGpca1OhRdu/>. Acesso em: 9 ago. 2026.

NECHAR, Patrícia Assuf. Diversidade de Corpos: a ascensão do corpo gordo através das artes, redes sociais e o movimento Plus Size. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville – SC, 2018. **Anais eletrônicos**. Joinville – SC: Intercom, 2018.

NUTRIRICARDODURANTE. **Você consegue perceber que o estigma do peso faz a pessoa deixar de cuidar da saúde por conta de ter que encarar o preconceito e discriminação rotineira?** [S. l.], 19 maio 2021, Instagram: @nutrircardodurante. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CPD2qnqLEKF/>. Acesso em: 10 ago. 2026.

ORTEGA, Francisco. Biopolíticas da saúde: reflexões a partir de Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 8, n. 14, p. 9–20, 2004.

ORTEGA, Francisco. **O Corpo Incerto**: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2008.

ORTEGA, Francisco; ZORZANELLI, Rafaela. **Corpo em evidência**: a ciência e a redefinição do humano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

PELBART, Peter Pál. Vida e Morte em Contexto de Dominação Biopolítica. **Institutos de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. **Dissensus: on politics and aesthetics**. Londres: Continuum International Publishing Group, 2010.

RANGEL, Juliana. **Existem várias maneiras de se fazer antes e depois**. [S. l.], 29 dez. 2021, Instagram: @soujurangel. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CYFMvEgF\\_0e/](https://www.instagram.com/p/CYFMvEgF_0e/). Acesso em: 10 ago. 2026.

RANGEL, Marcelo de Mello. Melancolia e história em Walter Benjamin. **Ensaio Filosóficos**, v. XIV, 2016.

RAPOSO, Leila. GORDESCRITAS: EPISTEMOLOGIAS LITERÁRIAS DISSIDENTES.. In: Anais da Pesquisa Gorda: ativismo, estudo e arte. **Anais...** Rio de Janeiro(RJ) UFRJ, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/congressopesquisagorda2022/517064-GORDESCRITAS--EPISTEMOLOGIAS-LITERARIAS-DISSIDENTES>. Acesso em: 8 ago. 2026.

REINHARDT, Bruno; CORRÊA, Diogo Silva. In media res: pensando com as atmosferas. **Revista Antropolítica**, v. 56, n. 2, p. 1–28, abr. 2024.

REVISTATPM; BALBINO, Jéssica. **Não escrevo pra caber no seu feed.** [S. l.], 24 jul. 2025, Instagram: @revistatpm / @jessicabalbino\_. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DMfPL3tO74V/>. Acesso em: 9 ago. 2026.

RIBEIRO, Naiana. **A luta contra gordofobia vai além do "Corpo Livre".** [S. l.], 23 nov. 2021a, Instagram: @itsnaiana. Disponível em: <https://www.instagram.com/itsnaiana/p/CWozrEYrTvg/>. Acesso em: 9 ago. 2026.

RIBEIRO, Naiana. **De que adianta você ser body positive e invisibilizar as pessoas gordas?** [S. l.], 13 jun. 2021b, Instagram: @itsnaiana. Disponível em: [https://www.instagram.com/itsnaiana/reel/COEaSR5nm\\_w/](https://www.instagram.com/itsnaiana/reel/COEaSR5nm_w/). Acesso em: 9 ago. 2026.

RIBEIRO, Naiana. **O ativismo gordo veio muito antes do "body positive"...** [S. l.], 10 set. 2021e, Instagram: @itsnaiana. Disponível em: <https://www.instagram.com/itsnaiana/reel/CTqDeLfsT3C/>. Acesso em: 9 ago. 2026.

RIBEIRO, Naiana. **O movimento body positive foi "sequestrado" por pessoas magras e se tornou comercial?** [S. l.], 10 jun. 2021c, Instagram: @itsnaiana. Disponível em: <https://www.instagram.com/itsnaiana/p/CP9ZKNWF6QV/>. Acesso em: 9 ago. 2026.

RIBEIRO, Naiana. **Você sabe qual a diferença entre body positive e ativismo gorde?** [S. l.], 5 jun. 2021d, Instagram: @itsnaiana. Disponível em: [https://www.instagram.com/itsnaiana/p/CPvf\\_LTIOOQ/](https://www.instagram.com/itsnaiana/p/CPvf_LTIOOQ/). Acesso em: 9 ago. 2026.

ROCHA, Everardo; DRAMALI, Bianca. O dinheiro anunciado: notas sobre a publicidade bancária no Brasil. In: **Cultura e imaginação publicitária**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2013.

RODRIGUES, Thamara de Oliveira; RANGEL, Marcelo de Mello. Temporalidade e crise: sobre a (im)possibilidade do futuro e da política no Brasil e no mundo contemporâneo. **Revista Maracanan**, n. 18, p. 66–82, mar. 2018.

ROSSI, Marina. Malu Jimenez, a filósofa gorda: 'Obesidade não existe, termo é gordofóbico'. **UOL Universa**, [S. l.], 16 dez. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/colunas/marina-rossi/2022/12/16/malu-jimenez-nao-associe-m-pessoas-gordas-a-doencas.htm>. Acesso em: 8 ago. 2026.

SAHD, Luiz Felipe. Jacques Rancière e o sujeito dos direitos do homem. **Argumentos - Revista de Filosofia**, n. 29, p. 197–209, 1 jan. 2023.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Corpo e história. **Cadernos de Subjetividade**, p. 243–266, 1995.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil**. Estação Liberdade, 2016.

SANTOS, Fabio Muruci dos; RANGEL, Marcelo de Mello. Algumas palavras sobre giro ético-político e história intelectual. **Ágora**, n. 21, p. 7–14, 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE REUMATOLOGIA. **Síndrome da fadiga crônica**. [S. l.: s. n.], 20 abr. 2011. Disponível em: <https://www.reumatologia.org.br/orientacoes-ao-paciente/sindrome-da-fadiga-cronica/>. Acesso em: 8 ago. 2026.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania**: para uma sociologia política da modernidade periférica. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

TAYLOR, Charles. **As fontes do Self**: A construção da identidade moderna. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

TELLES, Márcio. O Conceito de Mídia em Kittler e Gumbrecht: do senso comum aos estudos de mídia. In: PÔRTO JR, Gilson *et al.* (Orgs.). **Media Effects: Ensaio sobre teorias da Comunicação e do Jornalismo**. Porto Alegre: Editora Fi/Boa Vista: EDUFRR, 2020. p. 14–31.

THIAGO.BRONZE.NUTRI. Obesidade ser doença só é válido para justificar ódio! [S. l.], 27 maio 2021, Instagram: @thiago.bronze.nutri. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CPY\\_zDGHkaM/](https://www.instagram.com/p/CPY_zDGHkaM/). Acesso em: 10 ago. 2026.

VAZ, Geraldo Frances Fonseca. **No contrapelo da indiferença**: Dever de memória, espaço de jogo e os enquadramentos do memorial Inumeráveis no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil, 2025. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2025.

VAZ, Paulo; SANCHOTENE, Nicole; SANTOS, Amanda. “Gorda, sim! Maravilhosa, também!”: corpo, desejo e autenticidade em testemunhos de vítimas de gordofobia no YouTube. **Lumina**, v. 12, n. 2, p. 99–117, 2018.

VEJA. **Movimento Corpo Livre lança espaço contra gordofobia**. VEJA, [S. l.], 12 nov. 2022. Coluna Veja Gente. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/movimento-corpo-livre-lanca-espaco-contragordofobia/>. Acesso em: 9 ago. 2026.

YOUTUBE. [s/d]. Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso em: 9 ago. 2026.